

P.º JOÃO M. DE MARCHI, I. M. C.

**ERA UMA SENHORA
MAIS BRILHANTE
QUE O SOL**

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

**EDITORA MISSÕES CONSOLATA
FÁTIMA**

IMPRIMATUR
Leiria, 26 de Abril de 1966
† João, Bispo de Leiria

Obras do autor:

FOI AOS PASTORINHOS QUE A VIRGEM FALOU

ERA UMA SENHORA MAIS BRILHANTE QUE O SOL

PREFÁCIO

Sai este livro com nova edição, não por merecimento do autor, nem por ser obra literária, mas porque os acontecimentos de Fátima não envelhecem, antes de dia para dia se tornam mais vivos, mais palpitantes; de lugar para lugar – por todo o orbe – vão sendo acolhidos com maior ansiedade, com mais convicção com mais esperança.

A promessa de paz de Nossa Senhora para este mundo revoltado vai dominando, positivamente, os espíritos ainda menos inclinados ao sobrenatural. A palavra oração, menos ainda a de penitência, nem sempre encontram eco, até nos fiéis; a palavra paz, porém, depois que a Humanidade tão horrorosamente tem sido atormentada com o flagelo da guerra, com as calamidades de todo o género que ela acarreta, encontra eco vibrante, indelével, na mente menos pacífica, no coração menos formado.

Que admira, pois, que as edições dos livros sobre Fátima se vão sucedendo, sobretudo quando os autores tiverem tido, como nós, o privilégio de viver tantos anos no local das aparições da Mãe de Deus; de, tranquila e ponderadamente estudar os factos e interrogar testemunhas, que o tempo vai apagando da cena apaixonante, ou cuja memória a idade vai amortecendo?

Que a Virgem Santíssima trespasse o globo, dum pólo ao outro, do Oriente ao Ocidente, com a sua Luz mais brilhante que o Sol, iluminando o caminho da paz que Ela mesma se dignou traçar desde a pobre charneca da Cova da Iria.

O AUTOR

DATAS HISTÓRICAS DOS ACONTECIMENTOS DE FÁTIMA

- 1907 – 22 de Março: Nascimento da Lúcia em Aljustrel.
- 1908 – 11 de Junho: Nascimento do Francisco em Aljustrel.
- 1910 – 11 de Março: Nascimento da Jacinta em Aljustrel.
- 1915-1916 – O anjo de Portugal aparece aos pastorinhos.
- 1917 – No dia 13 de cada mês, de Maio a Outubro, Nossa Senhora aparece aos pastorinhos na Cova da Iria.
- 1917 – 13 de Agosto: Os pastorinhos são raptados pelo Administrador de Vila Nova de Ourém.
- 1919 – 4 de Abril: Morte de Francisco.
- 1920 – 20 de Fevereiro: Morte de Jacinta em Lisboa.
- 1920 – D. José Alves Correia da Silva é nomeado Bispo de Leiria.
- 1921 – 18 de Junho: Lúcia entra no Colégio de Vilar.
- 1921 – 13 de Outubro: Permissão de celebrar a primeira missa na Capela das Aparições.
- 1922 – 6 de Março: A Capela das Aparições foi dinamitada e destruída.
- 1925 – A Lúcia entra no convento das Doroteias de Tui (Espanha).
- » – 10 de Dezembro: Nossa Senhora aparece à irmã Lúcia em Pontevedra e pede-lhe que pratique e publique a devoção dos 1.^{os} sábados.
- 1926 – O Núncio Apostólico em Lisboa, visita o local das Aparições.
- 1927 – A Santa Sé concede o privilégio de uma missa votiva para Fátima.
- » – 26 de Junho: O Sr. Bispo de Leiria preside pela 1.^a vez a uma cerimónia oficial em Fátima.
- 1928 – Lançamento da 1.^a pedra da Basílica.
- 1929 – Nossa Senhora aparece à irmã Lúcia em Tui e pede a Consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração.
- 1930 – O Sr. Bispo de Leiria publica uma carta pastoral aprovando o culto de Nossa Senhora de Fátima e declarando dignas de crédito as aparições.
- 1931 – 13 de Maio: Grande peregrinação dos bispos portugueses a Fátima. Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria.
- 1942 – 31 de Outubro: Pio XII faz a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.
- 1946 – 13 de Maio: Coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima.
- 1946 – Lúcia entra no Carmelo de S. Teresa, Coimbra.
- 1951 – 13 de Outubro: O Cardeal Tedeschini, como Legado do Papa, encerra em Fátima o Ano Santo Mariano.
- 1967 – Cinquentenário das Aparições. Visita apoteótica de Sua Santidade o Papa Paulo VI, a 13 de Maio.
- 1982 – Peregrinação de João Paulo II em 12 e 13 de Maio.
- 2000 – Beatificação de Francisco e Jacinta Marto – 13 de Maio – João Paulo II.

INTRODUÇÃO

Os grandes acontecimentos que se deram na Cova da Iria nos meses de Maio-Outubro de 1917 despertaram, especialmente nestes últimos anos, não só na terra portuguesa mas em todo o mundo católico, um interesse extraordinário. Multiplicaram-se assim, duma forma que quase diremos prodigiosa, as publicações sobre as Aparições da Virgem Santíssima e sobre os vultos enternecedores dos pastorinhos de Fátima.

Propondo-nos, também nós, por nossa vez, reconstruir também a história das Aparições de Fátima, determinámos fazê-lo na moldura daquele ambiente agreste que a Virgem se dignou escolher como cenário para a manifestação dos seus desígnios de misericórdia – para com Portugal e para com a Terra inteira.

Residindo em Fátima, tivemos excelente oportunidade de conhecer o ambiente, os costumes e as características deste tão simpático povo, no meio do qual a Virgem colheu os instrumentos da sua Mensagem celeste.

Dos mais acreditados supérstites daqueles famosos seis meses de 1917, com quem tivemos a dita de falar, mencionaremos:

O Sr. Manuel Pedro Marto (ti Marto) e a Sr.^a Olímpia de Jesus (ti Olímpia), pais do Francisco e da Jacinta; a Sr.^a Maria dos Anjos, irmã mais velha da Lúcia, e suas outras irmãs, Teresa, Carolina e Glória; a Sr.^a Maria Carreira (Maria da Capelinha) e seu filho João; o Barão de Alvaiázere e o Dr. Carlos de Azevedo Mendes, que sempre se prestaram da melhor vontade a dar-nos todas as informações ao seu alcance.

Para que esta reconstrução fosse o mais possível viva e real, procurámos reproduzir literalmente as palavras de cada uma das per-

sonagens, corrigindo apenas os evidentes erros gramaticais e as imprecisões de linguagem que teriam tornado demasiado pesada a leitura deste livro.

Todos os domingos à tarde, durante seis meses seguidos, lá nos aparecia o Sr. Marto a falar-nos da sua Jacintica, do seu Francisco, do Sr. Prior, que não acreditava e não deixava a gente acreditar, do Sr. Administrador da Vila «e tal edcétera...». E tudo isso com uma escrupulosidade, com uma consciência que dificilmente nos é dado encontrar em homens como ele, já entrados em anos, e gastos pelos trabalhos.

O Sr. Marto tem o culto da verdade. «Não devemos puxar as coisas mais do que são» – dizia-nos frequentemente. E raro é ouvir ler qualquer capítulo ou passagem de livro sobre a Fátima que não tenha uma expressão a corrigir ou um facto a acrescentar.

– Não foi bem assim! – exclama.

Perguntando-lhe alguém se não sentia um certo orgulho por terem os filhos visto Nossa Senhora, respondia com toda a naturalidade: – «Nossa Senhora tinha destinado vir cá à nossa terra. Podia ter aparecido a outros... Calhou a ser aos meus!».

Da Sr.^a Olímpia, da Sr.^a Maria dos Anjos, da Sr.^a Maria da Capelinha, etc., cumpre-nos dizer outro tanto.

– Estou muito «trelida» – dizia-nos repetidamente a Sr.^a Maria Carreira.

Mas não era bem assim, porque os episódios de Fátima gravaram-se-lhe tão nitidamente no espírito e na memória que, ainda que várias pessoas a interroguem repetidas vezes sobre determinado ponto, ela relata-o sempre do mesmo modo.

E o que mais surpreende é o facto de nenhuma destas pessoas saber ler.

Interrogados sobre um ou outro desses pontos, respondem infalivelmente: «Lá disso não sei nada».

E contudo seria tão natural que se deixassem suggestionar por tantas centenas, talvez milhares de vezes, que lhes falam das penitências, das orações, da santidade dos pequenos, das aparições do Anjo...

Bem longe estávamos nós de supor encontrar para este trabalho mina tão preciosa.

O AUTOR

CAPÍTULO I

A LÚCIA... AI QUE CACHOPA!...

(Ti Marto)

Os três zagaletes a quem apareceu Nossa Senhora eram três crianças absolutamente normais, em nada diferindo dos serranitos seus companheiros de folguedos, ou como eles guardadores de gado.

A Lúcia era a mais velha. Nascera em 22 de Março de 1907, última dos sete filhos que o Senhor deu a António dos Santos, por alcunha «o Abóbora», e a Maria Rosa, residentes no lugarejo de Aljustrel que viceja como um oásis na aridez pedregosa da serra.

Sã e robusta, podia-se confiar com segurança à Lúcia, mesmo na idade em que as crianças são apenas um cuidado para os pais, o pequeno rebanho de ovelhas, tarefa que ela aceitava e cumpria garbosamente.

Não era de feições delicadas. O único atractivo do seu rosto moreno e arredondado, um tudo nada carrancudo, provinha de dois grandes olhos pretos que brilhavam sob espessas sobranceiras. O cabelo forte, negro, dividido a meio sobre a testa curta, saía um pouco do lenço que lhe caía nos ombros. O nariz um pouco achatado e os lábios grossos, a boca larga: qualquer fisionomista ter-lhe-ia atribuído certamente um carácter grosseiro, se não perverso.

Mas a Lúcia não era nada disso. Pelo contrário, possuía um génio excelente, uma disposição de ânimo particularmente feliz.

«Gostávamos muito dela porque era muito esperta, muito meiga – dizia-nos a Sr.^a Maria dos Anjos, irmã mais velha. – Quando, já crescídica, voltava a casa com o gado, ia deitar-se ao colo da mãe e, encostadinha, fazia-lhe muitas momices. Abraçava-a, beijava-a. Nós,

as irmãs mais velhas, fazíamos pouco dela e dizíamos: Lá vem a menina dos momos e das nicas – e arreliávamo-la de todo. Mas a Lúcia, no dia seguinte, voltava à mesma. Depois de me nascer a primeira menina é que era vê-la. Voltava da serra, tapava as ovelhas e corria aos pulos a minha casa – que ficava em frente à da minha mãe. – Pegava na pequerrucha ao colo e cobria-a de beijos, que nem parecia criatura da nossa terra.

Era muito amiguinha de crianças e todas morriam por ela. Às vezes, juntavam-se no pátio da nossa casa oito, dez, doze, e ela, contente, enfeitava as mais pequenitas com flores, com heras; fazia procissões com santinhos, prantava andores, tronos e, como se estivesse na igreja, cantava versos a Nossa Senhora. Ainda me lembro bem dos que ela mais gostava:

*No Céu, no Céu, no Céu,
Um dia a irei ver!*

*Virgem pura, tua ternura
E de alívio ao meu penar;
Noite e dia, de Maria,
A beleza hei-de cantar!*

E findava tudo com a bênção...

Sabia muito bem entreter os pequeninos que as mães iam deixar na nossa casa, antes de irem para a fazenda ou chameca. Como eu estava todo o dia ao tear e a minha irmã Carolina a costurar, sempre íamos olhando por eles. Mas quando a Lúcia estava, ainda cachopica, ficavam à conta dela e nós descansadas.

Nos jogos ninguém a apanhava. Era às escondidas, ao regougou. Umas por baixo das figueiras, outras por detrás das silvas, outras metiam-se debaixo das camas, em toda a banda onde pudesse haver um esconderijo. E no entanto, a que ficava de fora era a gritar:

*Regougou, regougou, regougou,
Todos se escondem,
Que eu já la vou!*

Jogavam o botão, às pedrinhas, às prendas... e quando tudo estava enfadado de jogar, sentavam-se à sombra das figueiras, e a

Lúcia, no meio da roda, começava a contar histórias que nunca mais tinham fim. Umas que ouvia contar, e outras que, se calhar, ela inventava».

Estava já posta à prova a excelente memória da Lúcia que, mais tarde, podia reconstruir, nos seus mais pequenos pormenores, os colóquios com o Anjo e a Mãe do Céu.

Após vinte e cinco anos de vida passada no recolhimento, alheada por completo das coisas profanas, deveria ainda recordar e escrever – a pedido do Sr. Bispo de Leiria – as quadras campestres da sua infância, algumas das quais acompanhavam as danças em que, entre as suas amigas, era exímia.

«Era muito conversadeira, muito lhanazinha, muito ladina, e muito meiga, até com o pai: ó meu pai aqui, ó meu pai acolá!

Ai Jesus, que cachopa! – exclamava o ti Manuel Marto. – Eu já futurava: Tu hás-de vir a ser ou muito boa ou muito ruim».

Como todas as moçoilas da serra, a Lúcia gostava de se adornar nas ocasiões das festas, com cordões de ouro, com grandes arrecadas que caíam até aos ombros, e um gracioso chapelinho guarnecido de contas doiradas e penas de várias cores.

«Nos arredores – confessa ela – não havia outra rapariga tão bem enfeitada e as minhas irmãs e a madrinha Teresa pavoneavam-se de me ver tão bonita. As outras pequenas rodeavam-me em numerosos grupos, admirando a beleza de tantos atavios: eu impava destas atenções. Na verdade, a vaidade era o meu pior ornamento. Todos mostravam simpatia e estima por mim, exceptuada uma orfãzita que a madrinha Teresa tinha tomado consigo à morte da mãe. Parecia temer que eu roubasse parte da herança que ela esperava, e de certo não se teria enganado, se Nosso Senhor não me tivesse destinado herança bem mais preciosa».

Era inesgotável nos seus inventos. Conta a Sr.^a Maria dos Anjos:

«Um dia, já estávamos ao cair da noite, e a Lúcia, depois de tapar as ovelhas, desapareceu. Quando mais tarde entrou em casa, a mãe perguntou-lhe de onde vinha e ela: Andei a pedir, mais a Jacinta

e o Francisco. Fomos a casa do ti José das Neves, da ti Maria Antónia e da madrinha Teresa que nos deu maçãs. Chegávamos à porta e dizíamos, a fingir de pedintes: Ó tia, dê-me alguma coisinha por amor de Deus. Depois rezávamos o Pai Nosso. Muito alegre pediu uma faca e partiu as maçãs repartindo-as com a gente. A Lúcia era de muito bom coração, muito amiga da gente; foram só as aparições a levar a guerra à família».

O ambiente familiar era o mais favorável ao desenvolvimento das naturais disposições da Lúcia. A mãe – e na serra é a mãe que cria e educa os filhos – era uma mulher às direitas, uma mulher de oiro; tinha tacto, tinha inteligência.

A Sr.^a Maria Rosa, profundamente convencida do mau efeito que podia produzir o exemplo do pai, redobrava de esforços e cuidados na educação dos filhos, e procurava desenvolver neles aquelas virtudes cristãs que eram em si própria como que uma segunda natureza.

«A nossa mãe – dizia-nos Maria dos Anjos – sabia ler a letra redonda, mas não sabia escrever. Todas as noites, especialmente durante o Inverno, lia-nos algum bocado do Antigo Testamento ou do Evangelho, ou então alguma coisa sobre Nossa Senhora da Nazaré ou de Lourdes. Quando foi das Aparições, aqui na Cova da Iria, lembro-me de ela dizer, toda arrenegada, para a Lúcia: Pensas tu, que lá porque Nossa Senhora apareceu em Lourdes e na Nazaré, já te apareça também a ti? Durante a Quaresma, já sabíamos que as leituras eram sempre sobre a Paixão de Nosso Senhor. E a Lúcia decorava logo tudo e depois contava às crianças.

Ensinava-nos a doutrina e, até que a não tivéssemos bem de cor, não nos deixava ir brincar. Não quero ficar envergonhada – dizia ela – quando o Sr. Prior perguntar a doutrina aos meus filhos. E não tinha de que se envergonhar, porque o Sr. Prior sempre ficava satisfeito connosco e até, cachopitas ainda, nos entregava na igreja, grupos de outras crianças para nós ensinarmos. Não tinha eu mais que nove anos, quando ele me fez catequista. Mas a minha mãe não se contentava que a gente tivesse a doutrina na ponta da língua, queria que a entendêssemos e dava-nos todas as explicações.

A gente saber a doutrina – dizia ela – e não saber as explicações, não tem graça nenhuma. E nós fazíamos-lhe muitas perguntas

e ela sempre a responder que nem o Sr. Prior na Igreja. Um dia disse-lhe que não percebia como é que o fogo do inferno não queima e não destrói os condenados como acontece à lenha na fogueira. Então não sabem – respondeu – que quando se deita um osso ao lume, fica sempre a arder e parece que não se desfaz? – E nós muito assustadas ficávamos a pensar nisso e a fazermos os propósitos de não pecar, para não cair naquele fogo terrível.

Mas não era só a nós que a minha mãe ensinava a doutrina. Outros pequenos também iam lá a casa e não só de Aljustrel, mas da Casa-Velha e até de Boleiros. Mesmo pessoas crescidas vinham para o pé dela para aprender o catecismo.

No mês de Maio e no .das Almas, como na Quaresma, rezávamos todos os dias o terço à lareira ou na sala; e quando saíamos com o gado sempre recomendava que levássemos o terço no bolso. – Rezem lá – dizia – as contas a Nossa Senhora, depois de merendar e uns Padre-Nossos a Santo António para não perderem as ovelhas».

*Santíssimas graças e louvor
Sejam dadas a Jesus Cristo, Nosso Senhor
Por tantos bens e esmolas que nos tem feito
E mais tem para nos fazer.
Sejam dadas à sua honra e louvor
Pelo amor de Deus, Nosso Senhor.*

E sempre acrescentávamos alguns Pai-Nossos pelas alminhas das nossas obrigações.

De manhã, antes de nos levantarmos, e à noite, antes de nos deitarmos, com o Acto de contrição e outros Pai-Nossos, não nos deixava esquecer o nosso Anjo da Guarda.

*Em louvor do nosso Anjinho da Guarda
Que nos guarde de noite e de dia
E que ande sempre em nossa companhia.*

«A alguém – conta a Lúcia – que uma vez dizia a minha mãe: Mas até aqui não era pecado bailar; porque veio um pároco novo, já é pecado? Como são essas coisas? – Respondeu minha mãe: Não sei: o que sei é que o Sr. Prior não quer que se baile e, portanto, as minhas filhas não voltam a esses ajuntamentos: quando muito, dei-

xá-las-ei bailar alguma coisa entre família, porque diz o Sr. Prior que em família não faz mal».

Para ela a voz do Sr. Prior era a voz de Deus e cumpria à risca, sem discutir, as disposições que ele ditava do púlpito.

Esta confiança absoluta no pároco que duvidava, ou melhor, negava absolutamente a verdade das Aparições, e a sua humildade bastam para explicar, quanto a nós, a relutância da Sr.^a Maria Rosa em admitir, quase até ao fim da vida, a graça estupenda que a Virgem concedera à filha. Pode ser coisa ruim que anda a aparecer às crianças – dizia-lhe o Sr. Prior. Como poderia, pois, ela acreditar que fosse Nossa Senhora?

«Houvesse o que houvesse, ao sol posto, – continua Maria dos Anjos – queria-nos todas em casa: nem nos dias de festa, em que nós gostaríamos tanto de folgar como as outras. Nada! A hora da ceia era hora sagrada.

Queria que fôssemos humildes e trabalhadeiras, e aí de nós se nos apanhava em mentira. Era mesmo uma das coisas em que ela era mais rigorosa. À mais pequena mentirica trabalhava logo o cabo da vassoura.

A devoção pelas coisas da Igreja e sobretudo pelo Santíssimo Sacramento inculcava-nos ela, mal a gente abria os olhos. Nesse tempo a Sagrada Comunhão só se fazia aos dez anos e era preciso saber bem a doutrina. A Lúcia todavia comungou já aos seis anos. Foi numa ocasião em que veio por cá o Sr. Padre Cruz; o Sr. Prior não queria fazer excepção; mas quando o Sr. Padre Cruz, que a tinha interrogado, deu a sentença: «a pequena sabe e sabe bem!» não esteve com mais coisas, deixou-a ir.

Ainda tenho bem presente a alegria e a satisfação da nossa mãe e a festa que se fez em casa!».

Mães de outros tempos!...

CAPÍTULO II

O FRANCISCO... TERIA SIDO UM HOMEM

(Ti Olímpia)

O Francisco e a Jacinta, primos da Lúcia, eram, como já dissemos, filhos do Sr. Manuel Pedro Marto e do Sr.^a Olímpia de Jesus Santos.

Era respectivamente sexto e sétimo filhos dele e oitavo e novo dela, que contraíra segundas núpcias, falecido o seu primeiro marido, José Fernandes Rosa.

O Francisco nascera em 11 de Junho de 1908 e a Jacinta em 11 de Março de 1910.

«Sete meses depois do nascimento da pequena – comenta o Sr. Marto – veio a República a Portugal, e depois doutra conta de sete – sete anos – apareceu cá Nossa Senhora».

O rapazito não apresentava aquelas características de serrano rude, de feições trigueiras que notámos na sua prima, a Lúcia. Tinha curinha redonda, bochechuda, um tanto morena, boca pequena, lábios breves, mento polpudo. Na cor dos olhos, saía mais para a mãe.

«Mas também eu – diz o Sr. Marto –, quando fui para a vida militar, lá me escreveram na caderneta, olhos e cabelos castanhos. Os cabelos eram loiros e macios. Lembro-me também que quando andava na tropa os barbeiros me diziam: – Ó rapaz, isto é que é um cabelo e uma barba bons de fazer!

O Francisco era muito meiguinho. Tinha boa saúde e era robus-

to. Futurámo-lo por isso a ser enérgico, forte e resoluto – acrescenta o pai com certo ar de complacência».

E a Sr.^a Olímpia: – «Pena que tenha morrido. Teria sido um homem. Quando foi a pneumónica que o levou, em que cá a casa estava transformada num hospital, o Francisco nunca deu fezes para tomar os remédios, fosse lá o que fosse. Até futurámos que ele saísse bem da doença».

«E bem saiu ele – comenta o Sr. Marto – Nosso Senhor levou-o para o Céu».

A Lúcia acrescenta que, ao contrário da Jacinta, às vezes caprichosa e vivaz, ele era duma natureza pacífica e condescendente.

Como todas as crianças deste mundo, o Francisco gostava de brincadeiras; quando todavia nos jogos e outros divertimentos algum teimava em negar-lhe os direitos, cedia sem resistir, limitando-se a dizer:

– «Julgas que foste tu que ganhaste? Pois seja! A mim pouco se me dá!».

Se algum maroto se aproveitava para lhe tirar alguma coisa, dizia:

– «Deixá-lo lá; pouco me ralo».

Todos os anos, a madrinha Teresa ia à praia e, voltando, trazia sempre prendas para os afilhados que mal ela chegava se apressavam interesseiramente a visitá-la.

Em certa ocasião a prenda para o Francisco foi um lencinho com a imagem de Nossa Senhora da Nazaré, que ele, todo satisfeito, foi mostrar aos companheiros.

Ora o lencinho, a certa altura, desapareceu.

– «Tinha muita estima nele – diz a mãe – e falava nisso vezes sem conta».

Quando, todavia, lhe disseram que o lenço estava em poder de outro pequeno que teimava que era dele, não fez força para o readquirir:

– «Que fique com ele! A mim não me importa o lenço».

Sempre com rosto alegre, Francisco era amável e transigente

com todos. A Lúcia, essa então, exercia sobre ele uma autoridade incontestável. Ela própria no-lo descreve:

«Brincava indistintamente com qualquer um. Não questionava com ninguém. Só algumas vezes se retirava do jogo, quando via alguma coisa que não lhe agradava. Se lhe perguntavam porque se ia embora, respondia: – Porque vocês não são bons. – Ou, então, simplesmente: – porque não quero brincar mais.

Nos jogos, embora pusesse grande interesse, poucos pequenos gostavam de brincar com ele, porque quase sempre perdia.

Eu mesmo – continua a Lúcia – simpatizava pouco com ele porque o seu temperamento pacífico excitava até os nervos da minha excessiva vivacidade. Às vezes, pegava-lhe num braço e fazia-o sentar no chão ou sobre uma pedra e ordenava-lhe que estivesse quieto; e ele obedecia como se eu tivesse uma grande autoridade. Depois pesava-me de ter feito isso e ia buscá-lo e, tomando-o pela mão, trazia-o comigo com a mesma boa disposição como se nada tivesse acontecido».

Isso não quer dizer que Francisco fosse um rapaz sem energia e fraco de vontade. Pelo contrário.

O pai afirma que, às vezes, o Francisco rabujava com os irmãos mais do que a Jacinta.

«Era mais bravo, mais desinquieto que a irmãzita. Por qualquer coisa não estava com tanta paciência, por qualquer coisa era uma mexida, que até parecia um bezerro.

Não era nada medroso. Ia de noite sozinho a qualquer sítio escuro sem mostrar receio ou sequer contrariedade. Brincava com os lagartos e as cobras que encontrava; fazia-os enrolar em volta do seu pau e dava-lhes a beber nos buracos das pedras o leite das ovelhas. Andava à cata das lebres, raposas e toupeiras».

«Corria muito atrás das salgardichas (sardaniscas) – acrescenta a mãe – e trazia-as para casa. Eu metia-lhe medo. Mas isso sim... Ele era muito atrevido!».

Com os irmãos gostava, também, de mangar; o pai lembra-se de uma partida que certa noite ele queria fazer ao João que estava a dormir à lareira com a boca aberta.

«Aquele maroto levanta-se, sorrateiro, pega num cavaquito e se eu não lhe agarro o braço, ia metê-lo na boca do irmão.

Às vezes, ralhavam entre si: mas eu saltava-lhes logo em cima. Que isto uma pessoa tem de dar ordem à vida em mais que um sentido: não é só plantar couves e semear batatas».

Na verdade, o ti Marto não se contentava de criar os filhos, queria dar-lhes uma boa educação; e, no seu entender, para esse fim, não faz falta a leitura e a escrita. Educava-os com seriedade, dir-se-ia até que com certo rigor. Ele mesmo nos diz que os vizinhos e conhecidos o notavam.

«Nesta casa sempre há sossego, diziam. E era um rancho de oito.

É que eu queria as coisas direitas. Aconteceu uma vez que entrou em casa uma pessoa para tratar de qualquer assunto. E os pequenos a estorvar e a fazer bulha. Eu aguentei-me sem ralar; mas logo que o tal fulano saiu, virei-me para eles e, muito sério, de dedo no ar, disse-lhes: – Se isto acontecer outra vez... vejam lá como isto há-de ser!...

Bastou para eles sossegarem.

Daí por diante, quando vinha alguém estranho cá a casa, prantavam-se logo na rua. Se um olhar não bastava, eram lampadadas que seguiam, mas só rarissimamente e quando era preciso. Porque, por um burro dar um coice, não se lhe corta logo a perna.

Com o Francisco ia isso acontecendo uma vez e foi uma noite em que se não resolvia a rezar. Levanto-me e vou até à casa de fora para onde ele se tinha safado. Quando me viu aproximar do pé dele, no jeito de lhe chegar, gritou logo: – Ai, meu rico pai! E resolveu-se logo de caminho à reza. Isso foi antes de Nossa Senhora aparecer; que, depois, nunca faltava; antes, eram eles (o Francisco e a Jacinta) a puxarem a gente para irem ao terço.

Esta e a da cavaquita foram as duas acções mais ruins que eu presenciei em todo o tempo da sua vida».

Os pais nunca tiveram motivo sério de se queixarem dele. A obediência do Francisco era modelar. Neste ponto o Sr. Marto, de resto, não transigia.

«Lembro-me duma vez estar com um fulano e ele mandar o

filho a fazer qualquer uma coisa e o rapaz a teimar em não ir. Eu não sei o que sentia bulir cá por dentro; até que não me pude conter e: – Mude-se! gritei ao garoto, todo arrenegado. E ele lá vai a correr como um foguete!».

Os filhos e as filhas eram muito amigos entre si. E ai se assim não fosse!

«Se eu tivesse visto – continua sempre o ti Marto – as coisas baralhadas... visse eu o caso mal parado, não lhes faltaria com o correctivo: Chegava-lhes!... E quando dois bulhavam e não sabiam onde estava a razão, sem mais nada, apanhavam ambos uma bofetadica que se consolavam.

Para educar esta malta – conclui solene – é preciso ser um bocado rijo».

Mas voltemos em particular ao nosso Francisco.

Da delicadeza da sua consciência e rectidão do modo como fora educado, colhemos, entre outras, esta prova:

«Uma manhã – conta-nos a Sr.^a Olímpia – ia ele a sair com o gado e eu digo-lhe assim: – Vai hoje para o Oiteirinho da madrinha Teresa, que ela não esta cá, foi à Aldeia.

E logo a responder: – Ah, isso e que eu não faço!

Não tive mão em mim que não lhe chegasse uma bofetada. Mas ele não se acobardou. Voltou-se para mim e assim a modo muito sério, sai-se com esta: – Então, é a minha mãe que me está a ensinar a roubar?

Parece que até ceguei, agarrei-o por um braço e pu-lo a andar. Mas espera que ele já foi para o Oiteiro!.. . Só no dia seguinte, e depois de ter pedido licença à madrinha que lhe disse que podia ir para lá quantas vezes quisesse e mais a Lúcia.

Era muito jeitozico. Aquelas coisicas que eu lhe dava a fazer, fazia-as duma maneira que até me admirava».

Tinha um carácter cristalino que não sabia fingir.

«Nunca tive fé de os dois (e os dois são sempre Francisco e Jacinta) andarem em embrulhices. A Jacinta até era capaz de repre-

ender qualquer pessoa que não dissesse a verdade, nem que fosse a mãe. Já os outros irmãos – diz o ti Marto – não eram tão escrupulosos».

O serranito era também um pouquinho poeta.

Amava a música e com o seu pífaro de cana passava horas e horas sentado numa pedra, a maior parte do tempo, acompanhando a Lúcia e a Jacinta que cantavam e dançavam. Gostava de imitar o gorgear dos passaritos; não podia suportar que os tirassem dos ninhos. Narra a Lúcia que certo dia o Francisco viu um seu companheiro com um passarinho na mão. Compadecido, pediu-lhe que o soltasse. E como o outro se recusasse, ofereceu-lhe um vintém para que ele lho entregasse. Estão deixou-o voar, dizendo: – «Toma cuidado, não te deixes apanhar outra vez!».

Como a Jacinta, Francisco era apaixonado por flores.

Uma das suas características é todavia um certo jeito contemplativo, herança do pai, o pensativo, o sonhador ti Marto, que, de caminho ou de volta dos trabalhos, que os setenta anos ainda lhe consentem, deambulando pela serra ou pela estrada, não se deixa absorver por alheios pensamentos, mas caminha com os olhos baixos como se fosse ruminando algum ponto de meditação.

O Francisco tinha também uma alma particularmente aberta às belezas espalhadas pelas mãos do Criador na serra. Não acabava de se admirar diante do céu imenso e das estrelas – lâmpadas que Nossa Senhora e os Anjos acendiam para afugentar as sombras da noite.

Maravilhava-o o Sol que via surgir por detrás do cabeço da Ortiga, das bandas do Montelo, e ficava tempos infinitos na sua contemplação, sobretudo à tarde, quando parecia morrer num fantástico mar de sangue por detrás do Cabeço.

«Nenhuma lâmpada é tão bonita – dizia – como a de Nosso Senhor».

Os raios do sol através das vidraças encantavam-no. As gotinhas de orvalho irisadas pelo sol eram para ele preciosas como gemas, lindas como estrelas.

CAPÍTULO III

A JACINTA FOI SEMPRE TÃO MANSINHA!...

(Ti Marto)

De carácter sensivelmente diverso do carácter do irmão, é a Jacinta, embora se lhe assemelhe muito no aspecto exterior.

Como o Francisco, tinha o rosto redondo e feições duma regularidade perfeita; boca pequena, lábios finos, mento breve, corpinho bem proporcionado.

«Não era, contudo, tão cheia como o Francisco – diz-nos a mãe. – O Francisco era mais bojudo. Tinha os olhos clarinhos, mais vivos que os meus quando era nova – continua a ti Olímpia, que todavia ainda conserva uma vivacidade de olhar invulgar na sua idade. Andava sempre com o cabelo direitinho; todos os dias eu a penteava e sempre a trazia bem catada.

Um casaquinho claro, uma saia de chita escura, uns sapatinhos – que eu sempre pude trazer os meus filhos calçados – era o seu trajar».

Este, o exterior da Jacinta; o interior era, sem comparação, muito melhor.

Possuía uma alma extraordinariamente sensível, como poderemos verificar em seguida.

«Ainda de cinco anos, mais ou menos, ao ouvir narrar os sofrimentos do Nosso Divino Redentor – diz-nos a Lúcia – enternecia-se e chorava. – Coitadinho de Nosso Senhor – repetia – eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado; não quero que Jesus sofra mais».

As palavras feias eram pecado e faziam sofrer o Menino Jesus? A Jacinta fugirá então daquelas companhias entre as quais haveria perigo de contrair hábito tão mau.

A amizade que a unia à sua prima Lúcia era uma amizade que raras vezes se encontra entre crianças; nenhum dos sentimentos peculiares às amizades infantis, como a emulação e a inveja, a enlaivava.

Só lhe sabia bem quando brincava com a Lúcia e o dia que passasse longe dela era dia de tristeza, um dia perdido. Jacinta queria-a toda e exclusivamente para si, de maneira que quando a Lúcia, encarregada da vigilância dos pequenos que as mães entregavam às suas irmãs, não podia retirar-se com ela e com o Francisco para junto do poço a brincar sozinhos, a Jacinta só com pesar se resignava a tomar parte nas brincadeiras.

Tão profundamente o coraçãozito da Jacinta estava preso à Lúcia que, sendo esta já mulherzinha – e na serra aos dez anos as pequenas já sabem tratar da vida – e tendo de deixar os folguedos para ganhar o pão pastoreando, a Jacinta não conseguiu conformar-se com tal ideia e tanto fez que a mãe, por fim, acabou por lhe entregar também umas ovelhitas para lhe proporcionar a alegria de passar os dias na companhia da sua terna amiguinha.

Este afecto era, às vezes, exteriorizado pela Jacinta, em manifestações duma delicadeza verdadeiramente encantadora.

«Desde que um dia – conta a Lúcia – fora com a mãe a uma festa de comunhão solene e os seus olhitos se tinham fixado nos anjinhos que deitavam flores a Jesus, de vez em quando afastava-se de nós, quando brincávamos, colhia uma arregaçada de flores e vinha atirar-me com elas.

– Jacinta, por que fazes isto? – perguntava-lhe.

– Faço como os anjinhos, deito-te flores».

«Foi sempre muito mansinha – refere o pai. – Neste jeito era uma coisa muito admirável. Ainda de peito estava sempre por tudo. Se tinha fome, dava sinal choramingando um bocadito e, depois, não dava mais trabalho. A gente ia a esta ou aquela banda, à Missa, etc. e tal, e ela não se ralava; nem era preciso estar com maneiras para ela ficar descansada. Não se incomodava com nada. Do jeito dela não criamos mais nenhum. Era um dom natural».

Uma qualidade que a caracterizava, era o amor à verdade. Diz o pai:

«Quando a mãe a enganava, dizendo, por exemplo, que ia às couves e ia para mais longe, a Jacinta não deixava de lhe dar a sua piadazita: Então a mãe mentiu-me? Disse que ia aqui e foi para acolá?... Isso de mentir é feio!

Quanto a mim, nunca os enganei».

A sua sinceridade levava-a a acusar-se prontamente:

«Estava um dia jogando às prendas na casa de fora – conta a Maria dos Anjos – com a prima e outras crianças; deram-lhe por sentença dar um beijo no meu irmão Manuel que estava a escrever sentado à mesa. A Jacinta protestou: – A ele, não! Se quiserem, vou antes beijar aquele Pai do Céu.

Tendo os outros concordado, tirou o Crucifixo da parede e a Jacinta deu-lhe todos os beijos que quis. Quando eu entrei vejo o Crucifixo no chão e as crianças em volta dele, e zanguei-me: – Vocês nunca deixam ficar nada nos seus lugares! Vão já brincar lá para fora!

E a Jacinta logo se acusou: – Fui eu, mas já não lhe mexo mais».

Como o seu irmão Francisco e talvez mais do que ele, a Jacinta possuía uma alma requintada, cheia de finíssimos sentimentos.

Amava as ovelhas e designava a cada uma delas pelo seu nome. Havia a *pomba*, a *estrela*, a *mansa*, a *branquinha* – os nomes mais lindos do seu vocabulário. Os cordeiritos brancos eram o seu enlevo.

«Sentava-se com eles ao colo – diz a Lúcia – abraçava-os, beijava-os e, à noite, trazia-os ao colo para casa, para que não se cansassem e para fazer como o Bom Pastor que ela tinha visto numa pequena estampa que lhe tinha sido oferecida».

Amava as flores. À beira da sua casa havia apenas uma grande margaceira, cujas flores brancas muito apreciava; mas na serra que fartura, que riqueza, especialmente na Primavera! Colhia-as, enfeitava-se com elas e tecia grinaldas para enfeitar a prima. Era um alvoço quando descobria as primeiras rosas albardeiras. A flor aberta apresenta uma espécie de crista e ela então, alviçareira, corria a clamar:

Adivinha, adivinha
Quantos galos tem a minha galinha!

Amava as candeias dos Anjos – as estrelas – e desafiava a prima e o irmão a que contassem maior número do que ela. Amava o sol que doira a serra com os seus raios esplendorosos; amava a lua, a *lâmpada de Nossa Senhora*, mais que o sol, *porque não faz mal ao olhar*; e quando a lua era cheia corria a dar a boa nova:

– Mãe, lá vem a madrinha do Céu!

Amava os montes e tudo o que de belo criou o divino Artífice. Dotada duma feliz capacidade musical, amava o canto e, nas longas horas que passava a pastorear o gado, enchia da sua linda voz a soledade absoluta da serra. Sentada no alto das colinas, ou sobre algum penedo, não se fartava de ouvir o eco da sua voz no fundo dos vales.

«O nome que melhor ecoava – diz a Lúcia – era o de Maria, e a Jacinta dizia às vezes a Ave-Maria inteira, repetindo a palavra seguinte só quando a precedente tinha acabado de ecoar».

Entoavam-se os lindos cantos da Igreja, que a Jacinta sempre preferia:

Era:

Salve, Nobre Padroeira
Do povo, teu protegido!
Entre todos escolhido
Para povo do Senhor.

Ó glória da nossa terra
Que tens salvado mil vezes!
Enquanto houver portugueses,
Tu serás o seu amor!

E o eco sonoro, extenso, quebrava a mudez da serra e repetia:
– O seu amor!

Cantava-se:

*Ó Anjos, cantai comigo,
Ó Anjos, louvai sem fim;
Dar graças eu não consigo,
Ó Anjos, dai-as por mim.*

*Ó Jesus, que amor tão terno!
Ó Jesus, que amor é o teu?
Deixas o trono superno,
Vens fazer da terra o Céu!*

E uma voz misteriosa, singular, que parecia sair das entranhas da terra, clamava:

– Da terra o Céu!

A Jacinta tinha uma verdadeira paixão pela dança. De si própria e da sua prima, a Lúcia não tem vergonha de confessar:

«Éramos, no entanto, bastante afeiçoadas ao baile e qualquer instrumento que ouvíssemos tocar aos outros pastores, era o bastante para nos pormos a dançar; a Jacinta, apesar de ser tão pequena, tinha para isso uma arte especial».

Este gosto exagerado pelo baile já nos diz que a Jacinta, como de resto o Francisco e a Lúcia, não era um Anjo descido do Céu, revestido exclusivamente daquelas virtudes que são apanágio dos moradores do Paraíso. A Jacinta era uma criaturinha deste mundo, com muitos dos defeitos próprios dos miseráveis descendentes de Adão.

Recorremos à descrição que dela fez a Lúcia, apontando os defeitos que chegavam a tornar a sua companheira pouco simpática, às vezes, mesmo desagradável.

«A menor contenda das que se levantam entre crianças, quando jogam, era bastante para a fazer ficar amuada a um canto, a prender o burrinho, como nós dizíamos. Para a fazer voltar a ocupar o seu lugar na brincadeira, não bastavam as mais doces carícias que, em tais ocasiões, as crianças sabem fazer. Era preciso deixá-la escolher o jogo e o par com quem queria jogar».

Era também um pouquinho agarrada, o que se notava no jogo do botão.

«Com este vi-me também – continua sempre a Lúcia – não poucas vezes, em grandes aflições, porque, quando nos chamavam para comer, encontrava-me sem botões na roupa. Por ordinário, ela tinha-nos ganhado e isto era o bastante para que a minha mãe me ralhasse. Era preciso pregá-los à pressa. E como conseguir que ela mos desse se, além do defeito de se amuar, tinha o de ser agarrada? Queria guardá-los para o jogo seguinte, para não ter de arrancar os dela? Só ameaçando-a de que não voltava a brincar com ela, é que o conseguia».

Gostava da reza, mas ainda mais da brincadeira.

«Tinham-nos recomendado que, depois da merenda, rezássemos o terço; mas, como todo o tempo nos parecia pouco para brincar, arranjámos uma boa maneira de acabar depressa: passávamos as contas, dizendo só «Ave-Maria, Ave-Maria», quando chegávamos ao fim do mistério, dizíamos com muita pausa as palavras «Padre-Nosso». E assim, num abrir e fechar de olhos, tínhamos o nosso terço rezado».

Eis os três pastorinhos na vigília dos grandes acontecimentos, com as suas boas qualidades e os seus defeitos.

Nossa Senhora servir-se-á deles para confiar a sua celeste Mensagem ao mundo; poderia servir-se de outros. A graça de Deus transformará estes serranitos rústicos, ignorantes, mas duma singeleza e simplicidade angélicas, em verdadeiros apaixonados pela Cruz e em amantes heróicos do Redentor Divino e da Sua Mãe Puríssima.

CAPÍTULO IV

SOU UMA POBRE PASTORA; REZO SEMPRE A MARIA...

(Lúcia)

Antes do sol fora a ti Olímpia ia despertar os dois pequenos. Ainda com os olhos meio fechados rezavam a seguinte oração:

*Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia.
Fruto bento e sagrado da Virgem Puríssima, Santa Maria.*

«Benziam-se – conta a boa mulher – e sempre diziam alguma coisa. Não muito, porque as crianças depressa se aborrecem com as rezas».

Enquanto se vestiam ia a mãe arranjar-lhes o almoço: uma tijela de sopa quente de hortaliça ou de arroz, com um pinguito de azeite e um bocado de pão caseiro. Em seguida ia ao curral soltar as ovelhas e voltava a casa a preparar-lhes a merendita – qualquer coisa: pão com azeitonas, bacalhau, uma sardinha... o que havia à mão. Já os pequenos engoliam a última colher de sopa na ânsia de se apanharem ao ar livre.

Saíam contentes, certos de encontrarem em breve, a caminho das pastagens, à espera deles, a Lúcia e o seu rebanho.

Isto não quer dizer que não gostassem também da companhia de outros pastorinhos; pelo contrário! Especialmente antes das Aparições, os nossos três costumavam reunir-se em grandes ranchadas, para poderem brincar, dançar e cantar em maior folgado.

«Porque, já se sabe, – nos diz a Sr.^a Rosa Matias, antiga companheira da Lúcia – quanto mais éramos, mais divertidos andávamos».

Juntos os rebanhitos, a Lúcia indicava o lugar escolhido para pastorear o gado, lugar que era, habitualmente, ou a charneca de baldio ou alguma propriedade dos pais da Lúcia ou dos tios, os pais de Francisco e de Jacinta.

Umaz vezes, levava-os para os descampados nas imediações de Fátima; outras, para a charneca das bandas da Moita e de São Mamede; mais perto ainda ficava-lhes o Cabeço, colina rica de árvores e de bons pastios onde seus pais possuíam um pequeno olival, a Pregueira. Ali, as azinheiras, os pinheiros e as grandes pedras musgosas proporcionavam aos pastoritos refrescante sombra no Verão e o lugar ideal para as brincadeiras.

Era o Cabeço o ponto predilecto dos três que para lá puxavam muitas vezes os companheiros.

Chegavam ali quando o sol já começava a irisar as prateadas folhas das azinheiras e as agulhas dos pinheiros, gotejantes de orvalho.

Com os outros pastorinhos que os tinham precedido ou que os seguiriam, entregavam-se à brincadeira, que as ovelhas pouco cuidado lhes davam: a erva da encosta, os malmequeres, as papoilas, tudo o que as recentes chuvas primaveris tinham feito brotar dentre as pedras, por toda a parte, fornecia excelente pastagem.

Quem organizava os jogos era quase sempre a Lúcia que, pelo seu carácter e pelas suas qualidades excepcionais, se impunha naturalmente aos demais pastores.

«A Lúcia era muito divertida – refere-nos uma outra sua companheira, Teresa Matias. – Era muito amiga de nos fazer jeito, de maneira que muito gostávamos de estar com ela; de mais, era muito inteligente, cantava e dançava bem e sabia-nos ensinar cantigas. Todos nós lhe obedecíamos. Passávamos assim horas e horas a cantar e a dançar que até nos esquecíamos de comer.

Além do que a gente costuma cantar na Igreja, «Ó Anjos cantai comigo»..., «Virgem pura», etc., lembro-me duma cantiguica a Nossa Senhora do Carmo, que, de vez em quando, ainda vou cantarolando nas lides da vida e que os meus pequenos também já aprenderam».

E o rosto da Sr.^a Teresa, trabalhado por tantos cuidados e fadigas, como que se ilumina de suave clarão enquanto entoa, numa voz precocemente envelhecida e desafinada:

*Nome de Maria
Tão bonito é!
Salvai a minha alma
Que ela vossa é.*

*Senhora do Carmo
Mandou-me um recado
Que reze três vezes
Bendito e louvado.*

*Bendito e louvado
Eu hei-de rezar.
Senhora do Carmo
Me há-de ajudar.*

*Me há-de ajudar
Com todo o valor;
Rainha dos Anjos,
Do Céu esplendor.*

*Perguntei aos Anjos
Se era bem pagada:
Justemos com Ela,
Não queremos soldada.*

*Não queremos soldada
Nem paga a dinheiro;
Só queremos a bênção
De Deus verdadeiro.*

*No Céu três medidas
Ao peso da cruz;
Rezasse três vezes
Salvai-me, Jesus!...
Salvai-me, Jesus!... Salvai-me, Jesus!*

«Cantavam-se também alguns viras, que eram tão lindos, mas que eu, com esta cachopada toda, já não me lembro.

Os rapazes tocavam os pífaros e nós, as pequenas, íamos dançar».

O que as preocupações de nove bocas a pedirem pão e nove corpinhos que era preciso vestir, fizeram esquecer à Sr.^a Teresa, conservou-o a memória prodigiosa da Irmã Lúcia de Jesus:

*Linda amendoeira,
Que é da tua rama?
Por causa de ti
Ando eu em má fama.*

*Ando eu em má fama,
Deixá-lo andar!
Em água de rosas.
Me hei-de eu lavar.*

*Me hei-de eu lavar,
Ó verde limão!
Cantar é bonito,
Chorar é que não.*

Ou então o Ah lá lá:

*Não cantes o ah lá lá, ó prima! ó prima!
O ah lá lá já se acabou, tão linda! tão linda!
Por causa do ah lá lá, ó prima! ó prima!
Já minha mãe me ralhou, tão linda, tão linda!*

Ah lá lá... Ah lá lá...

*Foi jardim risonho e belo, ó prima, ó prima!
Este solo hoje sem flor, tão linda, tão linda!
Não lhe faltou o desvelo, ó prima! ó prima!
Faltou ele ao seu cultor, tão linda! tão linda!*

Ah lá lá... Ah lá lá...

*Nesta vida tudo canta, ó prima, ó prima!
Comigo, ao desafio, tão linda! tão linda!
Canta a pastora na serra, ó prima! ó prima!
E a lavadeira no rio, tão linda! tão linda!*

Ah lá lá... Ah lá lá...

*De noite canta a coruja, ó prima! ó prima!
Que me quer assustar, tão linda! tão linda!
Na escamisada canta, ó prima! ó prima!
A rapariga ao luar, tão linda! tão linda!*

Ah lá lá... Ah lá lá...

*O rouxinol na campina, ó prima! ó prima!
Passa o dia a cantar, tão linda! tão linda!
Canta a rola no bosque, ó prima! ó prima!
Canta o carro a chiar, tão linda! tão linda!*

Ah lá lá... Ah lá lá...

E ainda: ó í ó ai!

*Amo a Deus no Céu,
Amo-O também na terra;
Amo o campo, as flores,
Amo as ovelhas na serra.*

*Com os meus cordeirinhos
Eu aprendi a saltar.
Sou a alegria da serra
E sou o lírio do vale.*

*Sou uma pobre pastora;
Rezo sempre a Maria.
No meio do meu rebanho
Sou o sol do meio-dia.*

*Ó i ó ai!
Quem me dera ver-te agora!
Ó i ó ai!
Meu Jesus, já nesta hora!*

Quando o sol indicava o meio-dia ou estavam em sítio de ouvir o sino da igreja a tocar as Ave-Marias, cessavam os brinquedos, que, à vez, um tinha de interromper para dar uma volta a inspeccionar o gado, não fosse ele entrar em terra proibida. Comiam o frugal repasto e rezavam o terço para recomençar logo a folgar.

Quando o sol se sumia detrás da serra e uma sombra misteriosa e melancólica vinha avançando, apressavam-se a reunir o rebanho satisfeito e regressavam a casa.

Depois da ceia, juntando as mãozinhas, davam graças. Reza-va-se às vezes o terço, por parte dos pequenos, já bem escabeceado.

Nas camas de frescas e fofas enxergas de estopa, cheias de rescendentes folhas de milho, velados pelos Anjos da Guarda, os pastorinhos dormiam a sono solto.

CAPÍTULO V

NÃO TEMAIS! SOU O ANJO DA PAZ...

(O Anjo)

Quando, pela primeira vez, um Anjo do Céu apareceu à Lúcia, a principal protagonista do drama divino que se representou na abençoada serra de Aire, a pastorita não devia estar em companhia dos seus amiguinhos, Jacinta e Francisco.

Ao tempo dessa primeira Aparição, na qual o Anjo dir-se-ia não ousar manifestar-se-lhe inteiramente, a Lúcia era ainda muito pequenita, devia ter uns oito anos; ainda ela não sabia contar nem os anos, nem os meses, nem mesmo os dias da semana. Deveria ser um dos primeiros dias em que a mãe lhe confiara o rebanho e antes da tia Olímpia dar ao Francisco e à Jacinta a tão suspirada e rogada autorização de a acompanharem. As duas crianças teriam talvez de esperar ainda algum tempo até poderem seguir a Lúcia para a serra com as suas ovelhas.

«Mais ou menos devíamos estar nos meados do ano de 1915, desde o mês de Abril até Outubro» – diz a Lúcia – incapaz de especificar melhor.

As afortunadas companheiras da Lúcia eram então três rapariguitas da sua idade, que ainda recordam, embora confusamente, o que se passou na encosta do Cabeço. São as já aludidas Maria Rosa Matias e Teresa Matias, e ainda Maria Justino.

«Tínhamos merendado – conta a Lúcia – e pusemo-nos a rezar o terço. A certa altura vimos que sobre o arvoredado do vale, que se

estendia a nossos pés, pairava como uma nuvem mais branca que a neve, algo transparente, com forma humana».

Uma das companheiras voltando a casa disse à mãe que tinha visto, por cima duma árvore, uma coisa branca que parecia uma mulher sem cabeça.

Surpreendidas, interrogaram-se: que poderia ser aquilo? Mas nenhuma, nem ninguém saberia responder. Em dias a seguir apareceu a estranha figura branca mais duas vezes, deixando no espírito das pequenas, especialmente da Lúcia, uma impressão que não sabiam explicar.

«Esta impressão ia-se todavia desvanecendo e creio que – afirma a Lúcia – se não fossem os factos que se lhe seguiram, com o tempo a teria esquecido por completo».

Foi somente um ano mais tarde, mais ou menos na Primavera de 1916, quando os dois irmãozitos já tinham obtido licença para começar a guardar o gado, que o Anjo apareceu claramente, pela primeira vez, diante dos três pastorinhos, na Loca do Cabeço.

Por uma disposição providencial de que elas mesmo não davam conta, as três crianças, realizada a aspiração dos seus coraçõezinhos, começaram a sentir como que uma necessidade de se isolar dos outros zagaletes.

«E foi assim – narra a Lúcia com aquela singeleza suma que lhe é própria – que certo dia fomos com as nossas ovelhinhas para uma propriedade de meus pais, que fica ao fundo do Cabeço, voltada ao Nascente. Chamava-se essa propriedade Chousa Velha.

Aí pelo meio da manhã, começou a cair uma chuva miudinha, pouco mais que orvalho. Subimos a encosta do monte, seguidos das nossas ovelhinhas, em procura dum rochedo que nos servisse de abrigo. Foi então que pela primeira vez entrámos nessa caverna abençoada. Fica em meio dum olival pertencente a meu padrinho Anastácio. Avista-se dali a pequena aldeia onde nasci, a casa de meus pais, os lugares da Casa Velha e Eira da Pedra. O olival, pertencente a vários donos, continua até se confundir com estes pequenos lugares.

Aí passámos o dia, apesar da chuva haver passado e do sol se haver descoberto lindo e claro. Comemos a merenda e rezámos o terço. Terminada a reza, começamos a jogar as pedrinhas.

Alguns momentos havia que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno; e eis que começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direcção ao Nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma dum jovem transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do sol.

À medida que se aproximava, íamos-lhe distinguindo as feições. Estávamos surpreendidos e meio absortos e não dizíamos palavra.

Ao chegar junto de nós, disse:

– *Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.*

E ajoelhado em terra, curvou a fronte até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar:

– *Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.*

Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

– *Orai assim. Os corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.*

E desapareceu.

A atmosfera de sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, permanecendo por um grande espaço de tempo na posição em que o Anjo nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração.

A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima, que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera, que só muito lentamente foi desaparecendo.

Nesta aparição nenhum de nós pensou em falar nem em recomendar o segredo. Ela de si o impôs. Era tão íntima, que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra. Fez-nos talvez também maior impressão por ser a primeira assim manifesta».

Eram as primícias do contacto dos pastorinhos com o sobrenatural. Já o Céu tinha baixado até eles que, longe de compreenderem todo o alcance de semelhante favor, passados aqueles dias da influência inevitável que os trazia como que subjugados, voltaram ao viver despreocupado de antes, quase esquecendo tudo como se fora um sonho.

As brincadeiras, os jogos, as cantigas, as danças recomeçaram com o mesmo vigor, só o afastamento das outras crianças se manteve, ou antes, se reforçava.

Era o Céu que criava neles essa disposição, na preparação dos futuros acontecimentos.

Assim chegou o Estio, abrasador na aridez da serra.

Lusco-fusco ainda, soltava-se o gado para, nas horas pré-matutinas, encontrar a erva orvalhada e quando o calor lhe tirava o apetite reconduzia-se ao aprisco para voltar a sair ao aproximar da noite. Todo esse tempo era então aproveitado pelos pastorinhos para o repouso e os folguedos à sombra acolhedora das figueiras ou junto do poço, quando o sol menos intenso se tornava suportável, sob a copa arrendada das oliveiras e amendoeiras.

Foi neste local, recordado ainda pela Lúcia com tanta saudade, que um dia, à hora da sesta, o Mensageiro celeste se lhes mostrou pela segunda vez.

«De repente – narra a Lúcia – vimos o mesmo Anjo junto de nós.

– *Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria tem sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.*

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– *De tudo que puderdes, oferecei um sacrifício ao Senhor em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a nossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar».*

Como mais tarde nas Aparições da Virgem, o Francisco nada ouviu. À tardinha então, instantes depois de ter recomeçado a brincar, perguntou ele à Lúcia o que o Anjo lhe tinha dito. A pequena, porém, toda repassada ainda de sobrenatural, pediu-lhe que esperasse até ao dia seguinte ou então perguntasse a Jacinta.

– Jacinta, diz-me tu o que o Anjo disse.

Mas também a Jacinta não tinha força para pronunciar qualquer palavra sobre o estranho acontecimento:

– Amanhã de manhã to digo. Hoje não posso falar.

«No dia seguinte – como narra a Lúcia – o Francisco mal se ergueu, pergunta-me:

– Dormiste esta noite? Eu estive sempre a pensar no Anjo e no que ele te teria dito.

Contei-lhe então tudo que o Anjo tinha dito nas duas Aparições. Parecia que ele não tivesse compreendido o que as palavras do Anjo significavam e perguntava:

– Que é o Altíssimo?... Que quer dizer os Corações de Jesus e Maria estão atentos às vossas súplicas?...

E, recebida a resposta, ficava pensativo para depois recomeçar com outras perguntas. Mas o meu espírito então não era de todo livre e disse-lhe que esperasse até ao dia seguinte, porque naquele dia ainda não podia falar.

Esperou, satisfeito, um bocado, mas não deixou perder a primeira ocasião para fazer novas perguntas, o que fez levantar a voz a Jacinta:

– Tem cuidado; nestas coisas fala-se pouco!»

E a Lúcia acrescenta:

«Quando falávamos do Anjo não sei o que sentíamos. A Jacinta dizia:

– Não sei o que me acontece, não posso falar, nem brincar, nem cantar e não tenho forças para nada.

– Nem eu também – respondia o Francisco. – Mas que importa? O Anjo é mais que tudo isto, pensemos nele!».

Orai! Orai muito! Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

Estas palavras que as duas pequenas ouviram dos lábios do Anjo e que repetiram ao Francisco gravaram-se-lhes profundamente no espírito.

«Eram estas palavras – diz a Lúcia – como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus. Como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele lhe era agradável, como, por

atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começámos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, excepto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado».

Oração e Penitência! Eis a grande revelação da Fátima! A mensagem exclusiva da Mãe do Céu!

Aproxima-se o Outono. O movimento das vindimas fora rápido porque os vinhedos são escassos na serra. Tinham acabado as sestas e os pequenos passavam os dias inteiros com o gado e de novo recebiam a visita do *Anjo da Paz*.

«Passámos da Pregueira para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha – conta a Lúcia. – Rezámos aí o nosso terço e a oração que, na primeira aparição, o Anjo nos tinha ensinado.

Estando pois aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálice e, sobre ele, uma Hóstia, da qual caíam dentro do cálice algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Depois levantando-se, tomou de novo o cálice e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.

De novo se prostrou em terra e repetiu connosco mais três vezes a mesma oração: Santíssima Trindade... etc., e desapareceu».

Como depois das duas primeiras Aparições, a necessidade do silêncio fazia-se sentir imperiosa em todos três.

Apenas de vez em quando o Francisco, a quem faltava a impressão do timbre da voz do Anjo, arriscava uma pergunta:

– Ó Lúcia, o Anjo deu-te a Sagrada Comunhão, mas a mim e à Jacinta, o que é que nos deu?

E Jacinta, pronta, transbordando de incontida alegria:

Foi o mesmo, a Sagrada Comunhão: não viste que era o Sangue que gotejava da Hóstia?

Então Francisco, como que despertando dum sonho:

– Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia de que maneira.

E, ajoelhado no chão com a irmãzita, ficava longo tempo a repetir a oração do Anjo, *Santíssima Trindade...* etc..

Por algum tempo, os pequenos ficavam como que privados dos sentidos corporais, num abatimento físico que os prostrava, absorvidos por uma paz íntima, uma felicidade imensa: a alma concentrada completamente em Deus.

«Não sei porquê – narra ainda a Lúcia – as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade. Mas, em vez desse abatimento físico, uma certa mobilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina Presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo. Mas, apesar desses sentimentos, sentia a inspiração para calar, sobretudo algumas coisas».

Cumprida a sua divina Missão o *Anjo de Portugal* voltara para o Céu, que seis meses mais tarde se abriria novamente a passagem da celeste Rainha que se dignava pousar os seus pés virgínicos sobre uma mirrada azinheira na Serra de Aire.

CAPÍTULO VI

UMA SENHORA, VESTIDA DE BRANCO, MAIS BRILHANTE QUE O SOL...

(Lúcia)

Dir-se-ia que, durante os longos meses de Inverno que se seguiram, as crianças tivessem esquecido, quase por completo, as Aparições do Anjo e as suas recomendações.

Recomeçaram assim a sua vida simples e despreocupada; a semente lançada nos seus corações parecia morta; bem cedo, porém, ao sol criador da Primavera, devia germinar e produzir frutos de graça e de bênção.

As chuvas de Abril, depois dos dias frios e ventosos do Inverno, fazem pulular a esmo uma pujança de vegetação que regala rebanhos e pastores. Na vastidão da serra vai um tripúdio de vida; a Natureza despertando como que dum sono letal, levanta o seu hino de louvor e de agradecimento a quem sabe fazer romper, por meio dos fragedos dos montes, as mais lindas e viçosas flores, mimosas pérolas matizadas de luz.

Mês de Maio, mês das flores; mês da Flor – Mês de Maria – a Flor sublime que encantou com a sua beleza o Rei da Criação.

Foi num lindo dia treze de Maio que a radiosa Flor do Céu veio embalsamar com o seu perfume a terra desolada e mesta.

Estava-se no domingo antes da Festa da Ascensão. Como de costume, os três pastorinhos, antes de soltar o gado, tinham seguido para a igreja da freguesia a ouvir a Missa das Almas. Então como agora, ninguém nesses dias ficava sem ouvir a Santa Missa.

«Livre-nos Deus – diz a Sr.^a Olímpia – de deixar passar um domingo sem Missa! Nem os cachopos, logo que tenham chegado à idade da compreensão. Ainda que fosse preciso irmos a Boleiros, à Atouguia, ou até a Santa Catarina, que são quase duas léguas. Chovesse ou trovejasse, nunca me lembro de ter faltado à Missa, mesmo quando tinha as crianças de leite. Levantava-me, então, cedo e deixava tudo à conta do meu homem que ia à Missa do dia. Com cachopicos é que nunca íamos para a igreja. Nem a gente ouve Missa, nem a deixa ouvir aos outros. A gente a pensar que leva ali um anjinho e leva mas é um diabinho!».

Acabada a Missa os pastoritos voltaram a casa, pegaram na saqueta da merenda e foram com o gado para o pequeno barreiro ou charco que fica já fora do lugar, a caminho de Gouveia.

A Lúcia, como quase sempre fazia, escolheu a pastagem – uma propriedade que seus pais tinham na Cova da Iria – e lá seguiram contentes os três amiguinhos, atravessando a chameca devagarinho para que as ovelhas fossem pastando – diz a Lúcia. – Este facto e a dificuldade do piso pedregoso e por vezes eriçado de tojos, alongaram sensivelmente o caminho, de maneira que só perto do meio-dia chegaram com o rebanho ao referido local.

Os sinos a repicar na igreja da Fátima chamando para a Missa, diziam-lhes que o meio-dia estava perto. Abriram então os farnéis melhorados pela Sr.^a Maria Rosa e a Sr.^a Olímpia com qualquer coisita a mais em honra do dia; benzeram-se, recitaram um Pai-Nosso pelas almas das suas obrigações e comeram, conservando, todavia, uns restos para mais tarde, antes de se porem a caminho de casa. Deram graças e, tirando o terço do bolso, puseram-se a rezá-lo.

Do Céu a Virgem devia atender, nesse dia, com particular ternura aquela prece inocente.

Enxotaram, em seguida, as ovelhas mais para o alto e lá foram a construir talvez a sua centésima casa. O Francisco, o homenzinho, o arquitecto e pedreiro; a irmãzita e a prima, serventes. Uns minutos apenas e já uma paredita forma um círculo em torno duma moita. E a construção teria prosseguido; nem ao hábil mestre de obras falta a iniciativa, nem às ajudantes robustez de músculos para acarretar as pedras.

Mas eis que o reflexo vivíssimo duma luz, que os pastoritos por

falta de outros termos mais apropriados chamarão relâmpago, vem estorvar os seus interessantes projectos, as suas construções.

Os pequenos, largando as pedras, entreolharam-se assustados: sabem que aos relâmpagos se seguem trovões. Levantam os olhos para o céu a interrogá-lo.

Nem do Nascente, nem do lado de Santa Catarina o mínimo indício de temporal: não há a mais ténue nuvem a empanar a imensidade azul de cobalto; não sopra a mais leve aragem.

Um sol esplendoroso, uma atmosfera quente, uma calma grave.

Lúcia, como sempre, comanda as manobras:

– É melhor irmo-nos embora para casa. Estão a fazer relâmpagos e pode vir trovoadas.

– Pois sim – concordam os primos.

Outro clarão mais forte, mais intenso lhes tolhe os movimentos. Quais autómatos, avançam uns passos e movidos, sem saberem porquê, espontânea e simultaneamente, voltam-se para a direita.

Sobre a copa duma pequena azinheira uma aparição celeste barra-lhes o horizonte. No auge da surpresa, continuam imóveis, envolvidos na luz que a visão irradia.

«Era uma Senhora vestida de branco – assim no-la descreve a Lúcia – mais brilhante que o sol, espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios mais ardentes do sol».

Surpreendidos pela Aparição, os pequenos fixam os olhos extasiados na doce Senhora que com voz suavíssima, toda maternal, os tranquiliza:

– *Não tenhais medo! Eu não vos faço mal.*

E sorri-lhes tristemente, como que a censurar-lhes esta falta de confiança n'Ela, a dulcíssima Mãe do Céu.

Lúcia, então, anima-se a perguntar-Lhe:

– *Donde é Vossemecê?*

– *Sou do Céu.*

E a bela Senhora ergue a mão a indicar o firmamento azul, por detrás do qual se escondia a sua morada de luz.

– *E que é que Vossemecê me quer?* – continua Lúcia, mais afoita.

– *Vim para vos pedir que venhais aqui, seis meses seguidos, no*

dia 13, a esta mesma hora. Depois direi quem sou e o que quero. E voltarei aqui ainda uma sétima vez.

Uma Senhora que vinha do Céu – pensa a Lúcia. O Céu!...
Como devia ser lindo o Céu!

– *E eu também vou para o Céu?*

– *Sim, vais* – assegura-lhe a Senhora.

– *Que bom!* – diz consigo a Lúcia.

Mas mesmo assim, não quer ir sozinha para o Céu. E pensa em primeiro lugar, nos primos.

– *E a Jacinta?*

– *Também*

O coração da Lúcia dilata-se a ponto de parecer estalar-lhe.

– *E o Francisco?*

– *Também irá, mas terá de rezar muitos terços.*

Desta vez os olhos puríssimos daquela visão resplandesciente poisam sobre o zagaleta, numa magoada censura de qualquer coisa que a nós não é dado conhecer. Habitados a ver as coisas com os nossos olhos carnaís que só vêem as grandes manchas, não sabemos que os olhos de Deus, também no Oceano de luz que é o sol, encontram sombras.

Embora atingido pela mesma claridade que envolvia a Lúcia e a Jacinta, o Francisco ainda não via a divina Aparição. Ouvia sim, a Lúcia falar, mas nada da voz da Senhora.

O pensamento do Céu é o que mais absorve a Lúcia. O Céu!... Ela estava já segura de lá chegar um dia, e os primos também... Que bom! Mas logo uma dúvida a atormenta. Recentemente tinham falecido duas raparigas de Aljustrel que frequentavam a sua casa para aprender com as irmãs a coser e a tecer.

– *E a Maria do Rosário, do José das Neves, está no Céu?* – pergunta ansiosa.

– *Sim* – respondeu a Senhora.

– *E a Amélia?*

– *Ainda está no Purgatório.*

Que tristeza! E os olhos da Lúcia enchem-se de lágrimas. É então que a Senhora, qual mãe amargurada, pede aos pequenos:

– *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser mandar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*

Por todos, respondeu a Lúcia com decidida singeleza:

– *Sim, queremos!*

Desde aquele momento os três pastorinhos começaram a ser heróis.

– *Ides pois ter muito que sofrer, mas – promete a Senhora – a graça de Deus será o vosso conforto.*

«Ao pronunciar estas palavras – comenta a Lúcia – abriu as mãos, comunicando-nos uma luz muito intensa, como um reflexo que delas expedia, penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma e fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente do que nós vemos num espelho. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetimos intimamente: *Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro... Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento*».

Ficaram assim instantes naquele mar de luz em que a Virgem os tinha mergulhado.

– *Rezai o terço todos os dias – acrescenta a branca Senhora – para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra.*

O que é a guerra?... o que é a paz?... Os pequenos talvez não o saibam: já a Virgem lê de novo nos seus coraçõezinhos e nos olhos inocentes, deslumbrados, o consentimento.

E assim terminou o primeiro colóquio da bondosa Rainha do Céu com os três serranitos portugueses.

«Começou então – continua a Lúcia – a elevar-se serenamente, subindo em direcção ao Nascente, até desaparecer na imensidade do espaço, circundada duma viva luz que ia como que abrindo caminho no cerrado dos astros».

Os pequenos permaneceram ainda algum tempo encantados, de olhar cravado no Céu, no ponto em que se sumira a celeste Visão.

Quando voltaram a si e olharam em volta, em procura do gado, qual não foi a sua alegria, observando que as ovelhas, tranquilamente, lum roçando à sombra das azinheiras as ervinhas crescidas entre o tojo.

Sem mais receio de trovões, passaram a tarde naquela Cova abençoada, relembrando e saboreando os mínimos particulares do extraordinário acontecimento.

Uma exuberante alegria enchia a alma e transbordava do coração da Jacinta; uma alegria mesclada de tristeza fazia de vez em quando calar pensativa a Lúcia.

– Ai que Senhora tão bonita! – exclamava de vez em quando a mais nova, que ficara fascinada sobretudo pela beleza indescritível de Nossa Senhora.

A Lúcia, essa, repetia e meditava as palavras que com tanta amargura lhe dissera a Virgem Santíssima: – *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sacrifícios que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que é tanto ofendido?... Tereis que sofrer muito...* A sua amiguinha Amélia ainda está no Purgatório... naquele fogo terrível que martiriza as pobres alminhas que ainda não puderam entrar no Céu...

– Ai que bonita Senhora! – suspirava de novo a Jacinta.

– Estou mesmo a ver – dizia-lhe então a Lúcia – que ainda vais dizer a alguém.

E a pequenita respondia, muito senhora de si:

– Não digo, não, está descansada...

O Francisco, por sua vez... pensava...

E a conversação sobre a linda Senhora e o que Ela lhes tinha segredado continuou até que, subitamente, dando pelo sol que já desaparecia, as crianças reuniram à pressa o gado e voltaram para casa.

No caminho, a Lúcia não se cansava de recomendar aos primos que, por enquanto, guardassem o mais escrupuloso silêncio com todos.

Também com a mãe – acrescenta, de dedo no ar, para a Jacinta.

– Não diremos nada a ninguém – concordaram os dois irmãos; mas na voz da Jacinta, extraordinariamente expansiva, já se poderia ler quanto devia ser frágil o seu propósito.

Diante do portão do curral do Sr. Marto, mais uma vez a criança repetia o seu estribilho:

– Ai que Senhora tão bonita!

E mais uma vez a Lúcia, levando o dedo aos lábios, repetia:

– Pschiu!... mesmo com a mãe.

– Pois sim! – assegurava-lhe novamente a Jacinta.

CAPÍTULO VII

Ó MÃE, VI HOJE NOSSA SENHORA NA COVA DA IRIA!...

(Jacinta)

A Lúcia, já uma mulherzinha séria, sensata, soube manter com a mãe e com as irmãs o seu propósito. Ceou, rezou, ouviu a leitura dum capítulo qualquer do Novo Testamento e foi para a cama dormir.

Mas como poderia a Jacinta, que sentia o coração rebentar por tanto gozo, guardar, em absoluto, segredo do que vira e ouvira, sobretudo com a mãe a quem estava habituada a contar tudo o que lhe sucedia na sua vida quotidiana? Tanto mais que não via motivo para não comunicar à mãe um pouquinho dessa alegria.

A Jacinta pareceu mesmo esquecer por completo as solenes promessas feitas à prima; e, enquanto o Francisco se entretinha no pátio, logo correu à cozinha em procura da mãe para lhe participar o sucedido.

O Sr. Marto e a Sr.^a Olímpia, no entanto, ainda não tinham voltado da Batalha, onde naquele dia de mercado, tinham ido comprar uma marrãzita. A pequena foi-se então postar à porta da casa à espera deles para não adiar, por sua parte, essa comunicação um só momento.

Apareceram, por fim, os pais; a mãe vinha um pouco à frente, e atrás o pai, tocando o animal que mercara.

«A pequena correu ao meu encontro – narra a ti Olímpia – e agarrou-se-me às pernas, como nunca tinha feito de tal jeito.

– Ó mãe – gritou-me ela, toda alvoroçada. – Vi hoje na Cova da Iria Nossa Senhora.

– Credo, filha! És uma boa santa para veres Nossa Senhora – respondi-lhe. A pequena ficou triste, acobardada e acompanhando-me a casa ia repetindo:

– Mas eu vi-a!

E começou a contar-me o que se passara. Falou-me do relâmpago... do medo que tiveram... da luz... da Senhora, tão linda, tão bonita... do Francisco que a princípio não A via... da Senhora em tanta luz que nem se podia olhar, que cegava a gente... do terço que é preciso rezar todos os dias...

Mas eu – continua a Sr.^a Olímpia – não dava valor às palavras da cachopica, nem lhe dava atenção.

– És bem doidinha! – dizia-lhe. – Nem que Nossa Senhora te fosse aparecer a ti!...

Fui então preparar uma comidica para a marrãzita. O meu homem ficara mesmo, naquela altura, no curral a reparar se ela se dava com os outros animais. Repartida a comida pelo gado e, visto que tudo estava bem, retiramos para casa. O meu Manuel sentou-se à lareira e pegou de comer a ceia. Estava cá, também, o António da Silva, cunhado dele, e mais os meus filhos todos – penso – que eram oito. Perguntei então, a meia regra, à Jacinta:

– Ó Jacinta, conta lá como foi isso de Nossa Senhora na Cova da Iria.

E ela prantou-se a contar as coisas com a maior simplicidade deste mundo: – Era uma Senhora, tão linda, tão bonita!... Tinha um vestido branco, e um cordão de oiro ao pescoço até ao peito... A cabeça estava coberta por um manto branco, também, muito branco, não sei, mas mais branco que o leite... e tapava-a até aos pés... Era todo bordado de oiro... Ai que bonito!... Tinha as mãos juntas, assim, – e a pequena levantava-se do banquito, juntava as mãos à altura do peito a imitar a visão.

– Entre os dedos tinha as contas. Ai que lindo tercinho que Ela tinha... todo de oiro, brilhante, como as estrelas da noite, e um crucifixo que luzia... que luzia... Ai que linda Senhora!... Falou muito com a Lúcia, mas nunca falou comigo, nem com o Francisco... Eu ouvia tudo o que elas diziam... Ó mãe, é preciso rezar o terço todos os dias... A Senhora disse isso à Lúcia. E disse também que nos levava todos três para o Céu, a Lúcia, o Francisco e mais

eu... E mais outras coisas disse que eu não sei mas que a Lúcia sabe... Quando Ela entrou pelo Céu dentro, parece que as portas se fecharam com tanta pressa que até os pés iam ficando de fora entalados... Era tão lindo o Céu... Havia lá tantas rosas albardeiras!...».

E o Francisco confirmava as declarações da Jacinta. As irmãs ouviam com interesse; os irmãos mais velhos troçavam.

«E eu repetia – continua a ti Olímpia – És uma boa santinha para que Nossa Senhora te apareça!».

O cunhado do ti Marto explicava:

«Se os cachopos viram uma mulher vestida de branco... quem poderia ser senão Nossa Senhora?».

O Sr. Marto, o pensador, ia ruminando e argamassando os seus conhecimentos teológicos:

«Desde o princípio do mundo, Nossa Senhora tem aparecido muitas vezes, de diversas maneiras... E é o que vale... Se o mundo está mau, se não se tivessem dado muitos casos assim, pior estava... O poder de Deus é grande! Não sabemos o que é, mas alguma coisa será... Seja o que Deus quiser.

– E, – conclui hoje – logo de caminho, quase fiquei a fazer juízo que era verdade o que as crianças diziam... Sim, logo acreditei. Pensava que os pequenos não tinham instrução nenhuma, o mínimo de coisa nenhuma. Se não tivesse sido aquela auxiliadora Providência, elas não teriam afirmado isso... Os cachopos mentir?... Ai, Jesus, o Francisco e mais a Jacinta eram tão contrários a isso!».

O ti Marto foi, então o primeiro que acreditou na verdade das Aparições. Foi o primeiro crente.

Das duas frases quase apocalípticas é fácil deduzir os argumentos apologéticos de primeiro valor no juízo destes factos sobrenaturais.

Deus pode revelar e, de facto, deram-se revelações no curso da História para bem da humanidade pecadora: doutra forma o mundo *pior estaria*. De resto, o Sr. Marto conhecia demasiado bem os seus

filhos e a Lúcia para excluir deles a mínima probabilidade e possibilidade de mentira ou embuste. Eram tão simples os seus cachopos, tão sinceros! Lia-lhes tão bem no íntimo através da transparência do seu olhar!...

Quando mais tarde o Sr. Bispo de Leiria publicar a Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora da Fátima, declarando como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, outra coisa não fará senão desenvolver, numa maneira teológica impecável, os mesmos argumentos e as mesmas considerações que o analfabeto ti Marto tinha feito naquela noite de 13 de Maio de 1917 à luz duma lâmpada de azeite, comendo a sua tijelada de couves com batatas.

Os três amiguinhos dormiam felizes sonhando com a linda Senhora.

Despontou o novo dia e a Sr.^a Olímpia não pôde conter-se que não revelasse, sorrindo, às vizinhas as confidências da filha.

O facto era tão sensacional que, em breve, de boca em boca, ficou espalhado por todo o lugarejo. Desta forma chegou também aos ouvidos da família Lúcia.

É a sua irmã mais velha, Maria dos Anjos, que nos conta como foi:

«Uma vizinha, logo de manhã, veio dizer-me que a mãe da Jacinta lhe dissera que a cachopica tinha lá aparecido com aquela novidade. Na verdade, assustei-me um pouco com o caso e fui-me ao pé da Lúcia que estava debaixo duma figueira a fazer não sei o quê.

– Ó Lúcia, disse-lhe eu. Ouvi dizer que tendes visto Nossa Senhora na Cova da Iria, é verdade?

– Quem é que to disse? – gaguejou espantada.

– Ouvi dizer pelas vizinhas que a ti Olímpia lhes contara como a Jacinta se tinha saído com esta coisa.

A Lúcia ficou um bocado a pensar e depois, toda pesarosa, diz-me assim:

– E tanto eu lhe pedi que o não dissesse a ninguém!

Perguntei-lhe então: – Mas porquê?

– Porque não sei se era Nossa Senhora... Era uma mulherzinha muito bonita.

– E o que é que essa mulherzinha vos disse?

– Que queria que fôssemos seis meses a fio a Cova da Iria e que depois então é que havia de dizer quem era e o que queria.

– Não lhe perguntaste quem ela era?

– Perguntei-lhe donde era e ela então disse-me assim: Sou do Céu.

E ficou-se calada. Parecia que não queria dizer mais; mas eu tanto a apertei que me contou tudo. Nunca vi a pequena tão triste. Chegou então o Francisco a dizer a Lúcia que a Jacinta tinha sido lingueira e que, lá em casa, já todos sabiam o que tinha acontecido na Cova da Iria.

Outras pessoas então falaram com a minha mãe que, ao princípio, não tomou as coisas a sério, mas quando eu lhe contei o que a Lúcia me tinha dito, então ela começou a dar importância ao caso e foi logo perguntá-la; e a cachopa repetiu à mãe o que me tinha dito a mim».

O que se dizia era então verdade!... os três pequenos afirmavam ter visto Nossa Senhora na Cova da Iria!...

Desde então uma terrível dúvida começou a atormentar a Sr.^a Maria Rosa: A sua filha mais nova tornara-se mentirosa!

CAPÍTULO VIII

HOJE NÃO QUERO BRINCAR...

(Jacinta)

Os três pastorinhos, como de costume, seguiram à tarde para a pastagem com os seus rebanhos.

A Lúcia, sob a impressão das ameaças da mãe, se não se desmentisse, conservava-se silenciosa. A pequena Jacinta ia, por sua vez, também pensativa por ter dado com a língua nos dentes. A alegria que a Visão lhe tinha causado recebera assim um rude golpe e a tristeza que a substituíra preparava a pequenita para a meditação nas palavras que a linda Senhora lhes dissera.

Chegados assim à Cova da Iria, a Jacinta sentou-se, caladinha, numa pedra.

À Lúcia fazia-lhe pena esta desusada atitude da prima; aproximou-se dela e disse-lhe risonha, como que disfarçando a sua íntima amargura.

– Jacinta, anda brincar.

– Hoje não quero brincar – foi a resposta terminante.

– Porquê?

– Porque estou a pensar que aquela Senhora nos disse para rezarmos o terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores; agora, quando rezarmos o terço, temos de rezar as Ave-Marias e o Padre-Nosso inteiros. E os sacrifícios, como havemos de fazer?

– Podemos dar a nossa merenda às ovelhas – sugeriu o Francisco.

A proposta foi aceite. E ao meio-dia os pequenos, com o estomagozito já apertado pela fome e a água a crescer-lhes nas

boquitas, cravaram o olhar resignado e mesmo contente nas suas ovelhinhas que se lambiam com o pão e o queijo que as mães lhes tinham cuidadosamente metido nos saquitéis.

Mais tarde, em vez de dar esses mimos às ovelhas, considerarão que será mais do agrado da Senhora matar com eles a fome a umas criancitas da Moita, filhas de duas famílias pobres, que andavam a mendigar de porta em porta.

Quando ao fim do dia a fome se fazia ainda mais cruelmente sentir, o Francisco subia a uma azinheira para colher bolotas, apesar de ainda verdes; e a Jacinta lembrava que seria melhor comer das dos carvalhos que eram amargas e que poderiam fazer assim maior sacrifício.

«Outras vezes – confessa ingenuamente a Lúcia – o nosso sustento eram pinhões, raízes de campainhas (florinhas amarelas que têm na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona) amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos nas raízes dos pinheiros, que não me lembro como se chamam; ou fruta, se a havia perto, nalguma propriedade pertencente aos nossos pais».

Aqueles dias custavam a passar mais que os outros. Faltavam os cantares e o ânimo despreocupado que até então lhes aligeirava as horas.

A graça do Senhor já começava a trabalhar nas almas singelas dos pastorinhos.

Os sofrimentos maiores, todavia, emanariam da parte das próprias famílias. A Lúcia, sobretudo, aguardava-a um verdadeiro martírio.

Vizinhas e amigas, mãe e irmãs, tudo contribuiria para a martirizar. O único que não se importava muito com isso era o pai, encolhendo os ombros, dizia: «histórias de mulheres!». Mas, nesse mesmo desprendimento e indiferença, quanta causa de amargura para a pobre Lúcia!

«A mãe, pelo contrário – narra a filha Maria dos Anjos – afligia-se muito, apoquentava-se muito e dizia-nos:

– Logo era eu que estava guardada para estas coisas! Faltava-me ainda esta para o resto da minha vida!... Eu que andava sempre

com cuidados não me dissessem mentiras e agora aquela aparece-me com uma mentira destas!».

E a Sr.^a Maria Rosa não se contentava com lamentos; chegava às práticas.

«Um dia – comenta a Lúcia – antes que saísse com o rebanho, quis obrigar-me a confessar que tinha mentido; não poupou, para isso carinhos, ameaças, nem sequer o cabo da vassoura. Em resposta obtive apenas um mudo silêncio ou a confirmação do que já tinha dito. Mandou-me abrir o rebanho e que pensasse bem, durante o dia, que, se nunca tinha consentido uma mentira nos seus filhos, muito menos consentia uma daquela espécie; que, à noite, me obrigaria a ir, junto daquelas pessoas a quem tinha enganado, confessar que tinha mentido e pedir perdão.

Lá fui com as minhas ovelhinhas, e, nesse dia, já os meus companheiros me esperavam; ao verem-me a chorar, correram a perguntar-me a causa. Contei-lhes o que se tinha passado e acrescentei:

– Agora digam-me: que hei-de fazer? Minha mãe quer, a todo o custo, que diga que menti; e como hei-de dizê-lo?

Então o Francisco diz para a Jacinta – Vês, tu é que tens a culpa; para que foste dizer?

A pobre criança, chorando, põe-se de joelhos, com as mãos erguidas, a pedir-nos perdão. – Fiz mal, dizia, mas eu nunca mais digo nada a ninguém».

Maria Rosa, vendo-se incapaz de arrancar dos lábios da filha a tão desejada confissão, resolveu recorrer ao Sr. Prior para, com a sua autoridade, pôr as coisas no seu lugar; e lá foi, uma manhãzinha, com a Lúcia ao presbitério.

«Quando lá chegares – dizia-lhe a boa mulher com solenidade – pões-te de joelhos e dizes-lhe que mentiste e pedes-lhe perdão, ouviste?... Dá-lhe as voltas que quiseres; ou tu desenganas essa gente, confessando que mentiste, ou te fecho num quarto onde não possas ver mais a luz do sol... Sempre consegui que meus filhos dissessem a verdade e agora hei-de deixar passar uma coisa destas na mais nova? Ainda se fosse uma coisa mais pequena, mas uma mentira destas, que traz aí enganada já tanta gente!».

Mas também, diante do Sr. Prior, como podia a pequena dizer que não vira quando tinha visto?

À letra se estavam verificando as palavras da meiga Senhora:
– *Ides, pois, ter muito que sofrer.*

Os olhos que tinham contemplado a Virgem e que se tinham extasiado diante da sua maravilhosa beleza, seriam, muitas vezes, marejados de lágrimas; ao mesmo tempo, a Senhora iria cumprindo a sua promessa:

– *A graça de Deus será o vosso conforto!*

CAPÍTULO IX

Ó MÃE, VENHA CONNOSCO AMANHÃ PARA VER NOSSA SENHORA!...

(Jacinta)

Aproximava-se então o dia 13 de Junho, dia marcado pela Virgem Santíssima para a sua segunda entrevista com as crianças.

A nova tinha, entretanto, alastrado por toda a freguesia e mesmo além, determinando as mais diversas impressões.

Em Aljustrel não se dava o mínimo crédito às afirmações dos pequenos. Motejos, acusações de intrujice, censuras ásperas à fraqueza dos pais ou incapacidade de lhes darem educação e o correctivo que tais circunstâncias reclamavam.

– Se fosse minha filha!... – dizia um, amarfanhando o carapuço na testa.

E um outro, manejando o varapau:

– Um bom chá de marmeleiro já lhes acabava com as visões.

Uma mulher, de mãos nas ancas, sobre a soleira da porta, gritava à Lúcia que passava na rua, cabisbaixa:

– Julgas que eu acredito nas tuas patranhas? Estou deserta!...

E os rapazes:

– Olha lá, Lúcia, Nossa Senhora anda a passear por cima dos telhados?...

E eram estas as menores afrontas.

O Rev. Prior da Fátima, P.^e Manuel Marques Ferreira, sacerdote zeloso e prudente, por sua parte, estava bem longe de defender as crianças: mantinha-se na mais absoluta reserva. Nem outra podia ser, evidentemente, a sua atitude.

Mais benigna atmosfera encontraram os videntes fora do seu lugarejo natal: aqui também era a efectivação das palavras do Redentor: «Ninguém é profeta na sua terra».

Das cinquenta pessoas, que no dia treze de Junho compareceram na Cova da Iria, animadas de boa vontade em dar crédito às afirmações dos pastorinhos, uma há que merece particular atenção pela parte que teve na sequência da história das Aparições e da vida do Santuário: a Sr.^a Maria dos Santos Carreira que, há já muito tempo, não é conhecida senão pelo epíteto de «Sr.^a Maria da Capelinha».

Na sua residência nos baixos do Hospital do Santuário, em várias conversações, contou-nos tudo quanto sabia acerca dos factos extraordinários da Cova da Iria que ela, quase desde o princípio, teve a dita de presenciar. Sem dúvida alguma, Maria da Capelinha é uma das almas que a Virgem Santíssima encontrou mais bem disposta para acreditar na sua vinda à terra. Apesar de já velhinha e cansada, a Sr.^a Maria proporcionou-nos algumas horas de verdadeiro gozo espiritual, fazendo-nos reviver com ela as impressões que jamais se lhe hão-de apagar do espírito e do coração.

Aqui transcrevemos as suas palavras na simplicidade encantadora com que lhe saíam dos lábios mirrados, pausadamente, a fim de dar tempo de firmá-las no papel.

«Sempre fui doente e estava mesmo, havia sete anos, desengana-
nada dos médicos: pouco tempo me davam de vida.

Tinham passado dois ou três dias depois da primeira aparição, quando à noite o meu homem, que tinha ido sarchar com o pai da Lúcia, me disse assim: – Não queres saber, mulher, o António Abóbora contou-me que Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria a uma das suas cachopas, a mais nova, e mais a dois filhos da irmã, a Olímpia, a que está casada com o ti Marto. Nossa Senhora falou com eles e prometeu-lhes voltar ali todos os meses até Outubro.

E eu, então, respondi-lhe: – Pois eu hei-de saber se isso é certo ou não. E se for, também eu quero lá ir: só se de todo não puder. Mas onde é a Cova da Iria? – perguntei. Na verdade a Cova da Iria é muito pertinho do nosso lugar, a Moita... Uns dez minutos a pé da minha casa, mas eu nunca tinha vindo para estas bandas; ninguém falava neste nome. Então, não tinha importância nenhuma e agora todo o mundo o sabe!

O meu homem lá me indicou onde era e acrescentou: – Queres lá ir?... És bem doida! pensas tu que A vês?

Sei bem que A não vejo, mas se nos dissessem que o rei ia lá, ninguém ficava em casa a ver se o via; dizem que vêem Nossa Senhora e não havemos de fazer por A ir ver?

Então ele calou-se; e quem cala consente. Pela minha parte estava bem resolvida a vir até cá no dia treze de Junho».

Para compensar as crianças de tanta incredulidade e consolá-las da hostilidade que as feria de mil maneiras, a Providência acabara de dispor esta alma que, entre outras, se ajoelharia, crente e devota, junto da azinheirinha miraculosa na memorável festa de Santo António de 1917.

Chegou assim o 12 de Junho.

Na Fátima reinava o alvoroço próprio das festas anuais da aldeia. Ao Orago da freguesia competia sempre Missa cantada, sermão, procissão e, além de tudo isso, música, foguetes, bodo, arraial.

Rapazes e raparigas naquele tempo, como hoje, lá iam aos ranchos em preparativos das bodas que o Santo devia patrocinar.

Repicavam os sinos, distribuíam-se as merendeiras de pão alvo. Cada mordomo levava um carro de bois enfeitado com braças de árvores, flores, bandeiras e colchas, onde transportava, com a mulher e os filhos, o bodo de quinhentas merendeiras com que todo o povo era contemplado. Davam-se umas voltas à Igreja e ia-se parar diante da varanda do Sr. Prior que benzia aquilo tudo. Com paus fazia-se uma grande vedação em volta dos carros, apenas com algumas aberturas, pelas quais as pessoas passavam a fim de receber a merendeira. Isto até que acabasse a distribuição.

«De tudo isso – conta-nos Maria dos Anjos – a mãe sabia que a Lúcia gostava imenso e tinha esperanças de que toda a história da Cova da Iria lhe passasse com a festa da igreja e do arraial.

– Ainda bem que amanhã temos grande festa – dizia-nos ela. A gente não lhe fala mais na Cova da Iria, só lhe falamos na festa e ela amanhã talvez já não se lembre... A gente é que tem culpa, que anda sempre a lembrar-lho.

Com todo o cuidado seguimos os conselhos da mãe, mas a Lúcia calada, bem caladinha, pouco se lhe dava das nossas combina-

ções. De vez em quando, porém, não se tinha que não dissesse:
– Mas eu amanhã vou à Cova da Iria... Isso é que a Senhora quer!».

Como a Lúcia, também o Francisco e a Jacinta estavam decididos a sacrificar a festa de Santo António para voltar a ver, mais uma vez, aquela linda Senhora. E aguardavam com ânsia que chegasse a hora de partirem para a Cova da Iria.

Ambos os pequenos se referiam ao caso, pressaboreando a alegria imensa que a aparição da Virgem lhes ia dar. Queria a Jacinta também que a mãe participasse de tal felicidade e, na sua ingénua singeleza, não podia compreender como ela fosse tão contrária em admitir o que para si era tão evidente.

– Ó minha mãe, venha connosco amanhã à Cova da Iria para ver Nossa Senhora!

– Qual Nossa Senhora! tontinha!... Amanhã vamos a Santo António... Então não queres a tua merendeira?... E depois vem tanta música... há tantos foguetes... um sermão muito lindo!...

Música e merendeiras! Que palavras mágicas... verdadeiras varinhas de condão – pensava a ti Olímpia.

Mal sabia ela que havia já um mês, que a sua pequena mortificando-se pelos pecadores, como lhes tinha pedido a celeste Visão, renunciava aos cantares, às danças e até ao seu frugal almoço.

– Ó mãe – continuava a pequena – mas na Cova da Iria aparece Nossa Senhora!

– É bem escusado lá ires. Nossa Senhora não te aparece.

– Não?, mas aparece! Nossa Senhora disse que aparecia, por isso, aparece com toda a certeza!

– Não queres ir então a Santo António?

– Santo António não é bonito.

– Porquê?

– Porque aquela Senhora é muito, mas muito mais bonita. Eu vou à Cova da Iria, mais a Lúcia, mais o Francisco. Se aquela Senhora disser que vamos a Santo António, então vamos.

Diz o Sr. Marto:

«Que coisa! – pensava eu, todo embaraçado. Ir à Cova da Iria com os cachopos?... e se não aparecesse nada?... Deixá-los ir para lá sozinhos e a gente ir ali para a festa?... Hum!... Também não está direito. Então tive uma ideia. Há feira amanhã na Pedreira; pois vou

lá comprar os bois... Olha, mulher, – digo para a minha Olímpia – amanhã, não queremos saber de festas... nem de coisas... Vamos à feira a mercar os bois e quando a gente cá voltar, o caso dos cachopos estará arrumado. Grande trapalhada é esta!...».

A Jacinta, mal abriu os olhos, saltou da cama e correu ao quarto da mãe para a convidar mais uma vez a ir à Cova assistir à entrevista com a Virgem; mas qual não foi o seu espanto ao ver a cama vazia. Logo, porém, entrava o irmão mais velho e avisava-a de que os pais tinham saído e que voltariam à noite. A primeira sensação da pequena foi de pesar:

– E a mãe que não vê Nossa Senhora!...

Mas a seguir foi quase com júbilo que pensou:

– Ao menos podemos ir descansados.

Correu, então a despertar o irmãozito e, enquanto este se ia vestindo, foi abrir o gado para haver tempo de terem tudo a postos, podendo assim ser pontuais na Cova da Iria.

Mordiscando o pão e o queijo pelo caminho, lá se foram pressurosos. Junto do barreiro já nosso conhecido, encontraram a Lúcia que os aguardava não menos ansiosa.

Hoje, vamos aos Valinhos – decidiu esta peremptoriamente.

– Não falta lá erva, e assim a gente despacha-se depressa.

E os três, agora alegres como pardalitos, levaram as ovelhas em direcção ao Cabeço.

Uma hora, hora e meia, e o gado já estava satisfeito. Voltaram a casa, fecharam-no no curral e foram-se ataviar com os fatos domingueiros.

– Eu não espero por vocês – disse a Lúcia aos primos – eu vou indo para a Fátima, que quero lá falar com umas cachopas, das que fizeram a Comunhão comigo.

Ficou combinado.

Um xaile bem ajeitado, sapatos novos, um lenço branco na cabeça: foi um pronto enquanto a Lúcia se arranjou.

A mãe observava-a com atenção, mas não lhe dizia palavra; esfregava as mãos de contente, pensando que Santo António lhe fizera o milagre.

– A gente logo vê – dizia à irmã mais velha, Maria dos Anjos – se ela volta para a Fátima ou se segue para a Cova da Iria.

Em todo o caso, o dever impunha-lhe que averiguasse o facto. Combinou-se então que, se os pequenos fossem para a Cova, a mãe os seguisse e aí, escondida, os observasse. E, se eles mentissem e alguém lhes batesse, intervinha, tanto mais que os pais do Francisco e da Jacinta tinham ido para a feira. Expunha-se, na verdade, a ser escarnecida, mas paciência!...

– Eu vou andando para a igreja – disse baixinho à filha – e tu lá, então, avisas-me do que há.

E a Sr.^a Maria Rosa saiu sozinha, preocupada e triste, como nunca se sentira na sua afanosa vida de mãe de família. A meio do caminho, talvez, encontrou-se com umas cinco ou seis pessoas estranhas, que ela supôs virem à festa do Padroeiro. Julgando que iam enganadas, a boa mulher, apesar das suas atribulações, disse-lhes:

– Olhem que os senhores vão errados. A Fátima não é para aí.

– Da Fátima vimos nós; o que queremos é ir a casa das crianças que viram Nossa Senhora.

– E donde são os senhores? – balbuciou a Sr.^a Maria Rosa.

– Somos de Carrascos. E onde estão os pequenos?

– Estão em Aljustrel; mas daqui a pouco vêm também para a festa de Santo António – respondeu-lhes a boa mulher, sem todavia lhes manifestar que era a mãe dum deles.

– Já há mais gente que vai à Cova da Iria – pensava. – É-me, portanto, impossível chegar lá sem ser observada. Alguém há-de dar comigo... Esta gente parece séria... Seja então como for! Tudo à conta da divina Providência! Não saio daqui.

Com grande satisfação e não menos espanto da parte das irmãs, a Lúcia dirigiu-se também para a igreja da Fátima, sumindo-se no meio das outras rapariguitas.

– Cachopa tão festeira... não se devia esperar outra coisa dela!

A festa, porém, da Lúcia, nesse dia, era bem diversa.

Eis o que nos conta a Sr.^a Leopoldina dos Reis, que é aproximadamente da idade dela:

«Juntámo-nos ali umas catorze, todas da Comunhão Solene daquele ano, e resolvemos acompanhar a Lúcia à Cova da Iria. Como de costume, quando a Lúcia propunha uma coisa, ninguém se escusava.

Íamos já todas de ranchada, quando apareceu o António, irmão

dela, e lhe disse: – Não vás à Cova da Iria...Para quê?... Não vás que eu dou-te um vintém. E ela respondeu: – Não me importo do vintém; o que eu quero é lá ir. Seguimos até além, àquela casa (uns cem metros da Igreja) e o rapaz sempre atrás de nós a querer-nos fazer desistir. Mas nós sempre para a frente».

No caminho outras pessoas se juntaram ao rancho das pequenas. Entre essas, umas que vinham de Torres Novas.

Quando chegaram onde é agora a entrada do Santuário, deram com um grupo de mulheres que estavam à espera dos videntes. Lá se via também, acompanhada do filho João, rapaz de 17 anos, aleijadinho, a Sr.^a Maria da Capelinha que já conhecemos e a quem damos novamente a palavra:

«Como já tinha decidido, não queria de modo nenhum faltar no dia 13 de Junho à Cova da Iria. Foi assim que na véspera, à noite, eu disse para as minhas filhas:

– E se fôssemos à Cova da Iria, antes que a Santo António?

– À Cova da Iria, a fazer o quê? – diziam elas. – Não, mais vale ir à festa. Então voltei-me para o meu aleijadinho, o meu João.

– E tu também queres ir à festa ou vir comigo?

– Pois vou consigo.

Antes mesmo que o resto da família fosse lá para a festa, vim eu para aqui, mais o meu João, arrumado a um pauzinho.

Não se via viva alma. Seguimos então para a beirinha da estrada, por onde deviam vir os pequenos. Ali nos sentámos, até que veio uma mulherzinha da Loureira (freguesia de Santa Catarina) que se mostrou admirada de me ver ali porque sabia que eu estava doente de cama.

– O que é que vossemecê está aqui a fazer? – perguntou-me.

– O mesmo que vossemecê também cá vem fazer – respondi. Sem mais palavras, a mulher sentou-se ao pé de mim.

Momentos depois chegou um homenzito da Lomba de Égua e as falas que trocámos foram, a bem dizer, as mesmas. Em seguida, apareceram algumas mulheres de Boleiros a quem eu perguntei se vinham a fugir da festa.

– Não faltou quem se risse de nós – disse uma, mas a gente tanto se lhe dá. Já agora queremos ver o que acontece aqui e, se é deles ou de nós que se deve fazer troça.

Veio depois mais gente, até que, pelas onze, chegaram as crianças a quem Nossa Senhora tinha aparecido, com outras cachopas e mais pessoal que vinha de longe, perto de Torres Novas, do Outeiro – o Outeiro Grande ou o Pequeno, não sei bem. Viemos então todos para baixo até à azinheira. A Lúcia parou uns três metros na frente dela e ficou assim olhando para o Nascente. Estava tudo calado. Foi então que eu lhe perguntei:

– Ó menina, qual é a azinheira onde Nossa Senhora apareceu?

– Olhe, foi aqui que ela poisou – e pôs a mão sobre a copa.

Era uma arvorezinha, mais ou menos da altura de um metro, na força do crescimento; as ramas eram todas direitinhas, muito viçosas, muito bonitas.

A Lúcia afastou-se um pouco e voltou-se de novo para as bandas da Fátima e depois seguiu para a sombra da azinheira grande. Fazia muita calma. A Lúcia sentou-se junto do tronco; o Francisco e a Jacinta sentaram-se um de cada lado dela.

Com as outras crianças puseram-se a comer tremoços e a brincar todas por igual – diz-nos a também já mencionada Sr.^a Leopoldina –. Mas à medida que o tempo ia passando a Lúcia ia ficando mais séria, mais pensativa. A Jacinta, essa, brincava sempre e a Lúcia dizia-lhe: – Está quieta, Jacinta; Nossa Senhora está a chegar.

Os que vieram de longe – continua a Sr.^a Maria da Capelinha – começaram a merendar e a fazer oferecimentos aos pequenos que aceitaram só uma laranja cada um; mas eles não a comeram. Estou a vê-los ainda todos os três com as laranjitas nas mãos. Entretanto uma rapariga de Boleiros ia lendo em voz alta coisinhas bonitas dum livro de orações que trazia. Eu, como andava muito doente e sentia muita fraqueza – devia ser perto do meio-dia solar – perguntei a Lúcia:

– Nossa Senhora tardará muito tempo?

– Não senhora, não tarda muito – respondeu-me ela.

Aquilo, a pequena estava a vigiar os sinais.

Rezámos então o terço e quando a rapariga de Boleiros ia começar a Ladainha, a Lúcia interrompeu-a dizendo que já não havia tempo. Imediatamente pôs-se de pé e gritou:

– Jacinta, lá vem Nossa Senhora, que já deu o relâmpago!

Todos três correram para a azinheira e nós atrás deles; ajoelhámos sobre as moitas e os tojos.

A Lúcia levantou as mãos como em oração e eu ouvia-lhe dizer:

– Vossemecê mandou-me aqui vir, faz favor de dizer o que quer.

Então começámos a ouvir uma coisa assim, a modo duma voz muito fina, mas não se compreendia o que dizia; era como um zumbido de abelha!».

O que as cinquenta pessoas reunidas em volta da azinheira não tinham compreendido, é-nos revelado pela Irmã Lúcia das Dores:

– Quero que venhais aqui – respondera a Mãe do Céu – no dia treze do mês que vem, e que rezeis o terço intercalando entre os Mistérios a jaculatória: meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai todas as almas para o Céu, especialmente as que mais precisarem.

Quero que aprendais a ler – continuou a Virgem – e depois direi mais o que quero.

A Lúcia anima-se e pede a cura dum doente que lhe tinha sido recomendado.

A Senhora responde-lhe que, se se converter, curar-se-á durante o ano.

Mais corajosa ainda, a vidente suplica:

– *Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.*

– *Sim – responde a Virgem Santíssima – à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração*¹.

¹ É este o primeiro segredo que a Lúcia revelou ao seu confessor em 1927. «Em 17 de Dezembro de 1927 – *assim conta ela* – perguntei a Nosso Senhor como poderia satisfazer a ordem do meu confessor de pôr por escrito algumas graças recebidas se, entre elas, havia também o segredo de Nossa Senhora.

Jesus então, em voz clara, fez-me ouvir estas palavras: – Minha filha, escreve o que o confessor mandou, escreve também tudo aquilo que a Virgem Santíssima te revelou nas aparições e que fala da devoção ao seu Imaculado Coração. Quanto ao resto do segredo, continua a ocultá-lo».

Ficar no mundo sem a companhia dos seus amiguinhos, sem os quais lhe parecia impossível viver, que pena!...

– *Fico cá sozinha?* – perguntou, um pouco assustada.

– *Não, filha. E tu sofres muito com isso? Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.*

Estas palavras gravaram-se profundamente na alma da pastora que irá sempre ouvir, no Coração Imaculado da sua Mãezinha querida o conforto e o alívio para os seus sofrimentos, o amparo na luta terrível que terá de sustentar contra o inferno e o mundo, coligados para abalar a sua fé e obstar a que as Aparições da Fátima produzam toda a soma de bem e de graça destinadas pela Divina Providência.

«Foi no momento que disse estas últimas palavras – continua a Irmã Lúcia – que a Virgem abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo da luz imensa que A envolvia. Nela nos vimos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco pareciam estar na parte que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. A frente da palma da mão direita de Nossa Senhora estava um Coração cercado de espinhos que nele se cravavam. Compreendemos que era o Coração Imaculado de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação».

Como na primeira aparição e nas subsequentes, a Virgem falava só com a Lúcia. Jacinta ouvia as palavras de ambas, ao passo que o Francisco nada ouvia, tendo conhecimento de tudo pela Lúcia.

Qual o motivo? Não sabemos. Nosso Senhor distribui as suas graças como quer e na medida que quer ¹.

«Quando Nossa Senhora se retirou da árvore foi assim como o

¹ Um pormenor que ouvimos dos lábios da Sr.^a Maria da Capelinha esclarece-nos talvez um pouco.

Numa ocasião – *conta ela* – encontrei-me com a Jacinta e a Lúcia.

– Olha, Lúcia – perguntei-lhe – por que é que Nossa Senhora só fala contigo e não fala à Jacinta, nem ao Francisco?

A pequena respondeu-me:

– Pois a Jacinta é uma caladona que não fala... Se ela falasse, Nossa Senhora falaria também com ela.

A Jacinta olhou para mim e para a Lúcia; nada disse e sorriu.

sopro dum foguete, lá muito ao longe quando sobe... – prossegue na sua narração a Sr.^a Maria.

A Lúcia levantou-se muito depressa e com o braço estendido dizia: – Olha, vai ali, vai ali...

Por nós, nada vimos; só uma nuvenzita, um palmo retirada da rama, que ia subindo devagarinho, caminhando para diante, para o Nascente, até que de todo se sumiu.

Algumas pessoas diziam: – Ainda a vejo; lá está... até que, por fim, já ninguém afirmava de a ver.

Os pequenos estavam calados, sempre com a vista naquele ponto até que, um pedacinho depois, a Lúcia disse:

– Pronto! Agora já não se vê, já entrou para o Céu: já se fecharam as portas.

Voltámos então para a azinheira milagrosa e qual não foi a nossa admiração vendo que os rebentos de cima, que antes estavam todos de pé, estavam agora tombadinhos para o Nascente, como se tivessem sido pisados!

Começámos então a tirar raminhos e folhinhas da copa da azinheira, mas a Lúcia recomendava que tirássemos de baixo, do que Nossa Senhora não tinha tocado. Reparei então num pé de rosmaninho muito viçoso que ali estava e que tinha uma flor tão linda que também levamos para recordação.

– Rezemos o terço – disse alguém vendo que a gente começava a abalar, cada um para o seu destino. Mas umas pessoas de mais longe disseram: – Rezemos somente a Ladainha e vamos rezar o terço no caminho para a Fátima.

Acabada a Ladainha, toda aquela gente seguiu, rezando, para a Fátima com as crianças e ali chegaram quando a procissão ia na rua. Logo foi notado o povo que de cá vinha e, a quem lhes perguntava donde vinham, respondiam que da Cova da Iria e que estavam muito satisfeitos por cá terem vindo. Muitos tiveram pena de não terem feito o mesmo mas já era tarde».

Não admira, pois, que em Julho esses cinquenta peregrinos se tivessem multiplicado, de forma a chegar a dois ou três milhares.

CAPÍTULO X

SE NOS BATEREM, SOFREMO PELOS PECADORES...

(Jacinta)

Seriam quatro horas da tarde quando os três pequenos retiraram para casa, seguidos duma multidão de curiosos que começaram a atormentá-los com perguntas.

– Ó Lúcia, a tal mulherzica também veio hoje passear por cima das oliveiras?

– Então, Jacinta, desta vez a Senhora não vos disse nada?

– Olhem lá... Então vocês ainda cá estão... ainda não foram para o Céu?...

Para os pequenos era um verdadeiro martírio aquela irreverência para com a Senhora tão boa e tão triste, tão digna de respeito e de amor.

Em casa, a Jacinta ficava calada e respondia apenas com monossílabos às perguntas que também ali lhe não eram poupadas. Quando muito, contentava-se em repetir que era preciso rezar o terço todos os dias, que a Senhora voltaria nos próximos dias treze até Outubro, e então diria quem era e o que queria. Sobre o segredo, nem palavra. Teria, sim, querido deitar-se ao pescoço da mãe e gritar-lhe:

– Ó mãe, aquela linda Senhora disse-me também que eu iria em breve para o Céu!

Mas uma imperiosa necessidade, que todos os três sentiam, impeli-a a guardar silêncio.

Sobre um ponto, todavia, a Jacinta falava livremente: a beleza da celeste Visão, toda luz, toda oiro resplandecente.

– Aquela Senhora era tão bonita como fulana? – perguntavam-lhe as irmãs.

– Muito, mas muito mais bonita!

– Como aquela santinha que está na igreja e que tem um manto com tantas estrelas?

Era Santa Quitéria.

Não, muito, mas muito mais bonita!

– Como Nossa Senhora do Rosário?

– Muito mais ainda!

E a mãe e as irmãs mostravam-lhe, como passando em revista, todos os santinhos que tinham na casa de fora. Mas a beleza da Senhora que a Jacinta tinha contemplado na Cova da Iria era infinitamente superior, não tinha comparação cá na terra ¹.

– Mas o que é que Ela vos disse desta vez? – insistiam.

Então a Jacinta baixava a cabeça, repetia que era preciso rezar o terço... que a Senhora voltaria... e que lhes tinha revelado um segredo, mas que o não podiam manifestar.

Um segredo!... Mas que podia ser esse segredo?...

Desde então, a Jacinta nunca mais teve paz: todos, fora e dentro de casa, à excepção do pai, perseguiram-na com perguntas para lhe arrancar o segredo.

«Todas as mulheres queriam saber o que era – diz-nos o Sr. Marto – mas eu nunca lhe perguntei nada a este respeito. O que é segredo, é segredo, e é preciso guardá-lo.

¹ Numa ocasião – relata o Rev. P.º Manuel M. Ferreira, Prior da Fátima, no Processo canónico sobre as Aparições – estávamos a 21 de Agosto, vieram a Fátima cinco senhoras e pediram-me que as acompanhasse a casa dos videntes. Havia entre elas uma menina que podia ter uns quinze anos e que vestia de branco. Chegadas a casa do Sr. Marto chamei e apareceu a Jacinta que estava sozinha em casa. A pequena espantou-se com as visitas. Depois de a animar um pouco digo-lhe: – Olha, Jacinta, a Senhora que viste na Cova da Iria é uma destas ou é parecida com alguma destas?

A criança levantou os olhos, mirando-as todas em silêncio e disse:

– Não era nenhuma destas. A outra era mais bonita.

Mostrei-lhe então a jovem vestida de branco e disse-lhe:

– Não é então esta senhora tão linda como a que tu lá viste?

– Esta senhora – respondeu – é muito bonita, mas a que eu vi na Cova da Iria era muito mais bonita.

Lembro-me duma vez que vieram aqui ter umas senhoras todas carregadas de ouro.

– Gostas disto? – diziam à cachopita mostrando-lhe os cordões e as pulseiras.

– Gosto – respondia a criança.

– Então queres?

– Quero.

– Então diz o segredo!

E as senhoras faziam menção de tirar as jóias. Mas a pequena muito aflita, pôs-se a gritar:

– Deixem, não tirem isso, que eu não digo nada! Nem que me dessem o mundo todo eu dizia o segredo!».

Um outro dia veio a Sr.^a Maria Rosa das Neves, da Moita, com uma sobrinha, e a Jacinta, mais uma vez, estava sozinha em casa.

– Olha, Jacinta – disse-lhe a mulher – diz-me o segredo e eu dou-te esta linda fieira de contas de ouro.

Com jeito travesso, respondeu a Jacinta:

– Se vossemecê me dá aquela linda medalha, que está ali ao pescoço da sua sobrinha, então digo-lho.

– Ah essa não ta posso dar porque é dela.

– Mas dou-ta eu – interpôs a pequena.

E a Jacinta, sempre com o mesmo sorriso agorotado:

– Descansa que não a quero! Nem que me dessem o mundo todo dizia o segredo.

Para os três videntes, esta insistência era uma verdadeira tortura, mas não era o sacrifício maior, sobretudo para a Lúcia.

Outras provações, bem mais cruéis, deviam purificar as almas das crianças e torná-las cada vez mais dignas das graças extraordinárias que o Céu lhes tinha destinado.

Na ordem actual da Providência é sempre assim. Aos seus amigos mais íntimos e mais queridos, Nosso Senhor oferece não uma coroa de rosas, mas de espinhos; não os conduz ao Tabor, mas ao Calvário; não lhes dá riquezas, honras, prazeres, mas um cálice de ignomínia, uma pesada cruz.

Segundo a promessa da Virgem os dois irmãozitos, Francisco e Jacinta, iriam em breve para o Céu: era preciso, portanto, que a graça trabalhasse apressadamente os seus corações.

A Lúcia, por sua vez, tinha recebido a sublime missão de espalhar no mundo a devoção ao Coração Imaculado de Maria e, por consequência, não era menos urgente a purificação e o embelezamento da sua alma no caminho da tribulação.

Esta, e não outra, é a explicação das lutas renhidas, dos sofrimentos, às vezes atrozes, que as crianças tiveram de suportar para cumprir a Mensagem da Virgem.

Tinha o Pároco recomendado à mãe da Lúcia que deixasse a pequena ir à Cova da Iria no dia 13 de Junho, mas que logo depois a conduzisse a sua casa para a poder interrogar e que comunicasse também essa ordem ao Sr. Marto.

«E lá fui – conta ele – tal qual como aqui estou, na boa fé.

– Sr. Prior, a minha cunhada disse-me para vir cá com os pequenos.

Por isso vim cá falar com o Sr. Prior para se saber melhor o que se há-de fazer.

E ele vai assim:

– Pois é tanta trapalhada! Umás vezes é branco, outras vezes é preto!...

Eu não me afligi nada:

– O Sr. Prior acredita mais nas mentiras que nas verdades.

E ele:

– Eu nunca ouvi dizer coisas destas senão agora. Os mais sabem primeiro as coisas do que eu.

O Prior estava com um pouco de génio e rematou aborrecido:

– Se quiser trazê-los, traga-os; se não quiser, não os traga. Fica isso à sua responsabilidade.

– Ó Sr. Prior, para bem e em bem, eu venho.

Sáímos então para a varanda e tratei de ir mexer para casa, mas quando ia ao meio da escada, o Sr. Prior disse-me de novo:

– Ó ti Manel, isso fica à sua responsabilidade. Se quiser trazê-los, traga-os; se não quiser, não os traga.

Eu acabei de descer os últimos degraus e voltei-me para ele a repetir:

– Em bem e para bem, venho cá. Para desarmonia, não».

Naquela mesma tarde, à noitinha, a Lúcia foi a casa dos primos e disse-lhes:

– Amanhã vamos a casa do Sr. Prior. Vou com a mãe. E as minhas irmãs estão a meter-me muito medo com isto.

– Nós também vamos – respondeu a Jacinta. – O Sr. Prior mandou também dizer à nossa mãe para nos levar lá mas ela não nos disse nada dessas coisas. Paciência! Se nos baterem, sofremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores.

«No dia seguinte – continua o Sr. Marto – a Maria Rosa acompanhou lá as pequenas e penso que também o Francisco. Quando voltou para casa foi ter comigo e disse-me: – Ó compadre, fui a casa do Sr. Prior, levei a minha Lúcia e a Jacinta e ele perguntou à Jacinta e ela nunca lhe respondeu palavra. – Não sabes nada, senta-te ou vai para onde quiseres – disse o Sr. Prior. A Jacinta pegou no terço e começou a rezar. O Sr. Prior começou então a interrogar a Lúcia que ia respondendo como entendia. A Jacinta, de vez em quando, levantava-se e dizia para a Lúcia: – Não te esqueças de explicar as coisas assim e assim... Foi aí que a minha cunhada se admirou e o Prior, um pouco zangado, disse então à pequena: – Quando te perguntei não sabias nada, nem dizias palavra e agora já sabes».

O interrogatório, é claro, não satisfez o pároco.

«Não é possível – pensava – que Nossa Senhora viesse do Céu à terra só para dizer que rezassem o terço todos os dias – costume, aliás, quase geral na freguesia... Demais, quando se dão coisas destas, de ordinário, Nosso Senhor manda a essas almas, a quem Se comunica, dar conta do que se passou a seus confessores ou párocos; e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode. Isto também pode ser um engano do demónio; vamos a ver: o futuro nos dirá o que havemos de pensar».

Talvez que o seu juízo tivesse sido diferente se a Lúcia se mostrasse mais aberta com ele e lhe tivesse referido qualquer coisa mais do que a Virgem lhe comunicava. Diversamente todavia era o juízo da Providência que quis dispor as coisas de tal forma, para mais se sacrificarem pelos pecadores.

– Isto pode ser um engano do demónio – tinha dito o Sr. Prior, a quem desde pequenita a Lúcia, como de resto todas as crianças, e até os adultos da aldeia, tinham o maior respeito, verdadeira consideração.

– E se fosse verdade?... – dizia consigo a Lúcia. – Se o Sr. Prior tivesse razão?...

Seria talvez esse o maior espinho a enterrar-se no coração da pequena. Tanto sofreu, pobrezita, não podendo pensar que o Sr. Prior se enganasse!

«Comecei então – conta a Lúcia – a duvidar se as manifestações seriam do demónio que procurava por este meio perder-me, e, como tinha ouvido dizer que o demónio trazia sempre a guerra e a desordem, comecei a pensar que, na verdade, desde que via essas coisas, não havia mais alegria, nem bem-estar em nossa casa. Que angústia eu sentia!... Manifestei aos meus primos a minha dúvida; a Jacinta respondeu:

– Não é o demónio, não! O demónio, dizem que é muito feio e que está debaixo da terra no inferno, e aquela Senhora é tão bonita e nós vimo-la subir ao Céu».

Foi um raio de sol na noite tormentosa em que a Lúcia se debatia; fugaz, porém, porque a dose de sofrimentos que lhe tinha sido destinada não ia sequer em meio.

Pouco a pouco a Lúcia perdia aquele entusiasmo pela mortificação que lhe tornara, dantes, suaves os mais heróicos sacrifícios: sentia uma espécie de apatia que não sabia explicar. Chegou até ao ponto de hesitar se não seria melhor dizer que tinha mentido e assim acabar com tudo.

A Jacinta e o Francisco, os seus anjos consoladores, diziam-lhe porém:

– Não faças isso! Não vês que agora é que tu vais mentir e que mentir é pecado?

E o céu da Lúcia novamente serenava. Em breve, contudo, voltaria a tempestade: obcecava-a a ideia de ser juguete do demónio. A confirmá-la neste seu juízo e a aumentar-lhe as trevas do espírito, teve uma noite um sonho.

«Vi o demónio que, rindo-se de me ter enganado, fazia esforços para me arrastar para o inferno. Ao ver-me em suas garras, comecei a gritar de tal forma, chamando por Nossa Senhora, que acordei a minha mãe, a qual me chamou, aflita, perguntando-me o que eu tinha. Não me lembro do que lhe respondi: do que me lembro é que, naquela noite, não pude mais dormir, pois fiquei tolhida de medo.

Este sonho deixou, no meu espírito, uma nuvem de verdadeiro medo e aflição».

Era um simples reflexo do seu estado de espírito: pensando constantemente no demónio, não podia deixar de sonhar com ele.

Os únicos momentos de paz eram os que gozava com os primos na Cova da Iria, ao pé da azinheira. Ali encontravam eles, muitas vezes, a Sr.^a Maria Carreira que os acompanhava nas orações e que, com as suas poucas forças, ia dando um arranjo ao local bendito. Com ela e com as filhas que vinham trazer-lhe o jantar se entretinham alegremente.

Na verdade, Maria da Capelinha foi uma das primeiras crentes e uma das mais sinceras devotas de Nossa Senhora da Fátima.

«Na tarde mesmo da festa de Santo António – assim o narra ela – as minhas filhas ao voltarem da Fátima, disseram-me:

– Então, mãe, foi bonito na Cova da Iria?

– Olhem, só vos digo que tive pena que vocês não fossem também.

– Sempre foi verdade que apareceu Nossa Senhora?

E eu contei-lhes tudo o que se tinha passado naquele dia.

Uma delas então disse-me:

– Pois havemos de lá ir no domingo.

E assim fizemos. Estávamos a rezar o terço ao pé da azinheira quando vimos passar dois da Lomba de Égua. Também eles nos viram e disseram um para o outro: – Olha, já lá está gente em baixo, onde apareceu Nossa Senhora.

Escondemo-nos no mato a ver o que eles faziam. Traziam cravos, puseram-nos nos ramos e depois ajoelharam-se a rezar, eles também, o terço. Ficámos assim em silêncio para os não estorvar e só depois nos juntamos a eles.

Desde então, eu nunca deixei de voltar à Cova da Iria. Em casa não tinha forças para nada; vinha até aqui todos os dias e, mal chegava, logo me sentia outra.

Comecei a fazer ali em volta da azinheira uma limpeza, assim a modo duma pequena eira, arrancando moitas e tojos, cortando outros rentes que até para isso trazia um serrote dos de podar as oliveiras. Tirava as pedras, e, por fim, atei uma fita de seda numa braça da azinheira e fui eu que lhe pus as primeiras flores».

CAPÍTULO XI

NÃO VOU... PORQUE TENHO MEDO QUE SEJA O DEMÓNIO...

(Lúcia)

Uma alegria íntima e profunda animava o Francisco e a Jacinta ao aproximar-se o dia 13 de Julho; não assim a Lúcia que, tristonha e desconfiada, quase se decidira a não voltar à Cova da Iria.

– O demónio é que aí anda a trabalhar – dizia-lhe a mãe.

Não era mais que o eco das palavras do Sr. Prior que não escondia os seus sentimentos absolutamente contrários a sobrenaturalidade dos factos.

Isso sabia-o muito bem a Sr.^a Maria Rosa. Falando uma vez o Pároco com o Sr. José Alves, natural da Moita, um dos primeiros a acreditar nas Aparições, dizia-lhe abertamente:

– Isso é invenção do demónio.

– Não, Sr. Prior – respondia-lhe o bom homem – na Cova da Iria reza-se e o demónio não quer nada com rezas.

– O demónio até vai à mesa da Comunhão – cortara o Pároco abruptamente.

Com humildade, José Alves concluía:

– O Sr. Prior estudou, e eu cá não...

À força de ouvir dizer que tudo aquilo era um engano do demónio, Lúcia ia acabando por se convencer. Pensava a pobre pequena que era caso resolvido e, na véspera do dia treze, quando o povo já começava a juntar-se, vindo de todas as partes e por todos os meios, lá foi procurar o Francisco e a Jacinta e comunicou-lhes o que tinha decidido.

Não menos resolutos, os dois irmãozitos responderam-lhe:

– Nós vamos; aquela Senhora mandou-nos lá ir. Falo eu com Ela declarou a Jacinta.

Mas logo começou a chorar.

– Por que choras? – perguntou-lhe a Lúcia.

– Por tu não queres ir.

– Não, eu não vou; olha, se a Senhora perguntar por mim, diz-lhe que eu não vou, porque tenho medo que seja o demónio.

E sem mais demora foi esconder-se, fugindo às pessoas que procuravam interrogá-la.

Julgava a mãe que ela andava na brincadeira e, à noite, re-prendia-a:

– Isto é que é uma santinha de pau carunchento; todo o tempo que lhe sobra de andar com as ovelhas, passa-o na brincadeira e de tal forma que ninguém a encontra.

No dia seguinte, contudo, perto da hora em que devem partir para a Cova da Iria, uma força interior, que a pequena não sabe explicar, leva-a a pôr-se a caminho.

Todas as dúvidas, todos os terrores desapareceram como por encanto. Passa por casa dos primos e espreita a ver se ainda lá estão. No quarto, de joelhos, junto da cama, ambos se debulham em lágrimas.

– Então vocês não vão? – pergunta Lúcia.

– Sem ti, não nos atrevemos a ir! Anda, vem!

– Já cá vou! – foi a resposta imediata.

Alegres como nunca, os três pastorinhos lá vão através do povo, que já enche os caminhos e que os assalta para os ver de perto, para os interrogar e fazer-lhes pedidos.

Havia pouco tempo que os pequenos tinham abalado para a Cova da Iria, quando a Sr.^a Olímpia, que tinha muito medo não acontecesse alguma coisa aos filhos, correu a casa da Sr.^a Maria Rosa.

– Ó comadre – disse-lhe toda assustada – vamos nós lá também, que já não tornamos a ver os nossos filhos! Nunca se sabe o que pode acontecer... Se lá os matam!...

– Deixa lá – respondia Maria Rosa – se é certo que Nossa Senhora lhes aparece, Ela se encarregará de os defender; e se não for, então não sei o que há-de ser...

Mas por fim sempre se resolveu a acompanhar a comadre à Cova da Iria.

Todas embiocadas com as saias pela cabeça, pelos carreiros através do mato, lá foram as boas mulheres, levando cada uma, escondida uma vela benta e uma caixa de fósforos.

«Porque – diz a ti Olímpia – se a gente visse que era coisa ruim, acendíamos as velas...».

Chegadas mesmo em frente da Cova da Iria, enovelaram-se atrás de umas moitas e puseram-se a observar o que se passava – o coração a bater-lhes desordenado, na expectativa da coisa ruim... que nunca apareceu.

Bem ao contrário, o Sr. Marto, convencido como estava da sinceridade dos videntes e, conseqüentemente, da veracidade das Aparições, seguiu desassombrado as crianças à Cova da Iria e procurou aproximar-se quanto pôde da abençoada azinheira, junto da qual, desde as primeiras horas do dia, já tinha tomado lugar muita gente – curiosos e devotos.

Entre os últimos lá se encontrava a Sr.^a Maria Carreira com o marido, as filhas e o João, o seu aleijadinho, que se sentara sobre uma pedra, na esperança de que Nossa Senhora lhe alcançasse a cura da sua deformidade.

Alguns dias antes, de facto, a Sr.^a Maria da Capelinha tinha pedido à Lúcia que rogasse à Virgem a cura do filho e a pequena tinha-lhe prometido que o não esqueceria.

Mas dêmos, mais uma vez, a palavra ao Sr. Marto que, na sua linguagem simples e pictórica, nos dá as suas impressões desse dia:

«Abalei de casa resolvido, desta vez, a ver o que se passava. Quantas vezes tinha eu já dito à comadre Maria Rosa:

– Se o povo diz que estas coisas são invenções dos pais e dos padres, ninguém sabe melhor do que eu e a comadre que isso não é assim. A gente não os puxa e o Sr. Prior... olhem lá... o Sr. Prior então!... Pois ele até está na sua que podem ser coisas do demónio... E, tabulando assim, meti-me à estrada. O que já lá ia de povo!... Eu nem avistei os pequenos, mas pelo jeito que via, de vez em quando, um magote a parar no caminho, futurava que eles iam à frente.

Num sentido, mais me convinha vir cá atrás, mas quando che-

guei lá abaixo, não me pude ter; o que eu queria era ficar pertinho deles.

Mas como? Nem se podia romper. Era o poder do mundo!... A certa altura, dois fulanos, um da Ramila e o outro aqui da terra, que até teve cá o civil, fizeram uma roda à volta das crianças, para elas estarem mais à vontade e, ao darem ali comigo, puxam-me por um braço e dizem:

– Este é o pai. Entre cá para dentro!

Fiquei mesmo rente com a minha Jacintica.

A Lúcia, ajoelhada um pouco mais à frente, passava as contas e todos respondiam em voz alta. Acabado o terço, levanta-se tão rápida que aquilo não era força dela. Olha assim para o Nascente e grita:

– Fechem os chapéus, fechem os chapéus, que já aí vem Nossa Senhora.

Eu por mais que olhasse nada via. Começando então a afirmar-me, vi assim a modo uma nuvenzinha acinzentada que pairava sobre a azinheira. O sol enturviscou-se e começou a correr uma aragem tão fresquinha que consolava. Nem parecia estarmos no pino do Verão. O povo estava mudo que até metia impressão.

E então comecei a ouvir um rumor, uma zoadá, assim a modo como um moscardo dentro dum cântaro vazio. Mas de palavras, nada! Julgo que há-de ser assim uma coisa, como quando a gente fala ao «telefónio»... Que eu nunca falei!

Mas que é isto? – dizia cá para mim. Isto é longe ou é aqui perto?

Tudo isso, para mim, foi uma grande aprovação do milagre».

Na verdade, a Virgem Santíssima voltara pela terceira vez sobre os braços da azinheira a falar com os seus três confidentes.

Diante da Visão Celestial, uma alegria inenarrável, uma paz imensa encheu o coração dos pequenos, da Lúcia especialmente, que, muda, quase não podia crer no que o seu olhar contemplava.

Com uma ternura infinita, como a duma mãe inclinada sobre o filhinho doente, a Virgem poisou o seu olhar magoado sobre a Lúcia, como a dizer-lhe: – Sou eu... e venho do Céu... No inferno não há, tanta alvura... tanta luz... Sobretudo não há bondade, não há doçura... Só no Céu desabrocham estas flores!...

A Lúcia ficara extática a contemplar, a absorver... Foi a Jacinta a despertá-la daquele sonho, daquele enlevo, dizendo-lhe:

– *Anda fala-Lhe que Nossa Senhora já está a falar.*

Humildemente, como a pedir-Lhe perdão de ter duvidado d’Ela, a Lúcia pergunta mais uma vez:

Vossemecê que me quer?

– *Quero que voltem aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer* – responde a Virgem.

A mãe duvidava... o povo escarnecia... o Sr. Prior dizia que podia ser coisa ruim... era preciso aproveitar a ocasião:

– *Queria pedir-Lhe para nos dizer quem é, e para fazer um milagre para que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.*

– *Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi quem sou e o que quero.*

E farei um milagre que todos hão-de ver para acreditarem.

Contentíssima e sem perder tempo a Lúcia começa a apresentar à Virgem os pedidos que lhe foram entregues.

A Senhora, com maternal indulgência, responde que curará uns; outros, não.

Que, quanto ao aleijadinho da Sr.^a Maria Carreira, não o curaria nem o tiraria da sua pobreza, mas que rezasse todos os dias o terço em família ¹.

Um dos recomendados era um enfermo da Atouguia que pedia para ir em breve para o Céu. A este, a resposta que a Senhora dava era:

– *Que não tenha pressa; eu bem sei quando o hei-de ir buscar.*

Eram ainda conversões: uma mulher da Fátima e os filhos, uma outra do Pedrógão, casos de embriaguez, curas etc. Todos deviam rezar o terço – era a condição geral para que as graças fossem obtidas.

A fim de reanimar o fervor decaído da Lúcia, a Virgem recomenda novamente a necessidade do sacrifício e confia-lhes novo segredo.

– *Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes e em es-*

¹ Se Nossa Senhora o não curou nem enriqueceu, deu-lhe meios de ganhar a vida. Enquanto viveu foi ele o sacristão da Capelinha das Aparições.

pecial sempre que fizerdes algum sacrificio: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

«Ao dizer estas palavras – continua a Lúcia – abriu de novo as mãos como nos dois meses anteriores. O reflexo que elas expediavam pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo e, mergulhados nesse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que fluuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados – assim como o cair das faúlhas nos grandes incêndios – sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor.

Os demónios distinguiram-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa.»

Foi então que saiu um suspiro, quase um grito dos lábios da Lúcia que impressionou vivamente os que a rodeavam.

– *Ai, Nossa Senhora!* – E o rosto, de expressão transtornada, torna-se-lhe quase cadavérico.

Os pobres pequenos assustados, como que a pedir socorro, levantam a vista para Nossa Senhora que lhes diz com bondade e tristeza:

– *Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para os salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração.*

Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz.

*A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, continuará outra pior*¹. *Quando virdes uma noite alumiada por uma*

¹ É interessante notar que a Jacinta já em Lisboa repetia: «se os homens não se emendarem, Nossa Senhora enviará ao Mundo um castigo como não se viu igual, e, antes dos outros países, a Espanha». A pequena falava também de grandes acontecimentos que se deviam realizar por volta de 1940. (Cartas da Madre Godinho de 19 a 30 de Novembro de 1937).

luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo dos seus crimes por meio da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre ¹.

Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados.

Se atenderem ao meu pedido, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições: os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas: por fim, o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.

Em Portugal conservar-se-á sempre o dogma da Fé.

Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo ².

De frente às coisas terríveis que viram e ouviram, as crianças ficaram sem palavras, quase sem sentidos.

Uns instantes de silêncio e esta pergunta da Lúcia:

– Vossemecê não me quer mais nada?

– Não, hoje não te quero mais nada.

Foi então que se ouviu uma espécie de trovão como a indicar que a Aparição cessara.

«Ouvir-se, nesta altura, uma coisa – conta o Sr. Marto – como de um grande trovão e o arquito, que lá tinham prantado para as duas lanternitas, todo ele estremeceu, como se houvesse um tremor de

¹ Lúcia julgou reconhecer o sinal de Deus na extraordinária aurora boreal que iluminou o céu na noite de 24 para 25 de Janeiro de 1938. – Por isso, convencida de que a guerra mundial – horrível, horrível – estava para rebentar, fez o possível para apressar a realização de tudo o que Nossa Senhora tinha comunicado.

² Foi este segredo que causou tanto sofrimento aos três videntes. Só depois da morte do Francisco (1919) e da Jacinta (1920) é que a Lúcia recebeu do Céu autorização para revelar a primeira e a segunda partes. A terceira parte do segredo foi entregue pela Lúcia ao Bispo de Leiria que a enviou para o Arquivo Secreto do Santo Ofício, em Roma.

terra; a Lúcia, que estava ainda de joelhos, levanta-se e volta-se tão rápida que até a saíca lhe fazia um balão.

E, apontando para o Céu, grita: – Lá vai, lá vai Ela!... – e depois duns instantes: – Já não se vê!...

Foi daí também que eu tirei uma grande aprovação!».

O colóquio terminara e a Virgem, como de costume, elevava-se para o mesmo ponto donde viera, até que desapareceu na imensidade azul.

Desfeita a nuvenzita cinzenta, que pairava sobre a carrasqueira, e refeitos todos da emoção, os pequenos viram-se mais ainda do que nunca, cercados e atormentados com perguntas.

– Ó Lúcia, que disse Nossa Senhora que ficaste tão triste?

– É um segredo.

– E é coisa boa?

– Para uns é boa, para outros é má.

– E não o dizes?

– Não, senhor, não o posso dizer!

E o povo apertava-os tanto que quase os sufocava. Num gesto rápido, vermelho, suando em bica, o Sr. Marto abriu passagem violenta com os cotovelos, pegou na sua Jacinta e, com ela ao colo, subiu à estrada, tendo-lhe posto o chapéu dele sobre a cabeça para a furtar ao sol esbraseante do meio dia.

No seu esconderijo, as duas atribuladas mães sentiam-se desfalecer. O movimento e o barulho na Cova pareciam-lhes verdadeiramente infernais.

– Ai, comadre, que nos matam os nossos filhos!... Lá os matam!... – dizia chorando a Sr.^a Olímpia.

Momentos depois, todavia, ao ver a sua Jacinta nos braços do pai, o Francisco ao ombro de outro parente, e a Lúcia bem segura nos braços hercúleos do Dr. Carlos Mendes, rejubilou e só teve uma exclamação, visando o conhecido advogado de Torres Novas: – Ai, comadre, que homem tamanho que ali está! ¹. Não esperaram por mais e partiram de carreira para casa.

¹ O distinto advogado diz-nos que neste ponto há equívoco da parte da Sr.^a Olímpia, pois que foi no dia 13 de Setembro que ele pegou na Lúcia ao colo para livrá-la dos apertos da multidão.

CAPÍTULO XII

MERGULHADOS NUM GRANDE MAR DE FOGO OS PECADORES...

(Lúcia)

Os pequenos voltaram a pastorear o seu gado na serra.

Por carreiritos desconhecidos procuravam ocultar-se à gente, que vinha cravejá-los de perguntas, para poderem entreter-se sozinhos a conversar sobre os mistérios que a Virgem lhes tinha feito entrever.

As horas passavam e o cantar alegre da Lúcia e da Jacinta e o pífaro do Francisco já não quebravam a solidão e a mudez da serra.

No espaço dum ano, como tudo mudara em volta deles!... Antes, as Aparições do Anjo, agora as Aparições e as revelações da Virgem, especialmente a última, tinham operado uma profunda e íntima transformação, uma verdadeira metamorfose nas suas alminhas tão simples.

Sob o influxo suave e delicadamente materno de Maria Imaculada, a Lúcia já não é a Lúcia de outrora, o Francisco e a Jacinta já não são os dois zagaletes vivos e despreocupados, os benjamins do rancho do Sr. Marto. Concentrados, quase imersos no sobrenatural, já não vivem a vida banal da outra gente, mas num mundo infinitamente superior.

Sentados sobre uma pedra, ou na relva macia, iam repetindo os mínimos particulares dos grandes acontecimentos, iam aprofundando o significado de tudo o que tinham visto e ouvido, iam pondo em prática os conselhos que a Mãe do Céu lhes tinha dado.

– Em que estás tu pensando agora? – perguntava a Lúcia à Jacinta, notando-lhe o rosto toldado de tristeza.

– Penso no inferno e nos pobres pecadores... O inferno! o inferno! que pena eu tenho das almas que vão para o inferno! E as pessoas lá vivas a arder como lenha no fogo!... Ó Lúcia, por que será que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não faziam mais pecados, para não irem para lá.

E como a Lúcia se quedasse calada e pesarosa, embaraçada com a pergunta:

– Ó Lúcia, por que não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o inferno aquela gente?

– Esqueci-me – respondia a Lúcia cada vez mais triste.

Então a pequenita, ajoelhando no chão, juntava as mãozinhas e repetia entre soluços as palavras que a Virgem lhes tinha ensinado:

– *Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisam.*

As ovelhitas iam roendo, tranquilas, rebuscando entre os tojos a erva ressequida, e as três crianças prostradas, olhando ao longe o Céu, repetiam sem cessar:

– *Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisam.*

Volta e meia, como que despertando dum sonho, a mais novinha interpelava a prima e o irmão:

– Ó Lúcia, ó Francisco, vocês estão a rezar comigo? É preciso rezar muito para livrar as almas do inferno. Vão para lá tantas!

E todos três uniam as suas vizinhas trémulas e inocentes, a pedir perdão, erguiam os débeis bracitos como que num esforço desesperado para reter o braço do Justo Juiz, ameaçando com o inferno os pecadores.

Não era só o coração que vibrava na pequenina Jacinta: a razão esforçava-se também para abranger a causa de tão terrível castigo.

– Ó Lúcia, que pecados são os que essa gente faz para ir para o inferno?

– Não sei, talvez o pecado de não ir à Missa ao domingo, de roubar, de dizer palavras feias, rogar pragas, jurar...

– E assim por uma palavra vão para o inferno?

– Pois é pecado!...

– Que lhes custava estarem calados e irem a Missa? Que pena que eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o inferno!

Quando já não tinham voz e as mãos lhes caíam pela fraqueza, levantavam-se do chão e, à sombra das azinheiras; continuavam a meditar.

– Por que é que Nossa Senhora – perguntava desta vez o Francisco, referindo-se a aparição de Junho – estava com um coração na mão a espalhar sobre o mundo aquela luz tão grande que é Deus? Tu, Lúcia, estavas com Nossa Senhora na luz que descia para o mundo e eu e a Jacinta naquela que subia para o Céu.

– É porque – respondia a Lúcia – tu e a Jacinta ireis em breve para o Céu, e eu ainda tenho de ficar algum tempo na terra.

– Quantos anos?

– Não sei, muitos.

– Mas foi a Senhora que to disse?

– Não, mas eu vi-o naquela luz que nos metia no peito.

– É mesmo assim – interrompia a Jacinta – eu também vi assim... Nós vamos para o Céu, que bom!... – mas logo voltava o pensamento do inferno: – Eu vou para o Céu, mas tu ficas cá; se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o inferno, para que não façam mais pecados e não vão para lá. Tanta gente a cair no inferno, tanta gente no inferno!...

– Não tenhas medo, tu vais para o Céu.

– Pois vou, mas eu queria que toda aquela gente para lá fosse também.

Às frescas horas da manhã sucediam-se as horas da calma sufocante, a sede começava a fazer-se sentir e não havia uma gota de água para beber.

– Que bom! – dizia a Jacinta. – Tenho tanta sede, mas ofereço tudo pela conversão dos pecadores.

E o sol impiedoso continuava a dardejar.

Mais uma hora, mais duas e a Lúcia pensa, não que baste de sacrifício, mas que deve providenciar pelos primitos e vai pedir uma infusa de água a uma casita que há ali perto. Apresentando-a em primeiro lugar ao Francisco, ele responde:

– Não quero beber. Quero sofrer pela conversão dos pecadores.

- Bebe tu Jacinta.
- Também quero oferecer este sacrifício pelos pecadores.

«Deitei então – conta singelamente a Lúcia – a água na concavidade duma pedra, para que a bebessem as ovelhas, e fui levar a infusa à dona».

O sacrifício da Jacinta atingia a heroicidade: com a dolorida cabecinha entre as mãos, parecia prestes a desfalecer.

Na parte mais calma do dia, a serra animava-se de mil ruídos. As cigarras, os grilos e as rãs, concertavam-se em ensurdecidor alarido. A Jacinta não pode mais e, numa simplicidade angélica, volta-se para a prima e suplica-lhe:

- Diz aos grilos e às rãs que se calem. Dói-me tanto a cabeça!

Mas dos lábios do Francisco, secos como pergaminhos, sai uma branda censura:

- Não queres sofrer isto pelos pecadores?

- Sim, quero – foi a resposta decidida. – Lúcia, deixa-os cantar!

O poço da Lúcia marcava, como já dissemos, o local preferido dos três pequenos, quando não saíam com o gado, ou nas horas da sesta que iam passar a casa.

À sombra dos castanheiros bravos e das ameixeiras, como que num pacífico ermitério, continuavam a pensar. Eram tantas as coisas que tinham visto e ouvido que, para as relembrar, sempre lhes parecia o tempo pouco, demasiado fugazes lhes corriam as horas.

- Ó Lúcia? aquela Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refugio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do seu Coração. É tão bom!

A Jacinta sorria, enlevada, enquanto duas lágrimas aljofravam as faces da Lúcia.

- Eu gostava também de ir com vocês para o Céu!... Mas, paciência!...

Uns minutos de silêncio e de novo se elevava a voz argentina da Jacinta:

- Ó Lúcia, lembras-te?... O Coração de Nossa Senhora cercado de espinhos a feri-lo?

- É o Coração Imaculado de Maria ultrajado pelos pecados da humanidade e que deseja reparação.

– Coitadinha de Nossa Senhora!... Eu tenho tanta pena dela!... Ela pediu a Comunhão em reparação dos pecados cometidos contra o seu Imaculado Coração. Mas, como hei-de fazer se não posso comungar?!... Tenho tanta pena de não poder comungar!...

– E mais eu – acrescentava o Francisco. – Mas o Sr. Prior não quer dar Nosso Senhor à gente!...

Para se mergulharem ainda mais nos seus pensamentos, os três, às vezes, separavam-se. Foi assim que, numa ocasião em que se encontrava sozinha, sentada nas lages do poço, a Jacinta teve uma visão que muito a afligiu. Pouco depois chama a Lúcia que tinha ido com o Francisco procurar mel silvestre numa ribanceira que lá havia e, não julgando possível que fosse favorecida com qualquer coisa de que a Lúcia não participasse, pergunta-lhe:

– Não viste o Santo Padre?

– Não.

– Não sei como foi, eu vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos diante duma mesa com as mãos na cara a chorar; fora da porta da casa estava muita gente e atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre, temos de pedir muito por ele!

A loca do Cabeço era outro lugar predilecto para onde se safavam, com mais segurança ainda, para escaparem à perseguição dos inquiridores. Ali também a Jacinta foi mimoseada com uma visão.

Prostradas no chão as três crianças recitavam as orações do Anjo. Subitamente a Jacinta levanta-se e grita:

– Ó Lúcia, não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente a chorar com fome e não tem nada para comer? E o Santo Padre numa igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com ele?

CAPÍTULO XIII

O SEGREDO... ISSO!... NEM A SACA-ROLHAS!...

(Ti Marto)

Os dois ou três milhares de curiosos e devotos, que assistiram à terceira Aparição, encarregaram-se de espalhar por toda a parte a notícia de que, nos descampados da Serra de Aire, Nossa Senhora tinha aparecido a três pastorinhos dum lugarejo chamado Aljustrel.

Daí partiu a afluência dos peregrinos à Cova da Iria.

Junto da pequenina árvore, a gente simples vinha ajoelhar, rezar o terço e, voltando a casa, não deixava de passar por Aljustrel para interrogar os videntes e apresentar-lhes petições para serem transmitidas a Nossa Senhora quando Ela de novo se lhes manifestasse.

Nem sempre, todavia, era a fé que conduzia os passos desta gente à porta da Sr.^a Maria Rosa ou do Sr. Manuel Marto; nem sempre, também, eram só os filhos do povo.

«Eram senhoras – diz-nos o ti Marto – que vinham, quem sabe de onde, muito bem vestidas e enfeitadas. A gente andava cá nas nossas lidas, à semaneira, e até ficava uma pessoa às vezes envergonhada.

Ui!... eram curiosas até mais não.

O que elas queriam era ver se apanhavam o segredo. Sentavam a Jacinta nos joelhos e moiam a pequena com perguntas...

Mas ela só respondia o que lhe convinha!

O segredo... isso!... Nem a saca-rolhas!... Faziam-lhe mimos, ofertas, mas tanto valia. Era tempo perdido para elas e para nós que

sempre uma pessoa se estorvava nos seus trabalhos e até nas horas dos quartéis.

Eram cavalheiros que vinham só para rir e para troçar da gente que nem letra redonda sabe ler... Mas, bastas vezes, éramos nós que ficávamos a rir deles... Coitaditos, não tinham fé nenhuma!... Como podiam eles acreditar em Nossa Senhora?

Quando chegava esta qualidade de gente, os pequenos parecia que adivinhavam e sumiam-se cada qual por sua banda, num abrir e fechar de olhos.

Um dia até me deu graça. Apareceu aí um carro e desceu dele uma grande família; os pequenos... pernas para que vos quero!...

A Lúcia meteu-se debaixo duma cama, o Francisco trepou para o sótão e a Jacinta, que não foi tão ligeira, ficou apanhada.

Quando tudo abalou, a Lúcia saiu de debaixo da cama e perguntou à Jacinta:

– Que é que respondeste quando te perguntaram por mim?

– Calei-me bem caladinha! Porque eu sabia onde tu estavas e mentir é pecado.

Pegaram ambas de rir e de brincar; e a Jacinta, toda contente de lhes ter pregado uma boa partida.

Ai Jesus – continua o ti Marto – que perguntas lhe faziam!... Até era uma vergonha! Se Nossa Senhora também tinha cabras e ovelhas... se comia batatas...

Tantas tolices! que nem a gente ignorante as diz».

E o ti Marto leva as mãos, ainda calosas da enxada, à cabeça encanecida.

O clero não era menos arrelizador para com as pobres crianças.

«Interrogavam-nos – conta a Lúcia – reinterrogavam-nos e tornavam a interrogar-nos.

Quando víamos um padre, sempre que podíamos, escapávamos.

Quando nos víamos na presença dum sacerdote, já nos dispúnhamos para oferecer a Deus um dos nossos maiores sacrifícios».

Havia, porém, excepções e a lembrança dalguns sacerdotes é ainda hoje conservada com veneração e gratidão pela Irmã Maria Lúcia de Jesus.

«A menina – disse-me um dia um sacerdote – deve amar

muito a Nosso Senhor por tantas graças e benefícios que lhe está concedendo.

Essas palavras, proferidas com tanta bondade, gravaram-se-me tão intimamente na alma que desde então adquiri o hábito de dizer constantemente a Nosso Senhor:

– Meu Deus, eu Vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido».

Ensinada esta jaculatória aos primos, mostrou a Jacinta tanto gosto em proferi-la que, às vezes, no meio das brincadeiras mais animadas, perguntava:

– Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam pelas graças que nos tem feito?

Apareceu também, um dia, em Aljustrel, o venerando Padre Cruz e pediu às crianças que lhe fossem mostrar o lugar onde Nossa Senhora tinha aparecido. Montado num burrito, tomou uma das pequenas de cada lado e lá foi até à Cova da Iria sempre a ensinar-lhes jaculatórias, das quais a Jacinta fixou duas que repetia frequentemente:

«Ó meu Jesus, eu Vos amo!».

«Doce Coração de Maria, sede a minha salvação!» – jaculatórias que a deviam consolar tanto na sua doença.

– Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo!... Quando Lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queima. Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de lhes dizer que Os amo!

Mais que todos os estranhos, era a família da Lúcia que a massacrava com perguntas, remoques e, da parte da mãe, ralhos e castigos.

Não era gente abastada; algumas cabeças de gado e umas terrazitas que davam o pão de cada dia, entre as quais avultava o pedaço da Cova da Iria, onde se criavam boas batatas, milho e feijões, sem falar na azeitona e na bolota.

Ora, desde que começou a correr a nova das Aparições, adeus horta da Cova da Iria!

Peões, burros, cavalos, em breve arrasaram tudo sem deixar a mínima esperança de qualquer amanhã. Nem um tufão faria maior estrago!...

Pobre Lúcia! A ela eram atribuídas todas as culpas.

«Minha mãe, lamentando esta perda, não me poupava.

– Tu agora, quando quiseres comer, vai pedi-lo a essa Senhora.

E as minhas irmãs: – Tu agora, só havias de comer o que se cria na Cova da Iria!».

Era um tormento tão grande para a pequena que até lhe custava pegar num bocado de pão para comer. As irmãs mais velhas, que contribuíam para o sustento da casa tecendo e costurando, também viam passar os dias sem qualquer rendimento; perdiam tempo com os visitantes e com o gado que a Lúcia não podia guardar, para os atender. Por fim tiveram de vender o rebanho, à míngua de quem o levasse a pastar.

Também esse grande desgosto devia estar reservado à desvelada pastorinha! Os golpes eram por todos os lados.

«Um dia – conta-nos Maria dos Anjos – uma vizinha, já de idade – devia talvez ter uns 60 anos – disse à mãe que já não se admirava que as pequenas dissessem que tinham visto Nossa Senhora, porque ela vira uma senhora dar cinco tostões à Lúcia.

Sem mais, a mãe chama a cachopa e pergunta-lhe se isso era verdade. A Lúcia respondeu que não eram cinco tostões, que aquela senhora lhe tinha dado, mas dois vinténs.

A mãe teimou com ela, acabando por lhe bater com o cabo da vassoura. E dizia-lhe assim: – Quem mente no pouco, mente no muito.

Logo nessa ocasião, porém, apareceu a Jacinta e mostrou os cinco tostões que lhe tinham dado a ela, e não à prima. Mas a Lúcia – conclui Maria dos Anjos – já tinha a sova no corpo e nem Santo António lha tirava».

Tal apego à incredulidade nas Aparições não era exclusivo da Sr.^a Maria Rosa e da sua família. Outras mulheres havia que em nada lhes ficavam atrás.

Insultavam a pequena e não se coíbiavam mesmo, se a ocasião era azada, de lhe dar um par de bofetadas ou mesmo um pontapé.

Com a Jacinta e o Francisco não se atreviam a tanto; mais do que nunca o Sr. Marto andava vigilante sobre os filhos e ninguém ousava pôr-lhes a mão. E nisto tinha a Jacinta certa inveja da prima.

– Quem me dera que meus pais fossem como os teus, para que esta gente também me pudesse bater, porque assim tinha mais sacrifícios para oferecer a Nosso Senhor!

Não é que, uma vez por outra, a Sr.^a Olímpia se não deixasse ir também a dispensar aos seus garotos uma lapadica, mas logo amansava.

– Vocês apanham – dizia-lhes a boa mulher – porque andam a enganar o povo. Muita gente vai à Cova da Iria por vossa causa.

– Nós não obrigamos ninguém a lá ir – respondia a Jacinta –. Quem quer vai e quem não quer, não vai. Quem não quer acreditar, receberá o castigo... E olhe que a mãe também, se não acreditar...

Quanto ao ti Marto, como Jacob perante as revelações de José e a incredulidade dos irmãos, ponderava todas as coisas em silêncio.

Aproximava-se então o dia 13 de Agosto, dia em que a Virgem prometera aos pequenos aparecer pela quarta vez na Cova da Iria.

Por todo o Portugal fora, sabia-se dos acontecimentos da Fátima. E não foi a Imprensa liberal a que menos contribuiu para os tornar conhecidos.

Invertiam-se os factos, inventavam-se pormenores ridículos, troçava-se com gosto satânico da nova fábrica de milagres que os padres – e por que não os Jesuítas? – tencionavam abrir nos descampados da Fátima, para apanhar dinheiro ao povinho incauto e pacóvio. Admitir a possibilidade duma intervenção sobrenatural, nem por sombras.

Apelava-se para a epilepsia, a intrujice, a cupidez... e os mais moderados e indulgentes, classificavam o caso de potente sugestão colectiva.

Que melhor ensejo podiam ter os maçónicos e os ardentes apaniguados da «Nova Ordem» para ridicularizar e amesquinhar a religião cristã?

Com arautos tão zelosos, que admira, pois, que o nome da Fátima passasse além fronteiras e a multidão de espectadores às últimas aparições fosse já de alguns milhares?

CAPÍTULO XIV

...IAM PRANTANDO TUDO NOS PAPÉIS

(Ti Marto)

Nas vizinhanças do tablado em que se desenrolava o drama, que tinha por protagonistas três singelos pastorinhos, havia alguém em quem se diria ter incarnado toda a malícia, toda a perversidade dos inimigos declarados da Igreja. Era o Administrador do concelho a que a Fátima pertencia: Vila Nova de Ourém.

Artur de Oliveira Santos era um homem sem nenhuma cultura superior: a sua profissão era a de latoeiro.

Começara todavia a interessar-se, desde jovem, pelas questões políticas e dera-se ao jornalismo, conseguindo editar «O Ouriense», folha de interesse local, em que dava largas a toda a sua acidez anti-monárquica e anti-religiosa. Ao implantar-se a República, o latoeiro era homem da situação. Com vinte e seis anos de idade somente, ajudado pelos seus amigos maçónicos – inscrevera-se na loja de Leiria e mais tarde fundara uma loja mesmo em Vila Nova de Ourém, da qual era Presidente – subia ao cargo de Administrador do Concelho, cargo que manteve até 1918.

Presidente ao mesmo tempo da Câmara Municipal e substituto do Juiz da Comarca, Artur de Oliveira Santos era a personalidade mais proeminente, mais influente e mais temida do Concelho.

Ao ter conhecimento do que se passava na Fátima, foi acometido duma onda de zelo impetuosa e decidiu que as coisas não haviam de ficar assim. Era preciso sufocar aquela invasão de misticismo. Que figura faria ele diante dos seus confrades se o seu próprio con-

celho se tivesse tomado centro dum movimento reaccionário contra as sacrossantas instituições republicanas?

Não havia em todo o concelho quem não receasse ir à sua presença. Perdão, alguém houve que, tendo recebido ordem de comparecer diante dele com os filhos, cumpriu desassombadamente só metade da injunção, apresentando-se sozinho e muito descansado da sua vida.

Era o Sr. Manuel Marto.

Mas dêmos a palavra, mais uma vez, ao bom velhote.

«O compadre António tinha recebido a mesma ordem que eu, de se apresentar com a filha na Administração de Vila Nova de Ourém, no dia 11 de Agosto, sábado, ao meio-dia. Pai e filha, logo de manhã, me apareceram lá em casa. Ainda eu estava a petiscar alguma coisa. E a Lúcia entra a perguntar-me:

– A Jacinta e o Francisco não vão?

– Que vão lá fazer umas crianças daquela idade?! Ná... Vou eu e respondo por elas!

A Lúcia correu ao quarto da Jacinta e ouvimos esta a dizer:

– Se eles te matarem diz-lhes que eu mais o Francisco somos como tu e também queremos morrer.

Partimos todos três.

Como a Lúcia ia numa burrica, – por sinal caiu dela por três vezes –, e o pai ia todo acelerado com medo do Administrador, adiantaram-se e quando eu lá cheguei, já os encontrei na praça.

– Então, já tudo está averiguado?

E ele, que já estava com um calorzito, respondeu:

– Estava a porta fechada e não estava lá ninguém.

Como não era ainda meio-dia, esperámos um bocado. Voltámos à Administração e nada. Apareceu então um fulano que nos disse que a Administração já não era no mesmo sítio. Chegados finalmente à presença do Administrador, ele perguntou-me logo:

– Então o pequeno?

– Qual pequeno? – perguntei eu.

Ele não sabia que as crianças eram três e, como me mandou levar uma, fiz eu de conta que não sabia qual é que ele queria.

– Demais, Sr. Administrador, são três léguas daqui à nossa terra, e os pequenos a pé não aguentam o caminho e a cavalo não se seguram na burra, porque não estão habituados.

E ainda tinha vontade de lhe dizer mais: – Duas crianças daquele tamanho no tribunal!... Mas lá me aguentei.

E vai ele zangou-se e passou-me ali uma boa reprimenda. Bem me ralei eu!

Começou então a interrogar a Lúcia, tentando arrancar-lhe o segredo. Mas ela nesse ponto, como sempre, nem uma palavra.

A certa altura virou-se para o pai e perguntou-lhe:

– Vocês, lá na Fátima, acreditam nessas coisas?

– Não, senhor, tudo isso são histórias de mulheres.

Vai em seguida, voltou-se para mim e eu disse-lhe:

– Aqui estou ao seu dispor e os meus filhos dizem as mesmas coisas que eu.

E ele, assim escaminho:

– Acha então que é verdade?

– Sim, senhor, acredito no que eles dizem!

Todos se riram à minha custa. Mas eu não me incomodei nada. Havia lá uns que iam prantando tudo nos papéis e finalmente mandaram-nos embora; mas o Administrador até à saída foi sempre ameaçando a Lúcia que lhe havia de apanhar o segredo, nem que tivesse de a mandar matar.

À saída voltei-me ainda para o Administrador:

– Quando o senhor nos chamar para cá, vimos quantas vezes quiser, mas se nos poupa, é melhor porque temos de arranjar a vida».

Assim terminou a primeira entrevista da Lúcia com as autoridades laicas.

Voltando a casa, a pequena foi logo procurar os primos que encontrou muito tristes, sentados na borda do poço. Efusivamente estreitaram-se num mesmo abraço.

– Ai, Lúcia! – soluçava a Jacinta. – A tua irmã tinha-nos dito que te tinham matado!

Não se lembravam os inocentes do vaticínio da Virgem de que primeiro iriam eles para o Céu...



CAPÍTULO XV

ERA UMA EMBRULHAÇÃO... UMA MALDADE COMPLETA

(Ti Marto)

O Administrador manteve ferozmente o seu propósito de liquidar o caso da Fátima. As instruções superiores da maçonaria eram precisas, rigorosas.

Depois da ida da Lúcia com o pai e o tio a Vila Nova de Ourém, o homem voltaria, pessoalmente, para dar o golpe de misericórdia nesta fantochada.

Mas fala de novo o Sr. Marto:

«Na manhã do dia 13 de Agosto – era uma segunda-feira – mal eu tinha dado as primeiras enxadadas numa fazendica pouco distante, quando me foram chamar que fosse imediatamente lá a casa.

Ao entrar vi que estava lá muita gente de fora, mas isso já não havia que estranhar. O que estranhei foi, ao ir à cozinha para lavar as mãos, ver a minha mulher ali sentada e assim a modo sucumbida.

Não me disse uma palavra, mas fez-me assim um gesto a indicar-me que fosse para a casa de fora.

E eu respondi-lhe até em voz alta: – Tanta pressa! Já lá vou!

E ela sempre a acenar-me.

Mas eu lavei as mãos com todo o sossego, peguei num trapo para as limpar e mesmo assim, limpando-as, é que entrei na sala e

dou com os olhos no Administrador. Até nessa ocasião me portei mal por um certo motivo, porque estava lá um Sr. Padre e eu, em vez de cumprimentar este primeiro, cumprimentei o outro.

– Então por cá, Sr. Administrador?

– É verdade, também lá quero ir ao milagre.

Deu-me uma pancada o coração.

– Pois vamos lá todos – continuou ele – levo os pequenos comigo no carro... Ver e crer como São Tomé.

Mas ele estava nervoso. Olhava para todos os lados e dizia:

– Então os pequenos não aparecem?... Está-se a fazer horas. É melhor mandarem-nos chamar.

– Não é preciso que ninguém os convide, eles lá sabem quando hão-de trazer o gado e aprontarem-se para ir.

Nisto chegaram todos os três com pouca diferença, e ele logo a convidá-los para irem no carro; e os pequenos a teimarem que não era preciso.

Mas ele sempre: – É melhor, que assim chegamos num instante e ninguém os incomoda pelo caminho

– Não se incomode o Sr. Administrador com isso, eles lá hão-de ir ter.

– Pois então vão andando para Fátima, para a casa do Sr. Prior que quero lá fazer-lhes umas perguntas.

Lá fomos todos, o pai da Lúcia, eu e os três pequenos.

O Administrador, mal nós chegámos à varanda da casa do Sr. Prior, gritou:

– Venha a primeira!

E eu logo: – A primeira, qual?

Eu estava assim aflito, pressentindo uma coisa qualquer que afinal saiu certo. E ele assim com arrogância:

– Lúcia!

– Vai lá, Lúcia – disse eu.

E a pequena entrou. Era uma embrulhação toda, uma maldade completa da parte do Administrador. Aquilo foi só para armar ao efeito, porque quando chegou a vez de chamar os meus, declarou:

– Não é preciso mais nada; podem-se ir embora ou, antes, vamos todos porque se faz tarde...¹

Os pequenos começaram a descer e o carro, sem eu dar conta, tinha mesmo vindo encostar ao fim da escada. Ora aquilo estava mesmo a jeito, e o Administrador, num instante, conseguiu que eles entrassem para dentro do carro. O Francisco pôs-se à frente e as duas cachopas atrás. Estava aquilo tão jeitoso que era uma beleza!

O cavalo partiu num trotezinho em direcção à Cova da Iria, e eu aliviei-me um tanto, mas ao acolher-se na estrada fez uma reviravolta, e foi chicote por cima do cavalo, que partiu como um raio. Estava bem estudada!...».

E de cabeça caída, o ti Marto repetia:

«Estava bem armada!... foi bem feita!... Mas não havia remédio».

– Não é deste lado a Cova da Iria! – afoitou-se a dizer a Lúcia.

Então o Administrador procurou tranquilizar as crianças dizendo-lhes que tinham tempo de ir a Ourém falar com o Sr. Prior de lá e que voltariam depois de automóvel.

No caminho houve quem, reconhecendo o carro do Administrador e os passageiros que levava, o apedrejasse. Rapidamente o Administrador envolveu os pequenos numa manta, para os disfarçar dos olhos dos peregrinos que, numerosos, vinham a caminho da Fátima.

¹ Aqui engana-se o Sr. Marto porque a Lúcia foi, de facto, interrogada pelo Sr. Prior, a pedido do Administrador, como consta do Processo Canónico.

– Quem é que te ensinou a dizer aquelas coisas que andas por aí a dizer?

– Aquela Senhora que eu vi na Cova da Iria.

– Quem anda a espalhar tais mentiras, que fazem tão mal, como a mentira que vocês disseram, será julgado, e irá dar ao inferno se não for verdade: de mais a mais que muita gente anda enganada por vocês.

– Se quem mente, vai para o inferno, então eu não vou para o inferno, porque não minto, e digo só o que tenho visto e o que a Senhora me tem dito. E quanto ao povo que ali vai, só vai porque quer; nós não chamamos ninguém.

– É verdade que aquela Senhora vos confiou um segredo?

– Sim, mas não o posso dizer. Que, se V. Rev.^a quer sabê-lo, eu peço à Senhora, e se me der autorização, digo-lho.

O Administrador notou: – Isso são coisas sobrenaturais. Vamos adiante.

Levantou-se e saiu do quarto, obrigando os pequenos a entrar na charrete na presença dos pais.

Uma hora, hora e meia e o latoeiro chegava triunfante à sua residência com os três delinquentes. Ali mandou-os fechar num quarto e declarou-lhes que não saíam de lá senão depois de revelarem o segredo.

Ficando sós as crianças, tudo desaparecia do seu espírito para dar lugar somente à visão da linda Senhora que nesse momento talvez os estaria esperando na Cova da Iria.

– Se nos matarem – dizia a Jacinta – é o mesmo, vamos direitinhos para o Céu. Que bom!

E resignados, senão felizes, estavam prontos a oferecer o sacrifício da própria vida.

Neste dia 13 de Agosto, porém, as coisas não se apresentaram tão trágicas como à primeira vista parecia.

Em vez de lhes surgir o algoz, de cutelo em punho, para lhes cortar a cabeça, apareceu-lhes uma bondosa senhora, D. Adelina dos Santos, esposa do Administrador, que os veio buscar para lhes servir um bom almoço, deixando-os em seguida brincar com os seus próprios filhos. Mais tarde ofereceu-lhes também uns livros para se entreterem vendo as gravuras. Na sua delicadeza feminina e maternal procurava tornar mais suportável aos serranitos aquelas terríveis horas de forçada reclusão a que o marido os tinha cruelmente sujeitado.

Nunca o coração duma mãe se desmente!

Que se passava entretanto na Cova da Iria?

«Como no dia 13 de Julho – conta-nos a Sr.^a Maria da Capelinha – tinha chegado, logo de manhãzinha cedo, à Cova da Iria e tinha-me sentado junto da pequena carrasqueira onde Nossa Senhora devia aparecer.

Também lá fui desta vez, apesar do medo que muita gente me queria meter. Tinha-se, na verdade, espalhado a voz que era o demónio que aqui vinha, esperando que se juntasse muita gente para abrir os vulcões e engolir-nos a todos.

– Ó Sr.^a Maria – dizia-me uma mulher – não volte à Cova da Iria, que eu também lá não vou, porque me disseram ainda agora em Santa Catarina, que é um anjo mau que vem à Cova para nos trazer enganar e que se abrem os vulcões e que a gente se consome todos. Ó Sr.^a Maria, não vá lá!...

Mas eu não tinha medo nenhum. Coisa má não é, porque aqui

reza-se muito. Nossa Senhora me guie segundo a Divina Vontade."E lá fui.

Se no mês de Julho havia muita gente, desta vez, era ainda muito, mas muito mais.

Parte vinha a pé e atava os seus farnesinhos aos ramos das árvores, outros vinham a cavalo, montados nos jumentos; vinham também muitas bicicletas e na estrada era um contínuo buzinar de carros.

Deviam ser onze horas quando aqui chegou também a Maria dos Anjos, irmã da Lúcia, com uns castiçais e velas para acender quando Nossa Senhora aparecesse.

Em volta da azinheira rezava-se, cantavam-se cânticos da Igreja, mas os pequenos tardavam e toda a gente começava a estar impaciente. Chegou, no entanto, alguém da Fátima a dizer que o Administrador tinha roubado as crianças. Levantou-se, então, um burburinho e não sei em que aquilo daria se não se ouvisse de repente um trovão.

O trovão era mais ou menos como da outra vez; alguns diziam que vinha da estrada, outros da carrasqueira, a mim parecia-me que vinha de muito longe... Toda a gente se quedou assustada: e alguns pegaram a gritar que iam morrer. O povo então começou a espalhar-se afastando-se da azinheira. Mas o caso é que ninguém morreu.

Ao trovão seguiu-se o relâmpago e, logo depois, todos começámos a notar uma nuvenzinha muito linda, muito branquinha, muito leve, que pairou uns minutos sobre a carrasqueira, subindo depois para o Céu e desapareceu no ar.

Olhando então em redor, observámos aquela coisa estranha que já doutra vez tínhamos visto e que também havíamos de ver nos meses seguintes.

O rosto da gente brilhava com todas as cores do arco-íris: rosa, vermelho, azul...

As árvores pareciam não ter ramos e folhas, mas só flores; pareciam todas carregadinhas de flores; cada folha parecia uma flor.

O chão era todo aos quadradinhos, um de cada cor diferente; os fatos também eram da cor do arco celeste. As duas lâmpadas presas ao arco, pareciam de ouro.

Certamente Nossa Senhora tinha vindo, mas não tinha encontrado os pequenos. Que pena ter vindo e não os encontrar!

Logo que os sinais desapareceram, toda aquela gente se pôs a

caminho da Fátima, gritando contra o Administrador, contra o Sr. Prior, contra o regedor, contra todos os que se pensava que tinham parte na prisão dos pequenos».

Era tal a gritaria, que se ouvia até em Aljustrel.

O Sr. Marto, que, depois do rapto dos filhos, tinha vindo à Cova da Iria, assim nos refere o que se passara naquela hora tão emocionante para a pacífica região da Serra de Aire.

«Vamos a Vila Nova de Ourém protestar! – diziam uns. – Vamos alagar aquilo tudo! Vamos ter com o Sr. Prior! Ele também é culpado! Vamos fazer as contas com o regedor! ¹

– Eu comigo dizia: – Todos três são culpáveis –. Mas a gente ainda mais clamava que até metia susto. Eu pus-me então por minha parte a gritar:

– Sossegai, rapazes, não se faça mal a ninguém. Quem merece o castigo receberá. Tudo isto é pelo poder do Alto!

Mas eles nada queriam saber, e lá foram para a Fátima e eu voltei para casa, onde encontrei a minha mulher a chorar.»

¹ Que tudo isso não eram somente palavras demonstra-o o protesto que o Rev. Pároco da Fátima sentiu necessidade de publicar nos jornais «A Ordem» de Lisboa e «O Ouriense» de Vila Nova de Ourém.

Ex.^{mo} Sr. Redactor:

Venho rogar a subida honra de publicar em lugar comum o seguinte:

Aos crentes e não crentes:

Com toda e repulsão do coração de Padre católico, venho tornar patente e asseverar perante todos os que tiveram conhecimento ou o possam vir a ter do boato, tanto mais infamante e repelente quanto mais perigoso para a minha existência e dignidade paroquial, de que fui cúmplice no brusco arrebatamento das criancinhas, que dizem ver Nossa Senhora nesta freguesia, a autoridade dos seus pais e a satisfação que desejavam as 5 ou 6.000 pessoas (segundo os cálculos) que, de muitas léguas e léguas de distância e com enormes sacrifícios, vieram para as ver, falar e ouvir falar – digo – venho repelir tão injusta como insidiosa calúnia, bradando ao mundo inteiro que não tomei parte por mínima que fosse, quer directa quer indirectamente, no odioso e sacrílego acto.

O Administrador não me confiou o segredo das suas intenções.

E se foi providencial – que foi a autoridade levar furtivamente e sem ocasião de resistência as criancinhas, não foi menos providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato – aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte do seu pároco, como cúmplice.

Na verdade, a Sr.^a Olímpia que tinha ido a Fátima atrás dos filhos, receando que lhes acontecesse alguma coisa, voltara logo para casa ao saber que lhos tinham levado para a Vila e corraera a casa da cunhada a dar-lhe a triste notícia.

– Ai, como somos desgraçadas, comadre!... levaram os nossos filhos presos... o que será de nós?

Mas a Sr.^a Maria Rosa, pouco se lhe dava com a prisão da filha, antes, pelo contrário, parecia contente.

– Se eles andam a mentir, é bom que recebam um castigo, e se falarem verdade, Nossa Senhora os defenderá.

– A tua é só uma – soluçava a ti Olímpia – mas – nós... nós temos dois... e são tão pequenos!

E a infeliz mãe não podia sossegar.

Mas desta vez ainda a cilada do demónio não logrou ferir de morte, devido certamente à Virgem Mãe.

A autoridade, depois do longo interrogatório das criancinhas em suas casas, fê-las conduzir à minha, a título de colher informações mas, de facto, para que elas lhe descobrissem um segredo que a ninguém haviam revelado. Dali, em tempo que julgou oportuno, mandou-as subir para o carro e, dizendo aos pais e circunstantes que as levava ao local das Aparições, partiu à desfilada para Vila Nova de Ourém.

Escolheu a minha casa com que fins?

Para se furtar às consequências que o seu acto iria provocar?

Para que o povo se amotinasse, como amotinou, contra mim – como cúmplice?

Para... outro fim?

Não sei. Só o que sei é que declino toda a responsabilidade que cabe a tal modo de proceder. Deus sempre vela pelos Seus.

Às obras de Deus ninguém pode pôr entraves.

Não foram necessárias as crianças, dizem milhares de testemunhas, para que a Rainha dos Anjos revelasse o seu poder. Vão elas mesmo atestar os factos extraordinários e os fenómenos de que deram fé e que mais arreigaram a sua crença.

Agora não são as três crianças – de 9 a 11 anos – são os milhares de pessoas de todas as idades, classes e condições, vindas dos diferentes pontos do País.

Se a minha ausência no local como pároco se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos.

A Virgem Mãe não precisa da presença do pároco para mostrar a sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho da sua benevolência, atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco, porque a fé é um dom de Deus e não dos Padres: – eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto: – eis porque não tenho dado o meu claro parecer a mil interrogações e cartas que me têm dirigido.

O inimigo não dorme. Ruge como o leão.

Não foram os Apóstolos os primeiros a anunciar a Ressurreição do Filho da Virgem.

Abstenho-me de fazer a narração dos fenómenos dados no local das Aparições porque esta já vai longa, do que peço desculpa, e porque certamente a esta hora já a imprensa se deve ter feito eco disso.

Creia-me muito agradecido. De V. Ex.^a Mto. Ato. Vor. e Ob.^o

P: Manuel Marques Ferreira

CAPÍTULO XVI

...MANDOU APRONTAR UMA CALDEIRA DE AZEITE QUENTE...

(Lúcia)

Amanheceu triste o dia 14 de Agosto para os pequenos reclusos da residência do Administrador de Vila Nova de Ourém.

A Jacinta, mais que os outros, sentia tanto a falta da mãe! Mas paciência!... Juntaram as mãozitas e pediram à Virgem forças para Lhe serem sempre fiéis.

Não tardou muito que começassem os fatigantes interrogatórios e a primeira inquiridora foi uma velhota que fez as mais altas diligências para apanhar o famoso segredo.

Seriam dez horas quando os três *delinquentes* foram conduzidos à Administração. No caminho encontraram um bom Sacerdote que ainda os não conhecia, o Dr. Luis de Andrade e Silva, a quem beijaram a mão e a quem a Lúcia contou singelamente o que se tinha passado no dia anterior.

Na Administração o interrogatório foi cerrado; mas nem as ameaças, nem as promessas conseguiram obter dos pequenos a tão suspirada confissão. Nem as reluzentas moedas de ouro que o Administrador fazia retinir sobre a mesa, nem um não menos brilhante cordão que regalava a vista, conseguiram abalar a extraordinária força moral dos pequenos heróis.

Ao almoço foram reconduzidos a casa do Administrador onde de novo a esposa não consentiu que lhes faltasse fosse o que fosse.

De tarde, novos interrogatórios, novo suplício para as pobres crianças.

Foi então que os encerraram na cadeia pública dizendo-lhes que ficariam ali até serem lançados num caldeirão de azeite a ferver. Lá passaram uma, duas longas horas – os coraçõezinhos alanceados na expectativa da morte cruel.

As lágrimas eram mais abundantes nos olhos da mais novinha; procurando ocultá-las retirou-se para o vão da janela que dava para a praça da feira.

A Lúcia, mais forte, com um sentimento de maternal ternura para com os primos a brotar-lhe do coração, aproxima-se dela e pergunta-lhe:

– Porque choras, Jacinta?

– Porque vamos morrer sem tornar a ver os nossos pais. Nem os teus, nem os meus nos vieram ver. Nunca mais se importaram de nós! Eu queria ver sequer a minha mãe!...

E o Francisco, homenzinho feito pelo sofrimento, acarinha também a irmãzinha:

– Não chores. Oferecemos este sacrifício pela conversão dos pecadores.

E os três, erguendo as mãozitas, repetem mais uma vez:

– *Ó meu Jesus, é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores!*

Então a Jacinta anima-se e não esquecendo nenhuma das intenções recomendadas pela Santíssima Virgem, acrescenta:

– *E também pelo Santo Padre e em reparação das ofensas cometidas contra o Imaculado Coração de Maria!*

Não haveria ali coração, por mais empedernido, que a cena não conseguisse abrandar. Os outros presos cercaram as crianças e, condoídos, era a ver quem poderia consolá-las ou demovê-las do seu propósito, causa da prisão:

– Mas, vocês, digam lá ao Senhor Administrador esse segredo. Que lhes importa que a tal Senhora não queira?

– Isso não – cortou a Jacinta; – antes queremos morrer!

E o rosto da pequenita brilhou duma maneira tão singular que por certo essa claridade não podia deixar de iluminar aqueles olhos cegos à luz da fé. Também na Lúcia e no Francisco uma serena alegria se lhes espelhou na pureza do olhar e, por minutos, quase se esqueceram de que estavam na prisão, voltando à despreocupação própria da idade.

Foi, porém, como um raio de sol fugitivo em dia de Inverno, e as lágrimas tornaram a brilhar nos olhos da Jacinta que não se conformava com a ideia de morrer sem tornar a ver a mãe.

De novo os presos voltaram às suas compassivas diligências; dir-se-ia que não podiam suportar a vista das lágrimas dos inocentes e para os distrair começaram a cantar e a bailar, tanto mais que havia ali um harmónio.

Não tardou que a Jacinta, enxugando os olhos, aceitasse o convite de um, para bailar com ele. Era tão grande, todavia, a desproporção daquele par que, a certa altura, o cavalheiro levantava a dama nos braços como uma pena e acabava por dançar o fandango com ela ao colo.

Não era contudo possível passar muito tempo sem que a Jacinta se lembrasse da linda Senhora e das suas recomendações. E não era certamente o baile a preparação própria para o Céu. Tirou a medalha do pescoço, pediu ao preso que acabava de a depor no chão que lha pendurasse num prego que havia na parede, ajoelhou, no que logo o irmão e a prima a imitaram, e começou a rezar o terço. Automaticamente os presos ajoelharam também e, como um conservasse a cabeça coberta, o Francisco levantou-se, foi ao pé dele e disse-lhe:

– Quando a gente reza não pode ter o chapéu na cabeça.

Num gesto de impaciência o homem arremessou o chapéu ao chão, mas o rapazito delicadamente apanhava-o e punha-o sobre um banco.

Quanto devia ser agradável à Rainha do Céu aquele terço e o fervor com que as crianças pediam a conversão dos pecadores! – terço do qual certamente os primeiros a beneficiar foram os seus companheiros de prisão.

Subitamente um ruído fora da porta e os três coraçõezitos começam a bater acelerados. Entra um guarda e secamente ordena às crianças que o sigam.

Enfiados, lá vão atrás dele para a Administração onde são mais uma vez martirizados com perguntas.

Era o segredo que Artur de Oliveira Santos queria a todo custo obter, ainda que para isso fosse preciso renovar as proezas dos grandes perseguidores da Igreja primitiva.

Na presença dos pequenos dá ordem para que se encha uma caldeira de azeite, o ponham a ferver e deem lá dentro a fritar os

impostores, os teimosos que não querem revelar o segredo. Entretanto manda-os fechar num quarto vizinho.

A primeira a ser chamada é a Jacinta que, prontamente, caminha para o suposto suplício, mesmo sem se despedir do irmão e da prima.

– O azeite está a ferver. Diz o segredo... Doutra forma!...

Jacinta treme como varas verdes, mas cala-se.

– Vamos – ordena o Administrador – levem-na e deem-na no caldeirão.

Entra um guarda de aspecto feroz, apanha a pobre Jacinta por um braço e vai fechá-la num outro quarto.

– Ai, Jesus!... Valha-me Nossa Senhora!... – murmura a pequenita.

Todavia mantém-se firme; uma força vinda do alto não a deixa fraquejar.

Durante o interrogatório da irmãzita, o Francisco, a quem a Virgem mais que às pequenas, talvez, tinha comunicado a nostalgia do Céu, confia à Lúcia:

– Se nos matarem, como dizem, daqui a nada estamos no Céu. Oh! que felicidade! Não importa mais coisa nenhuma!...

E pouco depois:

– Queira Deus que a Jacinta não tenha medo. É melhor que eu diga uma Ave-Maria por ela.

Dizendo assim, tira o chapéu e começa a rezar. Então o guarda, estranhando uma tal atitude, pergunta-lhe:

– Que estás tu a dizer?

– Estou a rezar uma Ave-Maria para que a Jacinta não tenha medo.

Passam minutos que parecem séculos. Abre-se outra vez a porta; aparece de novo o carrasco que deita a mão ao Francisco.

– Aquela já está frita. Agora vamos a este... Anda, deita cá para fora o segredo!

Com uma palidez toda celestial, o pequeno ergue o cândido olhar para o novo Nero e diz:

– Não posso, Sr. Administrador; não posso dizê-lo a ninguém.

– Não podes?... Isso é lá contigo. Leva-o! – diz ao oficial que está presente: – Terá a sorte da irmã.

A mão possante do esbirro abate-se sobre o tenro cordeirinho para quem a morte é um prémio e não um castigo; mas no quarto,

ali pertinho em vez duma fogueira e dum caldeirão encontra a irmãzinha e salva, toda sorridente.

A Lúcia, sozinha agora, convencida de que tudo aquilo não era comédia mas a mais verídica tragédia, recomendava-se à sua celeste Protectora para que não a desamparasse em transe tão aflitivo.

O apaniguado do poder das trevas nada conseguira dos mais fracos, quanto mais da forte e decidida Lúcia.

Momentos depois, os três abraçavam-se, cheios de alegria por terem passado incólumes através da prova do fogo, e agradeciam, ajoelhados no chão, mais uma vez, a protecção que tão largamente lhes outorgara a bondosa Senhora da Cova da Iria. Nenhum dos três vacilara: a Senhora devia estar contente!

O Administrador todavia não se declara vencido e vai queimar os últimos cartuchos. De novo o guarda surge na frente dos pequenos e diz-lhes que não tarda muito que não sejam lançados todos duma vez ao caldeirão fervente.

Era mais uma prova a vencer e seria vencida: impávidos, fortes da força da Virgem, ficaram aguardando a hora do tão suspirado martírio, para poderem entrar finalmente – e para sempre – no Céu.

Mas a Virgem ainda não tinha completado a obra maravilhosa encetada certo dia nos páramos agrestes da Serra de Aire; era preciso que os sofrimentos continuassem a burilar aquelas alminhas singelas para nos darem as três obras primas da graça que formariam por toda a eternidade a sua glória e o encanto dos espíritos celestes.

À noite, em casa do Administrador, uma desusada alegria resplandecia no rosto dos minúsculos confessores da fé.

No dia seguinte, festa da Assunção, depois de outros interrogatórios inconcludentes e vendo o caso perdido, o Administrador metia os pequenos no carro e ia pô-los de novo na varanda da residência do Pároco da Fátima.

CAPÍTULO XVII

NÃO ME ATENTE, MULHER, QUE ATENTADO JÁ EU ESTOU!...

(Ti Marto)

Ainda a Missa não tinha acabado. Logo que o Sr. Prior se retirou do altar, o povo começou a sair e as conversas, naturalmente, não podiam ser estranhas ao que obcecava todos os espíritos e andava em todas as bocas.

Alguém se abeirou do Sr. Marto e perguntou-lhe pelos filhos.

– Sei cá deles!... Talvez mos levassem para Santarém... Quem sabe lá por onde eles andam... No mesmo dia em que me abalaram com eles foi lá o meu enteado António com outros rapazes e disseram que os viram brincar na varanda do Sr. Administrador... Foram as últimas notícias... Desde então não soube mais nada.

«Mal acabava eu estas palavras – conta o Sr. Marto – quando oiço uma voz:

– Ó ti Marto, olhe que eles já estão ali na varanda do Sr. Prior!...

Não sei em quanto me pus lá em cima e me agarrei à minha Jacinta. Peguei-lhe ao colo e até me lembro que a pus no braço direito. Que as mulheres põem sempre os filhos no braço esquerdo, para ficarem com o direito livre e poderem lidar.

Eu não podia falar: as lágrimas caíam-me a quatro e quatro até que a carita da pequena ficou toda molhada. O Francisco e a Lúcia correram também para mim a dizerem:

– Meu pai, meu tio, deite-me a sua bênção!

Foi então que se apresentou o tal oficialzito, o homem que andava ao serviço do Administrador: tremia, tremia que nunca vi uma pessoa tremer assim.

Vai dali, disse-me: – Aqui lhe entrego os seus pequenos.

Deu-me então uma força de falar e não me pude ter: – Isto podia dar um mau resultado, mas não deu. Queriam que eles dissessem o contrário, mas não foram capazes de os convencer; e ainda que os convencessem, eu havia de afirmar sempre que era verdade.

Ouviu-se então uma grande barulhada no adro; mãos no ar, paus levantados, era uma trapalhada que ninguém se entendia. O Sr. Prior que estava na Igreja dirigiu-se logo para o prédio, subiu as escadas e julgando que era eu a fazer o motim, disse-me:

– Ó Sr. Manel, você está-me aqui a escandalizar.

Mas eu também lhe soube responder e ele recolheu-se logo para dentro. Então eu voltei-me para o povo. Cheguei à escada, sempre com a pequena ao colo, e disse:

– Eh rapazes, portem-se bem! Alguns de vós gritam contra o Sr. Prior, outros contra o Administrador, outros contra o Regedor.

Aqui não há culpa de ninguém. A culpa é da má crença e tudo é permitido pelo poder do Alto!».

Falava de oiro o Sr. Marto.

«O Sr. Prior que ouviu isto ficou então muito contente e disse lá da janela:

– Ele diz muito bem! O Sr. Manel diz muito bem!...

Nessa ocasião chegou o Administrador que tinha ido à venda e apresentou-se à gente, dizendo-me:

– Deixe-se disso, Sr. Marto!

– Está bem, está bem! – respondi eu. – Não há novidade nenhuma!

Recolheu também ele para o escritório do Sr. Prior, chamou-me e disse para o Sr. Prior:

– A conversa do Abóbora agrada-me mais, mas, em todo o caso, antes me quero com o Marto.

E vai o Sr. Prior e diz-lhe:

– Sabe, Sr. Administrador, a religião também é precisa!

Quando eu vinha a sair, o Sr. Administrador diz-me assim:

– Ó Sr. Marto, acompanhe-me a beber um copo de vinho!

Rospondi-lhe:

– Não é preciso, obrigado!

Mas no entanto vejo lá em baixo um grupo de rapazes, de maior idade, armados de cacetes, e deu-me aquele pensar: Podem contender com o Administrador e mais vale que as coisas acabem em bem!

Pus-me ao lado dele e disse-lhe:

– Com respeito ao oferecimento, talvez convenha eu aceitar.

– Fico muito obrigado – respondeu satisfeito.

Estava a ver a má partida que lhe podiam pregar. Sentia assim as costas mais quentes...

Quando chegámos abaixo da escada, disse-me:

– Pode perguntar às crianças se eu as tratei mal.

– Está bem, está bem, Sr. Administrador. Não há dúvidas – respondi. – O povo tem mais cuidado de fazer perguntas do que eu.

Nisto as crianças desceram também e, sem perda de tempo, encaminharam-se para a Cova da Iria dizendo que iam lá rezar. A gente no adro começou também a retirar-se devagarinho e nós ambos entrámos na dita taberna que fica ao pé do cemitério, recolhemos ali para uma salazinha e ele mandou vir pão, vinho e queijo.

Começaram ali numas conversas brutas, sem interesse nenhum, mas, a certa altura, ele sempre me quis convencer de que os pequenos lhe tinham contado o segredo; eu então respondi-lhe sem me alterar:

– Está bem, está bem! Não o contaram ao pai, nem à mãe e contaram-no ao Sr. Administrador!

Quando saímos da venda, estava o carro à porta; despedi-me, mas como eu tinha de ir ao correio que fica no caminho da vila, ele obrigou-me a tomar o carro até lá, apesar de ser tão perto. Subi para o carro e, nessa altura, houve até um fulano que disse:

– O ti Manel falou demais e o Latoeiro lá o leva preso».

O regresso dos pequenos do cativoiro não só causou imensa alegria às famílias dos videntes mas também a muita outra gente que, especialmente depois do último dia 13 e dos factos extraordinários acontecidos na Cova, se tinha definitivamente rendido à realidade da intervenção sobrenatural.

Uma das pessoas que maior alegria experimentou foi, sem dú-

vida, a Sr.^a Maria Carreira. O seu céu, todavia, não estava limpo de nuvens. Bem involuntariamente tinha sido ela feita depositária das esmolas que os devotos tinham lançado, depois da Aparição, sobre uma mesita com flores que ela pusera em frente da azinheira.

Ela mesmo nos vai relatar os embaraços em que se via.

«Mal constou na Cova da Iria, no dia 13 de Agosto, que as crianças tinham sido presas e se viram aqueles sinais no céu, foi um cair de dinheiro sobre a mesa que não se faz ideia. O povo juntara-se em roda da mesa e, encontram aqui e encontram dali, havia perigo de ir parar tudo ao chão. Então começaram a gritar-me:

– Levante o dinheiro, mulher!... Tome conta dele!... Olhe que não se perca nada!...

Eu tinha ali a saca que levava com a merenda e comecei a meter o dinheiro nela.

À tardinha, quando já estava pouco pessoal, vi passar por ali o filho mais velho da ti Olímpia, o António: chamei-o e disse-lhe:

– Faz favor de cá vir.

Veio, mas quando ouviu de que se tratava, não me deu nem uma fala e abalou.

Levei então o dinheiro para casa. Contámo-lo. Eram, se bem me lembro, 13 mil e quarenta réis. O saco era muito pesado; estávamos no tempo dos vinténs e dos 10 réis.

Foi por isso que no dia 14 eu disse ao meu homem que era melhor irmos os dois levar o dinheiro a casa do ti Manel Marto.

Quando chegámos, estava lá também a Sr.^a Maria Rosa e o Sr. Prior: ainda o estou a ver, assim encostado à parede. Até fui mal educada, porque fui dar o dinheiro ao Sr. Marto, em vez de o entregar ao Sr. Prior. Mas o pai da Jacinta não o quis de maneira nenhuma aceitar:

– Não me atente, mulher, que atentado já eu estou!

Apresentei-o então à mãe da Lúcia. Mas ela, toda arrenagada, disse-me: – Deus me defenda!... Também o não quero.

Também eu já não estava em mim e voltei-me para o Sr. Prior. Mas ele também recusou com modos decididos. Ninguém queria pegar em tal dinheiro; parecia maldito.

Subiu-me também a mostarda ao nariz:

– Pois também não é meu, vou lá pô-lo donde o tirei.

Então o Sr. Prior acalmou-me:

– Não faça isso, mulher!... Guarde-o ou entregue-o a alguém que o guarde até vermos em que fica tudo isto!

Dias depois, apareceram-me quatro homens a pedir-me o dinheiro para começarem a fazer uma capela. Respondi-lhes que não lhes entregava nem um vintém. Mas depois pensei que tinha feito mal em responder-lhes assim, sem tomar parecer com o Sr. Prior.

– Eu não quero saber nada disso – respondeu-me ele quando lhe fui contar a coisa. – Se fosse comigo não lho dava. Ele não tem direito de pedir-lhe nada; mas faça lá o que quiser. Faça como tem feito até aqui.

E a arrelia continuava. A quem eu queria confiar o dinheiro não o queria aceitar, e a quem mo pedia, não o queria eu dar.

Chegou entretanto o dia 19 de Agosto – domingo – e eu fui a Fátima à Missa das almas. Acabada a Missa, avistei o pai da Lúcia à entrada do adro e a menina a brincar por ali. Aproveitei logo: de mais a mais que queria tirar a limpo umas coisas que o tinham feito indispor comigo. Muitas pessoas, na verdade, tinham-me aconselhado que me acautelasse porque ele podia vir algum dia com vinho e tratar-me mal. Até alguém o ouvira dizer: – Se apanho lá na Cova a mulher da Moita, a coisa não fica assim!

Dirigi-me então a ele e, vendo que não estava com pinga, cumprimentei-o e disse-lhe:

– Consta-me que o Sr. António está muito ofendido por eu ir à sua terra da Cova da Iria pôr flores, etc. Eu vinha pedir-lhe licença para continuar a lá ir...

E ele respondeu-me:

– Leve lá flores quantas quiser. O que não admito é que faça tabernáculos na minha fazenda, que já alguém me pediu e eu não dei licença, nem a dou para não apertar com as crianças; que se eles mentirem é bem que os apertem, e, se for por Deus e não mentirem, não lhes acontece mal nenhum, mesmo que os apertem.

Achei-o com um pensamento bom: tinha confiança em Nossa Senhora.

– A mim disseram-me – continuou ele – que a senhora levantou muito dinheiro da minha fazenda, mas eu não o quero.

– Também eu o não quero – respondi alterada.

– Então o que é que lhe faz?

– Não sei... Mando celebrar Missas por intenção de quem o deu.

Ao mesmo tempo veio-me um pensamento de pedir à Lúcia que perguntasse a Nossa Senhora o que queria que se fizesse com o dinheiro.

– Sim – respondeu-me a pequena – fique descansada. No dia treze do mês de Setembro hei-de perguntar-Lho.

Então sim, então é que fiquei aliviada».

A resposta não se fez aguardar tanto. Daí a poucos dias a Lúcia procurava a Sr.^a Maria Carreira na Cova da Iria, comunicando-lhe o desejo da Senhora sobre o emprego do dinheiro.

Com ele – lhe tinha respondido a Virgem – deviam comprar-se dois andores, um dos quais devia ser levado pela Lúcia e pela Jacinta e mais duas meninas trajando de branco, e o outro pelo Francisco e mais três meninos, revestidos de opas igualmente brancas. O dinheiro colhido nos andores seria para a festa de Nossa Senhora do Rosário.

Mas a Sr.^a Maria não ficara plenamente satisfeita.

– Ó Lúcia, eu tenho pena que o dinheiro não seja para fazer aqui uma capela. E tu, não tens pena?

– Eu tenho, mas Nossa Senhora mandou assim. Tem de se fazer o que Ela manda.

– Ó Lúcia, quando no dia 13 de Setembro, Nossa Senhora voltar, pede-Lhe para se fazer uma capela, sim?

CAPÍTULO XVIII

Ó TIA, VIMOS OUTRA VEZ NOSSA SENHORA!...

(Jacinta)

Naquele domingo, 19 de Agosto, os três pastorinhos foram rezar o terço à Cova da Iria depois da Missa Paroquial.

A eles se juntaram, entre outras pessoas, a irmã da Lúcia, Teresa, o marido e o Sr. Alves, da Moita, que, acabada a reza, levou as crianças consigo e lá lhes deu de jantar. Quem não gostou do convite foi a mãe da Lúcia porque pensou que ela ficasse por lá descuidada, sem se lembrar do gado que devia levar a pastar pela fresca. Mas a Lúcia era já uma mulherzinha, a quem nada fazia esquecer os seus deveres, e à hora própria lá estava em Aljustrel com o Francisco e o João, irmão mais velho do pequeno vidente. Ao passar por casa, a Jacinta tinha sido apanhada pela mãe que a queria catar. Partiram, pois, os três, sem a Jacinta, para uma fazenda que pertencia a um tio da Lúcia e que ficava perto: os Valinhos.

Eram mais ou menos quatro horas da tarde quando a Lúcia começou a notar as alterações atmosféricas que precediam as Aparições da Senhora na Cova da Iria: um súbito refrescar da temperatura, um desmaiar do sol e o característico relâmpago. ¹

¹ Não foi somente a Lúcia e o Francisco que observaram esses sinais: a já mencionada irmã daquela, Teresa, que regressava com o marido à sua residência perto da Capela de Nossa Senhora da Ortiga, diz o seguinte:

«fomos a entrar na Fátima, quando começámos a notar que os ares arrefeciam; o sol tomava uma cor amarelada e punha em tudo muitas cores, as mesmas coisas que se viram no dia 13 na Cova da Iria.

– O que é isto?!... Aqui anda qualquer mistério! – disse eu para o meu marido. Foi mesmo na camisa branca dele, que eu comecei a ver as tais cores. Ai que todos andamos iludidos! – Pelo quê? – perguntou-me ele. – Pois não vês tudo tal e qual como no dia 13? Quando chegámos à igreja disfarçou tudo.

Mais tarde viemos a saber que, àquela mesma hora, Nossa Senhora tornara a aparecer aos cachopitos nos Valinhos».

– Lá vem Nossa Senhora! – pensou a Lúcia. – E a Jacinta que não está cá!

Gritou então para o João:

– Ó João, vai buscar a Jacinta depressa que vem lá Nossa Senhora!

Mas o rapaz não estava disposto a ir. Também ele queria ver a Mãe do Céu.

– Vai, depressa – insistia a Lúcia – que eu dou-te dois vinténs, se trouxeres a Jacinta... Toma já um e o outro é para quando voltares.

O rapaz, sumindo a moeda no bolso, partia à desfilada e em cinco minutos estava à porta de casa.

– Mãe, a Lúcia manda dizer que quer lá a Jacinta.

– Não chegam os três para a brincadeira? – perguntou de má sombra a Sr.^a Olímpia. – Não pode estar o padre sem o sacristão!...

Mas o rapazito insistia:

– Deixe-a vir, mãe, que é lá precisa!

– Lá precisa, para quê? Não me dirás?

– Olhe, a Lúcia até me deu um vintém para eu lha levar.

Mais intrigada ficou a Sr.^a Olímpia.

– Um vintém?... Pois agora é que eu quero saber para que é que ela quer lá a Jacinta!

O João trepidava de impaciência e então desembuchou:

– É que a Lúcia já viu nos astros os sinais de que Nossa Senhora vai aparecer e quer lá a Jacinta a toda a pressa!

– Pois vai lá com Deus! A Jacinta está em casa da madrinha.

Foi o que o pequeno quis ouvir e partiu como um raio. Em casa da madrinha, chegou-se ao ouvido da Jacinta, e com duas palavras, pô-la mais impaciente do que ele próprio.

De mãos dadas, correram aos Valinhos onde a Virgem os esperava.

Curiosa, a Sr.^a Olímpia pôs também pernas ao caminho, desejosa de aproveitar aquela ocasião, talvez única. Mas não chegou a tempo por demora de uns minutos em casa da tal madrinha que lhe disse que os pequenos tinham partido, a toda a pressa, na direcção dos Valinhos.

De nada também valeu ao João ter corrido tanto. Todo o lucro da aventura foram os dois vinténs da Lúcia que ele, à guisa de consolação, fazia telintar no bolso. À noite a mãe interrogou-o e ele

confessou que, por mais que abrisse os olhos, não tinha visto nada; ouviram somente como o subir dum foguete quando a Lúcia, depois da conversa com a Senhora, dissera:

– Olha, Jacinta, a Senhora vai-se embora.

Como acontecera na Cova da Iria, só as três crianças privilegiadas viram a celeste Senhora: nos desígnios da Providência divina eram eles os únicos depositários da mensagem do Céu.

Ao primeiro relâmpago seguira-se outro e foi nessa altura que chegaram a Jacinta e o João. Momentos depois, a luminosa Senhora aparecia-lhes sobre uma carrasqueira, de altura sensivelmente superior à da Cova da Iria. A querida Mãe do Céu recompensava os seus três amiguinhos que Lhe tinham permanecido fiéis em circunstâncias tão difíceis.

– Que é que Vossemecê me quer? – pergunta mais uma vez a Lúcia com uma confiança toda filial.

– *Quero que continueis a ir à Cova da Iria, no dia 13, e que continueis a rezar o terço todos os dias.*

De novo, a Lúcia pede a Nossa Senhora que faça um milagre para que todos acreditem.

– *Sim* – responde a Virgem. – *No ultimo mês, em Outubro, farei um milagre para que todos creiam nas minhas aparições. Se não vos tivessem levado à Aldeia ¹, o milagre teria sido mais grandioso. Virá São José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo. Virá também Nosso Senhor para abençoar o povo. Virá ainda Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Dores.*

Logo a Lúcia se lembra da incumbência da Sr.^a Maria Carreira e pergunta:

– *Que é que Vossemecê quer que se faça do dinheiro e das outras ofertas que o povo deixa na Cova da Iria?*

– *Façam dois andores; um leva-lo tu com a Jacinta e outras*

¹ Termo corrente na região para designar Vila Nova de Ourém.

*duas meninas, vestidas de branco; o outro leva-o o Francisco com mais três meninos, também vestidos de opas brancas*¹. *O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário.*

A compassiva criança não esquece os doentes que lhe tinham sido recomendados e fervorosamente pede para eles a cura.

– *Sim, alguns curarei durante o ano* – foi a resposta da Visão.

E, tomando um aspecto muito triste, Nossa Senhora acrescenta:

– *Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, pois vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.*

Em seguida, a Virgem despede-se dos seus pequenos amigos e começa a elevar-se, como de costume, em direcção ao Nascente, deixando na alma dos pastorinhos uma grande saudade do Céu e um grande desejo, uma verdadeira fome de sacrifícios para abrir a tantos pobres pecadores a porta do Paraíso.

As três crianças, que na Cova da Iria tinham visto com pena os devotos despir a azinheira da folhagem sobre a qual tinham poisado os pés nevados da Virgem, desta vez são elas mesmo a cortar o raminho sobre o qual roçara a túnica da nívea Senhora.

O Francisco e a Jacinta deixaram a Lúcia e o João a cuidar do gado e voltaram triunfantes para Aljustrel a comunicar a boa nova aos pais. Levavam na mão a preciosa lembrança.

Logo à entrada do lugar, à porta da casa da Lúcia, estava a Sr.^a Maria Rosa, a filha Maria dos Anjos e outras pessoas.

«Toda alvoraçada, – assim nos conta Maria dos Anjos – a Jacinta,

¹ Num manuscrito mais recente (8 Dezembro de 1941) a Lúcia acrescenta que a Virgem lhe dissera que o dinheiro dos andores devia destinar-se à festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrasse seria para ajuda duma capela a construir-se na Cova da Iria. Julgamos que haja neste ponto uma confusão da parte da Lúcia, atribuindo à quarta Aparição este pormenor que, de facto, se deu na Aparição de 13 de Setembro. Com isto concorda o relatório que ela fez ao Sr. Prior da freguesia dois dias apenas, depois da Aparição nos Valinhos, e as declarações que constam do Processo Canónico (8 de Julho de 1924). Confronte-se também o que já referimos, ouvido da boca da Sr.^a Maria da Capelinha.

Muito depressa, diz à minha mãe: – Ó tia, vimos outra vez Nossa Senhora!... nos Valinhos!

– Ai, Jacinta! Sempre vocês me saíram uns mentirosos! Nem que Nossa Senhora lhes vá aparecer agora em toda a banda por onde vocês andam!...

– Mas é que vimos! – teimava a pequenita. E mostrando à **minha** mãe a bracinha da azinheira que trazia na mão, continuou:

– Olhe, tia, Nossa Senhora prantou um pé neste raminho e outro neste.

– Dá-me cá! Deixa ver!

A Jacinta deu-lho e a minha mãe levou-o ao nariz.

Mas a que cheira isto? – E continuava a cheirar. – Não é perfume... não é incenso... sabonete... cheiro a rosa também não é, nem de nada que eu conheça... Mas é um cheiro bom!

E todos quisemos cheirar e todos o achávamos muito agradável. Por fim a mãe pô-lo em cima da mesa e disse:

– Fica aqui, sempre se há-de encontrar alguém que saiba dizer a que é que cheira este ramo.

Mas à noite não se encontrou o raminho, nunca soubemos o caminho que ele levou. Parece que foi desde então que a mãe começou a desconfiar e o pai também a mostrar-se até menos contrário a Lúcia; quando nós, as irmãs, fazíamos troça dela, ele dizia que a deixássemos em paz, porque podia ser verdade o que ela dizia.

No dia 13 de Outubro quando a Lúcia disse: – Já lá vai Nossa Senhora! – a mãe sentiu o mesmo cheiro».

No desaparecimento do aromático raminho não havia, contudo mistério algum. Mal a Sr.^a Maria Rosa voltara às suas ocupações domésticas, a Jacinta entrava furtivamente em casa e roubava-o para o mostrar também aos pais.

O ti Marto – como ele nos conta – só à noite soube da nova Aparição da Virgem aos seus filhos.

«Tinha ido nesse dia, à tarde, dar uma volta por umas fazendicas e, ao sol posto, voltei para casa. Quando ia quase a entrar, encontro um fulano meu amigo, que me diz assim:

– Ó ti Manel! O milagre já está mais averiguado.

– Cá por mim não sei de nada – respondi eu.

– Certo que não sabe de mais nada?

– Eu não. Que haveria eu de saber mais?

– Pois fique sabendo que Nossa Senhora apareceu, há um bocado nos Valinhos, aos seus filhos e à cachopa do Abóbora. Pois olhe que é certo, ti Manel, e sempre lhe digo que a sua Jacinta tem uma virtude qualquer. Ela não tinha ido com os outros e veio um cá chamá-la e só quando ela lá chegou, é que Nossa Senhora apareceu.

Eu encolhi os ombros sem ter palavra que dissesse, mas entrei no pátio a pensar no caso. A mulher não estava em casa; fui andando para a cozinha e lá me sentei. Nisto entra a Jacinta muito contente com um raminho na mão, assim dum palmo e a dizer-me:

– Olhe, pai! Nossa Senhora voltou a aparecer outra vez à gente nos Valinhos.

E, ao mesmo tempo que ela entrou, eu sentia assim um cheiro tão magnífico que eu nem sabia explicar. Estendi a mão para o ramo e disse-lhe:

– Que é que trazes aí?

– É o raminho onde Nossa Senhora pôs os pés.

Cheirei-o mas o perfume tinha desaparecido.

CAPÍTULO XIX

REZAI... E FAZEI SACRIFÍCIOS PELOS PECADORES...

(Nossa Senhora)

As conversações dos três pequenitos não podiam versar senão sobre as palavras da Virgem, algumas das quais lhes tinham feito uma profunda impressão e se lhes tinham enraizado profundamente na alma.

Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores. Olhai que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

Estas palavras despertavam nos pequenos uma verdadeira fome de mortificações e de sofrimentos que nos é dado encontrar somente em poucas almas extraordinárias, nos santos que compreendem o inefável mistério do Crucifixo.

A visão do inferno, no dia 13 de Julho, e das almas dos condenados – brasas transparentes e negras a flutuar num mar de fogo, gritos e gemidos de dor e desespero de horrorizar, de fazer estremecer de pavor – não podia apagar-se tão facilmente da cândida imaginação das crianças. A Virgem agora acrescenta que eram muitas as almas que iam parar àquele lugar de tormentos porque não havia quem se sacrificasse por elas.

– Ah! pudéssemos com os nossos sacrifícios fechar para sempre as portas daquela fomalha terrível, pudéssemos fazer com que todos os pecadores se encaminhassem para o Céu! – era a preocupação constante dos seus amáveis coraçõezitos.

Passavam assim horas e horas, na Lapa do Cabeço, prostrados no chão, a repetir a oração do Anjo:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero, e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam.

E quando a incómoda posição se lhes tornava intolerável, punham-se a rezar o terço, não se esquecendo de intercalar nos mistérios a jaculatória que a Senhora lhes tinha ensinado.

Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, especialmente as que mais precisarem.

Na prática da mortificação, depois, emulavam com os eremitas quase lendários da Tebaida. Queriam converter muitos – porque não todos os pecadores? E os seus cerebrozinhos trabalhavam com afinco para descobrirem novas indústrias e poderem sofrer assim o máximo que lhes fosse possível.

Ninguém, fora da intimidade do estreito círculo dos três, suspeitava sequer de tão fervorosas preces, de tão duras e ininterruptas penitências. Se a Irmã Lúcia de Jesus não tivesse levantado um pouquinho o véu, nós não teríamos nem por sombras adivinhado que dose de heroísmo se albergava em crianças de tão tenra idade.

– Porque nunca falaram da recomendação da Virgem de oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores? – perguntar-se-á mais tarde à Irmã Maria das Dores.

– É porque não queríamos que perguntassem que sacrifícios fazíamos.

É a resposta da humildade.

São poucos os actos de mortificação que a Lúcia relata no seu manuscrito e quase todos se referem à Jacinta; são, contudo, suficientes para iluminar esses três pequenos gigantes da santidade cristã.

Vejamos mais alguns:

A sede, um dos tormentos mais difíceis de suportar no estio e na nudez da serra, era uma das suas mortificações dilectas. Chegavam a passar nove dias sem beber e até um mês, o mês de Agosto!

Voltavam certa ocasião da Cova da Iria, onde tinham ido rezar o terço e, ao passar pela lagoa da Carreira, lagoa sujíssima onde se lavava roupa e os animais entravam para beber, a Jacinta diz para a Lúcia:



Nossa Senhora de Fátima



Os Três Pastinhos (1917)



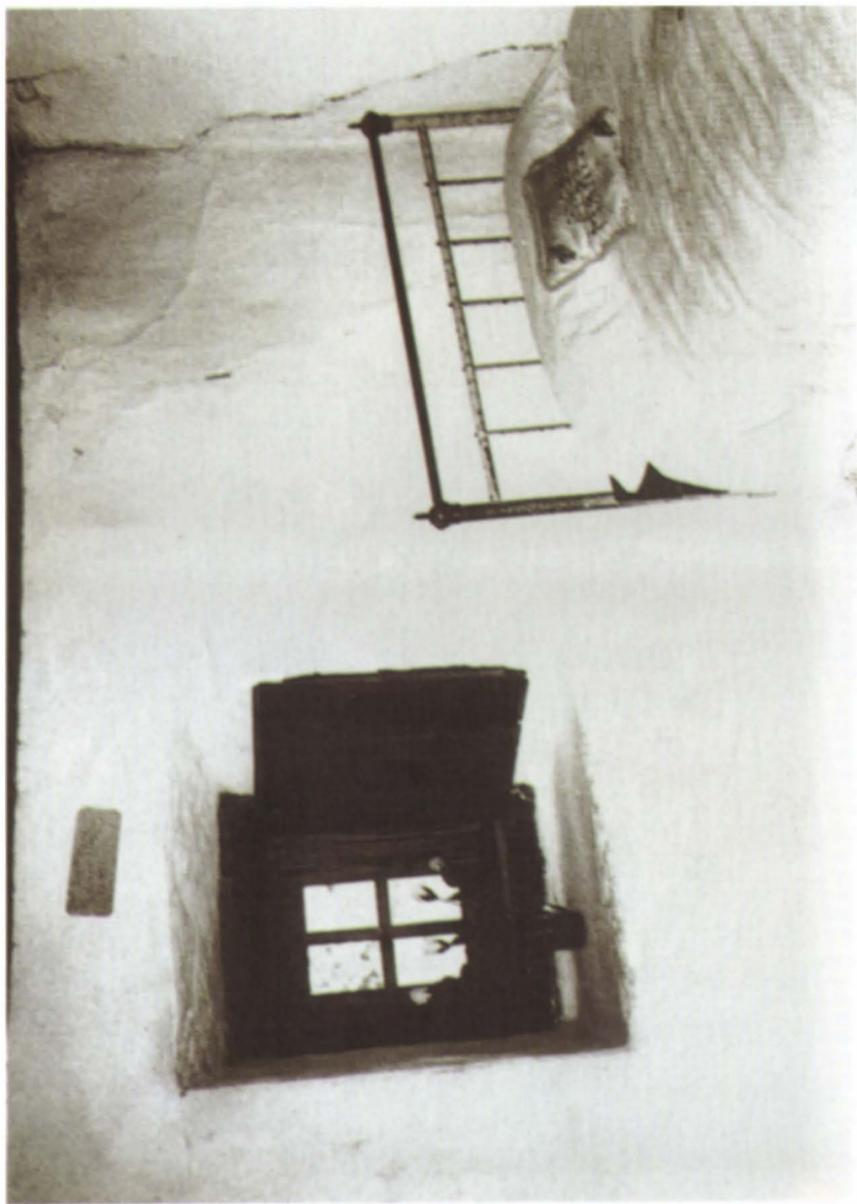
Pais do Francisco e da Jacinta



Família da Lúcia



Família do Francisco e da Jacinta



Cama onde nasceram Francisco e Jacinta



Cama onde nasceu Lúcia



Casa da Lúcia



Casa da Jacinta e do Francisco



Setembro 1917 — Fotografia dos três Pastorinhos no lugar das Aparições



Treze de Outubro 1917 — Milagre do Sol



Treze de Outubro 1917 — Milagre do Sol



Irmã Lúcia no Colégio do Vilar



Cama onde morreu Francisco



Jacinta ao colo dum polícia (13-10-1917)



Aparição do Anjo

– Olha! Tenho tanta sede e dói-me tanto a cabeça!... Vou beber uma pouquinha desta água.

– Desta não – lhe responde a prima. – Minha mãe não quer que bebamos daqui, porque faz mal; vamos pedir uma pouquita à tia Maria dos Anjos.

– Não – interrompe a criancinha – dessa água tão boa não quero; bebia desta, porque, em vez de oferecer a Nosso Senhor a sede oferecia-Lhe o sacrifício de beber desta água suja.

Outras vezes eram as frutas que serviam para matéria dos seus sacrifícios.

Brincavam um dia sobre o poço, quando a ti Olímpia lhe veio trazer uns cachos de uvas para se refrescarem.

– Não os comemos – resolveu a Jacinta quando a mãe voltou as costas – e oferecemos este sacrifício pelos pecadores.

E, como avistasse no caminho umas crianças pobres, correu a oferecer-lhes a fruta.

Levava-lhes, outro dia, a mãe da Jacinta um cesto de belos figos. Já os pequenos sentados no chão se dispunham alegremente a saboreá-los, quando a Jacinta se lembra dos seus pecadores. Deita o figo, que já tinha na mão, no cesto e afasta-se rapidamente com medo de ceder à tentação.

Não desprezam meio algum de se mortificarem.

Andavam um dia todos três a apanhar umas ervinhas que crescem por entre as pedras e que dão uns estalitos quando se apertam na mão. A Jacinta pica-se numa ortiga e, como quem faz um achado precioso, exclama:

– Olhem! Olhem! Outra coisa com que nos podemos mortificar!

Por muito grandes que fossem os sacrifícios nunca os videntes se lhes furtavam, nunca deixavam passar ocasião que se lhes oferecesse de consolar o Coração Imaculado de Maria Santíssima, ofendido por tantos pecados.

Andando certo dia a pastorear o gado, encontram um bocado de corda. A Lúcia, brincando, ata-a ao braço e não tarda a notar que a corda a magoa.

– Olhem, isto faz doer; podíamos atá-la à cinta e oferecer a Deus este sacrifício.

A aspereza e grossura da corda tornavam o suplício, na verdade, horrroso. A Jacinta, mais tenrinha, devia sofrer, por vezes, atroz-

mente. As lágrimas soltavam-se-lhe com a força da dor, mas, quando a Lúcia a aconselhava a que tirasse a corda, respondia:

– Não! Quero oferecer este sacrifício a Nossa Senhora, em reparação e pela conversão dos pecadores.

Nem mesmo à noite, ao deitar, tiravam aquele cilício; foi preciso que a própria Mãe do Céu, na Aparição de Setembro, lhes viesse dizer que não consentia que tivessem a corda durante a noite.

Que contraste estridente entre estes émulos de São Luís Gonzaga e a adolescência e juventude da nossa época que só quer comodidade, prazer, divertimentos!

Enquanto os três pequenos perfeitamente dóceis à graça divina procuravam agradar em tudo à bondosa Senhora, sacrificando-se pela conversão dos pecadores, os inimigos da religião não tinham paz enquanto não vissem aniquilados estes novos e pujantes rebentos da Fé na terra de Santa Maria.

CAPÍTULO XX

REZEM O TERÇO PARA ALCANÇAREM O FIM DA GUERRA...

(Nossa Senhora)

Era com ânsia que os três pastorinhos esperavam o dia 13 de Setembro para poderem ver mais uma vez a linda Senhora, cuja visita tanto mais eles apreciavam, quanto mais os sofrimentos e sobretudo as lutas exteriores punham à prova a sua já heróica paciência.

Uma vez por mês não era muito; todos os dias teriam querido o convívio da Virgem.

As visitas e os interrogatórios minuciosos, exasperantes, irreverentes dos curiosos, em vez de diminuir, aumentavam. Troçavam deles e da Senhora que ia passear sobre as árvores; ameaçavam-nos como se se tratasse de criminosos.

– Vede lá se vos resolveis a dizer o tal segredo, senão o Sr. Administrador está disposto a acabar-vos com a vida – diziam-lhes os três cavalheiros, depois de um rigoroso inquérito policial.

E a Jacinta a responder, contente:

– Mas que bom! Eu gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora! e assim vamos para o pé deles mais depressa!

O desprezo da gente do seu lugar natal – algumas pessoas chegaram ao ponto de bater na Lúcia – humilhavam-nos profundamente; a posição, senão abertamente hostil, pelo menos indiferente do Prior da freguesia e dos outros sacerdotes dos arredores, torturavam-lhes o coraçãozinho delicado.

O número, todavia, dos que acreditavam nas Aparições ia aumentando extraordinariamente. Depois dos prodígios presenciados na Cova da Iria, no dia 13 de Agosto, por uma turba enorme de gente de toda a parte, depois da constância sobre-humana manifestada pelas crianças diante do terrível Administrador, era difícil encontrar pessoas de boa fé que não acreditassem na sinceridade dos videntes e, por consequência, na realidade das Aparições.

No dia 13 de Setembro foi, portanto, um afluír extraordinário de peregrinos ao lugar bendito; a Cova da Iria era já o centro em volta do qual se iam polarizando as almas simples dos sinceros e devotos filhos da Virgem.

Muitos foram os que já na véspera se meteram a caminho, não movidos apenas pela curiosidade mas principalmente pelo desejo de robustecer sempre mais a sua fé e sobretudo para rezar ali onde a Mãe do Céu se dignara descer a conversar com três humildes filhos da serra. Ao amanhecer do dia 13, todos os caminhos nas imediações da Fátima carregavam gente, da qual a maior parte ia rezando devotamente o terço.

«Era uma peregrinação – escreve uma testemunha ocular – verdadeiramente digna deste nome, cuja vista, só por si, fazia chorar de comoção. Nunca me fora dado presenciar em toda a minha vida uma tão grande e tão empolgante manifestação de fé... No local das Aparições os homens descobriam-se. Quase todas as pessoas se ajoelhavam e rezavam com fervor...».

No meio da multidão devota, desta vez, também nos é dado encontrar alguns padres e muitos seminaristas.

«Era o dia 13 de Setembro – conta-nos um dos últimos – as férias grandes iam terminar dentro em breve e nós, os seminaristas de então, não queríamos de forma alguma voltar ao Seminário sem ter pisado num dia 13 essa terra da Fátima de que tanta coisa se ia contando, já ao longe, e sobretudo nas aldeias das freguesias limítrofes. Num grupo de quatro ou cinco, fomos a pé, a ver o que se passava. Fomos e voltámos, cansados mas contentes.

Havia na Fátima muitos seminaristas – perto de trinta – de

vários seminários. Não admira: o mesmo sentimento os levava lá. Padres, só me recordo ter visto dois ou três.¹

Durante muito tempo andámos de pedra em pedra, saltando muros e moitas, a observar e comentar o que se nos deparava.

Um dos padres, porém, chamou-nos e recomendou-nos que não nos puséssemos muito em foco porque aquilo podia ser coisa do diabo e que certamente ia dar um grande fiasco.

Esta era a mentalidade de muitos.

De facto, retirámo-nos para o alto, onde hoje surge a frontaria da basílica, e dali ficámos a olhar.

Mas daí a pouco não foi possível refrear a curiosidade e à hora das Aparições muitos tínhamo-nos aproximado das crianças, tanto quanto no-lo permitia o aglomerado da gente que as cercava».

Entre os padres merece particular atenção Mons. João Quaresma, Vigário Geral da Diocese de Leiria, e mais tarde membro da Comissão do Inquérito Canónico, que numa carta escrita a Mons. Manuel do Carmo Góis, que como ele assistira às Aparições nos dias 13 de Setembro e Outubro, nos descreve minuciosamente os acontecimentos.

«Passam hoje precisamente 15 anos depois dos extraordinários acontecimentos da Fátima. Aflição, tristeza e desespero, pesavam como grossas nuvens sobre as almas dos portugueses oprimindo-as profundamente. No meio destas nuvens negras subiam inumeráveis orações a Deus, a pedir auxílio e misericórdia. Ansiosos olhavam os corações para o Céu à procura dalguma nesga azul, algum raio de esperança no meio da tempestade que as paixões dos homens tinham desencadeado.

A bondade do Senhor ouviu a humilde súplica dos seus filhos. No Céu da Fátima apareceu como prometedor arco-íris uma encantadora Visão a anunciar a paz.

Ela falou com uns pastoritos da serra. As terríveis nuvens começaram então a dissipar-se. As almas aliviadas respiravam lançando fora de si o fardo plúmbeo da tristeza. Os olhos sequiosos de clari-

¹ Eram mais, pelo menos cinco: o Prior de Santa Catarina, Mons. Quaresma, Mons. Carmo Góis, Dr. Formigão, Padre Manuel Pereira da Silva.

dade olhavam para aquele azul no céu que a luz da misteriosa Estrela da Manhã suavemente iluminava.

Ora... não se terão talvez os pobres pastorinhos enganado? Terão sido talvez vítimas duma linda ilusão?... Sempre será possível que Nossa Senhora se tenha dignado descer até nós para nos trazer do Céu uma mensagem de paz? Havia então nas afirmações dos pequenos qualquer coisa de verdade? Que havemos, pois, de dizer daquelas multidões sempre crescentes de homens que em todos os dias 13 afirmavam ter visto no céu da Fátima fenómenos extraordinários?

Numa linda manhã de Setembro de 1917 saímos de Leiria para seguirmos, numa ronqueira carroça puxada por um velho cavalo, para o lugar onde se davam as discutidas Aparições. Foi o nosso querido Padre Góis que procurou o ponto, dominando o vasto anfiteatro da Cova da Iria, donde podíamos ver mais facilmente sem nos aproximarmos demasiado do lugar onde os pastorinhos rezavam aguardando a celeste Aparição.

Ao meio-dia solar, fez-se completo silêncio. Ouvia-se o ciciar das preces. Subitamente soam gritos de júbilo... Ouvem-se vozes a louvar a Virgem. Braços erguem-se a apontar para qualquer coisa no alto. – Olhem, não vêem?... – Sim, já vejo!... A satisfação brilha nos olhos dos que vêem. No céu azul não havia uma nuvem. Também eu levanto os olhos e ponho-me a perscrutar a amplidão do céu, para ver o que os outros olhos mais felizes, primeiro do que eu, contemplaram. – Lá está você também a olhar!...

Com grande admiração minha vejo clara e distintamente um globo luminoso que se movia do Nascente para o Poente, deslizando lento e majestoso através do espaço. O meu amigo olhou também e teve a felicidade de gozar da mesma inesperada e encantadora aparição... quando, de repente, o globo com a sua luz extraordinária se sumiu aos nossos olhos.

Perto de nós estava uma pequenita vestida como a Lúcia e pouco mais ou menos da mesma idade. Cheia de alegria continuava a gritar – Ainda a vejo... ainda a vejo... agora desce para baixo!

Passados minutos, exactamente o tempo que costumavam durar as aparições, começou a criança de novo a exclamar apontando para o céu: – Lá sobe ela outra vez! – e continuou seguindo o globo com os olhos até que desapareceu na direcção do sol.

– Que pensas daquele globo? – perguntei ao meu amigo, que se mostrava entusiasmado por quanto tínhamos visto.

– Que era Nossa Senhora – respondeu sem hesitar.

Era também a minha convicção. Os pastorinhos contemplaram a própria Mãe de Deus; a nós fora-nos concedida a graça de ver o carro que A tinha transportado do Céu à charneca inóspita da Serra de Aire.

Devemos dizer que todos os que estavam ali tinham observado o mesmo que nós. Porque de todas as partes se ouviam manifestações de alegria e saudações a Nossa Senhora. Muitos todavia não viam nada.

Perto de nós estava uma piedosa e singela criatura que chorava amargamente porque não tinha visto nada.

Sentíamo-nos deveras felizes. Com quanto entusiasmo ia o meu colega, de grupo em grupo, na Cova da Iria e depois pela estrada fora, informando-se do que tinham visto! As pessoas interrogadas eram das mais diversas classes sociais; todas à uma afirmavam a realidade dos fenómenos, que nós próprios havíamos presenciado.

Altamente satisfeitos regressámos a casa, da nossa peregrinação a Fátima, com o propósito firme de voltar no próximo dia 13 de Outubro para aceder ao convite da Lúcia e fortificarmo-nos ainda mais na nossa fé nas Aparições de Nossa Senhora».

Outros fenómenos se deram que, como este, nem a todos foi dado contemplar. O súbito refrescar da atmosfera, o empalidecer do sol até ao ponto de se verem as estrelas, uma espécie de chuva como de pétalas irisadas que desapareciam antes de poisarem na terra, foram os factos notados e referidos por centenas e milhares de pessoas.

Mas voltemos atrás.

Desde as primeiras horas desse dia 13, as casas dos videntes estão tão atulhadas de gente que não é possível passar-se dum compartimento ao outro. Todos querem ver, todos querem falar às crianças, recomendar-lhes as suas necessidades, as suas misérias, as suas preocupações.

A custo os três pastorinhos conseguem pôr-se a caminho da Cova da Iria.

É ainda a Lúcia que nos vai dar uma ideia do que foi o movimento naquele dia 13.

«Ao aproximar-se a hora fui para a Cova da Iria com a Jacinta

e o Francisco entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente; todos nos queriam ver e falar; ali não havia respeitos humanos. Muita gente do povo, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se de joelhos diante de nós pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, clamavam de longe. Um deles:

– Pelo amor de Deus peçam a Nossa Senhora que me cure o meu filho que é aleijadinho.

Outro: – Que me cure o meu que é cego.

Outro: – O meu que é surdo!

– Que me traga o meu marido e o meu filho que andam na guerra; que me converta um pecador; que me dê saúde que estou tuberculoso, etc...

Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade e alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes para onde subiam com o fim de nos ver passar.

Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo a passagem por entre a multidão.

Quando agora leio no Novo Testamento essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que, tão criança ainda, Nosso Senhor me fez presenciar nesses pobres caminhos e estradas de Aljustrel a Fátima e à Cova da Iria, e dou graças a Deus oferecendo-Lhe a fé do nosso bom povo português e penso que, se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças só porque a elas é concedida misericordiosamente a graça de falar com a Mãe de Deus, que não faria se visse diante de si o próprio Jesus Cristo?...».

Chegadas as crianças finalmente junto da carrasqueira, a Lúcia, como de costume, ordena ao povo que reze o terço, a que ela mesmo preside. Todos caem de joelhos e, ricos e pobres, em voz alta, respondem às contas passadas por uma pobre pastorinha da serra.

Não tinha ainda acabado a reza, quando os pequenos se levantam a esquadrinhar o horizonte. Tinham visto o relâmpago: a bondosa Senhora não podia faltar à palavra dada.

Uns momentos, e sobre a azinheirinha já poisa a doce Rainha do Céu, a sorrir-lhes maternal.

– *Que é que Vossemecê me quer?* – pergunta, como sempre, a Lúcia.

E a linda Senhora responde:

– *Continuem a rezar o terço a Nossa Senhora do Rosário, todos os dias, para alcançarem o fim da guerra.*

E repetindo o que já lhes tinha dito no mês precedente insiste em que não falem ali no dia 13 de Outubro, em que viria São José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo; Nosso Senhor para abençoar o povo e depois se veria a sua Imagem correspondente às duas invocações de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Carmo.

– *Têm-me pedido para pedir muitas coisas* – diz-Lhe a Lúcia –. *Esta pequena é surda-muda. Não a quer curar?*

– *Durante o ano experimentará algumas melhoras.*

São pedidos de conversões..., são pedidos de curas...

– *Alguns curarei, outros não, porque Nosso Senhor não se fia neles* – responde a Virgem.

O obstáculo ao milagre seria para uns a falta de disposições suficientes; quanto aos outros, a doença seria para eles maior bem do que a cura.

– *O povo gostava muito de ter aqui uma capela* – continua a pequena, não perdendo a ocasião de recordar o pedido que lhe fizera a Sr.^a Maria Carreira.

– *Empreguem metade do dinheiro, que até hoje têm recebido, nos andores, e sobre um deles ponham Nossa Senhora do Rosário; a outra parte será destinada a ajudar à construção duma capela.*

– *Há muitos que dizem que eu sou uma intrujona, que merecia ser enforcada ou queimada. Faça um milagre para que todos creiam!* – pede, pela terceira vez, a Lúcia.

– *Sim, em Outubro farei um milagre para que todos acreditem*
– assegura de novo a Senhora.

– *Um as pessoas deram-me duas cartas para Vossemecê e um frasco de água-de-colónia.*

– *Isso de nada serve para o Céu!* – responde a Virgem.

Depois destas palavras a branca Visão despede-se e eleva-se no ar impregnado de sobrenatural.

A Lúcia grita então para o povo:

– *Se querem vê-La, olhem para ali!* – e indica o Nascente por onde a Virgem ia a desaparecer.

Avidamente todos os olhos tomaram a direcção apontada e muitos puderam observar de novo o fenómeno notado antes.

O globo luminoso ascendia também para o Céu, reconduzindo à sua celeste Morada a bondosa Rainha dos Anjos.

Depois de uns instantes de trépida comoção, os peregrinos precipitavam-se sobre as afortunadas crianças a assediá-las com mil interrogações. Foi com dificuldade que os pais conseguiram reconduzi-las às suas casas, que encontraram de novo literalmente cheias de gente. E as perguntas não deixaram de chover até que a noite veio cobrir com o seu manto de silêncio e de paz, o rústico lugarejo de Aljustrel.

CAPÍTULO XXI

FIZ SENTAR A JACINTA NUM BANQUINHO AO PÉ DE MIM

(Dr. Formigão)

Depois desta quinta aparição, mais ainda que nos meses precedentes, corria o povo a Aljustrel para ver as crianças privilegiadas e falar com elas. A maior parte eram curiosos indiscretos, cujas perguntas outro valor não tinham senão o de fazer excitar a paciência dos pequenos e das respectivas famílias.

Houve, todavia, um sacerdote que seguiu mais de perto os acontecimentos e, com aquela meticulosidade que o caso requeria, acompanhada duma prudência e duma delicadeza a toda a prova, conseguiu ganhar a confiança dos videntes e dos pais. Era o Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão, Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e então Professor do Seminário e do Liceu de Santarém.

No dia 13 de Setembro, como já referimos, tinha o dito sacerdote estado no local das Aparições. A sua primeira impressão, todavia, não fora muito animadora. Tendo ficado na estrada, a uns duzentos metros de distância, observara, dos fenómenos que se deram, só o da diminuição da luz solar que meramente atribuirá à altura da serra. Conservara, por esse motivo, uma certa reserva, benévola todavia, dada a óptima impressão que lhe tinham deixado as crianças.

Para completar as impressões colhidas e munir-se dos elementos indispensáveis ao trabalho que se propusera fazer, voltou a Fátima, numa quinta-feira, 27 de Setembro. Vinha estudar e interrogar sossegadamente as crianças para fundamentar, tanto quanto possível,

o seu juízo acerca dos acontecimentos que nos últimos cinco meses se tinham aí desenrolado.

Entre ele e o Francisco estabeleceu-se em primeiro lugar o seguinte diálogo:

Interrogatório do Francisco:

- Que é que tens visto na Cova da Iria nos últimos meses?
- Tenho visto Nossa Senhora.
- Onde é que Ela aparece?
- Em cima duma carrasqueira.
- Aparece de repente ou tu vê-La vir de alguma parte?
- Vejo-A vir do lado onde nasce o sol e pôr-se sobre a carrasqueira.
- Vem devagar ou depressa?
- Vem sempre depressa.
- Ouves o que Ela diz à Lúcia?
- Não oiço.
- Falaste alguma vez com a Senhora? Ela já te dirigiu a palavra?
- Nunca Lhe perguntei nada! Fala só à Lúcia.
- Para quem olha Ela? Também para ti e para a Jacinta ou só para a Lúcia?
- Olha para todos três; mas olha durante mais tempo para a Lúcia.
- Já alguma vez chorou ou se sorriu?
- Nem uma nem outra; está sempre séria.
- Como está vestida?
- Tem um vestido comprido e por cima um manto que Lhe cobre a cabeça e desce até à beira do vestido.
- Qual é a cor do vestido e do manto?
- É branco, e o vestido tem riscos dourados.
- Qual é a atitude da Senhora?
- É a de quem está a rezar. Tem as mãos postas à altura do peito.
- Traz alguma coisa nas mãos?
- Traz entre a palma e as costas da mão direita umas contas que pendem sobre o vestido.
- E nas orelhas que tem?

- As orelhas não se vêem, porque estão cobertas com o manto.
- De que cor são as contas?
- São também brancas.
- A Senhora é bonita?
- É, sim.
- Mais bonita do que aquela menina que tu ali vês?
- Mais.
- Mas há senhoras muito mais bonitas do que aquela menina...
- É mais bonita do que qualquer pessoa que eu visse.

«Concluído o interrogatório do Francisco – continua o Dr. Formigão – chamei de parte a Jacinta que andava a brincar na rua com outras crianças, fi-la sentar num banquinho ao pé de mim e submeti-a também a um interrogatório, logrando obter dela respostas completas e minuciosas como as do irmão».

Interrogatório da Jacinta:

- Tens visto Nossa Senhora no dia 13 de cada mês desde Maio para cá?
- Tenho, sim, senhor.
- Onde é que Ela vem?
- Vem do céu, do lado do sol.
- Como está vestida?
- Tem um vestido branco, enfeitado a oiro, e na cabeça um manto também branco.
- De que cor são os cabelos?
- Não se lhe vêem cabelos, estão cobertos com o manto.
- Traz brincos nas orelhas?
- Não sei, porque também não se lhe vêem as orelhas.
- Qual é a posição das mãos?
- As mãos estão postas à altura do peito, com os dedos voltados para cima.
- As contas estão na mão direita ou na mão esquerda?

A esta pergunta a criança responde primeiro que estavam na mão direita, mas, em seguida, devido a uma insistência propositada e capciosa da minha parte, mostra-se perplexa e confusa, não sabendo precisar bem qual das suas mãos correspondia à mão com que a Aparição segurava o Rosário.

– O que foi que Nossa Senhora recomendou à Lúcia com mais empenho?

– Mandou que rezássemos o terço todos os dias.

– E tu reza-lo?

– Rezo-o todos os dias com o Francisco e a Lúcia.

Meia hora depois de terminado o interrogatório da Jacinta, aparece a Lúcia; vinha de uma pequena propriedade da sua família onde tinha estado a vindimar.

Mais alta e mais nutrida que as outras duas crianças, de tez mais clara, robusta e saudável, apresenta-se diante de mim com um desembaraço que contrasta singularmente com o acanhamento e a timidez excessiva da Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua atitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade nem tão pouco de confusão.

Sentando-se, a um aceno meu, numa cadeira, ao meu lado, presta-se da melhor vontade a ser interrogada sobre os acontecimentos de que ela é a principal protagonista, sem embargo de se sentir visivelmente fatigada e abatida, mercê das visitas incessantes que recebe e dos inquéritos repetidos e prolongados a que é submetida.

Interrogatório da Lúcia:

– É verdade que Nossa Senhora te tem aparecido no local chamado Cova da Iria?

– É verdade.

– Quantas vezes já te apareceu?

– Cinco vezes, uma em cada mês.

– Em que dia do mês?

– Sempre no dia 13, menos no mês de Agosto, em que fui presa e levada para a Vila pelo Administrador. Nesse mês só A vi alguns dias depois, a 19, no sítio dos Valinhos.

– Diz-se que a Senhora te apareceu, também o ano passado. Que há de verdade a este respeito?

– O ano passado nunca me apareceu, nem antes de Maio deste ano; nem eu disse a pessoa alguma, porque não era verdade.

– Onde é que ela vem? Das bandas do Nascente?

– Não sei, não A vejo vir de parte alguma; aparece sobre a azinheira e quando se retira é que toma a direcção do ponto do céu em que nasce o sol.

- Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?
- Pouco tempo.
- O suficiente para se recitar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, ou mais?
- Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo; talvez não chegasse nunca para rezar o terço.
- Da primeira vez que A viste não ficaste assustada?
- Fiquei, e tanto assim que quis fugir com a Jacinta e o Francisco, mas Ela disse-nos que não tivéssemos medo, porque não nos faria mal.
- Como é que está vestida?
- Tem um vestido branco, que desce quase até aos pés, e cobre-Lhe a cabeça um manto da mesma cor e do mesmo comprimento que o vestido.
- O vestido não tem enfeites?
- Vêem-se nele, na frente, dois cordões doirados que descem do pescoço e se reúnem por uma borla também doirada à altura do meio do corpo.
- Tem algum cinto ou alguma fita?
- Não tem.
- Usa brincos nas orelhas?
- Usa umas argolas pequenas.
- Qual das mãos segura as contas?
- A mão direita.
- Era um terço ou um rosário?
- Não reparei bem.
- Terminavam por uma cruz?
- Terminavam por uma cruz branca, e as contas também eram brancas. A cadeia era também branca.
- Perguntaste-Lhe alguma vez quem era?
- Perguntei, mas declarou que só o diria a 13 de Outubro.
- Não Lhe perguntaste donde vinha?
- Perguntei donde era e Ela respondeu-me que era do Céu.
- E quando foi que Lhe fizeste esta pergunta?
- Da segunda vez, a 13 de Junho.
- Sorriu-se alguma vez ou mostrou-se triste?
- Nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria.
- Recomendou-te, e aos teus primos, que rezassem algumas orações?

– Recomendou-nos que rezássemos o terço em honra de Nossa Senhora do Rosário, afim de se alcançar a paz para o Mundo.

– Mostrou desejos de que no dia 13 de cada mês estivessem presentes muitas pessoas durante a Aparição na Cova da Iria?

– Não disse nada sobre isso.

– É certo que te revelou um segredo, proibindo que o descobrisse a quem quer que fosse?

– É certo.

– Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros?

– A todos três.

– Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?

A esta pergunta guardou silêncio, parecendo um tanto enleada e julguei não dever insistir repetindo a pergunta.

– Consta que, para te veres livre das importunações do Sr. Administrador, no dia em que foste presa, lhe contaste, como se fosse o segredo, uma coisa que o não era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres pregado essa partida: é verdade?

– Não é; o Sr. Administrador quis realmente que eu lhe revelasse o segredo, mas como não o podia dizer a ninguém, não lho disse, apesar de ter insistido muito comigo para que lhe fizesse a vontade. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, menos o segredo, e talvez por esse motivo o Sr. Administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado também o segredo. Não o quis enganar.

– A Senhora mandou-te aprender a ler?

– Mandou, sim, da segunda vez que apareceu.

– Mas se ela disse que te levaria para o Céu no mês de Outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler?

– Isso não é verdade: a Senhora nunca me disse que me levaria para o Céu em Outubro, eu nunca afirmei que ela me tivesse dito tal coisa.

– O que declarou a Senhora que se devia fazer ao dinheiro que o povo deposita ao pé da azinheira na Cova da Iria?

– Disse que o devíamos colocar em dois andores, levando eu, a Jacinta e mais duas meninas um deles, e o Francisco, com mais três rapazes, o outro, para a igreja da freguesia. Parte desse dinheiro seria destinado ao culto e à festa da Senhora do Rosário e a outra parte para ajuda duma capela nova.

– Onde quer a Senhora que se edifique a capela? Na Cova da Iria?

– Não sei: ela não o disse.

– Estás muito contente por Nossa Senhora te ter aparecido?

– Estou.

– No dia 13 de Outubro Nossa Senhora virá só?

– Vem também São José com o Menino, e pouco tempo depois será concedida a paz ao mundo.

– Nossa Senhora fez mais alguma revelação?

– Declarou que no dia 13 de Outubro fará um milagre para que todo o povo acredite que ela aparece.

– Por que razão, não raro, baixas os olhos deixando de fitar a Senhora?

– É que ela, às vezes, cega.

– Ensinou-te alguma oração?

– Ensinou, e quer que a recitemos depois de cada mistério do rosário.

– Sabes de cor essa oração?

– Sei.

– Diz lá...

– *Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, especialmente as que mais precisarem.*

CAPÍTULO XXII

O SR. DR. FORMIGÃO É QUE FOI A CHAVE DISTO TUDO. FOI UM GRANDE HOMEM!...

(José Alves)

Qual foi a impressão que o Sr. Dr. Formigão recolheu destes interrogatórios demorados com as três crianças?

Uma convicção firme da sua absoluta sinceridade, convicção que não excluía, porém, um certo receio de que as crianças fossem vítimas de uma alucinação e os acontecimentos que se realizavam na Cova da Iria fossem provocados pelo espírito das trevas para fins desconhecidos.

As pequenas contradições que notara nas respostas dos videntes não criavam dificuldade séria; referiam-se apenas a pormenores de pouca ou nenhuma importância que bem se podiam explicar pela fadiga e a perturbação provocadas pelos renhidos ataques, que de todos os lados lhes eram feitos, desde que a extraordinária notícia começara a circular.

Para desvanecer estes últimos restos de dúvida, o Dr. Formigão resolveu partir para a Fátima a fim de interrogar novamente os pequenos, antes do grande dia 13 em que se esperava o milagre prometido pela suposta Visão.

De Santarém seguiu para Chão de Maçãs de comboio; de Chão de Maçãs a Vila Nova de Ourém e de Vila Nova de Ourém a Fátima numa *charrette*. Ali chegou às onze horas da noite e logo foi pernoitar num lugarejo, Montelo, que fica a dois quilómetros da Fátima, em casa da honrada família Gonçalves. O filho do dono da casa, Manuel Gonçalves Júnior, de 30 anos de idade, casado, homem inteligente e

dotado de muito bom senso e de faculdades invulgares de observação, forneceu-lhe preciosíssimas indicações acerca das famílias dos videntes e a impressão geral sobre os acontecimentos dos últimos cinco meses.

Eis a conversação que se trocou entre os dois:

– Os pais das crianças de Aljustrel, que se dizem favorecidas com aparições de Nossa Senhora, têm boa fama, são gente honrada e de bons costumes?

– Os pais do Francisco e da Jacinta são pessoas muito boas, profundamente religiosas e respeitadas e estimadas por todos. O pai tem fama de ser o homem mais sério do lugar. É incapaz de enganar alguém.

O pai da Lúcia frequenta pouco a Igreja. Não é porém, dotado de maus sentimentos. No dia treze de Julho, alguns companheiros mal intencionados embriagaram-no, no intuito de o levarem a praticar desatinos no local das aparições. Efectivamente, embora, como sempre, tivesse deixado a filha ir àquele local, mandou retirar o povo, pois é proprietário da charneca onde está a carrasqueira em que se dá a aparição. O povo, vendo-o em estado de embriaguez, não se importou com essa intimação; e um homem empurrou-o, fazendo-o cair.

A mãe é uma mulher honesta, religiosa e amante do trabalho.

– Que pensam os habitantes da Fátima a respeito do que as crianças dizem? Não lhes acreditam? Julgam-nas mentirosas? Ou julgam-nas vítimas duma alucinação?

– A princípio, o povo não queria ir à Cova da Iria. Ninguém acreditava nas crianças. Em 13 de Junho, dia da segunda aparição, havia festa na igreja da freguesia em honra de Santo António. Na Cova da Iria estavam apenas, à hora da aparição, umas sessenta pessoas. Os pais do Francisco e da Jacinta tinham ido de manhã cedo para Porto de Mós, à feira chamada «dos treze», com o fim de comprar bois, e chegaram já de noite. Na sua ausência a casa encheu-se de gente que queria ver as crianças e interrogá-las. Presentemente uma grande parte do povo julga que as crianças falam verdade. Pela minha parte, estou convencido disso.

– Nos dias das aparições tem havido sinais extraordinários? Há muitas pessoas que afirmam tê-los visto?

– Os sinais são muitos. Em Agosto quase todos os que estavam presentes viram esses sinais. Uma nuvem baixou até à carrasqueira.

Em Julho notava-se o mesmo. Não havia poeira no local. A nuvem empouou os ares, que pareciam enevoados.

– Houve mais algum sinal?

– Viam-se no céu, próximo do sol, umas nuvens brancas que se tornavam sucessivamente de vermelho vivo (cor de sangue), cor de rosa e amarelas. O povo tornou-se desta última cor. A luz do sol diminuiu bastante de intensidade. Sentiu-se também um rumor em Julho e em Agosto.

– Suspeita-se de alguém que tenha induzido as crianças a representar uma comédia?

– Não, nem isso é crível.

– Tem vindo muita gente de fora ver as crianças e falar com elas?

– Têm vindo inúmeras pessoas de toda a parte.

– Elas aceitam o dinheiro que lhes queiram dar?

– Têm aceitado qualquer coisa quando teimam muito com elas, mas não aceitam por sua vontade.

– As famílias são pobres? Vivem do seu trabalho? Têm propriedades?

– Não são pobres. São até abastadas. E, se a família da Lúcia não o é mais, isso é devido às circunstâncias de o pai se descuidar com frequência do amanhã das suas propriedades.

– Há em Fátima pessoas que tenham estado ao pé das crianças durante as aparições?

– Em Julho estiveram ao pé delas Jacinto Almeida Lopes, da Amoreira, e Manuel de Oliveira, deste lugar de Montelo.

– Que faz a Lúcia durante o tempo das aparições?

– Reza o terço. Quando se dirige à Senhora, fala alto. Eu próprio ouvi em Junho, porque estava próximo. Algumas pessoas afirmam que ouvem o som das respostas.

– O local das aparições é muito frequentado também nos outros dias por pessoas piedosas ou curiosas?

– É muito frequentado, sobretudo aos domingos. A maior concorrência é à noite. Vão ali muitas pessoas, de longe e de perto, e mais ainda de fora da freguesia. Rezam o terço e cantam cânticos em honra da Virgem.

Acabado este interrogatório, o Dr. Fornigão seguiu para Aljustrel onde foi encontrar a Lúcia junto da habitação, dando serventia a um pedreiro que fazia uma reparação num telhado.

«Logo que me viu – continua o rev. sacerdote – cumprimentou-me respeitosamente. A mãe apareceu no mesmo instante e acedeu da melhor vontade ao pedido que lhe fiz de me deixar interrogar de novo a filha. Primeiro, porém, fiz-lhe algumas perguntas, entre as quais as seguintes a que atribui uma importância especial:

– Consta-me que possui um livro intitulado «Missão Abreviada» e que, às vezes, o lê a seus filhos. É verdade? ¹

– É verdade; possuo esse livro e tenho-o lido a meus filhos.

– Leu a aparição de La Salette diante da Lúcia e outras crianças?

– Só diante da Lúcia e dos outros meus filhos.

– A Lúcia falava às vezes na história de La Salette, mostrando de qualquer modo que essa história tinha produzido grande impressão no seu espírito?

– Nunca lhe ouvi dizer nada a esse respeito, se bem me recordo.

2

O interrogatório da Lúcia foi feito diante de quatro testemunhas acreditadas.

Interrogatório da Lúcia:

– Disseste-me, há dias, que Nossa Senhora queria que o dinheiro oferecido pelo povo fosse levado para a igreja da freguesia em dois andores. Como é que adquirem os andores e quando é que eles devem ser conduzidos para a igreja?

– Os andores compram-se com o dinheiro oferecido e serão levados nas festas da Senhora do Rosário.

– Sabes com certeza em que sítio é que Nossa Senhora deseja que se edifique uma capela em sua honra?

– Não sei ao certo, mas julgo que ela quer a capela na Cova da Iria.

– Que disse ela que havia de fazer para que o povo acreditasse que apareceu?

¹ Era o receio da sugestão que tal livro podia ter produzido nas crianças, que levava o inquiridor a aproveitar-se da favorável circunstância para esclarecimento deste ponto.

² Não era portanto natural que a criança, impressionada pela leitura a ponto de ficar obcecada pelas aparições de La Salette, não o tivesse manifestado de modo que a mãe o notasse.

- Disse que havia de fazer um milagre.
- Quando foi que disse isso?
- Disse-o umas poucas de vezes, mas uma vez, na ocasião da primeira aparição, é que lhe fiz a pergunta. ¹
- Não tens medo de que o povo te faça mal, se não vir nada de extraordinário nesse dia?
- Não tenho medo nenhum.
- Sentes dentro de ti alguma coisa, alguma força que te arraste para a Cova da Iria no dia 13 de cada mês?
- Sinto vontade de lá ir e ficava triste se não fosse.
- Viste alguma vez a Senhora benzer-se, rezar, ou desfiar as contas?
- Não vi.
- Mandou-te rezar?
- Mandou-me rezar umas poucas de vezes.
- Disse-te que rezasses pela conversão dos pecadores?
- Não disse; mandou-me só rezar à Senhora do Rosário para que acabasse a guerra.
- Vistê os sinais que as outras pessoas dizem ter visto, como uma estrela e rosas a despregarem-se do vestido da Senhora, etc.?
- Não vi a estrela nem outros sinais.
- Ouviste algum rumor, trovão ou tremor de terra?
- Nunca ouvi.
- Sabes ler?
- Não sei.
- Andas a aprender a ler?
- Não ando.
- Como cumpres então a ordem que a Senhora te deu nesse sentido?
- !... ²
- Quando dizes ao povo que ajoelhe e reze, é a Senhora que manda que o digas?
- Não é a Senhora que manda, sou eu que quero.
- Sempre que ela aparece, tu ajoelhas?

¹ É um dos pequenos equívocos em que a Lúcia às vezes caía, facilmente explicáveis, como acima dissemos, pela continuidade e insistência dos interrogatórios que todos se julgavam com direito de lhe fazer.

² Não querendo acusar a mãe que lhe dizia: - Bem se importa Nossa Senhora que tu saibas ler ou não! - a Lúcia calava-se.

- Às vezes, fico de pé, outras vezes, ajoelho-me.
- Quando fala, a sua voz é doce e agradável?
- É.
- Que idade parece ter a Senhora?
- Parece ter uns quinze anos.
- De que cor é o cadeado do rosário?
- É branco.
- E o crucifixo?
- O crucifixo também é branco.
- O véu cobre a testa da Senhora?
- Não cobre; vê-se-lhe bem a testa.
- O resplendor que a envolve é bonito?
- É mais bonito que a luz do sol e muito brilhante.
- A Senhora nunca te saudou com a cabeça ou com as mãos?
- Nunca.
- Nunca se riu para tí?
- Também não.
- Costuma olhar para o povo?
- Nunca a vi olhar para ele.
- Ouves as conversas, rumores e gritos do povo, durante o tempo em que vês a Senhora?
- Não oiço.
- A Senhora pediu-te em Maio que voltasses todos os meses até Outubro à Cova da Iria?
- Disse que voltássemos lá, de mês a mês durante seis meses, no dia treze.
- Ouviste ler à tua mãe o livro chamado «Missão Abreviada», onde se conta a história da aparição de Nossa Senhora a um menino e uma menina?
- Ouvi.
- Pensavas muitas vezes nessa história e falavas dela a outras crianças?
- Não pensava nessa história nem a contei a ninguém.

Ouvida a Lúcia, o Dr. Formigão dirigiu-se a casa do Sr. Marto e em presença dele e dalgumas das irmãs dos videntes, interrogou em primeiro lugar a Jacinta.

Interrogatório da Jacinta:

- A Senhora recomendou que rezassem o terço?
- Recomendou.
- Quando?
- Quando apareceu pela primeira vez.
- Ouviste também o segredo ou foi só a Lúcia que o ouviu?
- Eu também ouvi.
- Quando ouviste?
- Da segunda vez, no dia de Santo António.
- Esse segredo é para serem ricos?
- Não é.
- É para serem bons e felizes?
- É. É para bem de todos três.
- É para irem para o Céu?
- Não é.
- Não podes revelar esse segredo?
- Não posso.
- Porquê?
- Porque a Senhora disse que não disséssemos o segredo a ninguém.
- Se o povo soubesse o segredo, ficava triste?
- Ficava.
- Como tinha a Senhora as mãos?
- Tinha-as erguidas.
- Sempre erguidas?
- Às vezes voltava as palmas para o Céu.
- A Senhora disse em Maio que queria que fossem à Cova da Iria mais vezes?
- Disse que queria que fôssemos lá durante seis meses, de mês a mês, até que em Outubro dissesse o que queria.
- Ela tem na cabeça algum resplendor?
- Tem.
- Podes olhar bem para o rosto?
- Não posso, porque faz mal aos olhos.
- Ouviste sempre bem o que a Senhora disse?
- Da última vez não ouvi tudo por causa do barulho que o povo fazia.

Interrogatório do Francisco:

- Que idade é que tens?
- Tenho nove anos feitos.
- Só vês Nossa Senhora ou ouves também o que ela diz?
- Só a vejo, não oiço nada do que ela diz.
- Tem algum clarão em volta da cabeça?
- Tem.
- Podes olhar bem para a cara dela?
- Posso olhar, mas pouco, por causa da luz.
- Tem alguns enfeites no vestido?
- Tem uns cordões de ouro.
- De que cor é o crucifixo?
- É branco.
- E a cadeia do rosário?
- Também é branca.
- O povo ficava triste se soubesse o segredo?
- Ficava.

Mais uma vez, pela singeleza das respostas, o Dr. Formigão se convencia da sinceridade das crianças e redobrava de ansiedade de que se aproximasse o dia 13 que devia definitivamente marcar a sobrenaturalidade dos sucessos da Fátima. Os pequenos afirmavam que Nossa Senhora tinha prometido um sinal do Céu: a bondosa Mãe de Deus não faltaria decerto, se era verdadeiramente Ela que aparecia, ao cumprimento das suas promessas.

CAPÍTULO XXIII

AI, EM QUE ISTO VAI DAR!...

(Maria Rosa)

No próximo dia 13 de Outubro eu farei um milagre para que todos acreditem – tinha assegurado nas últimas três aparições a Virgem Santíssima à sua confidente. E a Lúcia, por sua vez, repetia-o a todos os que a vinham interrogar.

Portugal fora, falava-se no assunto e esperava-se a realização do grande milagre, aprazado com dia, hora e lugar certo. 13 de Outubro seria para as Aparições da Fátima a prova decisiva, concludente.

Os inimigos da Igreja riam-se desta profecia e dos simplórios que acreditavam nela; regozijavam-se com a magnífica oportunidade que os acontecimentos lhes ofereciam para se poder – diziam – enterrar duma vez para sempre em Portugal a religião cristã.

No mesmo dia 13 de Outubro, Avelino de Almeida publicava um artigo no «Século», em que procurava fazer espírito com o caso da Fátima, artigo que foi um reclamo não só nos meios citadinos mas mesmo pela província, pois que o «Século» era o jornal de maior circulação nesse tempo.

Na Fátima, e sobretudo em Aljustrel, onde menos se acreditava nas Aparições, reinava um verdadeiro pavor.

Ameaçavam-se a sério as crianças e sobretudo a Lúcia. Ameaçavam-se as suas famílias se o milagre não se desse.

«A minha família – conta-nos a Sr.^a Maria dos Anjos – estava muito preocupada com isso. Quanto mais se aproximava o dia 13 mais nós repetíamos à Lúcia que era bom que ela não andasse com

aquelas teimas, que lhes ia acontecer mal a eles e a nós; que íamos todos sofrer por causa das coisas que eles tinham inventado. O pai ralhava-me muito, muito. Quando estava com a pinga, era muito mau de aturar; mas nunca lhe bateu. Era a mãe que a castigava mais.

Dizia-se que iam lá deitar bombas para meter medo às crianças e a nós.

– Se a coisa fosse connosco – diziam-nos alguns – nós fechávamo-las num quarto até que se desdissemos.

Nós tínhamos muito medo. Sem ser na frente da Lúcia dizíamos:

– O que será de nós todos!...

Até os vizinhos diziam: – Vem uma bomba a rebentar tudo aqui... a nossa casa, as nossas coisas...

Alguém veio aconselhar a mãe que se levasse a Lúcia daqui para fora, para um sítio onde ninguém desse com ela... Cada cabeça, cada sentença; todos tinham um conselho a dar, e a gente ficava sem saber o que devia fazer.

– Se é Nossa Senhora que ali aparece – repetia a mãe – bem poderia já ter feito um milagre... Poderia ter feito romper uma nascente... ou qualquer outra coisa... Quando chove, fica ali uma pinguita de água e mais nada... Ai, em que isto vai dar!...

Os pequenos é que não tinham medo nenhum.

Uma vez – foi poucos dias antes do dia 13 – fui ter com eles ao poço e disse-lhes:

– Então vocês não estão resolvidos a dizer que não viram nada na Cova da Iria?... Já andam aí a dizer que deitam bombas para destruir as nossas casas... É melhor vocês dizerem só a mim e eu vou dizê-lo ao Sr. Prior, e o Sr. Prior avisa do altar abaixo... Querem que eu vá? Querem?

A Lúcia, de testa franzida, calava-se e então a Jacinta, entre lágrimas e com a sua vozinha meiga, respondeu-me:

– Pois sim, mas a gente viu!»...

Era tão grande o terror que ia na casa do Abóbora, que na véspera do dia 13, mal luzia o dia, a mãe da Lúcia saltou da cama, foi acordar a filha e disse-lhe:

– Ó Lúcia, é melhor irmo-nos confessar. Dizem que havemos de morrer amanhã na Cova da Iria... Se a Senhora não faz o milagre, o povo mata-nos. Portanto é melhor que nos confessemos, a fim de estarmos preparados para a morte.

Mas a Lúcia respondia com placidez:

– Se a mãe quer confessar-se, eu vou também; mas não por esse motivo. Não tenho medo de que nos matem. Estou certíssima que a Senhora há-de fazer amanhã tudo o que prometeu.

E não se falou mais em confissão.

Em casa do Francisco e da Jacinta havia maior paz. Convencido como estava o ti Marto da realidade das Aparições, não havia nada que fizesse abalar a sua fé.

Era, pois, com a maior segurança que ele encarava os acortecimentos anunciados.

«Poucos dias antes do dia 13 de Outubro – conta-nos o bom homem – apareceu aqui o Sr. Padre Poças, prior de Porto de Mós, com um seu paroquiano. Vinha para ver se conseguia que os pequenos se desdissem.

Quando eu cheguei a casa, já eles tinham interrogado o Francisco, mas sem resultado nenhum. Queriam também falar com a Lúcia e com a Jacinta, mas as duas cachopas andavam lá por Boleiros a buscar cal com uma jumentica. Apesar de eu lhes dizer que as pequenas cá viriam ter, lá foram em procura delas, mais o João. Não tardou muito que voltassem todos e eu os encontrasse na altura da casa da Maria dos Anjos, irmã da Lúcia.

Ali o Sr. Padre Poças começou a interrogar a Lúcia:

– Ouve lá, menina, tu vais dizer-me agora que tudo isso são histórias e bruxaria. Se tu não o dizes, digo-o eu e mando-o dizer por toda a parte. Todos acreditam em mim e vem por aí abaixo a destruir tudo, e, é claro, vocês também não escapam.

A Lúcia não respondeu palavra e eu não me tive que não dissesse ao Sr. Prior:

– Pois o melhor é mandar já telegrafar por toda a parte.

– Pois isso mesmo é que se devia fazer! Assim ninguém viria cá no dia 13 e acabava-se tudo.

Eu então fiquei mesmo encolerizado e a Jacinta, que não gostava de ver ninguém zangado, sumiu-se. Voltei-me para o Sr. Padre e disse-lhe:

– Se assim é, deixem as crianças descansadas. Ninguém impede os senhores de fazerem o que entenderem!

Então o tal sujeito, que vinha com o Padre, declarou furioso:

– Isto aqui não é outra coisa senão bruxedo. O mesmo se dava

com uma minha criada que, há tempos, tive lá em casa. Quando se lhe metia uma coisa na cabeça, não havia ninguém que lha tirasse!

Em silêncio todos três voltámos para casa e lá estava já a Jacinta na soleira da porta a catar uma cachopita que andava pela sua idade.

– Ouve lá, Jacinta, – disse então o Sr. Padre Poças – tu não quiseste dizer nada? Mas a Lúcia contou-nos tudo. E tudo é mentira.

– Não, a Lúcia não disse nada! – respondeu com firmeza a pequena.

Mas ele teimava e a Jacinta ainda mais:

– A Lúcia não contou nada!

Via-se bem que todos estavam pasmados com a firmeza da pequena; até julguei que se convenciam das Aparições. Em certa altura o tal fulano puxou dum tostão da algibeira para entregar à Jacinta, mas eu segurei-lhe o braço e bradei:

– Alto, isso não se faz!

– Pelo menos, ao João posso dar alguma coisa!

– Não é preciso, mas, se quer, a esse pode dar!

Quando eles iam a sair, o Padre voltou-se para mim e disse-me:

– Sim, senhor, tem desempenhado bem o seu papel!

– Bem ou mal, não sei; cá nesta casa usa-se assim! – foi a minha resposta.

E continuei:

– Não conseguiram que os pequenos se desdissem, mas, ainda que o conseguissem, eu ficava na minha de que eles falavam verdade!».

CAPÍTULO XXIV

ERA AQUI POVO QUE DEUS NOS LIVRE!...

(Maria da Capelinha)

Com o injustificado terror dos pais da Lúcia e da maior parte dos habitantes de Aljustrel, fazia flagrante contraste a tranquilidade e a fé viva com que milhares de peregrinos de todas as províncias de Portugal se encaminhavam para a ditosa terra da Promissão.

Era um espectáculo verdadeiramente impressionante.

Temos sob os olhos várias descrições desta singular peregrinação e somente lamentamos não poder transcrevê-las na íntegra. Contentar-nos-emos com alguns trechos, tirados de testemunhos insuspeitos.

«Despovoaram-se os lugares, as aldeias, as cidades próximas – refere um artigo do jornal «O Dia», de 19 de Outubro de 1917, que hoje sabemos escrito por D. Madalena de Martel Patrício. Pelas estradas, já nas vésperas, seguiam grupos de romeiros a caminho de Fátima.

Pescadores da Vieira deixaram as casas de madeira negra assentes sobre o mar, as lides da arrumação da pescaria.

Pelos pinhais, onde as camarinhas parecem gotas de orvalho na verdura, pelos areais onde giram as velas dos moinhos, vieram a pé, os coturnos de lã nas pernas musculosas, saias de agasalho sobre as costas, à cabeça o saco com o farnel, no passo miúdo e meneado que lhes fazia voltar a rodaria das saias e agitar os lenços alaranjados onde assentavam os chapéus pretos.

Operários da Marinha, lavradores de Monte Real, das Cortes,

dos Marrazes, serranas de longe – das serras do Soubio, de Minde, de Lourçal, gente de toda a parte onde chegasse a voz do Milagre, deixavam as casas e os campos e vinham por ali fora a cavalo, de carro ou a pé cruzando as estradas, atravessando montes e pinhais, de longada pelos caminhos que durante dois dias se animaram do rodar dos carros, do chouto dos jumentos, do vozear dos grupos dos romeiros.

O Outono avermelhava as vinhas vindimadas. O vento do Nordeste, frio e cortante, anunciando o Inverno, fazia tremer os choupos transparentes das bordas dos rios, que desmaiavam saudosos do sol em tons amarelos de rendas antigas.

Nos areais giravam as velas brancas dos moinhos. Nos pinhais curvavam-se ao vento os cimos verdes dos pinheiros. As nuvens iam cobrindo o céu. Amontoava-se o nevoeiro em blocos leves e macios.

O mar, na vastidão da praia da Vieira, espumava, bramia, enrolava-se em ondas altas e pelos campos ia-se ouvindo, num clamor sinistro, a sua voz!

Toda a noite, toda a madrugada choveu uma chuva miudinha persistente, que encharcava os campos, que entristecia a terra, que ia trespassando até os ossos, de uma humidade fria, as mulheres, as crianças, os homens e os animais que cruzavam as estradas lamacentas no caminho apressado para a serra do Milagre.

A chuva caía, caía, macia e teimosa. As saias de estamena e riscadinho pingavam, pesavam como chumbo nas fitas das cinturas. Os barretes e os chapéus largos escorriam água sobre as jaquetas novas dos fatos de ver a Deus. Os pés descalços das mulheres, as botas ferradas dos homens, chapinhavam nas poças largas do lodaçal das estradas. Mas a chuva parecia que não molhava, parecia que se não sentia a chuva.

Caminhavam sempre subindo a serra iluminados de fé, na ânsia do milagre que Nossa Senhora prometera, no dia 13, pela uma hora, a hora do sol, às almas simples e puras de três crianças que apascen-tavam gados! Aproximava-se um murmúrio que vinha descendo do monte. Murmúrio que parecia a voz longínqua do mar, que se tinha calado no silêncio dos campos.

Eram cânticos que se definiam, entoados por milhares de bocas. No planalto da serra, cobrindo o monte, enchendo um vale, via-se uma e milhares de almas em prece!

Mãos erguidas, olhos em êxtase, vinham na fé ardente da cren-

ça. Vinham pedir o milagre a Nosso Senhor, pedir a redenção dos pecados, pedir a benção para as amarguras da vida!».

.....

Da estrada de Chão de Maçãs a Vila Nova de Ourém e nesta última localidade era a mesma piedosa romagem. Assim no-la descreve o já referido jornalista, Avelino de Almeida, enviado especial do jornal o «Século»:

«...Pelo caminho topavam-se os primeiros ranchos que seguem em direcção ao local santo, distante mais de vinte quilómetros bem medidos.

Homens e mulheres vão quase todos descalços – elas, com saquitéis à cabeça sobrepujados pelas sapaterras; eles, abordoando-se a grossos varapaus e cautelosamente munidos também de guarda chuva. Dir-se-iam, em geral, alheados do que se passa a sua volta, num desinteresse grande da paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando numa triste melopeia o terço.

Uma mulher rompe a primeira parte da Ave-Maria, a saudação; os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a súplica. Num passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e olivedos, para chegarem antes da noite ao sítio da Aparição, onde, sob o relento e a luz fria das estrelas, projectam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita – para no dia de hoje verem melhor.

À entrada da vila mulheres do povo a quem o meio já injectou o vírus do ateísmo comentam, em tom de troça, o caso do dia:

– Então vais, amanhã, ver a santa?

– Eu não. Se ela cá viesse!

E riem-se com gosto, enquanto os devotos prosseguem indiferentes a tudo o que não seja o objectivo da sua romagem. Durante a noite, reúnem-se na praça da vila os mais variados veículos, conduzindo crentes e curiosos sem que faltem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao peso dos anos, mas faiscando-lhes nos olhos o lume ardente da fé que as animou ao acto corajoso de abandonar por um dia o inseparável cantinho da casa.

Ao romper da alva, novos ranchos surgem intrépidos e atravessam, sem pararem um instante, o povoado, cujo silêncio quebram

com a harmonia dos cânticos que vozes femininas, muito mal afinadas, entoam num violento contraste com a rudeza dos tipos.

O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta.

As nuvens negras acastelam-se precisamente sobre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que, por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção, para lá confluem.

Os automóveis luxuosos deslizam vertiginosamente, tocando as buzinas; os carros de bois arrastam-se com vagar a um lado da estrada; as galeras, as vitórias, as caleches fechadas, as carroças nas quais se improvisaram assentos, vão ajoujados a mais não poderem. Quase todos levam, com os farnéis, mais ou menos modestos, para as bocas cristãs, a ração de folhelho para os irracionais a que o «poverello» de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem valorosamente a sua tarefa.

Telinta uma ou outra guizeira, vê-se uma carrocinha adornada de buxo; no entanto, o ar é festivo e discreto, as maneiras são compostas, a ordem absoluta... Burrinhos choutam à margem da estrada e os ciclistas, numerosíssimos, fazem prodígios para não esbarrar de encontro aos carros.

Pelas 10 horas o céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover.

As cordas de água, batidas por um vento agreste, fustigam os rostos, encharcando o macadame e repassando até aos ossos os caminhantes desprovidos de chapéus e de quaisquer outros resguardos. Mas ninguém se impacienta ou desiste de prosseguir e, se alguns se abrigam sob a copa das árvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debruçam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma impressionante resistência.

O ponto da charneca de Fátima, onde se disse que a Virgem apareceu aos pastorinhos do lugarejo de Aljustrel, é dominado numa enorme extensão pela estrada que corre para Leiria, e ao longo da qual se postaram os veículos que lá conduziram os peregrinos e os mirones.

Mas o grosso dos romeiros, milhares de criaturas que foram de muitas léguas em redor e a que se juntaram fiéis idos de várias províncias, – alentejanos e algarvios, minhotos e beirões –, congregam-se em torno da pequena azinheira que, no dizer dos pastorinhos, a Visão escolhera para seu pedestal e que podia considerar-se como

o centro de um amplo circo em cujo rebordo outros espectadores e outros devotos se acomodam.

Visto da estrada, o conjunto é simplesmente pictórico. Os prudentes campónios, abarracados sob os chapéus enormes, acompanham, muitos deles, o desbaste dos parques farnéis com o conduto espiritual dos hinos sacros e das dezenas do rosário.

Não há quem tema enterrar os pés na argila empapada, para ter a dita de ver de perto a azinheira sobre a qual ergueram um tosco pórtico em que bamboleiam duas lanternas.

Alternam-se os grupos que cantam os louvores da Virgem e uma lebre espavorida, que galga matagal em fora, apenas desvia as atenções de meia dúzia de zagaletes que a alcançam e a prostram à cacetada».

.....

Quantos eram os peregrinos da Fátima naquele memorável dia 13 de Outubro? – Quarenta mil? Cinquenta mil? Setenta mil?... Na sua relação o ilustre Professor da Universidade de Coimbra, Almeida Garrett, fala de mais de cem mil! ¹

Não havia, porém, só devotos ali. Como doutras vezes, e ainda mais, havia uma boa percentagem de curiosos, de descrentes, de ateus, que tinham vindo unicamente para troçar, para rir de tão ingénuas crenças. Bem resguardados dentro dos cómodos automóveis, contemplavam com compaixão toda aquela gente que se abalançara a tantos sacrifícios, e para quê?

O Dr. Formigão que, como já dissemos, estava presente ao milagre, refere-nos um pitoresco pormenor que bem frisa esta heterogeneidade de espectadores.

«Num trem de praça alguns homens, tipo de comerciantes, conversam acaloradamente. Em certa altura, um deles brada quase exasperado:

– Era bem feito que cortassem a cabeça aos três cachopos! Enganaram-nos fazendo que nos molhássemos até à medula dos ossos.

¹ O correspondente do «Diário de Notícias» contou 240 carros, 135 bicicletas; para cima de 100 automóveis. Esta estatística representa apenas o número de veículos que regressaram por Vila Nova de Ourém.

– Não – replica o outro. – Quem tem a culpa são os pais. Tanta gente iludida por causa deles! Deviam metê-los na cadeia!

– Que pouca sorte! – exclamou o terceiro. – Melhor seria que tivéssemos ficado em Ourém a comer um naco de chouriço e a beber um copo de vinho!».

«Já no dia 12 – conta-nos a Sr.^a Maria Carreira – era aqui povo que Deus nos livre!... Havia muita gente e faziam um barulho que até se ouvia lá em cima, no nosso lugar. Passaram todos a noite ao ar livre, porque não havia cá telha nenhuma.

Ainda o sol não tinha rompido, já se rezava, chorava e cantava. Também eu vim para aqui muito cedo e consegui chegar à azinheirinha que já não tinha senão um cepo e que eu na véspera tinha enfeitado de flores e fitas de seda.

Estava com pena, porque era a última vez que Nossa Senhora vinha aparecer, mas ao mesmo tempo, com alegria, desejosa de saber o que a Virgem Santíssima dizia e para ver o milagre que ia fazer para que o povo acreditasse.

Junto do local das aparições estava também um Sr. Padre que ali tinha passado a noite e estava a rezar, para si, no Breviário. Ao meio-dia chegaram os meninos, vestidos de branco como se fossem para a Comunhão, e o Sr. Padre perguntou-lhes a que horas Nossa Senhora ia chegar.

– Ao meio-dia – respondeu a Lúcia.

O sacerdote pegou no relógio e disse:

– Olhem, já é meio-dia. Nossa Senhora não é mentirosa!... Vamos a ver!

Passaram uns minutos e o tal padrezinho pega outra vez no relógio e diz:

– O meio-dia já passou. Tudo daqui para fora! Tudo é uma ilusão!

Mas a Lúcia não queria ir e o padre começou a empurrar os três pequenos com as mãos. A Lúcia quase a chorar disse-lhe então:

– Quem quiser ir-se embora, que se vá, que eu não vou. Eu estou naquilo que é meu... Nossa Senhora disse que vinha... Doutras vezes veio e agora também há-de vir.

Ao mesmo tempo olhou para o Nascente e disse à Jacinta:

– Ó Jacinta, ajoelha, que já lá vem Nossa Senhora. Já vi o relâmpago.

O padre calou-se bem caladinho e eu nunca mais o vi».

CAPÍTULO XXV

EU SOU A SENHORA DO ROSÁRIO

(Nossa Senhora)

Voltemos, mais uma vez, atrás. Em Aljustrel em casa da Sr.^a Maria Rosa havia grande comoção. Pela primeira vez a boa mulher se enternecia supondo que para a filha seria aquele o último dia da sua vida. Com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, contemplava a pequena que, afagando-lhe o rosto, procurava animá-la.

– Não tenha medo, minha mãe. Nada de mal nos acontecerá, de certo!... Nossa Senhora há-de fazer o que prometeu!

E a Lúcia já se dispunha a sair para casa dos tios a reunir-se aos primos, quando num impulso de amor materno a Sr.^a Maria Rosa se decidiu a acompanhá-la ao local das Aparições.

– Se a minha filha vai morrer, eu quero morrer ao seu lado!
E com o pai lá foi levar a pequena a casa dos tios.

Com dificuldade puderam abrir caminho e entrar na habitação do ti Marto, a quem damos agora de novo a palavra.

«Os curiosos e os devotos enchiam-nos a casa a mais não poder ser. Fora chovia muito. Aquilo estava mesmo um barreiro; era tudo um lamaçal.

A minha mulher afligia-se com aquilo tudo. Era gente por cima das arcas, era gente por cima das camas, a sujarem tudo...

Eu então dizia-lhe:

– Deixa lá, mulher! Em estando cheia, não leva mais ninguém!...

À hora justa eu dispunha-me a sair atrás dos pequenos, quando um meu vizinho me tomou para uma banda e disse-me baixinho:

– Ó ti Marto, é melhor não ir... Porque poderia calhar ser maltratado... Os pequenos, eles não... são crianças, ninguém lhes vai fazer mal!... Mas você é que está em risco de ser enxovalhado!

– Pois eu vou na boa fé – respondi-lhe. Não tenho medo nenhum... Pelo bom andamento das coisas não tenho receio.

A minha Olímpia, sim, essa tinha muito medo: estava sempre com confusões... Recomendava-se a Nossa Senhora. Futurava aquilo doutra maneira, porque os Padres e mais a gente futuravam aquilo mau.

Os pequenos também estavam sossegados da sua vida. A Jacinta e mais o Francisco não tinham perturbação nenhuma.

– Olha, se nos fizerem mal – dizia a Jacinta – vamos para o Céu, mas os que nos fizerem mal, coitadinhos deles! Vão para o inferno!...

Uma senhora do Pombalinho, que até era a Baronesa de Almeirim, cuidou eu, trouxe dois vestidos para as pequenas e ela mesmo lhos vestiu: um vestido azul para a Lúcia, e um branco para a Jacinta; sobre a cabeça pôs-lhes umas corozinhas de flores de pano que até pareciam uns anjinhos.

– Abalámos de casa que chovia se Deus a dava. O caminho era uma lama pegada. Mas tudo isso não impedia que houvesse mulheres, e até senhoras, que se ajoelhavam diante das crianças.

– Deixem-se lá dessas coisas, mulheres! – dizia eu.

Aquela gente cuidava que os cachopos tivessem um poder que só os Santos têm.

Ao cabo de muitos trabalhos e muitas intervenções, lá chegámos à Cova da Iria.

O povo era tão cerrado que não se podia furar. Foi então que um chofer levantou a minha Jacinta nos braços e, aos empurrões, abriu caminho até às varas que tinham as lanterminhas, gritando:

– Deixem passar os meninos que viram Nossa Senhora!

Eu meti-me atrás deles; e a Jacinta, aflita, por me ver no meio de tanta gente, pôs-se a gritar:

– Não me apertem o meu pai, não me apertem o meu pai!...

O tal poisou-a por fim no chão junto da azinheira, mas ali também o aperto era grande e a pequena chorava. Foi então que a Lúcia e o Francisco a meteram no meio deles.

A minha Olímpia ficava lá para outra banda, não sei para onde; mas a comadre Maria Rosa chegou mesmo ali ao pé. Eu fiquei um pouquinho desviado e dei então por um mal encarado a carregar-me com um pau no ombro e pensei comigo: – Isto é o princípio da desordem!

O povo fazia onda para trás e para diante, até que, quando chegou aquele momento, tudo ficou calado e quieto».

O momento já é sabido, era o meio-dia solar.

Instantes depois, os três videntes vêem o relâmpago e a Lúcia grita:

– Caluda, caluda! Já lá vem Nossa Senhora! Já lá vem Nossa Senhora!...

E a Senhora, pela última vez, veio e poisou os seus nevados pés sobre as grinaldas de flores e as fitas com que as mãos piedosas da Sr.^a Maria Carreira lhe tinha ornado o pedestal.

O rosto da vidente toma uma expressão sobrenatural; as feições tornam-se-lhe mais delicadas, o colorido das faces mais mimoso, o olhar mais suave. A Lúcia entra em comunicação directa com o divino e não ouve a mãe que lhe diz:

– Vê bem, filha. Olha que não te enganes!

Uma nuvem acinzentada envolve o cândido grupinho como ténue voluta de incenso.

– Que é que Vossemecê me quer – é a pergunta que a singeleza da Lúcia tem sempre espontânea.

– *Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas.*

– Eu tenho muitos pedidos. Quer cumpri-los ou não?

– *Alguns sim, outros não* – responde a Virgem. – *É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.*

E, tomando um aspecto muito triste, continuou:

– *Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido!*

– Não quer mais nada de mim? – pergunta por fim a criança.

– *Não quero mais nada* – respondeu a branca Senhora.

– E eu também não quero mais nada.

E a Senhora do Rosário despediu-se, pela última vez, dos seus três confidentes, abriu as mãos, fê-las reflectir aos fulgores solares e, enquanto se elevava, a sua luz não deixava de se projectar no disco luminoso.

A Visão era mais brilhante que o sol!

A Lúcia, sem despegar o seu olhar da radiosa Aparição, grita para o povo:

– Lá vai ela! Lá vai ela! Lá vai ela! Olhem para o sol!

Junto do astro-rei uma nova Visão deslumbra as privilegiadas crianças.

É São José com o Menino Jesus e Nossa Senhora – a Sagrada Família.

São José, vestido de branco, emergia das nuvens deixando ver apenas a parte superior do tronco. O Menino no seu braço esquerdo, vestia de vermelho e via-se inteiramente. Nossa Senhora estava à direita do sol, de corpo inteiro, vestida de vermelho e com um manto azul que lhe cobria a cabeça e que caía solto.

São José traça por três vezes, no ar azul, uma cruz, abençoando aquela multidão enorme ajoelhada na Cova lamacenta.

Desvanecida esta aparição, outra lhe sucede. É Jesus Cristo, ao lado direito do sol, vestido de vermelho, e sua Mãe Santíssima com as características de Nossa Senhora das Dores, vestida de roxo, mas sem espada no peito.

O Divino Redentor lança também a sua benção sobre o povo.

Apagada esta Visão, parece-lhe ainda à Lúcia ver Nossa Senhora, agora com as características de Nossa Senhora do Carmo, deixando cair qualquer coisa da mão direita.

E as Visões do Céu da Fátima extinguíram-se para sempre.

CAPÍTULO XXVI

O SOL COMEÇOU A DESANDAR E A MEXER...

(Maria da Capelinha)

Enquanto as crianças contemplavam extáticas as celestiais personagens, operava-se diante dos olhos do povo ali reunido e a quem a Lúcia grita: – Olhem para o sol – o milagre anunciado, estupendo como ninguém teria ousado esperar.

«A gente olhava perfeitamente para o sol – conta-nos o pai da Jacinta – e ele não estorvava. Parecia que se fechasse e alumiasse, uma vez dum jeito e outra doutro. Atirava feixes de luz para um lado e para o outro e pintava tudo de diferentes cores – as árvores e a gente, o chão e o ar. Mas a grande prova é que o sol não fazia perturbação à vista.

Estava tudo quedo, tudo sossegado; todos com os olhos nos astros.

A certa altura, o sol parou e depois começou a dançar, a bailar; parou outra vez e outra vez começou a dançar, até que por fim pareceu que se soltasse do Céu e viesse para cima da gente. Foi um momento terrível!».

Também a Sr.^a Maria da Capelinha viu num dado momento que o sol começava a desandar e a mexer.

«Fazia diferentes cores, amarelo, azul, branco, e tremia, tremia tanto; parecia uma roda de fogo que vinha a cair sobre o povo.

A gente gritava: – Ai Jesus, que aqui morremos todos! Ai Jesus, que aqui morremos todos!...

Outros bradavam: – Nossa Senhora nos valha! e rezavam o acto de contrição.

Houve até uma senhora que fez confissão geral e dizia em altas vozes: – Eu fiz isto, aquilo e aqueloutro!...

Por fim, o sol parou e todos deram um suspiro de alívio. Estávamos vivos e houvera o milagre que as crianças tinham anunciado». ¹

Sim, dera-se o milagre e não foram só os olhos dos simples e dos humildes que o contemplaram; mas toda a multidão (setenta mil pessoas) ali aglomeradas, crentes e descrentes, dão testemunho do facto singular.

Na impossibilidade de referir aqui por completo o que ficou arquivado nos jornais da época, escolhemos dois trechos dos principais jornais da capital.

Diz «O Dia» de 19 de Outubro de 1917:

«À uma hora da tarde, hora do sol, parou a chuva. O céu tinha um tom acinzentado de pérola e uma claridade estranha que iluminava a vastidão árida e trágica da paisagem triste, cada vez mais triste.

O sol tinha como um véu de gaze transparente para que os olhos o pudessem olhar. O tom acinzentado de madrepérola transformava-se como numa chapa de prata luzidia que se ia rompendo até que as nuvens se rasgaram e o sol prateado, envolvido na mesma leveza cinzenta de gaze, viu-se rodar e girar em volta do círculo das nuvens afastadas!

Foi um grito só em todas as bocas; caíram de joelhos na terra encharcada os milhares de criaturas de Deus que a fé levantava até ao Céu!

A luz azulava-se num azul esquisito, como se viesse através dos vitrais de uma catedral imensa espalhar-se naquela nave gigantesca ogivada pelas mãos que se erguiam no ar... O azul extinguiu-se lentamente, para a luz parecer coada por vitrais amarelos.

¹ Mais ou menos com as palavras do Sr. Marto e da Sr.^a Maria da Capelinha, pudemos ouvir o relato do «Milagre do Sol» de muitos outros serranos. Até à data, mesmo, nunca encontramos uma só pessoa das muitas que interrogámos sobre o assunto, que não nos tenha confirmado o assombroso sucesso.

Manchas amareladas caíam agora sobre os lenços brancos, sobre as saias escuras e pobres das estamenhas. Eram manchas que se repetiam indefinidamente sobre as azinheiras rasteiras, sobre as pedras, sobre a serra. Tudo chorava, tudo rezava, de chapéu na mão, na impressão grandiosa do Milagre esperado! Foram segundos, foram instantes que pareceram horas, tão vividos foram!».

No «Século» o distinto jornalista Avelino de Almeida refere assim o Milagre que ele presenciara:

«...Do cimo da estrada onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou valor para se meterem à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zénite.

O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar: – Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!

Aos olhos deslumbrados daquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos, fora de todas as leis cósmicas, – o sol bailou, segundo a típica expressão dos camponeses.

Empoleirado no estribo do auto-omnibus de Torres Novas, um ancião cuja estatura e cuja fisionomia, ao mesmo tempo doce e enérgica, lembram as de Paul Deroulède, recita, voltado para o sol, em voz clamorosa, o Credo. Pergunto quem é, e dizem-me que é o Sr. João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha Vasconcelos. Vejo-o depois dirigir-se aos que o rodeiam, e que se conservaram de chapéu na cabeça, suplicando-lhes veementemente, que se descubram em face de tão extraordinária demonstração da existência de Deus.

Cenas idênticas repetem-se noutros pontos e uma senhora clama, banhada em aflitivo pranto, quase numa sufocação: – Que lástima! Ainda há homens que se não descobrem diante de tão estupendo Milagre!

E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior número confessa que viu a tremura, o bailar do sol;

outros, porém, declararam ter visto o rosto risonho da própria Virgem, juram que o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo de artifício, que ele baixara, quase a ponto de queimar a terra com os seus raios. Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor».

Compraz-nos também referir parte duma carta que o ilustre catedrático de Coimbra, Dr. Almeida Garrett, escreveu ao Rev. Dr. Formigão, solicitado por este para lhe narrar o que vira naquele memorável dia 13 de Outubro.

«Continuando a olhar o lugar das Aparições, numa expectativa serena e fria e com uma curiosidade que ia amortecendo, porque o tempo decorrera longo e vagaroso sem que nada activasse a minha atenção, ouvi o bruhá de milhares de vozes e vi aquela multidão espriada pelo largo campo que se estendia a meus pés, ou concentrada em vagas compactas em redor dos madeiros erguidos, ou sobre os baixos socalcos que retinham as terras, voltar as costas ao ponto para o qual até então convergiram os desejos e ânsias, e olhar o céu do lado oposto.

Eram quase duas horas oficiais: oficiais, que correspondiam mais ou menos ao meio-dia solar.

O sol momentos antes tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tiveram escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido, de aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar.

Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, activa e rica, e com cambiantes, tendo como o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia-se ser um astro vivo.

Não era, como a lua esférica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros – escuros. Parecia uma rodela brumida cortada no nácar de uma concha... Também se não confundia com o sol encarado através do nevoeiro (que aliás havia àquele tempo), porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta, como uma tábua de jogo.

A abóboda celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas

de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes destacou em rasgões de céu limpo. As nuvens, que corriam ligeiras de Poente para Oriente, não empanavam a luz (que não feria) do sol, dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfana.

Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro, labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse.

Este fenómeno com duas breves interrupções, em que o sol bravo arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos.

Este disco tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.

De repente ouve-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguíneo avança sobre a terra, ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.

Durante o acidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes.

Estando a fixar o sol, notei que tudo escurecia à minha volta.

Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objectos, o Céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra uma sombra carregada.

Receando ter sofrido uma afecção da retina, hipótese pouco provável, porque, dado este caso, não devia ver as coisas em roxo, voltei-me, cerrei as pálpebras e retive-as com as mãos para interceptar toda a luz. Ainda de costas abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma cor roxa.

A impressão que se tinha não era de eclipse. Continuando a olhar o sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um camponês, que cerca de mim estava, dizer com voz de pasmo: – Esta senhora está amarela!

De facto, tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor de velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentias e com

icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo.

Todos estes fenómenos que citei e descrevi observei-os eu, sossegada e serenamente, sem uma emoção ou sobressalto.

A outros cumpre explicá-los ou interpretá-los».

Demos maior extensão a esta testemunha porque pareceu-nos a que melhor interpretou o sentir da generalidade das muitas pessoas desta região que nos referiram o extraordinário fenómeno.

Não nos furtámos, todavia, a mais algumas citações do acontecimento, indiscutivelmente miraculoso.

Dizia o Dr. Domingos Pinto Coelho no jornal «A Ordem»:

«O sol, umas vezes rodeado de chamas encarniçadas, outras vezes aureolado de amarelo e roxo esbatido, outras vezes parecendo animado de velocíssimo movimento de rotação, outras vezes ainda aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor».

No mesmo dia 13, à noite, escrevia o P.^c Manuel Pereira da Silva a um seu colega, o cónego António Pereira de Almeida, da Guarda:

«...Imediatamente aparece o sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como a altura das nuvens e começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso, com algumas intermitências, durante mais de oito minutos. Ficou tudo quase escuro e as feições de cada pessoa eram amareladas. Tudo ajoelhou mesmo na lama.

Numa carruagem de luxo, junto da qual se encontrava o Dr. Formigão, uma senhora de meia idade, elegantemente vestida, volta-se para um rapaz, tipo de estudante universitário, e pergunta-lhe, presa de indizível comoção: – Meu filho, ainda duvidas da existência de Deus? – Não, minha mãe, – responde-lhe o jovem com os olhos marejados de lágrimas. Não, agora é impossível».

De uma carta da Sr.^a D. Maria do Carmo Marques da Cruz Meneses transcrevemos o trecho seguinte:

«...Mas de repente parou a chuva e o sol rompeu, deitando os

seus raios para a terra. Parecia cair em cima de toda aquela nuvem de povo, e desandava como uma roda-de-fogo, tomando todas as cores do arco-íris. Todos nós tomávamos aquelas mesmas cores; os nossos semblantes, os nossos fatos, a própria terra; ouviam-se gritos e viam-se muitas lágrimas.

Eu disse muito impressionada: – Meu Deus! Quão grande é o vosso poder!».

Quisemos ainda ouvir o testemunho do Sr. Alfredo da Silva Santos que sabíamos ter presenciado o Milagre de 13 de Outubro de 1917, e que encontrámos casualmente em Fátima na altura em que escrevíamos estas páginas. Participava ele num retiro para intelectuais e acedeu de boamente a dar-nos as suas impressões:

«Nas vésperas – conta-nos – estava eu no Café Martinho de Lisboa, o Café da Arcada, e o meu primo João Lindim, de Torres Novas, entrou e disse-me:

– Lá em casa, depois de amanhã, vai tudo a Fátima. Parece que tem havido por ali qualquer coisa de extraordinário e está tudo cheio de curiosidade de ver o que há ao certo.

– Pois também eu vou! – respondi.

Combinámos e lá fomos em três automóveis na madrugada do dia 13. Havia um grande nevoeiro; o carro que ia na frente errou o caminho, andámos perdidos e quando chegámos à Cova da Iria, era quase meio-dia solar. Estava tudo apinhado de povo. Pela minha parte ia sem espírito de piedade algum. Apesar de ter ficado um pouco arredado, ainda me parece estar a ver a Lúcia e a Jacinta. Quando aquela gritou: – Olhem para o sol! – toda a multidão repetiu: – Atenção ao sol! Atenção ao sol!

Era um dia de chuva miudinha e incessante, mas minutos antes do Milagre, deixou de chover. Não posso então explicar o que se deu. O sol começou a bailar e a certa altura pareceu deslocar-se do firmamento e, em rodas de fogo, precipitar-se sobre nós.

Minha mulher – estávamos casados havia pouco – desmaiou e eu não tive coragem para a amparar. Foi o meu cunhado João Vassalo que a susteve nos braços. Caí de joelhos esquecido de tudo. E quando me levantei não sei o que disse; acho que me pus a gritar como os outros.

Um sujeito de barbas brancas, de Santarém, apostrofava contra os ateus: que vissem se havia ou não qualquer coisa de sobrenatural».

– Não seria, pois, o caso – observámos nós ao Sr. Alfredo da Silva Santos, – de sugestão colectiva?...

– Qual? – respondeu sorrindo. A única coisa que havia colectiva era a chuva que nos ensopava até aos ossos!

É de notar também que este fenómeno milagroso não foi visto somente na Cova da Iria, mas também pode ser observado por indivíduos a quilómetros e quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão colectiva, como se exprime o Sr. Bispo de Leiria na sua Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

O poeta Afonso Lopes Vieira pôde presenciar o fenómeno na sua residência de São Pedro de Muel, a uns quarenta quilómetros da Fátima.

«Nesse dia 13 de Outubro de 1917, eu, que não me lembrei da predição dos pastorinhos, fiquei encantado com um espectáculo deslumbrante do céu, para mim inteiramente inédito, a que assisti desta varanda».

Interessantíssima também é a descrição que nos deixou o P.^o Inácio Lourenço e que pudemos confirmar pessoalmente interrogando diversas pessoas do seu lugar, Alburitel, e a própria professora a quem ele se refere, D. Delfina Pereira Lopes.

«Tinha apenas 9 anos e frequentava a escola de primeiras letras da minha aldeia – (18 ou 19 quilómetros da Fátima).

...Era meio-dia mais ou menos quando fomos sobressaltados pelos gritos e exclamações de alguns homens e mulheres que passavam na rua diante da nossa escola. A professora muito boa e piedosa, mas facilmente impressionável e excessivamente tímida, foi a primeira a correr para a rua, sem poder impedir que todas as crianças corressem atrás dela.

Na rua o povo chorava e gritava, apontando para o sol, sem atender às perguntas que, aflitíssima, lhe fazia a nossa professora.

Era o grande Milagre, que se via distintissimamente do alto do monte, onde fica situada a minha terra: era o Milagre do sol com todos os seus fenómenos extraordinários.

Sinto-me incapaz de o descrever, como o vi e senti então. Eu

olhava fixamente para o sol, e parecia-me pálido, de modo que não cegava os olhos; era como um globo de neve a rodar sobre si mesmo. Depois, de repente, pareceu que baixava em zig-zag, ameaçando cair sobre a terra. Aterrado, corri a meter-me no meio da gente. Todos choravam, aguardando de um instante para o outro o fim do mundo.

Junto de nós estava um incrédulo, sem religião, que tinha passado a manhã a mofar dos simplórios que faziam toda aquela caminhada da Fátima para irem ver uma rapariga. Olhei para ele: estava como paralisado, assombrado, com os olhos fitos no sol. Depois vi-o tremer dos pés à cabeça e, levantando as mãos ao Céu, caiu de joelhos na lama, gritando: – Nossa Senhora! Nossa Senhora!

Entretanto, a gente continuava a gritar e chorar, pedindo a Deus perdão dos próprios pecados. Depois corremos para as duas capelas da aldeia, que em poucos instantes ficaram repletas.

Durante estes longos minutos do fenómeno solar, os objectos à volta de nós reflectiam todas as cores do arco-íris. Olhando uns para os outros, um parecia azul, outro amarelo, outro vermelho, etc... Todos esses estranhos fenómenos aumentavam o terror do povo. Passados uns 10 minutos, o sol voltou ao seu lugar, do mesmo modo como tinha descido, pálido ainda e sem esplendor.

Quando a gente se persuadiu de que o perigo tinha desaparecido, foi uma explosão de alegria. Todos prorromperam num coro de acção de graças:

– Milagre! Milagre! Bendita seja Nossa Senhora!».

Acabado o fenómeno solar, deu-se um facto, também naturalmente inexplicável.

Toda aquela gente que a chuva tinha repassado encontrava-se subitamente e completamente enxuta.

A Virgem Santíssima tinha multiplicado os seus prodígios para confirmar a veracidade das afirmações das crianças.

Ao valor apologético extraordinário de todos estes fenómenos, que não encontram explicação nas leis ordinárias da natureza, ninguém escapa, ninguém, naturalmente que queira considerar as coisas, não movido por preconceitos filosóficos ou por apriorísticos sofismas. Contudo haverá sempre neste pobre mundo almas soberbas e cépticas que tudo queiram negar, tudo queiram interpretar com a sua fraca inteligência ofuscada pela paixão.

Não poderíamos encerrar melhor este capítulo do que citando as

palavras do Sr. D. José Alves Correia da Silva na sua Carta Pastoral relativa às Aparições:

«O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar.

As crianças fixaram com antecedência o dia e hora em que se devia dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e, apesar de o dia estar desabrido e chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da Terra, mais brilhante que o sol no auge das suas luzes.

Esse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão colectiva».

CAPÍTULO XXVII

ESTAVA VESTIDA DE BRANCO E TINHA O TERÇO NA MÃO...

(Francisco)

Nesse mesmo dia, às 7 horas da tarde, o Rev. Dr. Formigão procedia a novo interrogatório dos videntes: era de suma importância não haver nisso demora e evitar que as crianças estivessem a sós antes de serem interrogadas.

Pena foi que o cansaço em que os pequenos deviam estar, depois de um dia de tantas emoções e inquirições, prejudicasse, até certo ponto, o resultado do único interrogatório sério do dia. Na verdade, as crianças não tinham tido ainda um momento de paz desde a alvorada e especialmente depois do milagre.

Com a sua autoridade de Ministro do Senhor, o Rev. Formigão conseguiu arredar por fim os curiosos e os irredutíveis importunos e, tranquilamente, ponderadamente, dar princípio ao seu questionário. Também as crianças deviam ter sentido um grande alívio quando se viram à larga, na presença do bondoso sacerdote.

Interrogatório da Lúcia:

- Nossa Senhora tornou a aparecer hoje na Cova da Iria?
- Tornou.
- Estava vestida como das outras vezes?
- Estava vestida do mesmo modo.
- Apareceram também São José e o Menino Jesus?
- Apareceram.

- Apareceu mais alguém?
- Apareceu também Nosso Senhor abençoando o povo e a Senhora dos dois naipes.
- Que queres dizer com isso – a Senhora dos dois naipes?
- Apareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dores, mas sem espadas no peito, e a Senhora vestida não sei como, mas parece-me que fosse a Senhora do Carmo.
- Vieram todas ao mesmo tempo, não é verdade?

«Com o pressentimento, desde o princípio, da realidade das aparições, confesso que foi a tremer que fiz esta pergunta e que com esforço lhe dei o tom afirmativo – diz-nos o Dr. Formigão – embora não fosse absolutamente impossível proporcionar às crianças a visão simultânea de três Imagens da Virgem. O facto teria criado, como é óbvio, uma séria dificuldade».

- Não. Primeiro vi a Senhora do Rosário, São José e o Menino. Depois vi só Nosso Senhor. Depois a Senhora das Dores e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.
- O Menino Jesus estava em pé ou ao colo de São José?
- Estava ao colo de São José.
- O Menino era crescido?
- Era pequenino.
- Que idade podia ter?
- Era para aí de um ano.
- Porque disseste que a Senhora, duma das vezes, te pareceu estar vestida como a Senhora do Carmo?
- Porque tinha umas coisas penduradas na mão.
- Apareceram por cima da carrasqueira?
- Não. Apareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora de ao pé da carrasqueira.
- Nosso Senhor estava de pé?
- Só o vi da cintura para cima.
- Quanto tempo durou a aparição na carrasqueira? O suficiente para se poder rezar o terço?
- Não chegava, parece-me.
- E no sol as figuras que viste, demoraram-se muito?
- Pouco tempo.
- A Senhora disse-te quem era?

- Disse que era a Senhora do Rosário.
- Perguntaste-lhe o que queria?
- Perguntei.
- E que disse ela?
- Disse que nos emendássemos, que não ofendêssemos a Nosso Senhor que estava muito ofendido, que rezássemos o terço e pedíssemos perdão dos nossos pecados.
- Disse mais alguma coisa?
- Disse também que queria que lhe fizessem uma capela na Cova da Iria.
- Com que dinheiro se há-de edificar a capela?
- Julgo que será com o que lá se juntar.
- Disse alguma coisa a respeito dos nossos soldados mortos na guerra?
- Não falou neles.
- Disse que avisasses o povo para que olhasse para o sol?
- Não disse.
- Disse que queria que o povo fizesse penitência?
- Disse.
- Empregou a palavra penitência?
- Não, disse que rezássemos o terço e nos emendássemos dos nossos pecados e pedíssemos perdão a Nosso Senhor, mas não falou em penitência.
- Quando foi que começou o sinal no sol? Foi depois que a Senhora desapareceu?
- Foi.
- Viste a Senhora?
- Vi.
- De onde vinha ela?
- Do Nascente.
- E das outras vezes?
- Das mais vezes não olhei.
- Viste-la ir-se embora?
- Vi.
- Para onde?
- Para o Nascente.
- Como desapareceu?
- Pouco a pouco.
- Que é que desapareceu primeiro?

- Foi a cabeça. Depois o corpo; a última coisa que vi foram os pés.
- Quando se foi embora, ia recuando ou voltando as costas para o povo?
- Ia com as costas voltadas para o povo.
- Levou muito tempo a desaparecer?
- Gastou pouco tempo.
- Estava envolvida nalgum clarão?
- Veio no meio dum esplendor. Desta vez também cegava. De vez em quando eu tinha de esfregar os olhos.
- Nossa Senhora tornará a aparecer?
- Não faço conta que torne a aparecer, não me disse nada.
- Não tens tenção de voltar à Cova da Iria no dia 13?
- Não tenho.
- A Senhora fará mais milagres? Não curará enfermos?
- Não sei.
- Não lhe fizeste nenhum pedido?
- Eu disse-lhe hoje que tinha vários pedidos a despachar e Ela disse que despachava uns, outros não.
- Não disse quando os despachava?
- Não disse.
- Sob que invocação quer que se faça a capela da Cova da Iria?
- Disse hoje que era a Senhora do Rosário.
- Disse que queria que fosse lá muita gente de toda a parte?
- Não mandou lá ir ninguém.
- Viste os sinais no sol?
- Vi-o andar à roda.
- Viste também sinais na carrasqueira?
- Não vi.
- Quando era a Senhora mais bonita, desta ou das outras vezes?
- O mesmo.
- Até onde lhe descia o vestido?
- Até mais baixo que o meio da perna.
- De que cor era o vestido de Nossa Senhora ao pé do sol?
- O manto era azul e o vestido branco.
- E o de Nosso Senhor, de São José e do Menino?
- O de São José era encarnado e o de Nosso Senhor e o do Menino penso que também eram encarnados.

- Quando perguntaste à Senhora que faria para que o povo acreditasse na sua aparição?
- Perguntei-lhe umas poucas de vezes. A primeira vez que lhe perguntei creio que foi no mês de Junho.
- Quando te disse o segredo?
- Parece-me que foi da segunda vez.

Acabado o interrogatório da Lúcia foi a vez da Jacinta.

Interrogatório da Jacinta:

- Além de Nossa Senhora que é que viste hoje quando estavas na Cova da Iria?
- Vi São José e o Menino Jesus.
- Onde é que os viste?
- Vi-os ao pé do sol.
- Que disse a Senhora?
- Disse que rezássemos o terço todos os dias e que a guerra acabava hoje.
- A quem foi que disse isso?
- Disse-o à Lúcia e a mim. O Francisco não ouviu.
- Ouviste-lhe dizer quando vinham os nossos soldados?
- Não ouvi.
- Que mais disse ela?
- Disse que fizessem uma capela na Cova da Iria.
- Ouviste dizer a Ela ou a Lúcia?
- A Ela.
- Onde veio a Senhora?
- Veio do Nascente.
- E para onde foi quando desapareceu?
- Foi para o Nascente.
- Foi-se embora recuando de frente para o povo?
- Não, voltou as costas.
- Não disse que tornassem a ir à Cova da Iria?
- Tinha dito antes que era a última vez que vinha e hoje disse também que era a última vez.
- A Senhora não disse mais nada?
- Disse hoje que rezasse a gente todos os dias o terço à Senhora do Rosário.

- Onde é que ela disse que a gente devia rezar o terço?
- Não disse onde.
- Disse que o fôssemos rezar à igreja?
- Nunca disse isso.
- Onde rezas tu o terço com mais gosto, aqui, em tua casa, ou na Cova da Iria?
- Na Cova da Iria.
- Porque gostas mais de o rezar lá?
- Por nada.
- Com que dinheiro disse a Senhora que se havia de fazer a capela?
- Disse que fizessem uma capela, não quis lá saber de dinheiro.
- Olhaste para o sol?
- Olhei.
- Viste os sinais?
- Vi.
- Foi a Senhora que mandou olhar para o sol?
- Não mandou olhar para o sol.
- Então como pudeste ver os sinais?
- Voltei os olhos para o lado.
- O Menino Jesus estava ao lado direito ou ao lado esquerdo de São José?
- Estava do lado direito.
- Estava em pé ou ao colo?
- Estava em pé.
- Vias o braço direito de São José?
- Não o via.
- Que altura tinha o Menino? Chegava com a cabeça ao peito de São José?
- O Menino não chegava à cintura de São José.
- Quantos anos parecia ter o Menino?
- Era como a Deolinda do José das Neves. ¹

¹ Criança de um ou dois anos.

Segue-se finalmente o Francisco.

Interrogatório do Francisco:

- Desta vez também viste Nossa Senhora?
- Vi.
- Que Senhora era?
- Era a Senhora do Rosário.
- Como estava vestida?
- Estava vestida de branco e tinha o terço na mão.
- Viste São José e o Menino?
- Vi.
- Onde os viste?
- Ao lado do sol.
- O Menino estava ao colo de São José ou ao lado dele? Era grande ou pequeno?
- Era pequenino.
- Era do tamanho da Deolinda do José das Neves?
- Era assim bem como ela.
- Como tinha a Senhora as mãos?
- Tinha as mãos postas.
- Viste-La só na carrasqueira ou também ao pé do sol?
- Vi-A também ao pé do sol.
- Qual era mais claro e brilhante, o sol, ou o rosto da Senhora?
- O rosto da Senhora era mais claro, a Senhora era branca.
- Ouviste o que a Senhora disse? – Não ouvi nada do que a Senhora disse.
- Quem te disse o segredo foi a Senhora?
- Não, foi a Lúcia.
- Podes dizê-lo?
- Não o digo.
- Não o dizes porque tens medo da Lúcia? Receias que ela te bata, não é verdade?
- Não.
- Então porque não o dizes? Porque é pecado?
- Se calhar, é pecado dizer o segredo.
- O segredo era para bem da tua alma, da alma da Lúcia e da alma da Jacinta?
- É.

- É para bem da alma do Sr. Prior?
- Não sei.
- O povo ficava triste se o soubesse?
- Ficava.
- De que lado veio a Senhora?
- Veio da banda do Nascente.
- E, quando desapareceu, foi para o mesmo lado?
- Foi também para o Nascente.
- Ia recuando?
- Ia com as costas voltadas para nós.
- Ia devagar ou depressa?
- Ia devagar.
- Ela caminhava como nós?
- Não caminhava. Ia certinha, não mexia os pés.
- Que parte da Senhora desapareceu primeiro?
- Foi a cabeça.
- Agora viste-La bem como das outras vezes?
- Agora vi-A melhor que o mês passado.
- Quando era mais bonita, agora ou das outras vezes?
- Tão bonita agora como o mês passado.

CAPÍTULO XXVIII

A LÚCIA ACHAVA-SE DE TODO EXAUSTA

(Dr. Formigão)

Nos interrogatórios feitos às crianças no dia 13 de Outubro, quer a Lúcia quer a Jacinta, afirmaram que ouviram dos lábios da Virgem estas palavras: «A guerra acaba hoje».

Estas afirmações das pastorinhas podiam criar dificuldades sérias à veracidade das aparições e foi principalmente por esse motivo – julgamos – que o Dr. Formigão decidiu voltar a Aljustrel, para submeter mais uma vez os videntes a um inquérito severo.

Às 3 horas da tarde do dia 19 de Outubro chegava, portanto, pela estrada de Leiria a Fátima.

«Na Cova da Iria – assim narra ele – junto da azinheira das Aparições, algumas piedosas mulheres do campo ajoelhadas rezam devotadamente o terço. A azinheira, reduzida ao tronco, que tem pouco mais de um palmo de altura, está envolvida em ramos de plantas campestres e flores. A devoção dos peregrinos, que desejavam conservar uma recordação do arbusto que servia de pedestal à Virgem durante as aparições, aniquilou-o quase completamente. Tudo o mais se conserva no mesmo estado em que se via no dia 11, antevéspera da última aparição. Dirigi-me em seguida a casa da família da Jacinta, onde se encontravam os três videntes que estavam sendo submetidos a um interrogatório pelo Rev. P.^e Lacerda, pároco da freguesia dos Milagres e Director do semanário «O Mensageiro de Leiria» e então alferes capelão do Corpo Expedicionário Português.

Tinha vindo à sua terra natal em gozo de licença e quis, antes de regressar à França, ver e falar com as crianças de Aljustrel. Acompanhava o P.^e Lacerda outro sacerdote de Leiria e o Pároco da Fátima».

Em casa do Sr. Marto, o Dr. Formigão teve de fazer uma amarga constatação. Encontrou as crianças num tal estado de abatimento físico e moral, que as tornava absolutamente incapazes de responder a sério às perguntas que ele trazia adrede engatilhadas.

«A Lúcia, sobretudo – escreveu o Rev. sacerdote – devido a ser interrogada mais detidamente, achava-se de todo exausta, notando-se que o cansaço excessivo a obriga a responder a algumas das perguntas que lhe são feitas, sem a atenção e reflexão que era para desejar. Responde às vezes quase maquinalmente, sucedendo com frequência não se recordar bem de certas circunstâncias das aparições, ao contrário do que sucedia antes do dia 13 de Outubro. Se não há cuidado em poupar as crianças à fadiga das inquirições frequentes e demoradas, a sua saúde corre risco de sofrer um profundo abalo». ¹

Na verdade, teria sido sumamente prudente levar os três pastorinhos de Aljustrel para qualquer lugar afastado, onde não fossem conhecidos, se não se queria vê-los em breve desaparecer, tanto mais que os pais não tinham preparação e autoridade suficiente para impedir que qualquer visitante pudesse interrogá-los à sua vontade.

Embora com o coração constrangido pelo acto quase cruel que isso representava, o Dr. Formigão interrogou de novo as crianças

¹ O P.^e Lacerda reconhecia com tristeza o mesmo:

A mãe da Jacinta, ao ver-nos olhou-nos com desconfiança. À pergunta que lhe fiz se a filha estava e se me dava licença de conversar com ela, titubeou e só depois de lhe dizer que vinha ali para ir dizer aos nossos soldados na França que Nossa Senhora aparecera, é que consegui que ela me olhasse melhor.

A Sr.^a Olímpia de Jesus tinha muita razão nas reservas que apresentou ao ver-me. Tinham sido tantas as pessoas que apareceram em Aljustrel para ouvir as três crianças, que estas nem sabiam já o que responder. No dia 18, umas dessas pessoas tinham ido ali com o fim de conseguir contradições nas respostas das crianças – e segundo nos disse um vizinho – ainda dois dias antes ali fora o demónio em figura de homem, o incendiário da Igreja de Alcanena, para interrogar e ameaçar as crianças.

Se a Sr.^a Olímpia assim nos recebeu, o seu marido não tinha melhor catadura: – O que me admira – disse ele – é haver senhores Padres que ponham dúvidas ao que esta criança viu e ouviu!...

demoradamente, interrogatório que, a título de curiosidade, vamos reproduzir integralmente.

Interrogatório da Lúcia:

– No dia 13 do corrente Nossa Senhora disse que a guerra acabava nesse mesmo dia? Quais foram as palavras que empregou?

– Disse assim: a guerra acaba ainda hoje. Esperem cá pelos seus militares muito em breve.

– Ela disse «esperem cá pelos seus militares» ou «esperai cá pelos vossos soldados?»

– Disse «esperem cá pelos seus militares».

– Mas olha que a guerra ainda continua. Os jornais noticiam que tem havido combates depois do dia 13. Como se explica isto, se Nossa Senhora disse que a guerra acabou nesse dia?

– Não sei, só sei que ouvi dizer que a guerra acabava no dia 13; não sei mais nada.

– Algumas pessoas afirmam que te ouviram dizer nesse dia que Nossa Senhora tinha declarado que a guerra acabava brevemente. É verdade?

– Eu disse tal e qual como Nossa Senhora tinha dito.

– No dia 27 do mês passado fui à tua casa falar contigo, lembra-te?

– Lembro-me de o ver cá.

– Pois nesse dia disseste-me que Nossa Senhora te tinha dito que no dia 13 de Outubro vinham também São José e o Menino Jesus e que depois disso acabaria a guerra, não nesse dia.

– Não me recordo já bem como Ela disse. Podia ter dito isso, não sei. Talvez não entendesse bem a Senhora.

– No dia 13 do corrente mandaste ao povo que olhasse para o sol?

– Não me lembro de assim fazer.

– Mandaste fechar os chapéus?

– No outro mês atrás mandei; na última vez não me lembro de ter mandado.

– Sabias quando devia começar o sinal do Sol?

– Não.

– Olhaste para ele?

– Olhei, parecia que era a lua.

- Porque foi que olhaste para o sol?
- Olhei porque toda aquela gente disse que olhassem para o sol.
- Nossa Senhora disse que pediria a seu Divino Filho pelas almas dos soldados mortos na guerra?
- Não, senhor.
- Disse que o povo seria castigado se não se emendasse dos seus pecados?
- Não me lembro se Ela o disse; parece que não.
- No dia 13 não tinhas dúvidas como agora acerca do que a Senhora disse. Como se explicam as tuas dúvidas de hoje?
- Nesse dia lembrava-me melhor. Tinha sido há menos tempo.
- Que viste acerca dum ano? Tua mãe diz que tu e outras crianças viram um vulto embrulhado num lençol que não deixava ver o rosto. Porque me disseste o mês passado que não foi nada?
- !...
- Dessa vez fugiste?
- Cuido que fugi.
- No dia 11 deste mês não me quiseste dizer que no dia 13 havia de aparecer Nosso Senhor, abençoando o povo, e Nossa Senhora das Dores. Foi com receio de que eu fizesse troça de ti, como outras pessoas já tinham feito, dizendo que isso era impossível? Ou era porque estavam presentes muitas pessoas estranhas e tiveste acahnamento de dizer isso diante de tanta gente? Olha que a Jacinta disse-me tudo.
- !...
- Quando foi que Nossa Senhora te disse que se haviam de dar essas aparições no dia 13 de Outubro?
- Foi no dia em que apareceu nos Valinhos ou noutra dia 13, não sei bem.
- Viste também Nosso Senhor?
- Vi uma figura que parecia um homem; parecia Nosso Senhor.
- Onde estava essa figura?
- Estava ao lado do sol.
- Viste-la abençoar o povo?
- Não vi, mas Nossa Senhora tinha dito que Nosso Senhor viria abençoar o povo.
- Se o povo soubesse o segredo que Nossa Senhora te revelou ficava triste?
- Cuido que ficava como está, quase à mesma.

Interrogatório do Francisco:

- Viste no dia 13 deste mês Nosso Senhor abençoar o povo?
- Não vi, vi mas foi Nossa Senhora.
- Viste a Senhora das Dores e a Senhora do Carmo?
- Não vi. A Nossa Senhora parecia a que vi em baixo. Estava vestida do mesmo modo.
- Não olhaste para o sol?
- Olhei.
- Não viste São José e o Menino Jesus?
- Vi.
- Estavam longe ou perto do sol?
- Perto do sol.
- De que lado do sol estava São José?
- Estava do lado esquerdo.
- E de que lado estava Nossa Senhora?
- Do lado direito.
- Onde estava o Menino Jesus?
- Estava ao pé de São José.
- De que lado?
- Não reparei de que lado.
- O Menino era grande ou pequeno?
- Era pequenino.
- Quando a Senhora estava sobre a carrasqueira, ouviste o que ela dizia à Lúcia?
- Não ouvi.
- Ouvias o som da sua voz?
- Também não ouvia.
- Parecia que não falava?
- Parecia.
- Não a vias mexer os beiços?
- Não via.
- Não a vias rir-se?
- Também não.
- Viste os sinais do sol? Que foi que viste?
- Olhei e vi que o sol andava à roda. Parecia uma roda de fogo.
- Quando foi que apareceram os sinais, antes ou depois que a Senhora desapareceu ao pé da carrasqueira?
- Foi quando a Senhora desapareceu.

- Ouviste a Lúcia avisar o povo para que olhasse para o sol?
- Ouvi. Deu um grito que olhasse o povo para o sol.
- Foi a Senhora que mandou avisar o povo para que olhasse para o sol?
- Foi, a Senhora apontou com o dedo para a banda onde está o sol.
- Quando foi que fez isso?
- Foi quando desapareceu.
- Os sinais do sol começaram logo?
- Começaram.
- Quais foram as cores que viste no sol?
- Vi cores muito bonitas; azul, amarelo e outras.

Interrogatório da Jacinta:

- No dia 13 deste mês viste ao pé do sol Nosso Senhor, a Senhora das Dores e a Senhora do Carmo?
- Não vi.
- Mas a 11 deste mês disseste que devia aparecer.
- Disse. A Lúcia é que viu outra Senhora; eu não.
- Viste São José?
- Vi. A Lúcia disse que São José estava dando a paz.
- Olhaste para o sol?
- Olhei.
- O que é que viste?
- Vi o sol encarnado, verde e de outras cores, e vi que andava à roda.
- Ouviste a Lúcia avisar o povo de que olhasse para o sol?
- Ouvi. Ela disse numa voz muito alta que olhassem para o sol. O sol já andava à roda.
- Foi a Senhora que mandou avisar o povo?
- A Senhora não disse nada.
- Que disse a Senhora desta última vez?
- Disse: «Venho aqui para te dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor que está muito ofendido; que, se o povo se emendar, acaba a guerra e, se não se emendar, acaba o mundo». A Lúcia ouviu melhor do que eu o que a Senhora disse.
- Disse que a guerra acabava nesse dia ou que acabava brevemente?

– Nossa Senhora disse que, quando chegasse ao Céu, acabava a guerra.

– Mas a guerra ainda não acabou.

– Acaba, acaba.

– Mas então quando acaba?

– Cuido que acaba no domingo.

E assim findaram os interrogatórios inconcludentes desse dia 19 de Outubro. Como se vê, entre outras afirmações contraditórias ou ambíguas avulta a referência à guerra. Nossa Senhora teria dito «a guerra acaba hoje». A Virgem Santíssima enganou então as três crianças? Ou elas compreenderam mal o que a celeste Visão lhes disse? Ou então os interrogatórios contínuos, que se prolongavam até alta noite, tê-los-iam cansado excessivamente, impossibilitando-os de responder com precisão e exactidão? ¹

Um pouco disso tudo, menos que a Senhora os tivesse enganado.

Na verdade, no interrogatório oficial de 8 de Julho de 1924, quando no tranquilo asilo de Vilar pudera reviver as celestes visões e meditar a sós as palavras da branca Senhora, assim se exprimia a Lúcia:

«Eu julgo que a Senhora acrescentou isso: eles devem converter-se. A guerra acaba hoje. Esperem em breve os seus soldados. Minha prima, a Jacinta, todavia disse-me depois em casa que a Senhora tinha dito assim: Devem converter-se. A guerra vai acabar durante um ano.

Preocupada com todos os pedidos que me tinham feito para entregar a Nossa Senhora, eu não dava toda a atenção às palavras d'Ela».

Além disso a questão da data do fim da guerra não poderia despertar numa criança de dez anos apenas tanta atenção como em qualquer adulto.

Devemos ainda acrescentar que de tantas referências que se fizeram às afirmações das crianças no memorável dia 13 de Outubro, não há nenhuma que empregue essa expressão «a guerra acaba

¹ Diz-nos ainda o Dr. Formigão que a Lúcia na noite de 18 para 19 não fora dormir a casa, mas ficara na casa dos tios, evidentemente para ser submetida até noite fora às perguntas mais desencontradas e insidiosas.

hoje», mas «em breve», como por exemplo se lê no «Século» e em todas as outras reportagens que temos em mão.

É psicologicamente impossível que, tendo alguém ouvido essa afirmação às crianças, depois dum milagre tão estupendo, que limpava as últimas dúvidas sobre a veracidade das aparições, a nova não corresse de boca em boca e não provocasse uma manifestação de júbilo, inequívoca, indelével.

A primeira vez que a Lúcia e, naturalmente atrás dela, a Jacinta, afirmou que a guerra acabava naquele mesmo dia, foi às 7 horas da tarde diante do Dr. Formigão, quando, já esgotada de corpo e de espírito, não estava evidentemente nas condições de responder com exactidão a qualquer pergunta que lhe fosse feita.

Podemos então descobrir, entre as mais diferentes afirmações dos pastorinhos, a que melhor corresponde à verdade?

Parece-nos que a mais natural seja a da Jacinta no dia 19 de Outubro quando, em tranquilo passeio de Aljustrel à Fátima, respondia ao Dr. Formigão que lhe perguntara o que a Senhora tinha dito a última vez: *«Venho aqui para te dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor, que está muito ofendido, que, se o povo se emendar, acaba a guerra e, se não se emendar, acaba o mundo»*.

Esta é a solução proposta pelo Dr. Fischer que estudou exauriente e conscienciosamente a questão, solução que nós aceitamos com plena confiança, parecendo-nos a que melhor resolve as dificuldades que tais contradições envolvem.

Mais uma vez, o Dr. Formigão voltava a Aljustrel para interrogar as crianças no dia 2 de Novembro daquele mesmo ano. Embora não tenha interesse capital, vamos reproduzir também este interrogatório, certos de que sempre agradecerá a sua leitura que manifesta a simplicidade cristalina das crianças privilegiadas, simplicidade e candura que verdadeiramente nos encantam e que é talvez a prova melhor da genuinidade das aparições. Além de que nesses interrogatórios encontramos alguns pormenores que faltavam nos precedentes.

Novo interrogatório da Jacinta:

– De que lado estava o Menino Jesus, quando o viste no dia 13 de Outubro ao pé do Sol?

– O Menino Jesus estava no meio, ao lado direito de São José; ficando Nossa Senhora ao lado direito do sol.

– A Senhora que viste ao lado do sol era diferente da que viste sobre a carrasqueira?

– A Senhora que estava ao pé do sol tinha vestido branco e manto azul. A que vi ao pé da carrasqueira tinha o vestido e o manto brancos.

– De que cor eram os pés da Senhora que apareceu na carrasqueira?

– Os pés da Senhora eram brancos; cuido que ela trazia meias.

– De que cor era o fato de São José e o do Menino?

– O de São José era encarnado e o do Menino parece que era também encarnado.

– Quando foi que a Senhora revelou o segredo?

– Cuido que foi em Julho.

– Que disse a Senhora da primeira vez que apareceu, no mês de Maio?

– A Lúcia perguntou o que é que ela queria e ela disse que fôssemos lá de mês a mês até fazer seis meses e que no último mês diria o que queria.

– A Lúcia fez mais alguma pergunta?

– Perguntou-lhe se ela ia para o Céu e a Senhora disse-lhe que sim. Perguntou-lhe depois se eu ia para o Céu e ela disse que sim. Depois perguntou-lhe se o Francisco ia para o Céu. Ela disse que sim, mas que havia de rezar as contas.

– A Senhora disse mais alguma coisa?

– Não me lembro de dizer mais nada nesse dia.

– Que disse a Senhora da segunda vez, em Junho?

– A Lúcia disse: «Que me quer?» A Senhora respondeu: «Quero que aprendam a ler».

– A Lúcia fez mais alguma pergunta?

– Pediu pelos doentes e pecadores. E a Senhora disse que melhorava uns e convertia, e outros não.

– A Senhora disse mais alguma coisa?

– Naquele dia não disse mais nada.

– Que disse a Senhora em Agosto?

– Em Agosto não fomos à Cova da Iria.

– Queres dizer o que foi que a Senhora disse nos Valinhos?

– A Lúcia perguntou à Senhora se trazia o seu Manuel e ela disse que trazia cá todos.

– Que mais disse a Senhora?

– Disse que, se não abalássemos para Ourém, viria São José com o Menino dar a paz ao mundo. E Nossa Senhora do Rosário com dois Anjinhos, um de cada lado.

– Que mais disse?

– Disse que fizéssemos dois andores e os levássemos à festa do Rosário; que eu, a Lúcia e mais duas meninas, vestidas de branco, levássemos um e o Francisco com três rapazes levasse o outro.

– Disse mais alguma coisa?

– Não disse mais nada.

– Que disse a Senhora em Setembro? – Não me lembro.

– Que disse a Senhora em Outubro?

– A Lúcia disse: «Que me quer?» A Senhora respondeu: «Não ofendam mais a Nosso Senhor que está muito ofendido. Disse que Ele perdoava os nossos pecados se quiséssemos ir para o Céu. Disse também que rezasse a gente o terço. Disse que esperassem cá os seus militares muito breve, que acabava a guerra naquele dia. Disse que fizesse a gente uma capela e não sei se disse «à Senhora do Rosário» ou que era ela a Senhora do Rosário.

Novo interrogatório da Lúcia:

– O que a Senhora trazia nos pés eram meias? Tens a certeza disso?

– Cuido que eram meias, mas podiam não ser.

– Tu disseste uma vez que a Senhora tinha meias brancas. Então eram meias ou eram pés?

– Se eram meias eram brancas, mas eu não sei ao certo se eram meias ou se eram os pés.

– A saia era sempre do mesmo comprimento?

– A saia da última vez parecia mais comprida.

– Tu nunca disseste o segredo nem mesmo disseste que o povo ficava triste se o soubesse. O Francisco e a Jacinta disseram que ficava triste. Se tu não podes dizer isso, também eles o não podiam dizer. Que te parece?

– Não sei se eles deviam ou não dizer que o povo ficava triste.

Nossa Senhora disse que não devíamos dizer nada a ninguém. Por isso não posso dizer nada.

Novo interrogatório do Francisco:

– De que lado estava o Menino Jesus quando o viste ao pé do sol?

– Estava mais perto do sol, do lado esquerdo dele, mas do lado direito de São José.

– A Senhora que viste ao pé do sol era diferente da que viste sobre a carrasqueira?

– A Senhora que estava ao pé do sol parecia a mesma que eu cá via em baixo.

– Viste Nosso Senhor abençoando o povo?

– Não vi Nosso Senhor.



CAPÍTULO XXIX

LEVARAM TUDO... E FORAM FAZER PARÓDIA EM SANTARÉM

(Maria da Capelinha)

À primeira vista, parecia-nos que os acontecimentos do dia 13 de Outubro, unanimemente considerados como miraculosos, deviam ter feito calar definitivamente os inimigos natos do sobrenatural e, de modo particular, os inimigos da Fátima.

Teríamos esperado uma prudente reserva, pelo menos nos primeiros tempos, quando mais vivo era o entusiasmo do povo pelas Aparições da Cova da Iria. Mas qual! Na sua raiva jacobina, esses fanáticos planearam levar a cabo, mal tinham passado dez dias, uma proeza inglória que devia, ridicularizando a fé e a piedade dos católicos e dos devotos da Fátima em especial, acarretar novo descrédito às instituições religiosas.

Desta vez foi o centro maçónico de Santarém que tomou essa iniciativa.

Com a azinheira e as coisas que os devotos deviam certamente ter deposto aos pés da árvore assinalada, organizar-se-ia uma exposição na capital do Distrito e far-se-ia depois uma procissão pelas estradas principais em redor.

O plano, se bem elaborado, melhor foi executado.

Durante a noite de 23 para 24 de Outubro – como nos refere o jornal «Diário de Notícias» – algumas pessoas de Santarém, às quais

se juntaram outras de Vila Nova de Ourém, lá foram para a Cova da Iria.

«Com um machado cortaram a azinheira ¹ sob a qual estavam os três pastorinhos quando foi do famoso fenómeno do dia 13 deste mês, fenómeno do qual largamente se ocupou a Imprensa. Levaram a árvore consigo assim como uma mesa sobre a qual alguns crentes haviam armado um modesto altar, onde foi encontrada a fotografia de uma imagem religiosa (Nossa Senhora), um arco que a encimava, feito de rama de murta, duas lanternas de folha, duas cruces, sendo uma de madeira e outra de cana envolta em papéis de seda».

Esses objectos roubados foram postos em exposição com entradas pagas numa casa no largo do Seminário. O resultado foi todavia pouco brilhante, apesar de que o produto das entradas era a favor das Cantinas Escolares. E quando esse dinheiro ia a ser entregue ao Provedor da Misericórdia de Santarém, este nobremente recusou aceitar o produto dum insulto e duma mixórdia.

À noite desse mesmo dia fez-se a procissão.

«À frente, precedia um par de tambores – assim relata o «Século». Atrás vinha a famosa árvore, sobre a qual tinha aparecido Nossa Senhora. Seguiam depois, levados também em procissão, as ramos de murteira com as lanternas acesas, a mesa e outros objectos que os fiéis tinham posto sobre o improvisado altar. Cantando litanias blasfemas, atravessaram as ruas principais da cidade, voltando à praça Sá da Bandeira onde a procissão se dissolveu.

¹ «Nessa altura – conta-nos a Sr.^a Maria da Capelinha, – uns dois ou três levaram as lâmpadas, a mesa e o arco vestido de flores, e foram fazer paródia em Santarém. Pensavam ter levado a azinheira onde apareceu Nossa Senhora, mas enganaram-se. Levaram outra».

Assim deve ser corrigido o relato do «Diário de Notícias». A Lúcia também nas suas notas, se refere a isso:

«Entretanto o Governo não se conformava com os progressos dos acontecimentos. Tinham posto no local das Aparições, uns paus à maneira de arco, com umas lanternas que algumas pessoas tinham o cuidado de conservar acesas. Mandaram, pois, uma noite, alguns homens, num automóvel, para derrubar os ditos paus, cortar a carrasqueira onde se tinha dado a aparição, e levá-la, de rastos, atrás do automóvel.

Pela manhã espalhou-se rápida a notícia do acontecimento. Fui lá a correr para ver se era verdade; mas qual não foi a minha alegria, quando notei que os pobres homens se tinham enganado e que, em vez da carrasqueira, (de que existia já só o tronco rente ao chão) tinham levado uma das azinheiras contíguas, pedi então a Nossa Senhora perdão para esses pobres homens e rezei pela sua conversão».

Muitos dos manifestantes todavia reuniam-se, em seguida, na estrada em frente, e foi então que uma mulher despejou da janela da casa um balde de água que atingiu um deles e um polícia.

Só depois de algum tempo é que apareceu um piquete de polícia convidando o ajuntamento a dispersar.

Que vergonha! – concluiu o jornalista. – Como podem as autoridades permitir uma coisa destas, ao passo que recusam a autorização às procissões católicas, embora quase toda a população portuguesa pertença à Igreja, e as suas procissões de forma alguma ofendam as convicções alheias?».

A impressão geral foi de protesto e repulsa não só da parte dos católicos, mas também da parte de todos os que ainda conservavam uma parcela de sentimento e de dignidade humana. De todos os lados choviam protestos, sendo um dos mais notáveis o que o Dr. Almeida Ribeiro enviou ao Ministro do Interior, e o dum grupo de católicos de Santarém, que transcrevemos:

«Como crentes e como cidadãos, como filhos duma pátria que foi grande pela fé dos nossos guerreiros e pelo heroísmo dos nossos santos, como habitantes duma cidade que timbrou sempre em manter foros de culta e civilizada, vimos levantar bem alto o nosso protesto, sincero e sentido, enérgico e vibrante, contra o ignóbil cortejo que, na noite de 24 do corrente, percorreu as principais ruas da cidade de Santarém, com a tolerância dos representantes da autoridade.

Neste cortejo macabro eram exibidos, com uma irreverência própria de selvagens, os objectos que alguns carbonários capitaneados, segundo consta, por António Fialho, regedor da freguesia de Salvador, António Ganto e outro indivíduo, vulgarmente conhecido pelo Francisco do Cemitério, tinham ido arrebatado furtivamente na antevéspera à noite, à freguesia da Fátima, próximo de Vila Nova de Ourém, no local a que no dia 13 deste mês, concorreram, na atitude mais pacífica, ordeira e correcta, cerca de cinquenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e dos pontos mais distantes e opostos do País.

Perante uma população inteira assombrada à vista de tão vil degradação do sentimento moral de meia dúzia de indivíduos, que são verdadeiras pústulas do organismo duma sociedade, desfilou esse arremedo hediondo de procissão religiosa, em que a veneranda cruz

do Redentor, que cobre, com a sua sombra protectora, as sepulturas de nossos avós, e a augusta imagem da Virgem, que, em todas as épocas da História, pairou sempre como uma bênção sobre os destinos da nossa nacionalidade, foram alvo dos mais infames sacrilégios e das mais insólitas e horrendas profanações.

A ladainha da Virgem, cujo nome é a esperança e o conforto dos nossos soldados que se estão batendo, como heróis, nos campos de batalha, era entoada, com voz escarninha e avinhada, pelos energúmenos que compunham a satânica bacanal.

Não há memória dum atentado tão abjecto e repugnante contra as crenças do povo e contra as tradições e a dignidade duma população que se preza de ser bem educada e respeitadora das crenças alheias.

Ai de nós se não erguêssemos altivamente o nosso protesto indignado contra tão inaudita provocação!

Ai de nós se não repelíssemos com a maior energia das nossas almas toda e qualquer solidariedade com os miseráveis promotores e autores de tão horrível paródia!

Ai de nós se não traduzíssemos de um modo bem público e bem solene a amargura que dilacera os nossos corações, em face da inqualificável injúria infligida à Religião dos nossos maiores, que é também a nossa, e ao brio e pundonor dos habitantes desta cidade, que alguns garotos de pé descalço pretendem, à viva força, fazer passar por intolerante, fanática e selvagem!

Se o não fizéssemos, se não desagrávássemos as nossas crenças e a nossa dignidade vilipendiadas, daríamos jus a nacionais e estrangeiros para que nos considerassem os mais cobardes e os mais desprezíveis de todos os portugueses!

Bendita a Religião, que fez grande e gloriosa a nossa Pátria e que é o conforto da imensa maioria dos portugueses nas agruras da vida individual e nas calamidades públicas!

Bendita a cruz de Cristo que outrora tremulava ovante no topo dos mastros das nossas caravelas, quando iam conquistar novos mundos.

Bendita Virgem, excelsa Padroeira de Portugal, que, através de todas as desgraças e provações, velou sempre com maternal solicitude pela sorte da nossa querida Pátria e pela realização dos seus destinos imortais!

Deus perdoe aos ímpios sem delicadeza e sem educação que,

dominados por uma raiva de precitos, tão cega como impotente, blasfemam alvarmente do seu nome adorável, e não permita que a sua justiça fulmine os terríveis castigos que os sacrilégios e as profanações públicas costumam atrair sobre as nações que tais crimes consentem.

Santarém, 28 de Outubro de 1917.

Um grupo de católicos».

Na ânsia quase satânica de demolir, o mais rapidamente possível, e de acabar duma vez para sempre com as invenções *jesuíticas* da Fátima, esses desgraçados apenas contribuíram para desenvolver, duma maneira inesperada quanto sensacional, a fé no Milagre e a devoção da Terra de Santa Maria para com a sua augusta Padroeira.

CAPÍTULO XXX

S. JOSÉ, NOSSA SENHORA E O MENINO TAMBÉM FUGIRAM...

(Ti Marto)

Uma outra personagem sobe agora à ribalta: é o Sr. José do Vale, redactor do jornal «O Mundo», homem, sob o ponto de vista político, anárquico, e sob o ponto de vista religioso, ateu.

«Amava a taberna, diz Rocha Martins, e sob a influência do vinho escrevia com vivacidade».

Ora este homem teve a magnífica ideia de, por meio dum comício, acabar, duma vez para sempre, com as “fantoçadas” da Fátima. Fez distribuir em Torres Novas, em Vila Nova de Ourém e outras terras vizinhas, panfletos recheados de invectivas contra as supostas aparições, contra os padres, contra os jesuítas, os costumados autores de todos os flagelos que caíam sobre a Nação. Por fim convidava-se o povo liberal a reunir-se no domingo seguinte, na Fátima, à saída da Missa Paroquial, onde se realizaria um comício para desmascarar os comediantes da Cova da Iria.

Como era natural, a notícia espalhou-se num instante por todas as localidades em volta.

Tudo isto preocupava bastante o Pároco que, para evitar que as coisas tomassem mau caminho destinou que a Missa daquele domingo se celebrasse na Capela de Nossa Senhora da Ortiga. Receando também que os três videntes pudessem ser alvo de possíveis enxovalhos, procurava afastá-los, de qualquer forma, de Aljustrel.

A ocasião não se podia proporcionar melhor. Encontrava-se na Fátima um jovem fidalgo, D. Pedro Maria de Faria Pais Caupers, sobrinho da Sr.^a D. Rita Pais de Faria Pereira, da Quinta do Caneiro, solar já do tempo de D. Nuno Álvares, que fica a seis quilómetros da Fátima no caminho do Castelo de Ourém.

Foi, sem mais nada, resolvido que no dia seguinte de manhã lá iriam ter as três crianças em companhia de alguém de suas famílias.

Mas dêmos mais uma vez a palavra ao Sr. Marto que foi o companheiro dos videntes à quinta da bondosa senhora.

«Uma hora antes do sol fora, pusemo-nos a caminho da Quinta para fugir à perseguição: – São José, Nossa Senhora e o Menino também fugiram. Caminhávamos à pressa, mas, quando chegámos à Quinta, já estava a porta da Capela apinhada de gente. A Lúcia e a Jacinta tinham os seus xailezitos no braço e o Francisco o carapuço. Perguntámos se já tinha começado a Missa e responderam-nos que já estava ao Ofertório. Nisto apareceu uma criada da Sr.^a D. Rita que nos chamou e nos levou para a Capela, pela banda do prédio que dava comunicação para o coro, onde estava a proprietária e toda a família, e fomos assistir mesmo ao pé do altar-mor. Quando a Missa estava pronta, lá veio o Sr. Pedro e disse à Lúcia: Reza lá o terço. A pequena estava-se a recusar, mas afinal sempre pegou na reza.

Depois de comermos alguma coisa, os criados da casa foram-nos mostrar o prédio, de quarto a quarto. Quartos muito grandes – ai, Jesus! – e a gente, achava muita graça à Lúcia porque, entrando naquelas casas tão grandes, toda se admirava e dizia: “Ai, que casarona!”. – E as criadas: “Ó Lúcia, queres ver outra casarona?” E não acabaram as casaronas senão quando acabou a casa toda.

Foi então que o Sr. Pedro mandou buscar três cordeiros e pôs um ao colo de cada um dos pequenos e tirou-lhes o retrato. Deram-nos outra vez de comer e logo depois o Sr. Pedro disse-me assim: “O Sr. Marto fica aqui mais o Francisco que eu preciso ir para os Vargos e não tenho no carro mais lugar, a não ser para as duas pequerruchas”.

E lá foi ele com a Lúcia e a Jacinta para aquela quinta que fica a caminho de Torres Novas, enquanto eu e o Francisco fomos passear sozinhos naquela grande propriedade. As pequenas, essas, demoraram-se fora bastante, mas sempre voltaram no mesmo dia. Quando abalámos para cima, era já tardito e chegámos a casa à noite».

Que tinha acontecido entretanto na Fátima?

Seguro de que tudo correria às mil maravilhas, José do Vale, o Administrador de Vila Nova de Ourém e outras pessoas de categoria, com alguns guardas, lá foram à hora estabelecida.

Mas qual não foi o seu desapontamento, não encontrando aí a multidão enorme que visionara dando-lhe palmas, mas somente o tal Francisco da Silva, regedor da freguesia, influente democrático da terra.

O fiasco não podia ser mais completo. Que fazer?... Voltar atrás?...

– Vamos à Cova da Iria – decide por fim o orador.

E lá se encaminharam em forçada peregrinação ao lugar das Aparições. Desta vez, todavia, não era o auditório que faltava.

Um homenzinho da Lomba de Égua tinha mesmo preparado, com grande cuidado, uma esplêndida recepção. Juntara diversos burros, atara-os às azinheiras e, quando viu aproximar-se o grupozinho dos «comicieiros», chegou ao nariz dos animais uma tijelita de certo líquido, e todos começaram a ornear, com grande pasmo e vexame dos arruaceiros.

Chegaram contudo à carrasqueira, já quase na raiz e ali nova surpresa os esperava. Algumas pessoas do lugar da Moita tinham por aí posto palha e pasto, como se faria com os animais, para receberem tais senhores.

«Fizemos isto por desfeita – conta-nos a Sr.^a Maria Carreira – e eles assim o tomaram. Quando às onze e meia lá apareci, eu e mais duas vizinhas minhas, escondemo-nos ali pertinho. Mais para cima estavam também três homens sobre uma azinheira.

Começou então um a pregar contra a Religião. E nós, quando ele dizia coisas mais feias, dizíamos:

– Viva Jesus e Maria!

Um outro rapaz, que era da Quinta da Cardiga, e que estava empoleirado numa azinheira do outro lado respondia em voz alta:

– Viva Jesus e Maria!

E fazia com o chapéu uma reverência.

Eles tanto se enfadaram com aquilo que enviaram para o pé de nós dois guardas. Mas nós fugimos, atravessámos por umas fazendas e eles perderam-nos de vista.

Chegaram, no entanto, homens e rapazes que foram à Missa a

Nossa Senhora da Ortiga e, vendo aquilo que sucedia na Cova, puseram-se a gritar para os guardas e para os pregadores:

– Ó burros, ó burros, ó bestas!

E eles a responder:

– Botas da serra! Botas da serra!

Outra vez os guardas se puseram em movimento para ver se apanhavam alguém. Mas isso, sim!...

Todos fugiram, quer para um lado, quer para outro, fazendo uma troça e uma risota que tinha que ver.

Por fim, também eles se retiraram para o lado da Fátima e nem soubemos mais nada daquela gente».

CAPÍTULO XXXI

O MAIS BONITO JÁ LÁ VAI...

(Maria da Capelinha)

O sacrílego roubo e a paródia de Santarém de nada valeram contra Fátima. De nada valeram também os numerosos panfletos distribuídos por toda a parte e de que damos uma pequena amostra para vermos onde as coisas tinham chegado. ¹

¹ Aos Liberais Portugueses

A reacção campeia desenfreada!!!

Contra a torpe especulação feita com a comédia ridícula de Fátima protestam energicamente a Associação do Registo Civil e a Federação Portuguesa do Livre Pensamento.

Cidadãos!

Por mais que queiram certas personalidades, umas de boa fé e outras não, insinuar que está terminada a missão destas colectividades, visto nas leis da República se consignarem medidas defensivas da liberdade de consciência e de pensamento, os factos dia-a-dia se encarregam de nos provar que tais assertos não têm razão alguma de ser.

Ainda há pouco vimos, no programa eleitoral de determinado candidato, que se inseria nesse programa o esfacelamento da lei de Separação do Estado das igrejas e o restabelecimento das relações diplomáticas com o Vaticano, sob pretexto de conservação do padroado do Oriente!

Vimos as pastorais prelatícias contra a mesma lei e os protestos ilegais e insolentes de padres e outros elementos reaccionários contra os justos castigos aplicados a bispos delinquentes.

Mas, como se tudo isto fosse pouco, a muito mais se elevou o descaramento da pernicioso propaganda reaccionária. Agora é ao próprio *milagre* que se recorre para embrutecer o povo pelo fanatismo e pela superstição.

Houve quem, conjugando gananciosismo com espírito fanatizador, arranjasse, com cenário esplendoroso, em que o luxo espantoso do automóvel se casava hibridamente com a modéstia da carriola aldeã e com a humildade do peão, uma comédia indecorosa que há dias levou milhares de pessoas a assistir, em Fátima à exibição de uma *fit*a ridiculamente fantasiosa em que se incutia no espírito do povo ingénuo a sugestão colectiva de uma

Mais uma vez os portugueses haviam descoberto na Virgem, que aparecera aos três pastorinhos no descampado da serra, o princípio da sua salvação.

A excelsa Padroeira da Pátria Lusa que, através de todas as provações e vicissitudes, velara sempre com maternal carinho pela sorte da sua nação dileta e pela realização dos seus destinos imortais, tinha posto a sua tenda no coração mesmo deste mimoso Jardim da Europa à beira-mar plantado.

Os filhos responderam ao apelo materno e, desde aquele auspicioso dia 13 de Outubro, começaram a seguir em devota romagem à terrena morada da Virgem no planalto da Serra de Aire.

Ali a bondosa Senhora dispensava com largueza real, as suas graças divinas, ali se iniciava aquela gradual transformação familiar e social que devia, em breve ciclo de anos, reconduzir a nação portuguesa ao antigo esplendor.

Como sempre, foi a gente humilde do campo a primeira a ouvir a celeste Mensagem da Virgem.

Foram os pobres os primeiros a beneficiar das graças que a

suposta aparição da *virgem* mãe de Jesus de Nazareth a três crianças suggestionadas ou industriadas para servirem de comparsas a essa torpe e vergonhosa especulação, a um tempo mercantil e clérico-reaccio-nária!

Como, porém, não bastassem as tolas declarações dos pobres petizes a quem a tal *virgem* aparecia e falava sem que mais ninguém a visse e ouvisse, inventou-se quem visse o sol, a determinada hora, dançar o fandango ou o chifarote com as nuvens!

Isto, cidadãos, é uma miserável tentativa de retrocesso, no intuito de mergulhar novamente o povo português nas densas trevas só próprias de tempos ominosos que se foram para não mais voltarem.

A República e os cidadãos que têm a seu cargo a tão nobre quão espinhosa missão de a dirigirem e de a fazerem trilhar a senda gloriosa da Civilização e do Progresso, não têm o direito de consentir na beatificação do povo pelo fanatismo e pela credence, pois isso seria, para ela e para eles, uma falta imperdoável ao cumprimento do seu primordial dever, não só para com a Pátria, mas para com a Humanidade em geral.

É pois, dever indeclinável de todos nós, reclamar dos poderes públicos enérgicas e imediatas providências que desde já ponham ponto final nessa especulação abusiva com que a reacção pretende fazer retrogradar o povo ao medievalismo.

Libertemo-nos, todos, arrancando do nosso espírito, não só a tola credence em embustes grosseiros e hilariantes como o da Fátima, mas mui especialmente a crença no sobrenatural, num pretensu *Deus omnipotente*, omnisciente e omni tudo o mais que fantasiar possa a arguta imaginação dos intrujões, para armar ao efeito e embarrilar a popular ingenuidade.

Cidadãos:

VIVA A REPÚBLICA!
ABAIXO A REACÇÃO!
VIVA A LIBERDADE!

Senhora distribuía a esmo; em seguida, virão os outros; será Portugal inteiro a pôr-se a caminho da Fátima!

«Depois do dia 13 de Outubro, em que o sol bailou no Céu – conta-nos a Sr.^a Maria da Capelinha – foi uma procissão contínua aqui, especialmente ao domingo à tarde e nos dias 13 de cada mês.

Havia gente cá da terra e gente que vinha de longe; os homens chegavam com um pauzito e o farnel às costas, as mulheres com os seus pequeninos nos braços, gentinha velha até com pouca força. Todos ajoelhavam ao pé da azinheira onde Nossa Senhora tinha aparecido. Ninguém estava enfadado, ninguém estava cansado.

Aqui não se vendia nada, nem um copo de água, nem vinho, nem nada!

Ai que rico tempo aquele para penitência! Até faz chorar!...».

É de facto com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces pergaminhadas que a Sr.^a Maria Carreira nos fala destas primeiras peregrinações, das quais ela sente tantas saudades:

«Aqui só se chorava, só se rezava a Nossa Senhora; quando se juntava muito povo cantavam-se os lindos cânticos da Igreja.

Ai que rico tempo aquele! Fazia-se muita penitência e com muita alegria.

Se eu tivesse morrido naquele tempo, cuido que Nossa Senhora me teria levado direitinha para o Céu... Já passou. Tenho tantas saudades daquele tempo!...

Veio um dia em peregrinação uma senhora de Alcanena e não podia suster as lágrimas: – Ah! Fátima, ah! Fátima!... Quanta religião aqui!... Só na minha terra não há religião!... Até queimaram a igreja com todos os santinhos!...

Coitadita!

Daqui a gente voltava a casa contente, satisfeita. Vinham a Nossa Senhora a pedir milagres e Nossa Senhora sempre ouvia a todos. Naquele tempo, nunca ouvi dizer que Nossa Senhora tivesse recusado milagres a ninguém.

Todos os que vinham aqui, vinham com devoção, ou, se não vinham, cá a apanhavam.

Outro dia era um homem todo molhadinho que tinha vindo de muito longe. Abeirei-me dele e perguntei-lhe se não se sentia mal

– Não, minha senhora! Não tenho nada que me incomode. Eu

nunca tive uma noite tão feliz como esta: venho com onze léguas de viagem e não me sinto nada enfadado; sinto-me muito feliz neste lugar.

Além da chuva, fazia também muito frio, era de Inverno, e o homenzinho passara toda a última noite ao ar livre. Naquele tempo, aqui não havia telha nenhuma.

Uma vez apareceu cá também um grupo de senhoras e cavalheiros, onde vinha também o Sr. Padre Oliveira dos Reis, do Montelo, e que foi Prior de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa. Soube depois que tinham estado num baptizado e, em seguida ao jantar, tinham vindo até aqui de passeio, mas não se acreditando em nada. A gente estava aqui a rezar em roda do caixote onde se metiam as esmolas e que tinha umas velas pegadas em cima: o Sr. Padre Reis tirou o chapéu e começou logo a responder ao nosso terço.

Quando acabámos as contas, ouvi uma voz que não sei bem se era dele – mas cuido que fosse dele – que dizia assim:

– Ainda que Roma nunca venha a aprovar isto, nunca deixarei de pensar que houve aqui alguma coisa de extraordinário».

CAPÍTULO XXXII

E NENHUM PADRE QUIS SABER DE LHE DAR A BÊNÇÃO...

(Maria da Capelinha)

Uma coisa magoava a alma da Lúcia e dos primos, como também a da Sr.^a Maria Carreira. Ainda não se tinha construído a pequena ermida que a branca Senhora lhes tinha pedido.

Na verdade, as ofertas não tinham faltado: vinténs, tostões, broínhas, feijões e também objectos de ouro e prata; mas outras dificuldades impediam a realização deste lindo sonho: a oposição vigilante das autoridades de Vila Nova de Ourém e a indiferença, senão hostilidade, do Prior da freguesia. Passou-se assim um ano e meio antes de se dar cumprimento ao desejo da Virgem.

Como já sabemos, era a Sr.^a Maria Carreira a depositária das ofertas feitas: todos os dias arrecadava o dinheiro num saquito e vendia as broas, as merendeiras, os cestinhos de batatas, de ervilhas, etc, que as boas mulheres do povo traziam à Virgem da Fátima em cumprimento de promessas por graças recebidas. O dinheiro ia-se, pois, juntando, mas a ermidinha não aparecia. Começou-se então a murmurar – as más línguas nunca faltam neste pobre mundo:

– São naturalmente os Carreiras, lá da Moita, que somem o dinheiro! – dizia-se.

«As minhas filhas – conta-nos a Sr.^a Maria da Capelinha – andavam a trabalhar à jorna nos campos e ganhavam o pãozinho. Os que andavam a trabalhar com elas diziam:

– Olha lá as da ti Maria da Moita já arranjaram bons vestidos, já andam calçadinhas!...

A gente enfadava-se e eu fui ter com o Sr. Prior e disse-lhe:

– Senhor Prior, faz favor toma conta das esmolas que eu já não quero continuar com todas estas perseguições.

O Sr. Prior, então, levou-me ao seu escritório e leu-me uma carta do Sr. Patriarca onde se dizia que o dinheiro fosse bem guardado em casa de confiança, mas não na casa dos pais dos videntes, até ele dar outra ordem.

Desta vez voltei a casa mais animada.

Mas as perseguições continuavam e eu apoquentava-me bastante. Foi nessa altura que ouvi um sermão do Sr. Prior de Santa Catarina na nossa freguesia: era por ocasião do Ofício das Almas.

– Os que devem tomar conta do dinheiro para as festas – dizia ele – são sempre mal julgados. Logo se começa a dizer que a gente come... Meus amigos, isto de falar nunca se acaba!... Devemos servir a Deus sofrendo por seu amor as perseguições, como Ele sofreu por nós.

Eu então pensei:

– Pois bem; agora já não penso mais em sair e, desde então, fui sempre aguentando.

Não passou, todavia, muito tempo que não viesse outra perturbação a desanimar-me.

Chegou a nossa casa um fulano com um bilhete do Sr. Administrador – era ainda o tal Artur Oliveira Santos que a gente chamava o Latoeiro – que mandava ir o meu homem ao tribunal.

Naturalmente é por causa do dinheiro – pensámos nós e mais os nossos vizinhos.

– Olá, ti Manel – diziam eles – leve bem estudado o que vai dizer!

– Ah! não levo cuidado nenhum – respondia o meu marido.

Na verdade, nós não tínhamos a certeza, mas futurávamos que se tratasse disso.

Quando lá chegou, perguntou-lhe a gente lá da repartição:

– Então, o que é que o senhor quer?

– O Sr. Administrador chamou-me e eu venho ver o que o Sr. Administrador quer.

– Onde é o Senhor?

- Sou da Moita, freguesia da Fátima.
 - Ah, sim? – disse então o Administrador que estava lá sentado.
 - Então o senhor é o Sr. Manuel Carreira?
- E o meu homem respondeu que sim.
- Então o senhor, é de lá perto da Cova da Iria?
 - Pois, sou, sim senhor.
 - E costuma lá ir?
 - Já lá tenho ido.
 - E que vai lá fazer?
 - Vou lá com os outros.
 - E também vê Nossa Senhora?
 - Não, Sr. Administrador. Até à data nunca A vi.
 - Então o que vai lá fazer?
 - Vou lá com o povo.
 - E o que é esse povo diz?
 - Não sei: uns dizem uma coisa, outros dizem outra.
 - Consta-me que dão lá muito dinheiro.
 - Eu não sei, senhor Administrador.
 - Então, não o vê? Não sabe disso?
 - Eu não sei, senhor Administrador.
 - E quem é que tem esse dinheiro?
 - Não sei, senhor Administrador.
 - O senhor é muito ignorante!...
 - Pois sou, sou!

Por detrás do Sr. Administrador estava o Sr. Júlio Lopes lá do tribunal e acenava ao meu marido aprovando o que ele dizia e que continuasse a falar sempre assim.

O meu Manel não se deu sabedor de nada e voltou para casa contente de ter pregado ao Latoeiro aquela partidinha.

Mas com isso não tinham acabado as aflições.

Outra vez – era domingo – chegou o meu filho mais velho da Missa das almas e disse-me assim:

– Ó minha mãe, encontrei-me, há um bocado, com o João Nogueira que veio a dizer-me que o Regedor tencionava vir aqui à Moita, a casa do Sr. Manuel Carreira, sempre por causa do dinheiro... Não sei se era a brincar, ou se era assim... Ele falava a sério. Vossemecê pense bem o que lhe há-de dizer quando ele cá chegar.

– Pois vou dizer-lhe que dinheiro não o tenho, que mo roubaram – disse eu logo muito pronta.

– Mas para isso – continuou o rapaz – a mãe já devia ter-se queixado antes, para ele não dizer que vossemecê estava a mentir.

– Então vou a queixar-me já – respondi.

Nisto passa a mulher do Sr. José Alves e eu a fingir que estava aflita.

Perguntou-me ela então o que eu tinha.

– Roubaram-me o dinheiro de Nossa Senhora!...

– Roubaram-lhe o dinheiro?!... Mas ele não estava bem guardado em casa?

– Não... Tinha-o dentro de uma lata, num barroco numa lousa no quintal...

A mulher ficou admirada, mas acreditou.

– Está servida! Sempre você foi bem tonta!

– Pois fui – respondi-lhe, com as mãos na cara.

Pouco depois, lá vai a passar a mulher do Sr. António Joaquim e eu fiz-lhe a mesma comédia, deixando-lhe ver que estava muito apoquentada com a vida.

Perguntou-me então:

– O que é que a senhora tem?

– Lá me roubaram o dinheiro de Nossa Senhora! Roubaram-no todo!

E contei-lhe a ela também como tinha posto o dinheirinho no quintal, num barroco qualquer.

– Pois vais pô-lo à mão dos ladrões e não queres que to roubem!

E a mulher foi-se embora.

Nisto passou-se o dia e, à noite, na Moita, todos sabiam e diziam que o dinheirinho de Nossa Senhora tinha desaparecido na algibeira dos ladrões... Eu tinha agora as costas quentes.

Dali a dias, a mulher do Sr. Alves veio ter comigo e disse-me assim:

– Sempre foi mentira, não foi? O dinheiro não foi roubado! Eu bem via que vossemecê não estava apoquentada a valer.

Eu então contei-lhe tudo. Às vezes, temos precisão de mentir!

Passou-se ainda uma temporada e quando vimos que já não havia muito perigo da parte da gente da Vila, fui ter com o Sr. Prior para ver se autorizava a começar-se a construir a ermida que Nossa Senhora tinha pedido.

– Se dá licença, Sr. Prior, nós tencionávamos fazer uma capelinha na Cova da Iria, para pôr lá uma Imagem de Nossa Senhora, se houver quem a ofereça, e para guardar os géneros que o povo dá porque se molha tudo com o mau tempo.

O Senhor Prior respondeu assim, a modo de quem não se importava com coisa nenhuma:

– Eu não quero saber disso para nada!

– Ó Sr. Prior – continuei eu – então se nós a mandássemos construir com o dinheiro que temos, teríamos alguma responsabilidade?

– Eu penso que não.

O Sr. Prior respondia assim, decerto porque não queria que depois se viesse a dizer que fora ele a mandar fazer a capelinha. Ele tinha instruções da parte do Sr. Patriarca que não queria que tomasse parte nestas coisas.

Por mim, não quis ouvir mais nada. Voltei para casa satisfeita: contei tudo ao meu homem que logo foi ter com o pai da Lúcia, porque a ele pertencia o terreno onde tinha aparecido Nossa Senhora e onde se ia levantar a Capelinha.

O António Abóbora deu licença: – Façam-na do tamanho que quiserem.

Contudo, ele estava muito apouquetado. E tinha razão. Quando foi do princípio, o povo estragava-lhe tudo, de maneira que lá nada se podia criar. Estragavam-lhe as árvores. Ninguém se contentava com um raminho. Todos que de lá vinham queriam levar consigo uma rama grande e cortavam à direita, cortavam à esquerda. Em breve tudo em volta da azinheira desaparecia.

– Olha, esta gente vem da Fátima – dizia-se quando viam passar ranchos com grandes ramos na mão.

Sumida a azinheira pequenita e as outras em volta, atiravam-se às grandes e, se não fosse o meu homem a pôr-lhe espinheiros, a azinheira grande também já cá não estava. O povo tinha-lhe muita devoção, especialmente a ela.

A ermidinha levou mais dum mês a fazer. Todos queriam mandar.

Um dizia: – Faça-se deste tamanho. Outro: – Melhor seria deste. Cada um tinha a sua ideia; de mais a mais que nenhum Padre queria saber disso.

Em tantas lidas, eu ia-me a queixar ao pedreiro que era um

homem de Santa Catarina, muito religioso e também muito habilidoso. Chamava-se Joaquim Barbeiro; com ele trabalhava um filho.

– Não se apoquente com isso, mulher – dizia-me ele. – Se esta obra for de Deus, como nós pensamos, o sofrimento está em princípio.

Saiu, por fim, uma capelinha, uma linda casinha de arrecadação, porque não tinha Imagem alguma. Nenhum padre também, quando ficou pronta, quis saber de lhe dar e bênção. Só mais tarde é que o Sr. Dr. Marques dos Santos a veio benzer.

Fez-se também um alpendrezito, à frente da capela, mas muito pequenito: com seis pessoas já ficava cheio».

A Imagem devia demorar ainda uns oito a dez meses.

No dia 13 de Maio de 1920, procedente de Torres Novas, oculta num carro entre instrumentos de lavoura, a Senhora da Capelinha vinha tomar posse do seu trono na Cova da Iria. Mas os homens, mais uma vez, a faziam esperar. Quando chegou a Fátima, não pôde seguir e lá ficou algum tempo. Aberta a caixa e tendo o pároco da Fátima benzido a Imagem, milhares de devotos se apressaram a beijar a linda escultura que tão ao vivo reproduzia as feições admiradas pelos três pastorinhos.

Também uma rapariguita duns treze anos se abeirou dela chorando. Era a Lúcia, que recordava os seus amiguinhos, o Francisco e a Jacinta, os quais já no Céu se extasiavam na contemplação, face a face, da branca Senhora que os seus olhos mortais tinham visto, pela primeira vez, num longínquo 13 de Maio.

CAPÍTULO XXXIII

NÃO QUERO SER NADA. QUERO MORRER E IR PARA O CÉU!

(Francisco)

Obrigados a levar de corrida a narração dos factos, retrocedamos agora até à última quadra de 1917 em que deixámos os três pastorinhos numa fria tarde de Novembro em companhia do Dr. Formigão.

A peregrinação a Aljustrel, como era natural, foi esmorecendo; fácil era, porém, de prever que a paz e o sossego, que reinavam nas famílias dos videntes antes do dia 13 de Maio, esses tinham desaparecido para sempre e definitivamente.

Era gente do povo e também gente de posição, que vinham interrogar, pela milésima vez, as privilegiadas crianças sobre as aparições, acerca do segredo, sobre tudo, enfim, o que podia satisfazer, se não a religiosidade, a curiosidade dos que se expunham a grandes sacrifícios para se proporcionarem o gozo de ver e falar uns minutos com quem tinha ouvido, já neste mundo, a voz suave da Virgem.

Todos voltavam bem impressionados da conversação com os serranitos. Bastava vê-los uma vez para se ficar convencido da verdade das suas afirmações. Um sorriso angélico, que lhes iluminava o rosto, uma alma pura que lhes brilhava nos olhos límpidos que se tinham extasiado na visão da mais sublime criatura saída das mãos de Deus, uma singeleza encantadora transpirando de todos os seus gestos e suas falas; tudo dizia que ali a mentira era impossível, que o embuste era incompatível com aquelas crianças. Os mais empedernidos, os mais rebeldes ficavam rendidos a tanta candura.

As respostas que as crianças davam eram sempre as mesmas. O Francisco afirmava sempre que não tinha ouvido falar a branca Senhora, mas que a tinha visto, que a sua luz lhe cegava os olhos. Era só com a Lúcia que a Senhora conversava.

A Jacinta sabia alguma coisa mais, mas confessava ingenuamente que, às vezes, não ouvia bem a Virgem, que muitas coisas já as tinha esquecido e que era preciso preguntarem à prima se queriam saber bem como as coisas se tinham passado. Era então à Lúcia que, de preferência, se dirigiam os curiosos e os devotos, e a Lúcia repetia mil vezes as mesmas coisas com as mesmas palavras.

Só quando alguém porfiava em desvendar o segredo é que a Lúcia e a Jacinta se fechavam no mais absoluto silêncio, mostrando-se até pouco educadas. Quando se tratava duma gente qualquer, não os magoava muito esta maneira de proceder; mas quando era com sacerdotes, então as pequenas ficavam tristes – a Lúcia sobretudo – por terem assim procedido. Uma terrível dúvida vinha então turvar-lhes a consciência delicada: era lícito portarem-se daquela maneira com os representantes de Nosso Senhor?

Foi nessa altura que a Providência Divina trouxe ao seu encontro um sacerdote que lhes inspirou a mais absoluta confiança: era o P.^e Faustino Ferreira, Vigário do Olival.

Logo às primeiras palavras com os três pastorinhos, o bondoso e perspicaz sacerdote compreendeu que se encontrava em presença de criaturas privilegiadas pelo Céu, e com tacto admirável, procurou modelar ao sopro da graça aquelas alminhas tão sensíveis ao influxo sobrenatural.

Não perdia ocasião nenhuma: todas as vezes que vinha à Fátima, não deixava de passar por Aljustrel. Servia-se também duma piedosa viúva que ia, às vezes, rezar à Cova da Iria e que levava os pequenos consigo, fazendo-os passar, depois, da sua casa para casa do Pároco, a título de irem fazer companhia a uma sobrinha deste.

O P.^e Faustino, em primeiro lugar, tranquilizou-os quanto ao segredo e à maneira de proceder com os sacerdotes. Onde contudo a sua acção resultou mais frutuosa foi nas indicações precisas que lhes deu para agradar em tudo a Nosso Senhor, ensinando-lhes, de modo especial, a fazer um sem número de pequenos sacrifícios.

Eis alguns exemplos:

«Se vos apetece comer uma coisa, meus filhinhos, deixai-a e.

em seu lugar, comi outra e ofereci a Deus um sacrifício. Se vos apetece brincar, não brinquéis e ofereci a Deus outro sacrifício; se vos interrogam e não vos podeis escusar, é Deus que assim quer, ofereci-lhe mais este sacrifício».

A sua linguagem era bem compreendida pelas crianças. O P.^o Faustino Ferreira foi, na verdade, o primeiro Director Espiritual da Lúcia que dele conserva a mais grata e santa recordação.

A verdadeira Directora Espiritual das crianças foi, todavia, essencialmente a Virgem.

A bondosa Senhora da Cova da Iria tomou à sua conta a realização dessa obra prima e, como não podia deixar de ser, levou-a a cabo com êxito pleno. Das suas mãos prodigiosas saíram três anjos revestidos de carne, mas que, ao mesmo tempo, eram três autênticos heróis. A matéria prima era de uma plasticidade admirável – e, da Artista, que mais dizer? Na sua escola os três serraniços deram, em breve tempo, passadas de gigante no caminho da perfeição.

Neles se verificaram à letra as palavras de um grande devoto de Maria, o Beato Grignon de Monfort: *«Na escola da Virgem a alma progride mais numa semana do que um ano fora dela».*

A pedagogia da Mãe de Deus não sofre confrontos.

Em dois anos a Virgem Santíssima conseguiu erguer os dois irmãozitos, Francisco e Jacinta, até aos cumes mais elevados da santidade cristã.

O retrato, que a mão segura da Lúcia nos traça da Jacinta, é revelador.

«A Jacinta tinha um porte sempre sério, modesto e amável, que parecia traduzir a presença de Deus em todos os seus actos, próprio de pessoas já avançadas em idade e de grande virtude.

Não lhe vi nunca aquela demasiada leviandade ou entusiasmo próprio das crianças pelos enfeites e brincadeiras (isto depois das aparições); não posso dizer que as outras crianças corressem para junto dela como faziam para junto de mim; e isto, talvez, porque ela não sabia tanta cantiga e historieta para lhes ensinar e as entreter, ou então porque a seriedade do seu porte era demasiado superior à sua idade.

Se na sua presença alguma criança, ou mesmo pessoas grandes, diziam alguma coisa, ou faziam qualquer acção menos conveniente, reprendia-as, dizendo:

– Não façam isso, que ofendem a Deus Nosso Senhor e Ele já está tão ofendido!

Idêntica é a impressão que receberam deste anjinho incarnado, o Dr. Formigão, o Dr. Carlos Mendes e o Barão de Alvaiázere; enfim, todos os que tiveram a felicidade de se aproximar dela. Temos só pena de não poder, para nos não alongarmos mais, referir aqui por extenso as suas deposições.

Quanto ao Francisco, dele relataremos somente uns factos que no-lo pintam nas características mais salientes da sua personalidade.

Certo dia, duas senhoras entretinham-se com ele, interrogando-o, alternadamente, sobre a carreira que desejava abraçar quando fosse homem.

– Queres ser carpinteiro?

– Não senhora – respondia o pequeno.

E logo a outra:

– Queres ser militar?

– Não senhora.

– E doutor, não gostavas de ser?

– Também não.

– Eu já sei o que tu gostavas de ser... Ser padre! Dizer a Missa... confessar a gente... pregar na igreja... Não é?

– Não senhora. Também não quero ser padre.

– Então, que queres tu ser?

– Não quero ser nada. Quero morrer e ir para o Céu!

O ti Marto que estava presente a este interrogatório comenta agora:

«Esta é que foi uma verdadeira aprovação!...».

Um outro episódio do tempo das aparições quando os três pastorinhos andavam ainda a pastorear:

A fim de escrupulosamente guardarem o gado de certas tenras plantações, as pequenas puseram-se dum lado, e o Francisco, tendo mostrado preferência de estar sozinho, ficara a uma certa distância, na orla oposta do bosque.

A Lúcia, porém, sempre solícita pelos dois mais novos, num dado momento, disse à Jacinta que fosse ter com o irmão que já estava, havia muito, sozinho.

A pequenita entrou no mato, gritando:

– Francisco, ó Francisco!...

Mas o Francisco não respondia. Aflita, volta para o pé da Lúcia, dizendo:

– O Francisco talvez se perdesse.

Logo a Lúcia se levanta e vai em procura do primo que encontra prostrado no chão atrás dum murinho de pedras soltas. Aproxima-se dele, toca-lhe no ombro, chamando-o em voz alta. Sacode-o e pergunta-lhe:

Que estás tu aqui a fazer?

Como que despertando dum sono profundo, o pequeno responde:

– Comecei a rezar as orações do Anjo e depois fiquei a pensar.

– Então não ouviste a Jacinta chamar-te?

– Eu não, não ouvi nada.

Era o desejo do Céu e a contemplação das coisas divinas que enchiam a transbordar o coraçãozito do Francisco.

Uma tarde, os três inseparáveis companheiros tinham ido levar o gado para os lados da Fátima de Cima. Chegados ao ponto combinado, Francisco afasta-se para um sítio solitário. O tempo passa e o pequeno não volta. À hora da merenda, Jacinta descobre-o a rezar, oculto atrás duma rocha.

– Ó Francisco, anda merendar!

– Não, eu não vou. Merendem vocês; e quando forem rezar o terço, venham chamar-me.

Respeitaram, as pequenas, a resolução do minúsculo asceta e consumiram tristes o seu farnelzito. A seguir foram ter com ele para rezar o terço.

Então a Lúcia pergunta-lhe: – Que estavas aqui a fazer há tanto tempo?

– Estava a pensar em Deus que está tão triste, por causa dos muitos pecados! Se eu o pudesse consolar!...

Um pensamento dominava o serranito de Aljustrel:

– Jesus está tão triste e eu quero confortá-lo com a oração e a penitência.

«Eu gostei muito – dizia – de ver o Anjo e ainda mais de ver Nossa Senhora. Mas do que mais gostei foi de ver Nosso Senhor naquela luz que a Virgem nos pôs no coração.

Gosto muito de Deus... Mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados...

Nós não devemos fazer nem o mais pequeno pecado!...».

O seu desejo de ir para o Céu não era tanto pelo anseio de gozar mas sobretudo para consolar Nosso Senhor.

«Daqui a pouco Jesus vem buscar-me para ir para o Céu com Ele e então fico sempre a vê-Lo e a consolá-Lo. Que bom!...».

Francisco, todavia, não é só um pensador, um contemplativo, um asceta; é também um homenzinho muito prático.

«Havia uma velhota – conta-nos a Lúcia – que já nada mais podia fazer do que guardar as suas ovelhinhas e cabritas e estas, às vezes, fugiam-lhe, ficando ela muito aflita sem poder ir atrás delas».

Quando a Lúcia e os primos a encontravam assim nessa aflição era o Francisco o primeiro a prontificar-se para lhe ir juntar o gado.

– O Francisco era o meu Anjo da Guarda – dizia ela.

A Lúcia, com o expediente que tinha para organizar brincadeiras e o ascendente de que gozava sobre as outras crianças, também depois das Aparições, via-se atormentada com propostas e pedidos para tomar parte em divertimentos. Tendo uma vez acabado por ceder no fim de muita insistência, o Francisco chamou-a de parte e disse-lhe muito sério:

– Então tu voltas a essas brincadeiras depois de Nossa Senhora nos ter aparecido?

– Então, pediram-me tanto!... – escusava-se a Lúcia.

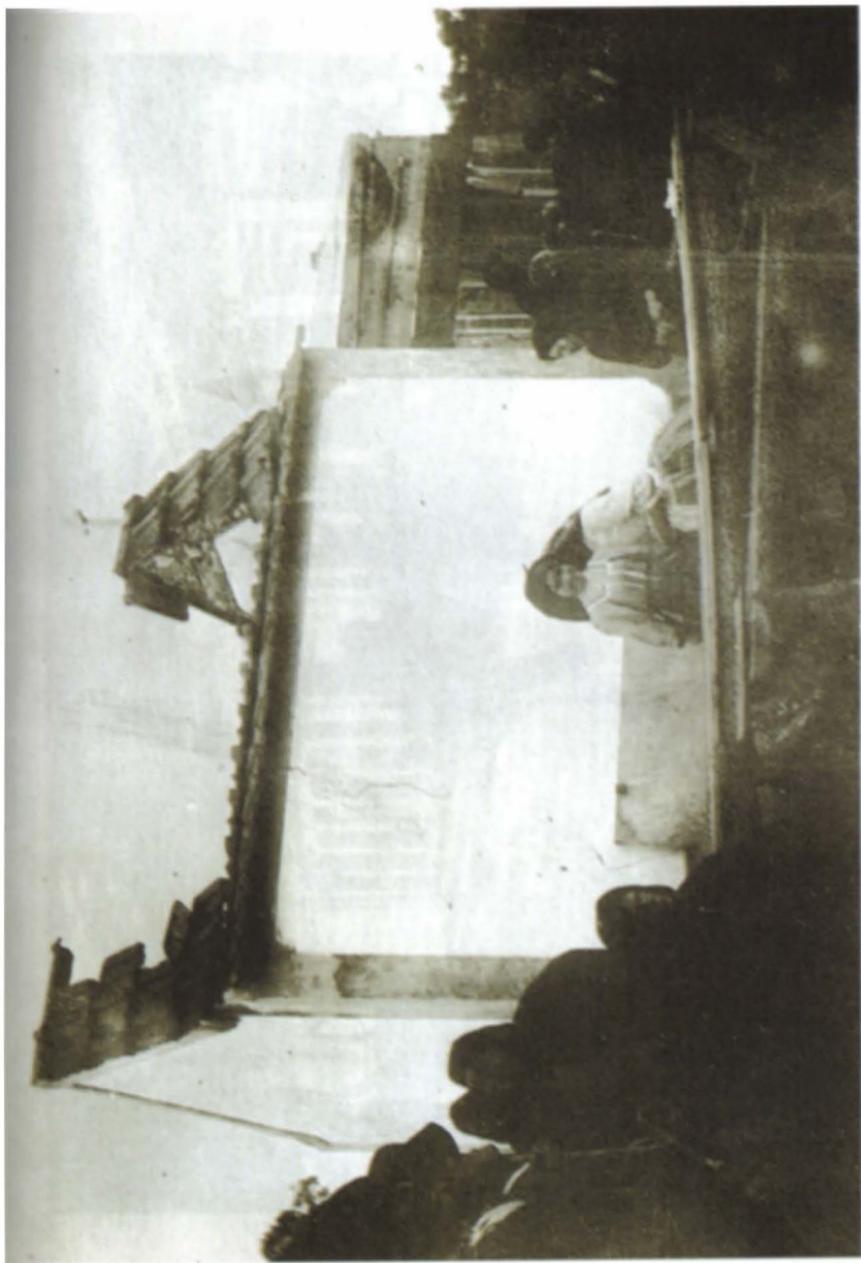
Mas o Francisco, lógico e severo, retorquia:

– Toda a gente sabe que Nossa Senhora te apareceu; então não devem estranhar que tu já não queiras bailar!...

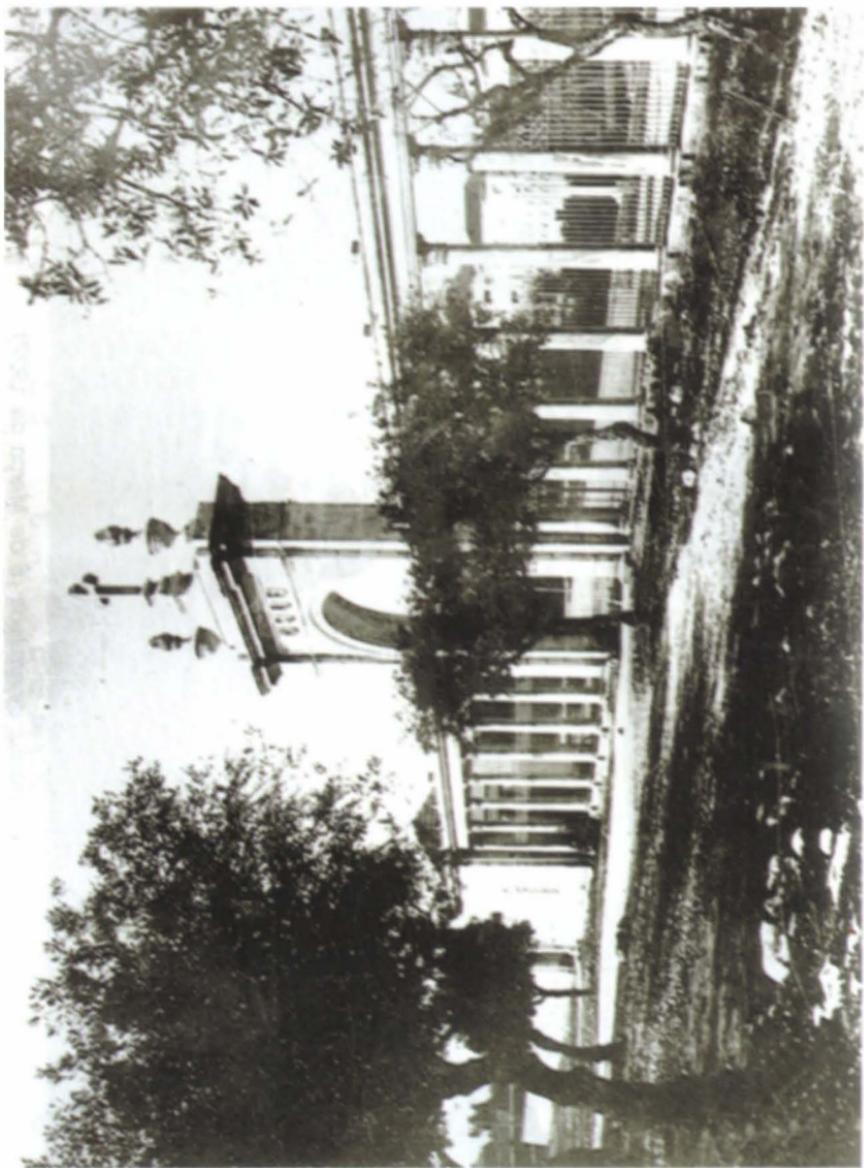
E quantos mais destes factos poderíamos referir...

A celeste Pastora guiara bem as três singelas ovelhinhas através das ricas pastagens da graça.

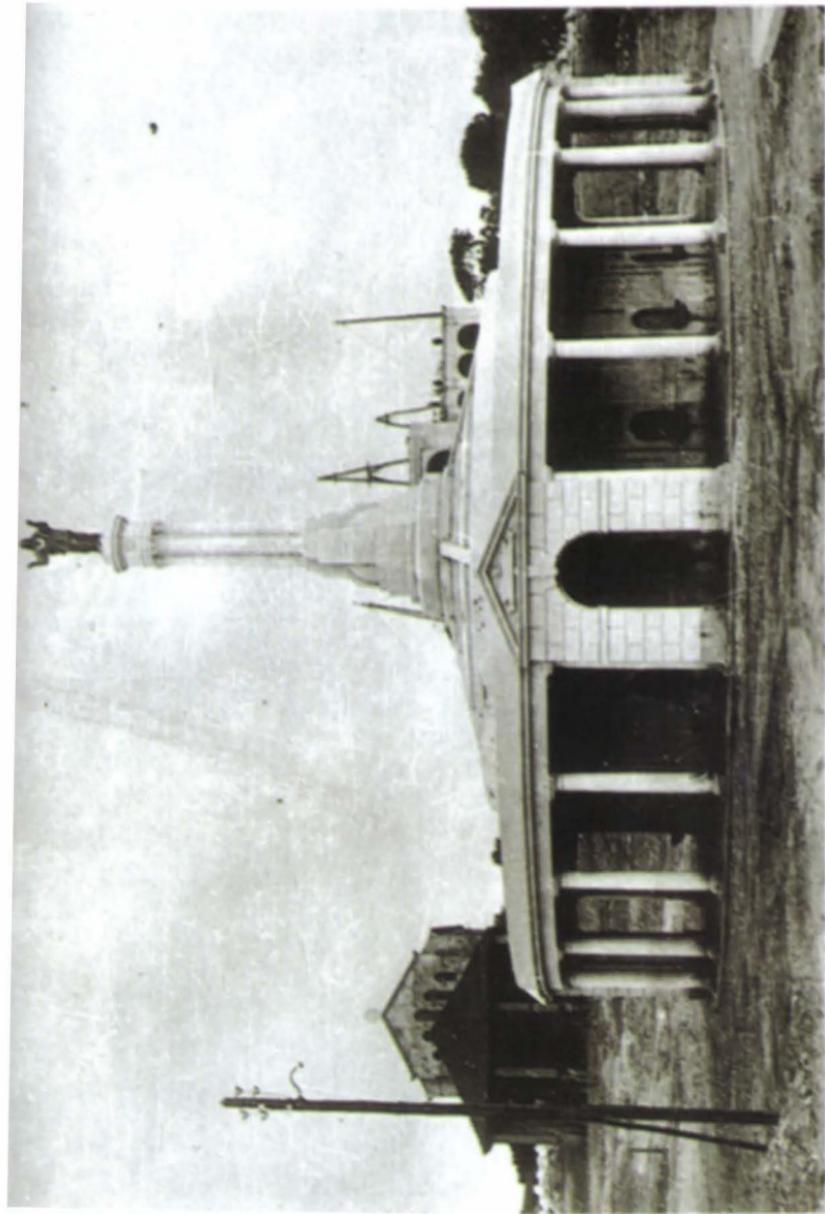
Já sabemos que impressão extraordinária tinha feito na alma dos



Capelinha dinamitada (6 de Março de 1922)



Primeira entrada principal do recinto



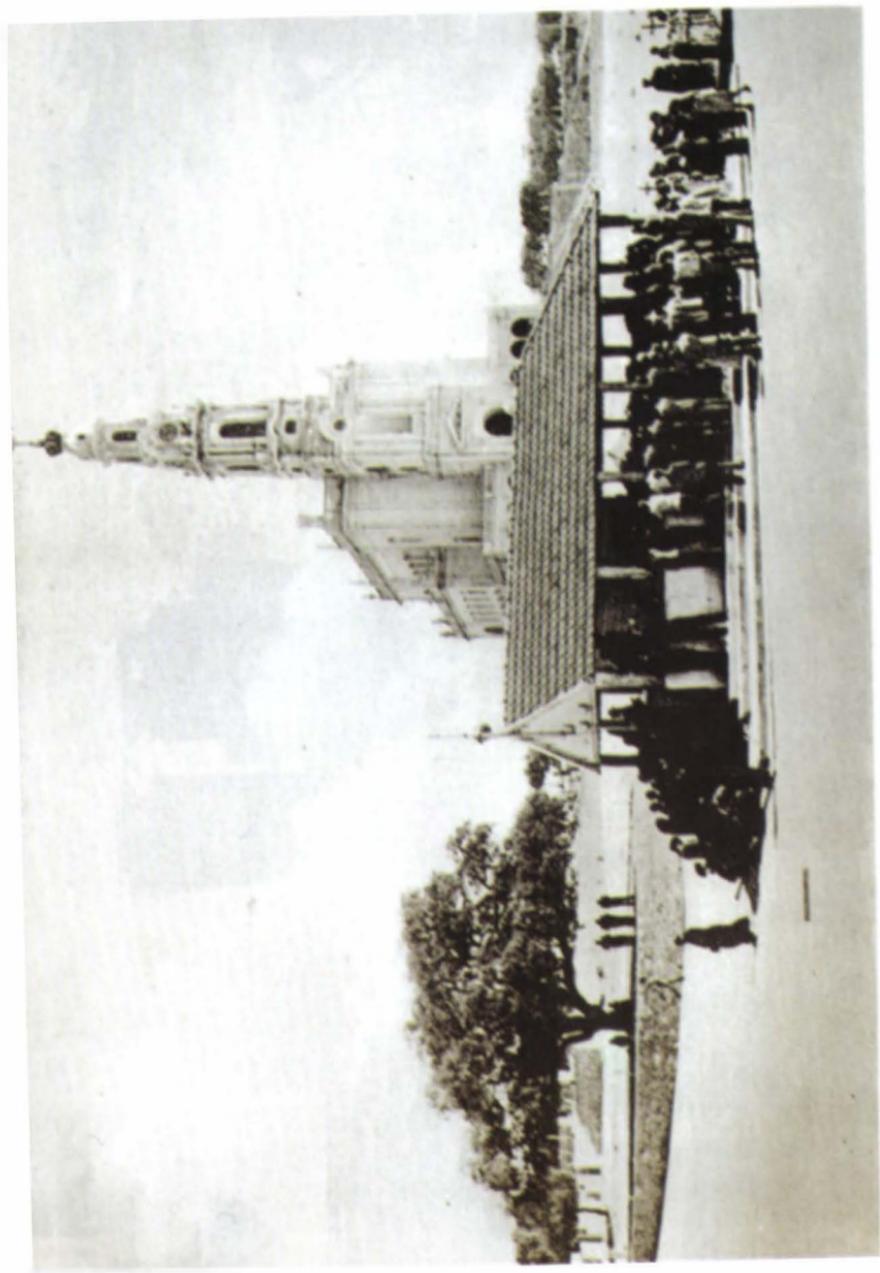
Fontenário encimado pelo Coração de Jesus



Capelina das Aparições e abrigo para os doentes



*Construção da Basílica (1932)
Cardeal Cerejeira com o Bispo de Leiria*



Basilica e capelinha



Basilica — Peregrinos em oração



P.º João De Marchi com Irmã Lúcia (1946)



D. João Pereira Venâncio com Irmã Lúcia (21-5-1946)



Cardeal Angelo Roncalli (futuro Papa João XXIII) - 13-5-1956



Peregrinos cumprindo promessas



Tre:º de Maio 1967 — Papa Paulo VI



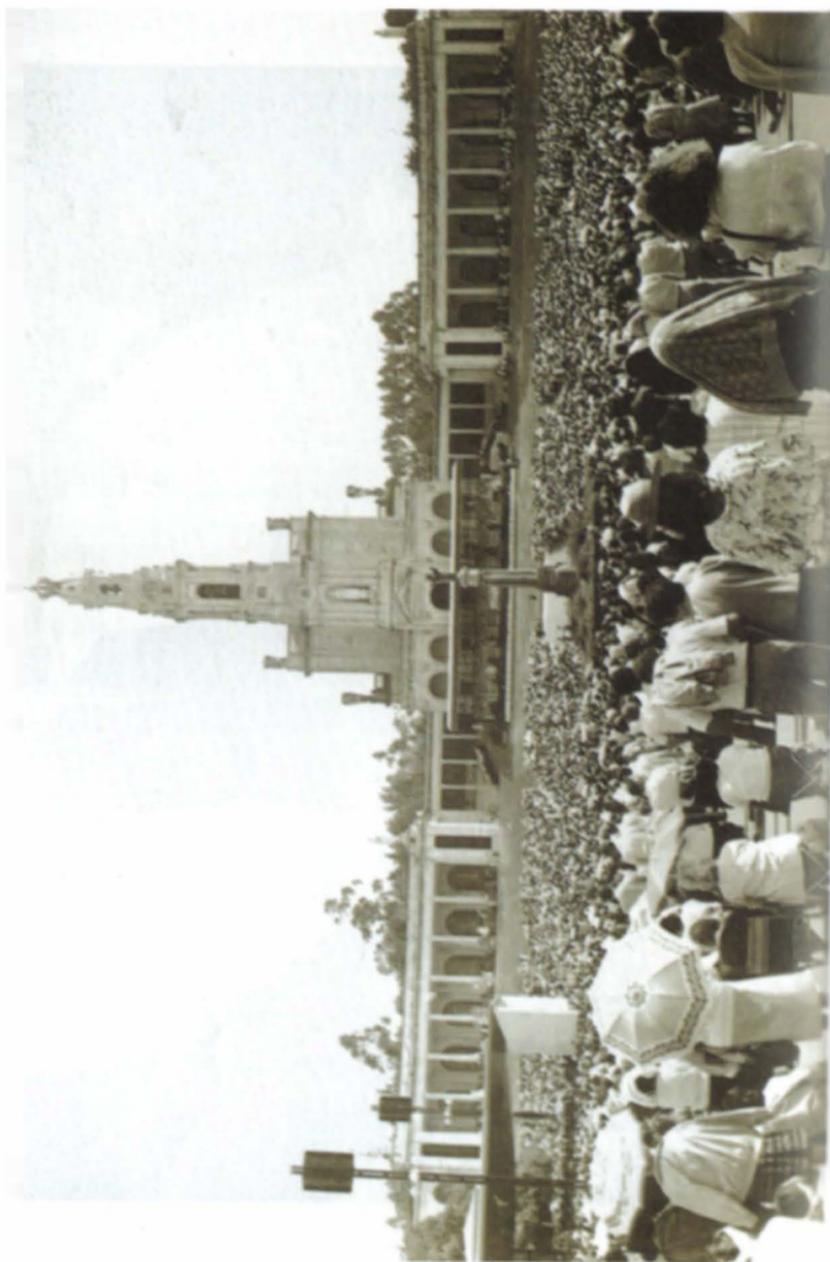
Papa Paulo VI com Irmã Lúcia



Papa João Paulo II em oração (Treze de Maio 1982)



Papa João Paulo II com Irmã Lúcia



Santuário de Fátima — Dia de peregrinação

pastorinhos a visão do inferno e dos tormentos dos condenados.

– Havemos de fazer muitos sacrifícios e rezar muito pelos pecadores – repetia a mais pequenina – para que não vá mais nenhum para aquela prisão de fogo, onde se sofre tanto.

Não admira, portanto, que como recompensa deste extraordinário fervor, a Virgem tornasse novamente a manifestar-se aos pastorinhos.

Pelo relatório oficial do Prior da freguesia de então, relatório acabado no mês de Agosto de 1918 e entregue à Autoridade Eclesiástica em 28 de Abril de 1919, sabemos que Nossa Senhora apareceu à Jacinta, pelo menos três vezes no curto espaço de Outubro de 1917 a Agosto de 1918.

«A Jacinta afirma que Nossa Senhora lhe apareceu mais três vezes: a primeira, na igreja da Fátima durante a Missa, no dia da Ascensão de Nosso Senhor.

A Virgem ensinou-lhe, então, a rezar o terço.

A segunda foi de noite à porta da adega, enquanto toda a família dormia; a terceira vez a aparição deu-se dentro de casa sobre uma mesa: a Virgem quedava-se silenciosa.

A certa altura a Jacinta exclamava:

– Olhe, mãe, não vê aí a Senhora da Cova da Iria? Olhe!».

A confirmação deste facto foi recebida pelo referido Sacerdote da boca da mãe como nós também a recebemos.

Nesse mesmo período, e mais precisamente entre Maio e Junho de 1918 a Jacinta devia ter feito a sua primeira Comunhão. É um ponto sobre o qual os pais Marto são explícitos e parece-nos que as suas afirmações são suficientemente seguras.

Já no ano precedente, em pleno período das aparições, o Francisco e a Jacinta tinham feito a sua confissão. A este respeito, o Sr. Marto conta-nos:

«Naquela altura, devia ter sido depois da segunda aparição, fui eu levar os dois, o Francisco e a Jacinta, à igreja para se confessarem. Fui com eles à sacristia e disse ao Sr. Prior:

– Sr. Prior, aqui estão os meus filhos! Eles querem confessar-se. Agora V.^a Reverência pode fazer-lhes todas as perguntas que quiser.

Confesso que nestas palavras ia um pouquinho de malícia.

Então o Sr. Prior responde-me assim:

– Estas coisas (ele referia-se às aparições e pensava que eu falasse das aparições) não pertencem à Confissão, meu amigo!

– Lá isso é verdade – disse eu então – e se isso não pertence à Confissão, também não volto cá a trazê-los outra vez.

Mas os pequenos sempre se confessaram. Pela Comunhão, todavia o Sr. Prior julgou bem fazê-los esperar ainda um ano.

No ano seguinte, então, em Maio, lá foram eles para serem de novo interrogados sobre o catecismo.

A Jacinta respondeu regularmente; mas o Francisco teve uma trapalhada qualquer num certo ponto do Credo, não sei qual, de maneira que a Jacinta pôde comungar, ao passo que o Francisco não chegou a fazê-lo. O pequeno voltou a casa chorando, mas já não havia remédio».

Com que fervor devia a Jacinta ter recebido o pão dos Anjos!

E com que delícia Jesus deveria ter entrado naquele coraçãozito que a sua própria Mãe, tão desveladamente, tinha preparado para O receber!

CAPÍTULO XXXIV

ENQUANTO VOCÊS VÃO À ESCOLA, EU FICO COM JESUS ESCONDIDO

(Francisco)

Já conhecemos os sacrifícios heróicos que os videntes souberam impor-se depois da primeira Aparição – sacrifícios que continuarão a fazer até à morte, na sofreguidão de abrirem a todos os pecadores a porta do Céu que, a eles, já se tinha patenteado.

Qualquer mortificação parecia-lhes uma insignificância, um nada: chegaram assim a ponto de fazer penitências que nós julgaríamos excessivas, quando não imprudentes – penitências tão duras como a de trazer um áspero cordão em volta da cinta. A própria Virgem, na aparição do mês de Setembro, teve de moderar este ardor, esta fome de sofrimentos, dizendo-lhes que, antes de se deitarem, tirassem a corda.

O perfume das virtudes dos três pastorinhos atraía a gente simples que lhes confiava mil necessidades e se recomendava às suas preces.

Não admira pois se já em vida deles o Senhor ouvisse as suas orações e operasse milagres por meio dos seus sacrifícios.

Na Fátima a escola fica bastante perto da Igreja. Os pequenos aproveitavam então a entrada e a saída das aulas para irem visitar Nosso Senhor, passando longas horas ao pé do Tabernáculo. A Jacinta e o Francisco, sobretudo, que tinham a promessa da Virgem de os vir buscar em breve para o Céu e que, portanto, se julgavam dispensados das lições, recolhiam-se mais vezes, na igreja a falar a sós com «o Jesus escondido». Mas qual! Mal o povo os apanhava por ali, ro-

deava-os para os encher de recomendações que eles escrupulosamente queriam reter a fim de entregar à Mãe celeste.

– Parece que adivinham – queixava-se a Jacinta – e não nos deixam falar com Jesus!...

Mas não era só na igreja que se faziam pedidos aos dois irmãozinhos.

«Encontrámos um dia – conta-nos a Lúcia – uma pobre mulher que, chorando, se ajoelhou diante da Jacinta, a pedir-lhe que obtivesse de Nossa Senhora a cura duma terrível doença. A Jacinta, ao ver de joelhos, diante de si, uma mulher, afligiu-se e pegou-lhe nas mãos trémulas, para a levantar, mas, vendo que não era capaz, ajoelhou também e rezou com a mulher três Ave-Marias. Depois pediu-lhe que se levantasse, que Nossa Senhora havia de curá-la e não deixou de rezar todos os dias por ela, até que, passado algum tempo, tornou a aparecer, para agradecer a Nossa Senhora a sua cura.

Outra vez era um soldado que chorava como uma criança. Tinha recebido ordem de partir para a guerra e deixava a mulher na cama, doente, e três filhinhos; ele pedia a cura da mulher ou a revogação da ordem. A Jacinta convidou-o a rezar o terço; depois, disse-lhe:

– Não chore. Nossa Senhora é tão boa... com certeza faz-lhe a graça que lhe pede.

E não esqueceu mais o seu soldado. No fim do terço rezava sempre uma Ave-Maria por ele. Passaram alguns meses e ele aparece, com a esposa e os filhinhos, para agradecer a Nossa Senhora as duas graças recebidas. Por causa duma febre que lhe tinha dado na véspera de partir, tinha sido livre do serviço militar e a mulher, dizia ele, tinha sido curada por milagre de Nossa Senhora.

Uma tia minha – é sempre a Lúcia que se refere – casada na Fátima, de nome Vitória, tinha um filho que era um verdadeiro príncipe. Não sei porquê, havia tempo que tinha abandonado a casa paterna, sem se saber que era feito dele. Aflita, minha tia veio um dia a Aljustrel, para eu pedir a Nossa Senhora por aquele seu filho. Não me encontrando, fez o pedido à Jacinta. Esta prometeu pedir por ele. Passados alguns dias, o rapaz apareceu em casa a pedir perdão aos pais e, depois, foi a Aljustrel contar a sua desventurada sorte. Depois – contava ele – de haver gastado tudo o que tinha roubado, andou vário tempo por lá, feito vadio, até que foi metido na cadeia de

Torres Novas. Algum tempo depois de ali estar, conseguiu uma noite escapar-se e meteu-se por entre montes e pinhais desconhecidos. Julgando-se completamente perdido, entre o susto de ser apanhado e a escuridão da noite cerrada e tempestuosa, encontrou-se com o único recurso da oração. Caiu de joelhos e começou a rezar. Passados alguns minutos, afirmava ele, aparece-lhe a Jacinta, pega-lhe pela mão e conduziu-o à estrada que vem do Alqueidão ao Reguengo, fazendo-lhe sinal que continuasse por ali. Quando amanheceu, achou-se a caminho de Boleiros, reconheceu o ponto onde estava e, comovido, dirigiu-se a casa dos pais.

Ora bem, ele afirmava que a Jacinta lhe tinha aparecido, que a tinha reconhecido perfeitamente. Eu perguntei à Jacinta se era verdade ela lá ter ido com ele. Respondeu que não, que nem sabia onde eram esses pinhais e montes onde ele se perdeu.

– Eu só rezei e pedi muito a Nossa Senhora por ele, com pena da tia Vitória. – Foi o que me respondeu. Como foi então isso? Não sei, sabe-o Deus».

Relatámos algumas graças obtidas por intercessão da Jacinta, ainda viva; o mesmo se dava com o Francisco.

Uma vez, saindo de casa para a escola, a Lúcia encontra sua irmã Teresa que lhe disse que uma mulher dum lugarzito vizinho lhe tinha pedido que rezasse a Nossa Senhora por um seu filho que se encontrava na cadeia, acusado dum gravíssimo delito.

A Lúcia no caminho conta aos primos a triste nova. Chegando à Fátima, o Francisco visivelmente comovido, diz para as pequenas:

– Olhem, enquanto vocês vão à escola, eu fico com Jesus escondido e peço-lhe esta graça.

Acabadas as aulas, a Lúcia vai buscá-lo à igreja e pergunta-lhe:

– Disseste aquilo a Nossa Senhora?

– Sim, e podes já dizer à tua irmã que o rapaz fica livre.

Assim foi. Dali a poucos dias, o recluso voltava para casa e no dia 13 ia à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora.

Numa outra ocasião, Lúcia e Jacinta, vendo que um rancho de pessoas se aproximavam de sua casa, e para se subtraírem aos interrogatórios, foram esconder-se numa dorna, deixando o Francisco sozinho a aturar os importunos. Quando estes se foram embora, as duas pequenas saíram do seu esconderijo e vieram perguntar ao Francisco o que se tinha passado. Responde ele que todos as queriam ver para saber muitas coisas.

– Vinha também uma mulher que me pediu para eu rezar pela cura dum doente e a conversão dum pecador. Por estas intenções vou rezar e vocês rezem pelas outras que são muitas.

A oração do Francisco sabemos que foi atendida. Depois da morte da privilegiada criança, a mulher veio perguntar onde era a sua campa, porque lhe queria agradecer as duas graças que ele lhe alcançara.

Noutra ocasião, é a reconciliação dum pai com o filho que ele obtém.

– Fique sossegada – respondia ele à amargurada esposa e mãe que lhe vinha confiar a sua aflição. – Daqui a pouco estarei no Céu, e quando lá chegar, logo pedirei esta graça a Nossa Senhora.

E assim foi. Na mesma tarde da morte do Francisco, a paz voltava àquele lar.

Não fecharemos este capítulo sem referir também uma graça extraordinária obtida pela Lúcia em favor da mãe que se encontrava nessa altura gravemente doente.

É Maria dos Anjos que no-la dá em todos os seus pormenores:

«A mãe estava tão mal que pensávamos que não escapava. Tinha grandes ataques de falta de ar e o médico dizia que eram coisas do coração. Todos nós chorávamos, porque tínhamos já perdido o pai. Foi então que eu disse para a Lúcia que estava sentada num banquinho junto da lareira:

– Olha Lúcia! já não tens pai! e, se a mãe morre, ficas uma orfãzinha sem pai, nem mãe... Se foi verdade que viste Nossa Senhora, pede-lhe que melhore a mãe.

A cachopa não me disse palavra, mas levantou-se logo, foi ao quarto agasalhou-se bem com uma saia feita com lã de ovelha, porque era Inverno e chovia muito, e abalou de caminho para a Cova da Iria.

Quando voltou trazia uma manchinha de terra e disse à Glória que com ela fizesse um chá para a mãe. Tinha prometido também a Nossa Senhora voltar lá, mais as irmãs, e fazer de joelhos o caminho da estrada até à capelinha por nove dias seguidos e, durante o mesmo tempo, dar comida a nove crianças pobres.

A Glória preparou o chá e foi dá-lo à mãe.

– Que chá é este? – perguntou ela.

– É de flor de viola – respondemos nós.

E ela bebeu-o todo.

Os ataques desapareceram de caminho. Já não sentia a falta de ar. Já respirava bem. E o coração batia melhor, e daí a nada levantava-se. Não se curou completamente até ser mulher resoluta, mas ainda trabalhava muito depois disso que nem parecia mulher de idade.

Nós, as filhas, logo começámos a ir à Cova da Iria cumprir a promessa. Por nove dias a fio, depois da ceia, porque de dia íamos ganhar a jorna e também para não dar nas vistas; íamos de joelhos desde onde agora é o arco até à ermida e rezávamos o terço. A mãe também cumpria a novena mas vinha a pé atrás de nós».

No meio de tantas dúvidas, tantas contradições, estes milagres que a branca Senhora se comprazia em fazer por intercessão dos seus dilectos amiguinhos era para eles como um raio de sol que, rompendo as nuvens por vezes bem pesadas e negras, lhes vinha iluminar e alegrar a vida.

O Céu, que se tinha fechado depois da última aparição reabria-se de quando em quando e a carinhosa Virgem da Cova da Iria mimoseava os seus pastorinhos com estas dádivas, que lhes iam lembrando como do alto Ela os seguia, envolvendo-os na sua maternal ternura.

CAPÍTULO XXXV

ELE É QUE SABIA BEM O SEU DESTINO...

(Ti Olímpia)

Passaram dezoito meses depois da última aparição e já o Francisco estava pronto para voar ao Céu.

Devia ter rezado toda a soma de terços que a Virgem lhe tinha pedido.

Seria por fins de Outubro. O pequeno adoeceu e com ele, a Jacinta, as outras irmãs, os irmãos, a mãe, só ficando de pé o Sr. Marto que, como ele mesmo nos refere, era o enfermeiro daquele hospital.

«Quando a minha mulher também adoeceu – conta o bom homem – isso é que eu fiquei com cuidados e muitos... para tratar de tudo e dar voltas que eram precisas. Uma das filhas tinha um cáustico, uma outra precisava dum certo objecto... Trabalhou também nisso o dedo de Deus. Deus ajudou-me... Nunca foi preciso pedir dinheiro a ninguém. Sempre chegou».

Prostrados no leito, os dois irmãozitos percebiam claramente que aquela doença devia conduzi-los ao Céu. Contudo melhoraram ainda, levantaram-se mas recaíam novamente. Passaram-se assim outros quinze dias.

– Mas a força da doença era tal – diz a mãe – que, desta vez, o Francisco sobretudo nem podia mexer-se.

Foi nesta altura que lhes apareceu a Virgem e lhes declarou que

muito breve viria buscar o Francisco, e que não demoraria muito também em vir buscar a Jacinta. Chamada a Lúcia, esta encontrou-os no auge da alegria, quanto as forças lhes permitia manifestar.

– Olha, Lúcia – dizia-lhe a Jacinta toda alvoraçada – Nossa Senhora veio-nos ver e disse que vinha buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se ainda queria converter mais pecadores. Disse-lhe que sim.

Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais; mas não é para me curar; é para sofrer mais por amor de Deus, pela conversão dos pecadores e em desagravo das ofensas cometidas contra o Coração Imaculado de Maria.

Disse-me que tu não irias; que iria lá minha mãe levar-me e que depois ficaria lá sozinha.

Desde aquele momento a Jacinta e o Francisco redobram de amor e desejo do Céu e tranquilamente, jubilosamente, ficaram aguardando a morte. Para eles a morte era o Céu, era Jesus, era uma felicidade sem fim.

O pequeno aceitava qualquer remédio que lhe dêssemos – diz a mãe. – Não era nada esquisito. Nunca pude saber de que é que ele gostava: se lhe dava uma pinguita de leite, tomava o leite; se lhe dava um ovo, sorvia o ovo. Coitadito!... As mezinhas amargas também bebia sem fazer má cara. Por isso nós futurávamos que ele devia vencer a doença! Mas qual! Ele sempre a repetir que tudo era inútil, que Nossa Senhora o vinha buscar para o Céu.

No mês de Janeiro, a força do mal começou a deixá-lo pela segunda vez, tanto que se levantou da cama e nós estávamos todos satisfeitos com isso; era só ele que não acreditava em si mesmo e sempre repetia a mesma coisa: que Nossa Senhora o viria buscar em breve.

Duma vez – conta o pai – foi ele buscar uma cestazita de azeitona e trouxe-a para casa. Sentou-se num banquinho e começou a cortá-la. – Ó Francisco – disse-lhe eu – já trabalhas? Já tens forças?... Mas ele ficava-se calado, a modo triste. Bem calculava que, apesar de tudo, ia morrer.

– Ele é que sabia bem o seu destino! – remata a ti Olímpia.

Neste curto intervalo em que o pequeno se achou melhor e pôde

levantar-se e dar uns passeios, foi para a Cova da Iria que dirigiu os seus passos vacilantes, atraído pelo desejo de ver mais uma vez o abençoado cantinho onde os seus olhos extasiados tinham contemplado a bela Senhora vestida de luz.

Ajoelhava-se ali ao pé do cepo da azinheira e o seu olhar cravava-se na imensidade do céu azul como que a lobrigar a celeste visão que tinha desaparecido na esteira doirada do Nascente. Então suspirava.

Como desejava vê-la! Como desejava contemplá-la!

E no íntimo da alma iluminava-o a mesma luz que o tinha envolvido nas entrevistas com a Virgem e uma voz bem conhecida e bem amada segredava-lhe:

– Pouco tempo mais e depois ficarás comigo, eternamente, no Céu...

Que felicidade!

Uma alegria infinita reanimava-lhe então as pupilas apagadas e reflectia-se-lhe nas faces macilentas.

– Tu vais curar-te, Francisco; vais ser um homem valente! dizia-lhe o pai satisfeito.

Mas logo o pequeno desfazia essa linda esperança.

– Nossa Senhora não tarda a vir buscar-me – era a sua resposta serena e segura.

– Iluminações do alto! – murmurava triste o bom homem, e enxugava com a mão surrada as lágrimas que lhe rompiam dos olhos, cansados pelas aturadas vigílias.

– Se Nossa Senhora te curar, prometo oferecer-lhe o teu peso em trigo – dizia-lhe a madrinha Teresa.

Não vale a pena – respondia com angélico sorriso. Nossa Senhora não lhe fará essa graça.

O Francisco tinha razão.

Alguns dias mais tarde, voltava a ficar de cama e nunca mais se levantava. Em vez de melhorar, o pequeno ia piorando de dia para dia, de tal forma que os pais começaram a pensar a sério na possibilidade de o perderem. A qualquer palavra de esperança de melhoras de que procuravam convencê-lo, respondia sempre:

– E inútil, Nossa Senhora quer-me no Céu consigo.

Brilhava-lhe nos olhos a luz do Paraíso.

Contudo quem o via sempre bem disposto, sempre alegre, sempre pronto a sorrir, iludia-se. E essa ilusão manteve-se até ao fim.

Uma febre intensa, insistente, minava aquele débil organismo, insensivelmente, mas ao mesmo tempo, implacavelmente. Só um fio muito subtil prendia a avezinha à terra.

A Lúcia, que tinha sido poupada pela pneumónica, quando as lides da sua casa, igualmente transformada em hospital, lho permitam, corria a casa do tio para o ajudar e sobretudo para conversar com os primos, para aproveitar da sua companhia, agora especialmente preciosa na previsão de que em breve ficaria só.

Distribuía então o seu tempo entre o quarto da Jacinta e o do Francisco.

Sentada num escabelo, conversava demoradamente e, quer com um quer com a outra, as confidências nunca tinham fim.

– Já fizeste hoje muitos sacrifícios? – era a primeira pergunta que a Jacinta fazia à prima – Eu fiz muitos... Minha mãe foi-se embora e eu quis ir muitas vezes visitar o Francisco e não fui.

A Lúcia confiava-lhe então os seus, que nós talvez nunca conheceremos; dizia-lhe das suas indústrias, das suas invenções para sofrer muito e converter assim muitos pecadores; das jaculatórias que aos milhares tinha repetido no dia antecedente.

Eram as jaculatórias que o bom P.^c Cruz lhes tinha ensinado e que elas tão bem tinham decorado.

– E eu também – interrompia a Jacinta – Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de lhes dizer que os amo... Quando lho digo muitas vezes parece que tenho lume no peito, mas não me queima...

E as duas pequenas reviviam as horas felizes passadas em íntimo colóquio com a linda Mãezinha do Céu; falavam dos lugares queridos que a Virgem tinha santificado com a sua augusta presença e a saudade vinha enternecer-lhes a alma.

– Quem me dera ir ao Cabeço – murmurava a Jacinta – rezar ainda o terço na nossa Loca!... Mas já não sou capaz. Quando fores à Cova da Iria, reza por mim... Decerto nunca mais lá vou...

As mesmas cenas repetiam-se no quarto do Francisco, onde a Lúcia ia, a convite da Jacinta, que queria fazer mais um sacrifício privando-se de tão querida companhia.

– Agora vai ver o Francisco. Eu faço o sacrifício de ficar aqui sozinha.

– Francisco, sofres muito? – perguntava então a Lúcia carinhosamente.

– Sim, sofro. Mas sofro por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. Queria sofrer mais mas não posso.

E assegurando-se de que a porta estivesse bem fechada, procurava a corda-cilício debaixo das roupas e entregava-a à prima:

– Toma-a, leva-a, antes que a minha mãe a veja. Agora já não sou capaz de a ter à cinta.

Momentos depois lá ia também a Jacinta com o seu bocadito de corda, que depunha nas mãos da prima, não sem pesar.

– Guarda-ma, que tenho medo que a minha mãe a veja. Se eu melhorar, quero-a outra vez.

Essa corda era a única coisa do mundo a que os pequenos tinham apego. Para Francisco e Jacinta era a única coisa que tinha verdadeiramente valor.

E para nós também, ter-nos-ia sido a mais preciosa relíquia se a Lúcia não a tivesse queimado antes de ir para o Colégio das Doroteias em Vilar.

– Olha, Lúcia – continuava o Francisco – já me falta pouco para ir para o Céu. A Jacinta vai pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre e por ti. Tu ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha, faz tudo o que Ela te disser.

«Enquanto a Jacinta – comenta a Lúcia – parecia preocupada com o único pensamento de converter os pecadores e livrar as almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e Nossa Senhora que lhe tinham parecido estar tão tristes».

– Estou muito mal, Lúcia – repetia – já me falta pouco para ir para o Céu.

– Então vê lá, não te esqueças de lá pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

– Sim, eu peço, mas olha, essas coisas pede-as antes à Jacinta que eu tenho medo de me esquecer quando vir a Nosso Senhor. E depois, antes o quero consolar.

CAPÍTULO XXXVI

OLHE, MÃE!... QUE LUZ TÃO LINDA ALI, JUNTO DA PORTA!

(Francisco)

As visitas da Lúcia eram muito queridas na casa Marto.

«Muito gostava eu – diz a Sr.^a Olímpia – quando a Lúcia me aparecia. Fazia-me imensa pena ver a Jacinta passar horas inteiras com as mãos na cara, sem se mover, a pensar. De vez em quando deitava-lhe uma palavra.

– Em que pensas tu, Jacinta?

E ela respondia-me, assim, sorrindo: – Em nada.

Com a prima é que ela não tinha segredos. Entrando a Lúcia, entrava a alegria, entrava o sol na minha casa. Quando as duas estavam sozinhas, falavam pelos cotovelos, sem que a gente fosse capaz de lhes apanhar uma palavra, por mais que nos puséssemos à escuta. Logo que chegava alguém, baixavam a cabeça e não diziam mais palavra.

A gente não podia entender aquele mistério».

Assim que a Lúcia se dispunha a sair da casa, a Sr.^a Olímpia chegava-se ao pé dela e perguntava:

– Que é que a Jacinta te disse?

A Lúcia sorria-se também, despedindo-se à pressa para não trair os segredos da Virgem.

Quando os doentinhos estavam sós, cada um no seu quarto, punham-se então a rezar: os terços sucediam-se sem conta.

Eram sete, eram oito por dia – assegura-nos a mãe. – Jaculatórias então, nem se poderá fazer ideia.

No último tempo, todavia, o Francisco já não podia rezar. E então, quão triste estava.

Nos dias que precederam a sua despedida deste mundo, às vezes, chegava à noite sem ter passado as contas sequer uma vez! E o pequeno revivia com saudade as longas horas na gruta do Cabeço, em que, prostrado no chão, rezava a oração do Anjo; ou na Cova da Iria recitando o terço em companhia da irmãzita, da Lúcia, da Sr.^a Maria Carreira e de muitas outras alminhas piedosas... Ai quanta saudade!

A Sr.^a Olímpia lia na alma do filhinho tanta amargura e procurava consolá-lo.

– Ó mãe!... Nem tenho forças para rezar o terço... E as Ave-Marias que rezo, é com a cabeça tão fugida!

– Se não podes rezar com os lábios – dizia-lhe então a mãe – reza o terço com o coração. Nossa Senhora ouve na mesma, fica satisfeita na mesma!

O pequeno compreendia e sossegava.

Subitamente, o seu estado agravou-se. Uma expectoração funda, pegada, que ele não conseguia expelir; uma febre que subia, subia; um fastio por tudo o que lhe ofereciam; um debilitamento, um esgotamento extraordinário de forças, não deixavam dúvidas algumas. O exílio do serranito ia breve acabar.

– Ó pai, queria receber o Pai do Céu antes de morrer – dizia baixinho.

– Já vou tratar disso – respondia o Sr. Marto, cujo coração chorava quase sem consolo, não só na certeza de que ia perder o filho, mas também no receio de que mais uma vez o Sr. Prior lhe negasse «o Jesus escondido». E lá foi para a residência paroquial, macambúzio, sucumbido.

Nessa altura encontrava-se ali em substituição do Rev. Marques Ferreira, o Rev. P.^e Moreira, da Atougua, que logo aceitou ao convite de ir sacramentar o pastorinho.

«No caminho para casa – conta-nos o Sr. Marto – rezámos o terço. Lembro-me muito bem que não tendo eu as contas na algibeira do colete, contava as Ave-Marias pelos dedos das mãos».

Entretanto, o Francisco pedia à irmã Teresa que fosse secretamente chamar a Lúcia. Lá foi a confidente do pastorinho a casa do Sr. Marto.

Pediui à mãe e aos irmãos que saíssem do quarto – escreve a Lúcia –, que era segredo o que queria dizer. Saíram e ele disse-me:

– É que me vou confessar e morrer depois; queria que me disseses se me viste fazer algum pecado e que fosses perguntar à Jacinta se ela me viu fazer algum.

– Desobedeceste algumas vezes à tua mãe – lhe respondi – quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.

– É verdade, tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.

Lá fui e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me:

– Olha, diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão ao José Marto da Casa Velha e que, quando os rapazes de Aljustrel atiravam pedras aos de Boleiros, ele também atirou pedras.

Quando lhe dei este recado da irmã, respondeu:

Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que Nosso Senhor está tão triste. Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido.

E pondo as mãos rezou a oração: *«Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno»*, etc.

– Olha, pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados.

– Peço, sim, está descansado. Se Nosso Senhor te não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora ainda o outro dia à Jacinta que te vinha buscar muito breve para o Céu. Agora eu vou à Missa e lá peço a Jesus escondido por ti.

Foi nesse mesmo dia que o P.^e Moreira veio confessar a criança.

– Eu tinha muito medo de que o Sr. Prior lhe negasse a Comunhão – confessa o Sr. Marto – porque o pequeno assim, sem forças, podia falhar alguma coisa do Catecismo: mas ele lá se foi aguentando e o Sr. Prior ficou satisfeito.

– Amanhã de manhã volto e trago-lhe Nosso Senhor – assegurou o P.^e Moreira, ao sair do quarto do doente.

Francisco, por sua parte, era feliz. Finalmente podia receber no seu coraçãozinho o Pão dos Anjos, o seu «Jesus escondido».

Com que ansiedade ficou esperando o dia seguinte, o dia do seu primeiro encontro com Jesus. Da mãe, obteve ele a promessa de que não lhe daria nada depois da meia-noite, para poder comungar em jejum «como toda a gente».

Amanheceu por fim o dia 3 de Abril, lindo dia de Primavera: o ar perfumado dos campos, o ciciar alegre dos pássaros, a vida a despertar por toda a parte.

Quando o Francisco ouviu o tilintar da campainha que indicava a aproximação do Rei do Céu, procurou erguer-se para se sentar; mas as forças faltaram-lhe por completo e recaiu sobre o travesseiro.

– Podes ficar deitado a receber Nosso Senhor – dizia-lhe a madrinha Teresa que tinha vindo de propósito assistir à primeira e última Comunhão do seu afilhado.

O sacerdote, com Jesus escondido sob as espécies sacramentais, entrou então no humilde quartinho; poisou a píxide sobre a mesa coberta de alva toalha guarnecida de rendas. Augurou a paz àquela casa e a todos os seus habitantes e depunha pouco depois o Corpo de Nosso Senhor entre os lábios do pequeno serafim, requeimados pela febre.

Ajoelhadas ao lado da cama, duas meninas choravam de tristeza, de santa inveja e de saudade: Jesus viera roubar-lhes o afortunado companheiro para o conduzir na sua viagem ao Céu.

Ao leve contacto da hóstia consagrada com a sua língua ressequida, Francisco fechava os olhos em extática contemplação.

Naquele momento o pastorinho morria para este mundo: quando um dia mais tarde a sua alma se desprender do seu corpo, já ele estará imerso nas realidades do Céu.

Ao despertar daquele doce sonho, as primeiras palavras que lhe saíram dos lábios foram para a mãe:

– O Sr. Prior ainda me trará outra vez *o Jesus escondido*?

Era a única razão daquele anjo poisar ainda sobre a terra.

Contudo, as horas do Francisco estavam contadas. A febre altíssima prostrava-o; os micróbios corroíam-no; as energias vitais não conseguiam impedir a desagregação dum organismo enfraquecido por uma tão longa doença que por fim cedeu.

Naquela vigília da sua subida ao Céu, a Lúcia não deixou sequer um instante o quarto do primito.

Como ele não podia rezar – conta-nos – pediu-nos que rezássemos nós o terço por ele.

E as duas pequenas quantas vezes o terço repetido ao pé da sua caminha naquele dia e com que fervor!

Num dado momento em que se sentiu um nadinha aliviado o Francisco segredava à Lúcia:

– Decerto no Céu vou ter muitas saudades tuas! Quem me dera que Nosso Senhor te levasse também para lá breve!

E a Lúcia, como que a brincar, respondia-lhe:

– Saudades minhas?... Não tens, não! Imagine-se, ao pé de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que são tão bons!...

– Pois é, se calhar não me lembra...

Chegou a noite. A última noite. O estado de Francisco tinha-se ainda agravado assustadoramente. Tinha sede, mas já não podia suportar o leite, faltando-lhe até a força para engolir as colherinhas de água que a mãe, a Lúcia e a madrinha Teresa, lhe ofereciam de vez em quando.

Se a mãe ou a madrinha lhe perguntavam como se sentia, respondia sempre sereno:

– Estou bem. Não me dói nada.

Mas à Lúcia e à Jacinta, que nunca o abandonavam, confiava:

– Vou partir para o Céu, mas lá hei-de pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos leve também para lá depressa.

– Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora – dizia-lhe então a Jacinta – e diz-lhes que sofro tudo quanto eles quiserem para converter os pecadores e para reparar os pecados contra o Imaculado Coração de Maria.

Quanto à Lúcia, calava-se. Ela bem sabia a demora que ainda teria neste lugar de exílio, antes de ir ter com eles à mansão celeste.

Ao anoitecer, quando a sombra já envolvia toda a serra, o pequeno chamava a mãe que, muda, numa tristeza e numa dor sem nome, o contemplava, e dizia-lhe:

– Olhe, mãe, que luz tão linda ali, junto da porta!

E pouco depois:

– Agora já não a vejo...

Passou ainda a noite. No dia seguinte, sexta-feira, 4 de Abril, tudo indicava que se chegara ao fim. As suas últimas palavras foram para a madrinha. Pediu-lhe a bênção e perdão para qualquer mágoa que lhe tivesse causado durante a vida.

Pelas 10 horas, quando o sol em fartos jorros entrava pela porta do quarto toda aberta, o rosto do Francisco iluminava-se singularmente. Um sorriso celestial entreabria-lhe os lábios por onde perpassava o último suspiro.

Brandamente, sem agonia, sem indício de qualquer sofrimento, o pequeno apagava-se; a sua alminha, branca pomba, subiu ao Céu.

No dia seguinte um modesto cortejo conduzia ao cemitério da Fátima os restos mortais de Francisco Marto. À frente uma cruz; seguiam alguns homens com capas verdes; atrás deles o sacerdote com sobrepeliz e estola preta a rezar o terço; então quatro rapazes de opas brancas levavam o corpinho do confidente da Virgem que a Lúcia acompanhava chorando. Chorando também lá ficara a Jacinta, que a doença impedia de sair de casa.

No pequeno cemitério da freguesia, em campa rasa, foi sepultado o Francisco, sem indicação nenhuma a não ser uma singela cruz. A Lúcia fixou-a bem, aquela cruzinha que em nada se distinguia das outras, e não deixará passar um dia sequer sem ir ajoelhar junto dela e conversar com o saudoso amiguinho.

Mais tarde, no convento de Tui, em Espanha, deixar-se-á magoar por um triste pensamento: Que óptimo sacerdote teria sido o seu primo Francisco, se tivesse vivido!

Nossa Senhora, todavia, não quisera assim: tinha reservado ao cândido pastorinho uma outra missão, um outro sacerdócio, um sacerdócio celeste!

CAPÍTULO XXXVII

TUA MÃE LEVAR-TE-Á AO HOSPITAL... E FICARÁS LÁ SOZINHA!...

(Nossa Senhora à Jacinta)

Depois da última aparição, o Céu não se tinha fechado por completo às três crianças. As aparições oficiais tinham acabado, mas não o convívio da Virgem com os seus amiguinhos da Cova da Iria.

Já falámos das aparições à Jacinta em particular e em conjunto com o Francisco, quando os dois irmãos se encontravam no leito de sofrimento.

Com a Jacinta, todavia, a Virgem não se devia contentar com algumas visões fugazes; devia mais longamente entreter-se a conversar com ela. Jacinta era a mais pequena, e talvez aquela a quem a Senhora mais abundantemente destinara inundar com o rio das suas graças.

A correspondência aos dons e aos favores de Deus é um dos mais assombrosos mistérios; por outro lado, as graças extraordinárias nem sempre correspondem ao grau de perfeição que uma alma possui, de maneira que, registando estas predilecções da Virgem para com a mais novinha dos três videntes, não queremos de forma alguma supor, ou sequer sugerir, que menos generosos fossem a Lúcia e o Francisco, ou menos prontos ao influxo do sobrenatural.

Dos diversos factores que a Lúcia nos refere sobre os primos, do que, por outros meios, nos é dado saber dela, a principal protagonista nas aparições, a quem Nossa Senhora directamente falava, a conclusão não pode ser senão uma: todos três com igual fervor, com todo o esforço possível e, bastas vezes, com esforço superior às

capacidades físicas e morais dum a criança, procuravam traduzir em factos a sua correspondência aos favores celestes.

Julgamos convenientes estas observações antes de falar da doença da Jacinta e da sua santa morte no hospital de D. Estefânia, a fim de não pôr indevidamente em segundo plano as outras duas figuras, a Lúcia e o Francisco. Para nós, repetimos, todos os três merecem a mesma consideração, os mesmos louvores.

A morte do primo causou uma desoladora impressão na Lúcia e ainda mais, talvez, na Jacinta. Sentada na cama, com a fronte esbraseada pela febre, a pequenita passava horas e horas na mais profunda melancolia.

Quando a mãe ou a prima lhe perguntavam:

– Em que pensas, Jacinta?

– Penso no Francisco. Quanto desejo vê-lo! – respondia.

Mas não era só a recordação do Francisco que a entristecia assim. A Jacinta pensava também na guerra, no inferno e em tantas outras coisas tristes que a Virgem lhe tinha mostrado ou comunicado.

– Penso na guerra que há-de vir – dizia à Lúcia. – Há-de morrer tanta gente e vai tanta para o inferno! Hão-de ser arrasadas muitas casas, e mortos muitos padres. Olha, eu vou para o Céu e quando vires de noite essa luz que aquela Senhora disse que vem antes, foge para lá também.

– Não vês que para o Céu não se pode fugir? – respondia-lhe a prima.

– É verdade, não podes, mas não tenhas medo, eu no Céu hei-de pedir muito por ti, pelo Santo Padre, por Portugal, para que a guerra não venha para cá, e por todos os sacerdotes.

Como quando era vivo o primo, a Lúcia não deixava passar um único dia sem ir a casa do ti Marto.

«Todo o tempo que me ficava livre da escola e de alguma coisita que me mandassem fazer, ia para junto dela» – escreve a Irmã Maria Lúcia das Dores.

A doentinha sofria imenso. Exceptuados alguns dias em que experimentara leves melhoras, a Jacinta não deixou o leito desde os últimos dias de Outubro do ano precedente.

Assim a Virgem costuma mimosear os seus escolhidos.

Depois da bronco-pneumonia formou-se-lhe na pleura uma es-

pécie de abcesso purulento que a fazia sofrer intensamente. E todo aquele martírio a pequena heroína suportava com uma resignação e com uma alegria que verdadeiramente assombravam.

À mãe, que se mostrava tão triste por vê-la penar tanto, dizia:

– Não se rale, minha mãe, que eu vou para o Céu; lá hei-de pedir muito por si. Não chore, eu estou bem.

Logo depois, todavia, confiava à Lúcia:

– Não quero que digas a ninguém que eu sofro, nem à minha mãe, porque não quero que se aflija.

Querida alminha! Nas mais lancinantes dores esquece-se por completo de si, para só pensar nos outros. Pobre pequenina flor! Poucos meses antes, ainda na exuberância da vida e agora criaturinha triste, sem viço, à borda da sepultura!

O médico que a tratava, vista a gravidade do caso, aconselhou aos pais o seu internamento no hospital de Vila Nova de Ourém.

A Jacinta sabia que o tratamento no hospital não lhe restituiria a saúde, mas serviria só para lhe aumentar os sofrimentos. Foi com alegria, pois, que aceitou a saída para a Vila. Ali teria tanto a sofrer! E assim converteria muitos pecadores, consolaria tanto o coração da sua Mãezinha do Céu. Ai que bom!...

– Irás para dois hospitais – lhe tinha dito a bondosa Senhora da Cova da Iria – mas não é para te curares; é para sofrer mais por amor de Deus, pela conversão dos pecadores e em desagravo das ofensas cometidas contra o meu Imaculado Coração.

Entre tantos motivos que lhe tornavam a ida para o hospital tão consoladora – iria ali sofrer muito! – interpunha-se sobretudo uma ideia que lhe martirizava o terno coraçãozito. No hospital faltar-lhe-ia a Lúcia. Como poderia passar lá sem ela?

– Tua mãe levar-te-á ao hospital – dissera-lhe a Virgem – e depois ficarás lá sozinha!

Sofrer, sim! Sofrer imenso... eis o seu ideal, mas sofrer em companhia da Lúcia!

Nosso Senhor no Horto das Oliveiras sentia também a mesma amargura de sofrer sozinho. Por três vezes interrompia a sua oração para ir mendigar a companhia dos apóstolos:

- Vigiai e orai comigo – E a censura era bem sentida:
- Não pudestes velar uma hora comigo?

Que admira, pois, que num coraçãozito tão afectivo de criança encontremos esta mesma sensibilidade, esta mesma fraqueza?

– Se tu fosses comigo!... O que mais me custa é ir sem ti... Se calhar o hospital é uma casa muito escura e eu estou ali a sofrer sozinha!...

Tinha de ser, porém. Nos primeiros dias de Julho o Sr. Marto tirava do leito o corpinho emagrecido, leve como uma pena, acomodava-o carinhosamente sobre a burrinha e lá partiam para a Vila.

O tratamento a que submeteram a pequena foi rigoroso, mas de nada valeu. Para a Jacinta foram dois meses de puro martírio, exceptuando os dois dias em que a prima a foi visitar.

Quando a viu junto de si, abraçou-a com a maior ternura e pediu à mãe que as deixasse ficar sós.

«Encontrei-a com a mesma alegria – conta-nos a Lúcia – por sofrer por amor de Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre. Era o seu ideal; era no que falava».

O hospital, contudo, não era uma casa escura, onde se não via nada; era um edifício claro, todo branquinho; a enfermaria onde a Jacinta fora internada era cheia de luz. Não sofria ali sozinha; não estava, é certo, lá a Lúcia, mas a Virgem não a abandonava um instante.

– Sofres, Jacinta? – perguntava-lhe a Lúcia.

– Sim, sofro muito, mas sofro tudo pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre. E continuava:

– Gosto tanto de sofrer por amor de Jesus e de Maria! Eles gostam muito de quem sofre pela conversão dos pecadores...

Contudo, a Lúcia era a Lúcia e nada havia que pudesse substituí-la. O tempo da visita fugia rapidamente; o caminho para a Fátima era longo, não podia haver demoras. A Lúcia partia com a tia Olímpia e deixava a Jacinta imersa na mais pungente saudade.

CAPÍTULO XXXVIII

...JÁ NÃO SOU CAPAZ DE CHEGAR AO CHÃO...

(Jacinta)

No fim do mês de Agosto, como o tratamento não dava resultado algum e a mensalidade de mil réis por dia era incompatível com as posses da família Marto, foi decidido que a pequena voltasse para casa.

A doentinha levava uma chaga aberta no peito que era preciso tratar diariamente, não tanto para a salvar, como para tentar prolongar-lhe a vida.

Como facilmente se podia prever, no rústico lugarejo de Aljustrel, devia faltar em absoluto enfermagem e material sanitário adequado a um tratamento tão melindroso. A ferida infectou e o pus alagava o peito da pobre criança que definhava dia a dia.

Neste estado a veio encontrar, no mês de Setembro, a senhora D. Maria da Cruz Lopes, conforme nos relata:

«Já a doença minava o seu corpo franzino e, embuçada em negra saia de castorina, aquela figurita débil e macilenta fazia lembrar as avezinhas emigrantes agitando as asas para se dirigirem em voo altaneiro às regiões aonde o sopro glacial não chegava.

Em ar modesto e recolhido ia sozinha. Dei-lhe um vintém que aceitou».

Um mês mais tarde o Dr. Formigão, que tinha vindo em piedosa romagem à Cova da Iria, encontrava-a em condições ainda piores:

«A pequena está esquelética. Os braços são de uma magreza

assombrosa. Desde que saiu do hospital de Vila Nova de Ourém, onde durante dois meses se esteve tratando sem resultado, anda sempre a arder em febre. O seu aspecto inspira compaixão.

A tuberculose, depois de um ataque de bronco-pneumonia e duma pleurisia, mina-lhe desapiedadamente o débil organismo. Só um tratamento apropriado num bom sanatório é que poderia talvez salvá-la. Mas seus pais, conquanto não sejam pobres, não podem fazer face a todas as despesas que esse tratamento exige.

Bernardette, a humilde zagala de Lourdes, ouviu da boca da Imaculada, que se dignou aparecer-lhe nas rochas de Massabielle, a promessa de que a faria feliz, não neste mundo, mas no outro.

Teria a Virgem feito idêntica promessa à pastorinha da serra de Aire, a quem comunicou um segredo, que a vidente a ninguém pode revelar?

Assim os sofrimentos da Jacinta de Jesus, suportados com resignação cristã, serão para ela uma fonte de merecimentos, que hão-de tornar mais brilhante e preciosa a sua coroa de glória no Céu».

Corno notava o Dr. Formigão, o bacilo de Koch ia roendo o pobre corpinho mirrado da Jacinta, que devia sofrer horrivelmente. Contudo a sua fome de sacrificios não esmorecia de modo algum; levava, pelo contrário, até ao extremo, o esforço para se mortificar. Só quando não podia absolutamente é que diminuía os exercícios da sua ascese.

— Quando estou só — confiava à Lúcia — desço da cama para rezar as orações do Anjo; mas agora já não sou capaz de chegar com a cabeça ao chão, porque caio; rezo só de joelhos.

A Lúcia não lhe respondia palavra, mas na primeira ocasião que se encontrava com o bom P.^c Faustino Ferreira, o Vigário de Olival, contava-lhe tudo. O prudente sacerdote mandava então dizer à pequena mártir que podia rezar deitada, que não era preciso descer da cama.

— E Nosso Senhor ficará contente? — perguntava ansiosa a pequenina.

— Fica, sim — assegurava-lhe a prima — Nosso Senhor quer que se faça o que o Sr. Vigário manda.

— Então está bem. Nunca mais me torno a levantar.

Com os dias frios e ventosos do Inverno, os pais já não permitiam à Jacinta que fosse à Cova da Iria que fica a uns dois quilómetros

tros de distância de Aljustrel: não lhe proibiam, contudo, que fosse à Missa a Fátima, cerca de um quilómetro, mesmo em alguns dias da semana.

– Não venhas, Jacinta – dizia-lhe a Lúcia. – Tu não podes, hoje não é domingo.

– Não importa – respondia a pequena que sentia uma verdadeira atracção para Jesus escondido –; vou pelos pecadores que nem ao domingo vão.

Voltando da igreja, desfalecida, ia sentar-se na cama. Com o Inverno já adiantado não podia sair de casa. A Lúcia então ia passar longas horas ao pé dela.

Para com a Lúcia a Jacinta não tinha segredos. Falava-lhe das suas mortificações, dos seus sacrifícios que sempre eram poucos para consolar os Corações de Jesus e de Maria.

– Olha, sabes? – Nosso Senhor está triste, porque Nossa Senhora disse-nos para não o ofenderem mais, que já estava muito ofendido e ninguém fez caso; continuam a fazer os mesmos pecados.

Enumerava-lhe então todos os ensejos que no dia e na noite anterior tinha aproveitado para reparar tantos ultrajes.

– Tinha muita sede, mas não quis beber; ofereci a Jesus pelos pecadores. Esta noite tive muitas dores e quis oferecer a Nosso Senhor o sacrifício de não me voltar na cama; por isso não dormi nada... E tu, Lúcia, fizeste hoje algum sacrifício?

Pequena, mas que grande apóstola! Como tinha compreendido bem o mistério da Redenção através dos sofrimentos e da morte do Homem-Deus!

Às vezes, todavia, a natureza da pobre mártir rebelava-se, sem ela querer, contra a amargura do cálice do sofrimento.

«Um dia – conta a Lúcia – a mãe levou-lhe uma chícara de leite e disse-lhe que o tomasse.

– Não o quero, minha mãe – respondeu afastando com a mãozinha a chícara.

Minha tia teimou um pouco e, depois, afastou-se dizendo:

– Não sei como lhe hei-de fazer tomar alguma coisa com tanto fastio.

Logo que ficámos sós, perguntei-lhe:

– Como? Desobedeceste assim à tua mãe e não ofereces este sacrifício a Nosso Senhor?

Ao ouvir isto, deixou cair algumas lágrimas, que eu tive a felicidade de limpar, e disse:

– Agora não me lembrei.

Chama pela mãe, pede-lhe perdão e diz-lhe que toma tudo o que ela quiser. A mãe traz-lhe de novo a xícara de leite. Toma-o sem mostrar a mais leve repugnância. Depois diz-me:

Se tu soubesses quanto me custou a tomar!

A sua vontade, porém, ou antes o seu amor ao Coração Imaculado de Maria e aos pecadores triunfava sempre».

A Jacinta nunca se esquecerá da lição da prima.

– Cada vez me custa mais a tomar o leite e os caldos – confiava-lhe – mas não digo nada, tomo tudo por amor de Nosso Senhor e do Imaculado Coração de Maria, nossa Mãezinha do Céu.

E quando a mãe lhe levava, junto com a xícara de leite um belo cacho de uvas para ela escolher, será ao leite que a pequena dará a preferência.

– Não, minha mãe, as uvas não as quero, leve-as, dê-me antes o leite, que o tomo.

E, retirada a mãe, diz à Lúcia:

– Apeteciam-me tanto aquelas uvas e custou-me tanto tomar o leite! Mas quis oferecer este sacrifício a Nosso Senhor.

Se não todos os dias, a Lúcia comungava com certa frequência. Voltando da igreja nunca deixava de fazer uma visita à sua doentinha que lhe perguntava meigamente:

– Ó Lúcia, comungaste hoje?... Então chega-te aqui bem para mim, que tens em teu coração o Jesus escondido... Não sei como é, sinto Nosso Senhor dentro de mim, compreendo o que me diz e não o vejo nem o oiço, mas é tão bom estar com ele.

A Lúcia tirava então do seu livrinho de Missa uma estampa com o cálice e a hóstia que a Jacinta beijava com sofreguidão.

– É Jesus escondido. Gosto tanto d'Ele. Quem me dera recebê-lo na igreja... No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! Que contente eu ficava!

Certa ocasião apresentou-lhe a prima uma estampa do Coração de Jesus. Embora não o achasse em nada parecido com o seu Senhor tão bonito, trazia-a sempre consigo, escondia-a durante a noite debaixo da almofada e beijava-a com frequência.

– Beijo-o no Coração – dizia – que é do que mais gosto. Quem me dera também um Coração de Maria! Não tens nenhum? Gostava de ter os dois juntos.

O Imaculado Coração de Maria! Era a paixão da pequena apóstola!

– Já falta pouco para ir para o Céu – confiava à Lúcia. – Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Quando fores para dizer isso, não te escondas, diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria; que Lhas peçam a Ela, que o Coração de Jesus quer que, a seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria. Que peçam a paz ao Coração Imaculado de Maria; que Deus lha entregou a Ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!...

Não era o ardor da febre que consumia a angélica criaturinha; era o fogo do amor, a sede da reparação...

CAPÍTULO XXXIX

NUNCA MAIS TE TORNO A VER!...

(Jacinta)

Devia ter sido mais ou menos por fins de Dezembro quando a Virgem veio novamente ter com o seu anjinho e lhe comunicou que em breve viria buscá-la para o Céu, não ali, mas num hospital de Lisboa.

Lisboa... lá tão longe!

Logo que esteve com a prima deu-lhe essa boa e, ao mesmo tempo, triste notícia.

– Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital; que não te torno a ver, nem a meus pais; que, depois de sofrer muito, morro sozinha, mas que não tenha medo, que me vai buscar para o Céu.

E chorando abraçava a Lúcia:

– Nunca mais te torno a ver. Tu não me vais visitar. Olha, reza muito por mim, que morro sozinha.

O pensamento de ir morrer sozinha torturava-lhe o coraçãozito.

Um dia a Lúcia encontrava-a, abraçada a uma estampa de Nossa Senhora, a dizer:

– Ó minha Mãezinha do Céu, então eu hei-de morrer sozinha?

Era uma poção demasiado amarga que lhe oferecia a Virgem e a pequenita quase pedia que afastasse aquele cálice.

Tal como Jesus, antes da sua paixão e morte:

– Pai, se é possível, passe de mim esse cálice.

A Lúcia procurava, contudo, animá-la.

– Que te importa morrer sozinha, se Nossa Senhora te vem buscar?

– É verdade, não me importa nada. Mas não sei como é: às vezes não me lembro de que Ela me vem buscar.

– Coragem, então, Jacinta! A ti já te falta pouco para ires para o Céu, mas a mim...

A Jacinta agora toda alvoroçada com a ideia do Céu procurava, por sua vez, animar a prima.

– Coitadinha! Não chores... Lá hei-de pedir muito e muito por ti. Tu, ficas... mas é Nossa Senhora que quer assim.

Reanimada também, a Lúcia perguntava-lhe:

– Ó Jacinta... e que vais fazer no Céu?

– Vou amar muito a Jesus, ao Imaculado Coração de Maria, pedir por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos e por todas as pessoas que me têm pedido para pedir por elas... Gosto tanto de sofrer por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.

Na família Marto consideravam-se sonhos as afirmações da criança.

Ir a Lisboa... para quê?... Já se sabia... Nada conseguiu o tratamento no hospital de Vila Nova de Ourém. Inútil teria sido também ir para outro, mesmo na capital. Além disso... e o dinheiro? Em Lisboa não se teriam contentado com 1.200 réis, como no hospital de Santo Agostinho!...

A Providência, porém, tinha estabelecido outra coisa. Um dia apareceu em Aljustrel um automóvel do qual desceram o Dr. Formigão, já velho amigo da família, e o Dr. Eurico Lisboa e esposa. Vinham ver a pobre doentinha.

Mas dêmos a palavra ao distinto clínico que nos deixou a mais preciosa documentação sobre a doença e a morte da nossa pequena heroína:

«Em meados de Janeiro de 1920 fomos à Cova da Iria, por termos resolvido que seria com uma tal viagem que iniciaríamos o uso do automóvel que, havia poucos dias, compráramos.

De passagem por Santarém fomos cumprimentar o Rev. Dr. Formigão, que sabíamos ser quem nos poderia instruir sobre tudo o que se tinha passado em Fátima, e de que tinha sido testemunha.

O Sr. Dr. Formigão, que só então tivemos o prazer de conhecer, iniciando-se assim a firme amizade que nos liga, teve a gentileza de

nos acompanhar a Fátima, sendo por seu intermédio que conhecemos as pequenas videntes, Lúcia e a Jacinta.

Depois de termos ido à Cova da Iria com a Lúcia, e termos, sob a sua direcção, rezado o terço, com uma inesquecível ternura e devoção, regressámos a Fátima, onde estivemos falando com a Jacinta e com as mães das duas videntes.

Disseram-nos então que o pequeno Francisco, também vidente, tinha sido vítima da célebre epidemia de gripe pneumónica, que em toda a Europa fez grande mortandade, tendo assim ido já ter com Nossa Senhora, o que desde as aparições, constituía para ele a maior aspiração, recusando-se sempre a aceitar quaisquer auxílios ou ofertas que lhe proporcionavam as pessoas, que nos dias das aparições lhe falavam, ambicionando só a morte como a maior ventura.

A pequenita Jacinta estava muito pálida, magrita, andava com dificuldade, dizendo-me a família que ela estava muito doente, o que os não contristava, pois a maior ambição da Jacinta era ir também para Nossa Senhora, visto que era essa a vontade da Mãe-Rainha do Céu que já tinha levado o Francisco.

Censurando-os eu por não empregarem todos os esforços para darem saúde à Jacinta, disseram-me que não valia a pena, porque era desejo de Nossa Senhora levá-la, e que já tinha estado no hospital de Vila Nova de Ourém durante dois meses, sem que tivesse obtido quaisquer melhoras.

Repliquei-lhes que a vontade de Nossa Senhora é superior a todas as forças humanas, e que, para terem a certeza de que da facto Nossa Senhora a queria levar, deviam esgotar todos os recursos científicos para lhe salvarem a vida.

Excitados por este meu conselho, foram ouvir a opinião do Sr. Dr. Formigão que estava ali perto, e que reforçou o que eu dissera, ficando logo combinado que viria para Lisboa onde, num hospital, se entregaria aos cuidados dos melhores clínicos.

Efectivamente, poucos dias depois, no dia 2 de Fevereiro de 1920, deu entrada no Serviço n.º 1 do Hospital de D. Estefânia, ocupando a cama n.º 38, e ficando a ser tratada sob a direcção do Dr. Castro Freire, um dos mais distintos pediatras portugueses, sendo admitida com o diagnóstico:

– Pleurisia purulenta da grande cavidade esquerda, fistulizada; osteíte das 7.ª e 8.ª costelas do mesmo lado».

Quão admiráveis são os caminhos da Providência!

De que maneira imprevista se ia realizar a predição da Virgem Santíssima!

Embora convencidos da inutilidade de qualquer tratamento os pais da Jacinta acabaram por consentir na viagem.

O Sr. Marto comunica então a decisão à sua filhinha:

– Ó Jacinta, anda-se a tratar de tudo para tu ires a Lisboa, para um hospital.

E ela triste, muito triste, soluçava:

– Pois é verdade, pai! Estou bonita para ir a Lisboa!...

– Ó minha filha, temos de aceitar. Doutra forma o pessoal começa a voltar-se contra nós, que não queremos saber de tratamento. Pode ser que fiques bem...

Foi então que ela me disse toda descansada:

– Ó meu pai! Nem que eu fique bem, vem logo outra doença e eu morro. Se eu for para Lisboa, o pai pode dizer-me adeus.

Ela estava na verdade um poço de mal. Era uma miséria: o ventre estragado, o coração batia-lhe do lado direito; andava arruinada de todo.

Nos meados do mês de Janeiro, resolveu-se a partida para a cidade. Antes, todavia, de deixar Fátima, a Jacinta pediu à mãe que a acompanhasse para se despedir da Cova da Iria.

«Combinei – conta-nos a Sr.^a Olímpia – com uma comadre minha levar a pequena na burrica dela; e assim se fez, que a pé a cachopita já não aguentava.

Quando chegámos à Lagoa da Carreira, a Jacinta desceu da jumenta e começou a rezar o terço sozinha; apanhou umas florzitas para prantar lá na capelinha.

Quando lá chegámos, ajoelhámos e ela esteve lá a rezar um bocado como ela entendia.

– Minha mãe! – disse ao levantar-se – Nossa Senhora quando abalava, passava por cima daquelas árvores; e depois entrava no Céu tão depressa que me parecia que lhe ficavam os pés entalados».

Também ela, a afortunada criança, deveria muito em breve entrar no Céu, e rapidamente após a sua morte, como a linda Senhora da Cova da Iria.

No entanto o Sr. Marto tinha preparado tudo para que a viagem até à capital corresse sem novidade; que a Sr.^a Olímpia, que devia acompanhar a filha, nunca tinha viajado de comboio.

«Fui ter com o Barão de Alvaizere – conta o velhote – e disse-lhe:

– Ó Sr. Doutor, quanto à viagem combina-se tudo isto bem. Vai no comboio tal, no dia tal, etc. E a mãe e a criança e o homem (era o meu enteado António) levam o lenço atado no pulso para que essas senhoras que vão à procura deles os encontrem na estação.

– Voltei para a Fátima e mandei a carta registada

– Ó Sr. Marto – disseram-me lá no correio – você gasta muito.

– Não importa – respondi eu – assim temos a certeza que a carta é recebida.

À noite, então, dei à minha mulher as últimas recomendações para o dia seguinte:

– Quando fores no comboio, pede licença às pessoas que lá estiverem para te desculparem que a pequena anda muito doente e é por isso que ela tem um cheiro muito esquisito. Passando o comboio nas linhas opostas, toma cuidado, a pequena não vá debruçada à janela. Não te esqueças e quando fores no túnel do Rossio, ata o lenço ao pulso e fica descansada».

No dia seguinte, a separação da Lúcia foi dilacerante.

«Cortava o coração – narra a Lúcia –. Conservou-se muito tempo abraçada ao meu pescoço, e dizia-me chorando:

– Nunca mais nos tornaremos a ver!... Reza muito por mim até que eu vá para o Céu; depois lá eu peço muito por ti. Não digas nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem.

Ama muito a Jesus e ao Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores».

Eram as suas últimas palavras, o testemunho que a Jacinta deixava à sua inseparável companheira.

«Num carro puxado a bestas – narra a mãe – lá fomos para a estação, e mais o meu filho mais velho, o António.

Durante a viagem no comboio, a cachopita conservou-se quase sempre à janela de pé, a olhar pelas vidraças. Em Santarém apareceu

uma senhora que lhe deu um embrulhito de açúcar e outro com doces; mas a Jacinta não quis comer nada.

Em Lisboa não conhecíamos ninguém e foi por isso que o Sr. Barão de Alvaiázere e mais o meu homem tinham escrito a umas certas senhoras que deviam vir esperar-nos à estação, e para nos reconhecerem tinham também combinado atar eu um lenço branco na minha mão direita e a Jacinta, que me ficava ao colo, um outro lenço branco na mão esquerda.

Mas qual! Logo que apeámos do comboio, o António que sabia ler, enquanto nós estávamos à espera, lá abalou a passear pela estação além, para ver não sei o quê e perdeu-se de vista:

Eu fiquei toda aflita e pus-me a gritar:

– António, ó António...

Momentos depois ele aparecia. Foi então que três senhoras se aproximaram de nós.

Eram elas.

Levaram-nos para fora da estação, e depois fomos a bater a umas casas, mas ninguém nos quis aceitar. Quando estávamos já fartas de caminhar, chegámos então a casa duma boa senhora que nos veio abrir e nos acolheu que não se podia acolher melhor.¹

Lá fiquei com a Jacinta, para cima duma semana, e depois voltei para a Fátima».

Logo de entrada no Orfanato, situado na Rua da Estrela, começou-se a tratar a sério do internamento da doentinha no Hospital de D. Estefânia. Surgiram entretanto várias dificuldades e, por último, a relutância da mãe em permitir a operação da filha que se encontrava

¹ Enquanto a Sr.^a Olímpia e a filha estavam na sala de espera entrou uma senhora que sofria muito dos olhos e que era tratada diariamente pelo Dr. Lisboa, D. Maria Amélia de Sande e Castro.

Essa senhora, que acreditava nas Aparições da Fátima e que tinha em alta consideração a Jacinta, pôs-se a pedir-lhe que rezasse por ela a Nossa Senhora. Mas a Jacinta não respondia nada; olhava-a só com seriedade, de maneira que a senhora afastou-se desconsolada, deixando contudo uma nota de 50 escudos na mão da pequenita que a entregava imediatamente à superiora da casa. Mas Madre Godinho não queria aceitar:

– Dá o dinheiro à tua mãe – disse para a pequena.

– Não – respondeu esta. O dinheiro é para si, porque tem muito trabalho comigo.

Mais tarde a religiosa perguntava à Jacinta:

– Por que não respondeste àquela senhora quando te pedia que rezasses por ela?

– Olhe madrinha; eu rezei muito por ela; mas não lhe disse nada nesse dia porque tinha medo de me esquecer... estava com tantas dores...

em tão lastimoso estado. Para se concluir a questão era indispensável que a Sr.^a Olímpia regressasse a Fátima. Conta o Sr. Marto.

– «Eu não estive em Lisboa a quando da doença da Jacinta; eu não fazia lá falta nenhuma, aqui é que eu fazia falta. Tudo o que eu correspondia com a pequena era por meio do Barão, meu tão bom amigo. Passou-se uma semana e ele manda-me recado para eu lá ir à quinta.

O Dr. Formigão – disse ele – recebeu uma carta de Lisboa. Aquilo está tudo embaraçado por lá. A Sr.^a Olímpia não quer saber de coisas. Escrevem para se ver se há maneira de impedir que ela estorve o andamento daquilo tudo. Esta gente da serra – dizia a carta – gente tão burra que nem quer que lhe façam bem!

Rimo-nos os dois e eu:

– Ó Sr. Barão, efectivamente, isso é verdade. Eu, Sr. Barão, estou por tudo quanto as boas pessoas julgarem bom fazer com respeito à minha Jacinta.

Foi então que eu mandei escrever à minha mulher:

– «Ó mulher, eu cuido que não seja preciso tu estares aí, mas se quiseres estar ou for preciso lá estar, podes ficar, mas conquanto não embaraces nem estorves essa boa gente que nos quer fazer bem!».

CAPÍTULO XL

ERA COM UMA TAL AUTORIDADE QUE FALAVA!...

(Madre Godinho)

Naquela casa a Jacinta sentiu-se logo muito bem; era como que uma outra família. As orfãzinhas davam à Superiora o nome de madrinha, denominação que a Jacinta imediatamente adoptou.

Essa casa, contígua à capela dos Milagres, tem um coro, donde se vê o Sacrário e se pode assistir à Missa, que diariamente era celebrada então por um padre idoso e surdo.

A alegria da Jacinta, quando a levaram ali pouco depois da sua chegada, foi intraduzível. Habitar sob o mesmo tecto que abrigava Jesus Sacramentado era uma felicidade com que nunca ela tinha sonhado... e depois, podê-lo receber no seu coração todos os dias!...

Enquanto esteve na Rua da Estrela, a Jacinta comungava quase todos os dias, ao passo que durante a sua estadia no hospital nunca teve essa ventura.

– «Levada ao meu colo – conta a Sr.^a Olímpia – ou ao colo da Superiora, lá ia até ao altar da capela, à mesa da comunhão.

Lembro-me que antes de eu voltar para casa me disse:

– Ó mãe, quero confessar-me.

Fomos então, antes do sol fora, para a igreja da Estrela – igreja muito grande, ai Jesus!

Quando saímos a pequena vinha toda consolada e não acabava de me dizer:

– Ai, minha mãe, que Padre tão bom, que Padre tão bom!... Perguntava-me muitas coisas, tantas coisas!...

Bem queria eu saber o que o tal Padre lhe tinha perguntado; mas as confissões não são coisas para se explicarem uns com os outros».

Na tribuna da Igreja ia passar todo o tempo que lhe consentiam.

Sentada na sua cadeirinha, pois que não podia permanecer de joelhos, de olhos cravados no Sacrário, ali se ficava rezando e meditando. Não deixava contudo de observar o que se passava no corpo da Igreja.

Mas oiçamos novamente o que nos diz a boa religiosa, a cujos cuidados a pequena ficara entregue:

«Reparando que algumas pessoas não estavam com a devida compostura e atenção, dizia-me:

– Não deixe, madrinha, que esta gente não esteja diante do Santíssimo Sacramento como se deve estar. Na igreja deve-se estar sossegado e não falar. Se esta pobre gente soubesse o que a espera!...

Eu descia então à capela e dava os avisos que entendia, mas nem sempre conseguia bom resultado; e quando voltava acima a Jacinta perguntava-me:

– Então?

– Não querem saber de nada – respondia-lhe.

A Jacinta, tomando um ar muito sério, dizia-me:

– Paciência. Mas Nossa Senhora sempre fica muito contente com a madrinha... Há-de dizer ao Sr. Cardeal, sim? Nossa Senhora não quer que a gente fale na Igreja».

Para apanhar ar e sol a madrinha obrigava-a a sentar-se em frente da janela que dá para o Jardim da Estrela. Ali, saudosa dos seus montes, ficava-se embevecida olhando as árvores e ouvindo os passarinhos cantar. Mais que dos pais, a Jacinta sentia a falta da Lúcia que tanto teria gostado de ver ao pé de si.

«Logo reconheci que anjo a Virgem me tinha enviado – continua a boa senhora. Desde muito que eu desejava ver as privilegiadas crianças a quem Nossa Senhora tinha aparecido; bem longe estava de pensar que a minha pobre morada tivesse de servir de abrigo à Jacinta, a mais pequenina das três.

Tínhamos no asilo umas vinte ou vinte e cinco crianças. Com

todas a Jacinta se dava bem; mas não gostava muito de falar e conversar. Preferia a companhia duma rapariguita da sua idade a quem fazia os seus sermões. Era engraçado ouvi-la. Atrás da porta semi-aberta, para não a embaraçar, pude assistir a muitas dessas práticas.

– Não deves mentir, nem faltar nunca à verdade – dizia-lhe. Não deves ser preguiçosa; deves ser muito obediente e suportar tudo por amor de Nosso Senhor com paciência, se queres ir para o Céu.

Era com uma tal autoridade que falava! Como se não fosse uma criança.

Durante os dias que passou na minha casa deve ter tido mais que uma vez a visita de Nossa Senhora.

Lembro-me duma ocasião em que ela me disse: – Tire-se daí, madrinha, que estou à espera de Nossa Senhora.

O seu rosto então tomava uma expressão radiosa, celestial.

Por certo, algumas vezes, não era a Senhora que lhe aparecia, mas um globo de luz à imitação do que tinha aparecido na Fátima, pois que lhe ouvíamos esta reflexão:

– Desta vez não era como lá em baixo na Fátima; mas eu bem sabia que era Ela».

CAPÍTULO XLI

FOI NOSSA SENHORA, MAS ALGUMAS PENSO-AS EU...

(Jacinta)

Que essas aparições não eram simples alucinações provam-no as palavras que ela em seguida proferia, palavras que contêm uma sabedoria impossível de não ser infusa. Uma criança de dez anos, com absoluta falta de instrução e com tão rudimentares conhecimentos religiosos, não poderia por certo inventar frases como as que seguem e que a Madre Godinho tão cuidadosamente apontou:

Sobre o pecado:

«Os pecados que levam mais almas para o inferno, são os pecados da carne.

Hão-de vir umas modas que hão-de ofender muito a Nosso Senhor.

As pessoas que servem a Deus não devem andar com a moda. A Igreja não tem modas. Nosso Senhor é sempre o mesmo.

Os pecados do mundo são muito grandes.

Se os homens soubessem o que é a eternidade, faziam tudo para mudar de vida.

Os homens perdem-se, porque não pensam na morte de Nosso Senhor e não fazem penitência.

Muitos matrimónios não são bons, não agradam a Nosso Senhor e não são de Deus».

Sobre a guerra:

«Nossa Senhora disse que há muitas guerras e discórdias. As guerras não são senão castigos pelos pecados do mundo.

Nossa Senhora já não pode suster o braço do seu amado Filho. É preciso fazer penitência. Se a gente se emendar, ainda Nosso Senhor valerá ao mundo; mas, se não se emendar, virá o castigo».

A propósito destas palavras a madrinha escrevia:

«Refere-se a um grande castigo de que em segredo falara e que foi revelado ultimamente; nada nos impede de reproduzi-lo aqui.

Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes que se cometem em Portugal. Por isso um terrível cataclismo de ordem social ameaça o nosso País e principalmente a cidade de Lisboa. Desencadear-se-á, segundo parece, uma guerra civil de carácter anarquista ou comunista, acompanhada de saques, morticínios, incêndios e destruições de toda a espécie. A capital converter-se-á numa verdadeira imagem do inferno. Na ocasião em que a divina justiça ofendida infligir tão pavoroso castigo, todos aqueles que o puderem fazer fujam dessa cidade. Este castigo agora predito convém que seja anunciado pouco a pouco e com a devida discrição.

Coitadita de Nossa Senhora! – dizia a pequena – Ai! eu tenho tanta pena de Nossa Senhora! tenho muita pena!».

Sobre os sacerdotes e os governantes:

«Minha madrinha peça muito pelos pecadores!

Peça muito pelos Padres!

Peça muito pelos Religiosos!

Os Padres só deviam ocupar-se das coisas da Igreja.

Os Padres devem ser puros, muito puros.

A desobediência dos Padres e dos Religiosos aos seus Superiores e ao Santo Padre ofende muito a Nosso Senhor.

Minha madrinha, peça muito pelos governos!

Ai, dos que perseguem a Religião de Nosso Senhor!

Se o governo deixasse em paz a Igreja e desse liberdade à santa Religião, era abençoado por Deus».

As virtudes cristãs:

«Minha madrinha, não ande no meio do luxo, fuja das riquezas. Seja muito amiga da santa pobreza e do silêncio.

Tenha muita caridade mesmo com quem é mau.

Não fale mal de ninguém e fuja de quem diz mal.

Tenha muita paciência, porque a paciência leva-nos para o Céu.

A confissão é um Sacramento de misericórdia. Por isso é preciso aproximarem-se do confessor com confiança e alegria. Sem confissão não há salvação.

A Mãe de Deus quer mais virgens que se liguem a Ela pelo voto de castidade. Eu ia com muito gosto para o convento; mas gosto mais ainda de ir para o Céu. Para ser religiosa é preciso ser muito pura na alma e no corpo».

– E sabes tu o que quer dizer ser pura? – perguntava-lhe a madrinha.

– Sei, sei. Ser pura no corpo é guardar a castidade; e ser pura na alma é não fazer pecados; não olhar para o que não se deve ver, não roubar, não mentir nunca, dizer sempre a verdade ainda que nos custe. Quem não cumpre as promessas que faz a Nossa Senhora nunca terá felicidade nas suas coisas. Os médicos não têm luz para curar os doentes, porque não têm amor a Deus.

– Quem foi que te ensinou tantas coisas? – perguntava-lhe então a Madre Godinho.

– Foi Nossa Senhora: mas algumas penso-as eu. Gosto muito de pensar.

A Virgem Santíssima, todavia, não se contentava em ditar à sua confidente estas máximas. Às vezes, abria-lhe também o futuro.

A madrinha fez um dia uma pergunta à Sr.^a Olímpia, que tinha vindo visitar a filha:

– Gostaria que as suas filhas, Florinda e Teresa, entrassem na vida religiosa?

– Deus me livre! – respondeu a boa mulher.

Momentos depois a Jacinta que não tinha ouvido a conversa da mãe com a Superiora, dizia muito séria a esta última:

– Nossa Senhora gostaria muito que as minhas irmãs se fizessem freiras. A minha mãe não quer, mas por isso Nossa Senhora não tardará a levá-las para o Céu.

Assim foi: pouco depois da morte de Jacinta, morreram também as duas raparigas, Florinda de 17 anos e Teresa com 16.

Um outro facto: A Madre Godinho havia muito que desejava ir visitar a Cova da Iria, mas nunca se lhe proporcionara ocasião.

– Fique descansada, madrinha – assegurou-lhe um dia a Jacinta; – depois da minha morte há-de lá ir.

Assim foi: não tendo sido possível, por circunstâncias imprevistas, sepultar o cadáver da Jacinta no jazigo da Sr.^a D. Angelina da Conceição Lopes, no cemitério dos Prazeres, recebeu-se à última hora oferta da parte do Barão de Alvaiázere para se sepultar a vidente no jazigo da sua família em Vila Nova de Ourém.

Lá teve que seguir também a Madre Godinho com as preciosas relíquias da sua protegida, continuando, naquele mesmo dia, para Fátima, onde teve a felicidade de conhecer também a Lúcia que a foi acompanhar à Cova da Iria.

Numa outra ocasião pedindo-lhe um dos dois médicos que a tratavam que rezasse por ele no Céu, a pequenita respondeu que sim, mas logo depois, fitando-o com aquele olhar que via o futuro, acrescentava:

– Olhe que vossemecê também vai, não tarda.

Cena idêntica deu-se com o outro doutor, a quem predisse também a morte próxima, dele e da filha.

Sobre um sacerdote a quem tinha ouvido um excelente sermão e que era considerado padre exemplar, a pequena exprimia com decisão o seu parecer desfavorável:

– A madrinha, quando menos o esperar, ainda há-de ver como aquele padre é mau.

A Jacinta tinha razão; pouco depois o infeliz sacerdote abandonava os deveres sacerdotais vivendo abertamente em escândalo.

A propósito da operação que pretendiam fazer-lhe e que de facto fizeram, a Jacinta observava:

– É tudo inútil. Nossa Senhora veio dizer-me que eu ia morrer em breve. E mandava escrever à Lúcia, dizendo-lhe que a Virgem lhe aparecera e lhe comunicara a hora e o dia da sua morte.

CAPÍTULO XLII

AI, NOSSA SENHORA!... AI, NOSSA SENHORA!...

(Jacinta)

A Jacinta achava-se tão à vontade na Casa de Nossa Senhora da Fátima, como ela chamava ao Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres, que quase se ia esquecendo da sua terra, da sua família e, quem sabe, se acabaria até por se esquecer da Lúcia! A pequenita, todavia, não tinha ainda subido até ao cimo do monte Calvário; não tinha ainda bebido até à última gota o cálice do sofrimento.

Nosso Senhor, para acabar a sua obra, vinha pedir-lhe ainda a separação da madrinha e a separação de Si mesmo que ficava escondido no Sacrário da capela dos Milagres. No hospital não havia um Jesus escondido, não havia uma Madre Godinho.

O Dr. Lisboa, iludindo-se de poder ainda salvar a pequena, conseguiu por fim interná-la no hospital de D. Estefânia. Assim, no dia 2 de Fevereiro, a Madre Godinho acompanhava a sua doentinha à cama n.º 38 da enfermaria das crianças.

A Jacinta era ali uma das muitas.

Médicos e enfermeiros censuravam severamente a boa religiosa por ter tido em sua casa uma tuberculosa, o que poderia trazer gravíssimas consequências para as outras crianças.

– A minha madrinha não tem culpa nenhuma! – acudiu pronta a Jacinta.

A observação era justa. A Madre Godinho fora a única pessoa que tinha procedido com caridade para com a pobre pastorinha de Aljustrel.

O ambiente em que se encontrava agora era tão frio, era um ambiente tão desolador!

Que diferença entre aquela enfermaria e o singelo quarto na Rua da Estrela!

Quando a madrinha se despediu dela, Jacinta encontrou-se sozinha e triste. Ali não havia ninguém com quem pudesse livremente falar das suas coisas; ali, sobretudo, não havia Jesus!

O que mais a fazia sofrer, porém, era ver algumas enfermeiras ou outras pessoas que vinham visitar os doentinhos, atravessar a sala num traje pouco modesto.

– Para que serve tudo aquilo? – dizia referindo-se a determinados enfeites e decotes – Se soubessem o que é a eternidade!...

Falando, então, de alguns médicos que ela julgava serem incrédulos, lastimava-os, dizendo:

– Coitados, mal sabem eles o que os espera!

Afirmava a pequena também que Nossa Senhora lhe havia novamente aparecido e que lhe tinha comunicado que o pecado que leva mais gente à perdição é o pecado da carne; que era preciso deixarem-se de luxos, que não deviam obstinar-se no pecado como até aqui, que era preciso fazer penitência.

Todos os dias, a Madre Godinho vinha visitar a Jacinta. Eram momentos deliciosos que a pequena com sofreguidão aproveitava para desabafar as suas penas e fazer as suas confidências. Com a religiosa vinha também a D. Maria Amélia de Sande e Castro e outras pessoas amigas.

Duma vez apareceu por ali também o pai, o Sr. Marto, para ver a sua filhinha. Foi contudo uma visita a fugir; o bom do homem tinha de voltar à Fátima, porque outros filhos estavam de cama e reclamavam a sua presença.

No dia 10 de Fevereiro a Jacinta foi operada. Teve imenso que sofrer, não podendo ter sido cloroformizada, mas simplesmente anestesiada localmente, por causa da extrema fraqueza em que se encontrava. O que, todavia, mais a fez sofrer foi a humilhação de se ver despida.

A Madre Godinho, que assistiu até ao momento da operação, refere que a pequena chorou muito, vendo o seu corpinho nas mãos dos médicos.

O resultado da operação feita pelo Dr. Castro Freire, assistido

pelo Dr. Elvas, apresentava-se animador. Do lado esquerdo foram-lhe extraídas duas costelas; a chaga era tão larga que caberia nela uma mão.

Sofreu dores atrozes, dores que se renovavam todas as vezes que a ferida era tratada.

– Ai Nossa Senhora!... Ai Nossa Senhora! – era o seu único gemido.

Ou então:

– Paciência! Todos devemos sofrer para ir para o Céu.

Ninguém a ouvia queixar-se. Suportava tudo com a resignação dos santos: para expiar, como Jesus, não os seus, mas os pecados dos outros. Mais do que nunca, a Jacinta diria a Jesus:

– Agora podes converter muitos pecadores, porque sofro muito!

No espaço deste doloroso martírio, a Virgem não tinha esquecido a pequenina vítima. De vez em quando baixava ao leito em que ela jazia crucificada.

Quatro dias antes de a vir buscar definitivamente para o Céu, a branca Senhora da Fátima tirava-lhe todas as dores.

– Agora já não me queixo! Nossa Senhora tornou-me a aparecer e disse-me que em breve me virá buscar e que me tirava já as dores – confiava à Madre Godinho.

«Na verdade com a feliz aparição ali em plena enfermaria – conta o Dr. Lisboa – desapareceram por completo as dores, apetecendo-lhe então brincar e distrair-se, o que fazia passando pela vista várias estampas religiosas, uma das quais era a de Nossa Senhora do Sameiro – que mais tarde me ofereceram como recordação da Jacinta – e que ela dizia ser a que mais lhe fazia lembrar a Senhora aparecida. Várias vezes fui informado de que a pequenita desejava que eu lhe fosse fazer uma visita, porque pretendia revelar-me um segredo.

Como as minhas ocupações clínicas eram muitas e, como as notícias que me chegavam eram de que a Jacinta estava um pouco melhor, não me apressei, e infelizmente, não a fui visitar, reservando-me para mais tarde».

Quando a madrinha, que vinha passar com ela todos os dias longo tempo para lhe fazer companhia e, sobretudo, para se edificar

ao contacto daquele anjinho do Céu, se sentava ao pé da cama onde lhe tinha aparecido a Virgem, protestava logo:

– Tire-se daí, madrinha, que aí esteve Nossa Senhora.

Pouco antes dela morrer, perguntou-lhe alguém se desejava ver a mãe.

– A minha família – respondia a pequena – durará pouco tempo e em breve se encontrarão no Céu. Nossa Senhora aparecerá outra vez, mas não a mim, porque com certeza morro, como Ela me disse.

Veio por fim, o dia 20 de Fevereiro de 1920, dia que a linda Senhora da Cova da Iria tinha marcado para vir buscar a sua amiguinha da Fátima. Era uma sexta-feira antes do Carnaval.

«Na tarde daquele 20 de Fevereiro, pelas seis horas da tarde, a pequenita disse que se sentia mal e que desejava receber os Sacramentos – depõe o Dr. Eurico Lisboa. Foi chamado o digníssimo Prior da freguesia dos Anjos, Sr. Dr. Pereira dos Reis, que a ouviu de confissão cerca das oito horas da noite.

Disseram-me que a pequenita insistira para que lhe levassem o Sagrado Viático, com o que não concordou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, por a ver aparentemente bem, e prometendo levar-lhe Nosso Senhor no dia seguinte.

De novo a pequenita insistiu em pedir a Comunhão, dizendo que morreria em breve. E efectivamente pelas 10 horas e meia da noite faleceu com a maior tranquilidade, mas sem ter comungado».

Ao seu trânsito assistiu apenas uma jovem enfermeira – Aurora Gomes – a minha Aurorinha, como a Jacinta gostava de lhe chamar.

Preciosa florinha da Fátima! Que o teu perfume continue a embalsamar esta pobre terra contaminada por tantos miasmas!

Que a tua vida angélica seja luz que dirija para as alturas do bem! Que o teu martírio seja estímulo para o sacrifício!

Que a tua morte abra, a quem não conhece a verdadeira vida, as portas da Vida!

CAPÍTULO XLIII

VOLTAREI À FÁTIMA... MAS DEPOIS DA MINHA MORTE

(Jacinta)

Na noite do dia 20, sem ruído, como costumava fazer, a Virgem tinha vindo pela última vez, visitar a doentinha da cama n.º 60, que era onde a Jacinta se encontrava desde que fora operada, e voltara para o Céu com aquela alminha branca, deixando na terra, como lembrança aos homens, o seu despojo virginal.

Os outros doentes continuaram a dormir; só a boa Aurorinha velava durante aquela triste noite, ao pé do pequenino cadáver.

Logo de manhã cedo, começou a espalhar-se nos meios católicos de Lisboa, uma notícia sensacional: Jacinta, uma das privilegiadas crianças que tinham visto Nossa Senhora, morrera.

O seu corpinho, que três anos de mortificação e um ano e meio de sofrimentos e de martírio tinham santificado, foi amortalhado num vestidinho branco apertado à cinta com uma fita azul: as cores da Virgem.

Mas dêmos novamente a palavra ao nosso ilustre cronista, Dr. Eurico Lisboa:

«Avisado no dia seguinte, de manhã, do que se tinha passado, falei com a Sr.^a D. Amélia de Sande e Castro, que diariamente frequentava o meu consultório, para tratamento de uma doença de olhos de que sofria.

Com a maior solicitude foi pedir à Sr.^a Marquesa de Rio Maior e à Sr.^a Marquesa do Lavradio, suas primas, sendo-lhe dado pela primeira destas senhoras um vestidinho de primeira Comunhão, que

serviria a crianças pobres da sua freguesia, e pela segunda, roupas brancas e dinheiro para comprar uma fita azul, com que foi amortalhado o corpinho da Jacinta, que dissera desejar ser amortalhada de branco e de azul como Nossa Senhora.

Informadas algumas pessoas do falecimento da Jacinta, rapidamente apareceram vários donativos para as despesas do funeral, que se fixou para o dia seguinte, domingo, às doze horas, para ser transportado o corpinho para um dos cemitérios de Lisboa.

Quando o féretro saiu da casa mortuária do hospital, lembrei-me de que podia haver, mais tarde, conveniência em depositar o corpinho nalgum sítio especial, caso se confirmassem as Aparições, se desfizesse a quase geral incredulidade nelas, e a Autoridade Eclesiástica desse a sua aprovação e reconhecimento.

Foi então resolvido que o caixão com o corpo da Jacinta fosse depositado na igreja dos Anjos até que se resolvesse a sua remoção para algum jazigo.

Fui então procurar o meu querido amigo, Sr. Dr. Pereira dos Reis, que mostrou ter dificuldade em receber o depósito na sua igreja, o que aliás me foi imediatamente facilitado por uns Irmãos do Santíssimo Sacramento que, por acaso, estavam na sacristia da igreja, com o que depois concordou o Sr. Dr. Pereira dos Reis.

Pouco depois dava entrada o caixãozinho, ficando muito modestamente colocado em cima de dois pequenos bancos, num canto da sacristia.

Conhecido o facto, que rapidamente se transmitiu de boca em boca, começou a formar-se uma romaria de crentes nos sucessos da Fátima, que iam com terços e imagens para tocar nos vestidos da pequenita e para rezarem junto dela, o que muito torturou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, que não desejava que a sua igreja fosse profanada com o que podia ser uma paganização, obrigando-o a actos de energia, que muito surpreenderam as pessoas que o conheciam como sacerdote inexcedivelmente amável, delicado e cortês.

Tendo resolvido que o depósito se fizesse num jazigo em Vila Nova de Ourém, tudo se foi preparando com esse fim, o que demorou uns dois dias, fixando-se para terça-feira, às quatro horas da tarde, o funeral da igreja dos Anjos para a estação do Rossio, para seguir num dos primeiros comboios para Vila Nova de Ourém.

Entretanto o corpinho continuava no caixão aberto, o que provocou grande inquietação no Sr. Dr. Pereira dos Reis, que receava a intervenção das Autoridades Sanitárias e continuava a ser incomodado com a romaria de visitantes, o que o levou a fechar o caixão no Cartório para evitar essas visitas.

Por fim o Sr. Prior, para se eximir às responsabilidades de se não encerrar definitivamente a urna, e não podendo atender à multidão que desejava ver a criança, depositou o corpo na Casa do Despacho da Irmandade, por cima da sacristia, fechou a porta e entregou a respectiva chave ao Sr. Dr. António Rebelo de Almeida, sócio da firma Almeida & Quintas, agentes funerários, que tinham sido encarregados de fazer o funeral.

O Sr. Almeida recorda-se ainda hoje, com grande precisão, de tudo o que então se passou.

Para satisfazer ordeiramente aos inúmeros pedidos que lhe faziam para ver a criança, esteve durante todo o dia 23 de Fevereiro na igreja, e ia acompanhando cada um dos grupos de pessoas que reunia, mas cujo número era muito limitado, para os fiscalizar e evitar assim algum desacato que receava se pudesse dar.

Ficou, porém, admirado do respeito e grande devoção com que acarinhavam e beijavam o corpinho, na face e nas mãos, recordando-se ainda nitidamente, da cor rosada das faces do cadáver, que lhe dava a impressão de estar ainda com vida, e não esquecendo o belo aroma que o corpo exalava.¹

Finalmente na terça-feira, 24 de Fevereiro, às 11 horas da manhã foi colocado o corpo dentro dum caixão de chumbo e este encerrado, tendo assistido a este acto, além do soldador e do Sr. Almeida, as autoridades e algumas senhoras, entre as quais a Sr.^a Maria de Jesus de Oriol Pena, que afirmou a várias pessoas, que o aroma exalado pelo corpo, no acto de encerramento, era agradável como o de flores, facto muito estranho, atendendo à natureza purulenta da doença e ao largo período de tempo que esteve insepulto.

Na tarde desse dia realizou-se o funeral a pé, debaixo de chuva e com grande acompanhamento, conservando-se o caixãozinho depositado no jazigo do Sr. Barão de Alvaíazere, em Vila Nova de Ourém.

Por interessante coincidência realizou-se, no dia do funeral da Jacinta, uma das assembleias gerais anuais das Conferências de São Vicente de Paulo a que eu devia assistir.

Na seguinte assembleia geral das mesmas Conferências julguei meu dever justificar a minha falta, declarando que uma obra de miseri-

¹ Mais tarde o Sr. A. Rebelo de Almeida escrevia:

– Parece-me estar a ver o anjinho. Deitadinha no caixão, parecia viva, com os lábios e as faces cor de rosa, belíssima. Tenho visto muitos mortos, pequenos e grandes, mas uma coisa assim nunca aconteceu. O cheiro agradável, que o corpo exalava, não se pode explicar naturalmente. O maior incrédulo não poderia duvidar. Ora a pequena estava morta havia três dias e meio e o seu cheiro era como o de um ramalhete composto das mais variadas flores.

córdia me impedira de comparecer na anterior, e que essa obra tinha sido tratar do funeral duma das videntes da Fátima.

Essa afirmação provocou uma gargalhada quase geral da assembleia, em que, como é natural, tomavam parte pessoas muito categorizadas no meio católico do Patriarcado e entre elas alguns membros da família Pinto Coelho, um dos quais, em seguida à última aparição, publicara num jornal um artigo mostrando a sua incredulidade em factos então passados, durante a aparição, e que até jornais profanos descreveram como inexplicáveis ou sobrenaturais.

A essa gargalhada associou-se Sua Em.^a o Sr. Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, que presidia à Assembleia, e a cuja diocese pertencia então a região da Fátima, antes de criada a nova diocese de Leiria, tendo-se-me porém mais tarde Sua Eminência declarado grande admirador da Fátima e ter todo o desejo de não morrer sem ter celebrado Missa no altar da igreja que se está construindo na Cova da Iria.

É curioso e conveniente recordar estes factos, que mostram bem a relutância e a resistência que houve em quase todo o clero e católicos Portugueses em acreditar nos sucessos da Fátima, sendo raros os precursores na sua credulidade, devendo entre estes destacar-se o Sr. Dr. Formigão, que assistiu às aparições, testemunhando-as e documentando-as, e o venerando e velhinho Padre Cruz, que tenho visto em Fátima desde as minhas primeiras visitas a esse lugar, e a quem pela primeira vez ouvi, publicamente numa igreja de Lisboa, numa exortação para que rezassem a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, no tempo em que a generalidade do clero tinha receio de exteriorizar qualquer sentimento de credulidade que já pudesse ter.

Passados anos, e ainda hoje, resta-me uma grande consolação por termos contribuído para que a pequena Jacinta viesse a falecer num hospital de Lisboa sob a vigilância e assistência de clínicos, os mais distintos, e de pessoal de enfermagem o mais competente, que talvez não soubessem quem era a pequena doente, para se poder assim, com a maior facilidade destruir a maldosa calúnia que se tem espalhado, e que já por três vezes ouvi repetir por pessoas dos mais diversos e afastados sítios de Portugal, de que as mortes dos dois videntes, Francisco e Jacinta, foram provocadas pelos católicos para assim evitarem que haja quem contradiga e desminta qualquer afirmação da Lúcia sobre as aparições».

Assim acaba o precioso relatório do Dr. Eurico Lisboa sobre a doença e a morte da Jacinta.

Entretanto a triste notícia chegava à Fátima.

«Depois da operação – conta-nos o Sr. Marto – escreveram uma carta a dizer: “A Jacinta foi operada e ficou bem”. Logo eu mandei escrever para o Sr. Barão: «Acabo de receber uma carta de Lisboa a dizer que a Jacinta ficou bem da operação. Agradeço a todas as boas pessoas que concorreram para isso».

O Sr. Barão, contudo, tinha recebido, ele também, correio da capital com os mesmos dizeres e comunicava-me tudo por carta.

Passaram-se uns dez dias talvez, e eis que veio ter à nossa casa uma carta do Barão a dizer:

Sr. Marto, queira vir cá à minha quinta que preciso de lhe falar.

Pus-me logo a caminho para a vila e no cabo de lá chegar, o Barão a modo triste, mandou aos criados prantar lá alguma coisa de alimento. Puxou então duma carta e leu-me:

A Jacinta fez a operação e ficou bem; deu-lhe não sei o quê e morreu.

Eu estava sentado diante dele. Levantei-me e só o que disse foi:

– Sr. Doutor, se houver alguma coisa a corresponder, estou pronto a entrar com tudo o que for preciso.

– Sr. Marto – respondeu-me ele – Não tem nada, absolutamente nada.

Voltei então a casa e comuniquei à família a morte da nossa Jacinta.

Passaram-se dois ou três dias e eis que recebo outra carta do Barão a dizer que fosse a Vila Nova de Ourém, que estava a chegar no comboio o cadáver da minha filha que ia ser sepultado no jazigo da sua família.

Quando cheguei à Vila e vi aquele grupo de pessoas em volta do caixãozinho da minha filha... – calhou tudo aquilo muito jeitoso, muito bem... desatei a chorar como uma criança. Fiquei esgotado. Nunca chorei tanto!...

Nada te valeu! Nada te aproveitou!...

Foste aqui dois meses e depois foste para Lisboa...

E lá morreste sozinha!...».

«Eu voltarei a Fátima, mas somente depois da minha morte» – tinha dito a Jacinta à madrinha num dos últimos dias do seu exílio. A predição da criança realizava-se mais tarde, no dia 12 de Setembro de 1935, quando o Sr. Bispo de Leiria decidiu trasladar os restos mortais da pequena vidente para o cemitério da Fátima e colocá-los num jazigo novo, proposadamente feito para ela e para o seu irmão Francisco.

Antes da partida, todavia, o caixão de chumbo foi aberto e com

grande espanto de todos os que assistiam, o rosto da criança apresentou-se perfeitamente incorrupto.

A Virgem Santíssima não tinha permitido que as carnes inocentes da Jacintinha, sublimadas por uma vida de amor e de martírio, fossem pasto de vermes.

Do seu rostozinho, foi tirada uma fotografia e cópia dela enviada à Irmã Maria Lúcia das Dores que respondia ao Sr. Bispo de Leiria:

«Agradeço reconhecidíssima as fotografias. Quanto as estimo, não posso dizer. Em especial à da Jacinta, eu queria mesmo à fotografia, tirar aqueles panos que a cobrem para vê-la toda; estava como numa impaciência de descobrir o resto do cadáver, sem me dar conta de que era um retrato; estava meia abstrata, tal era a minha alegria de voltar a ver a mais íntima amiga de criança.

Tenho esperança de que o Senhor, para glória da Santíssima Virgem, lhe concederá a auréola da santidade. Ela era criança, só de anos; no demais sabia já praticar a virtude e mostrar a Deus e à Santíssima Virgem o seu amor, pela prática do sacrifício».

Foi com imensa pena que o Barão de Alvaiázere se viu na necessidade de se deixar espoliar da valiosa relíquia que tantas e tão evidentes graças alcançara do Céu para si e para a sua família, como ele mesmo exprime.

Às 3 horas e meia da tarde o automóvel, que levava os restos mortais da pequena vidente, coberto com ricas colchas de seda, entrava no recinto do Santuário e seguia até à Capela das Confissões, onde Sua Ex.^a Rev.^{ma}, o Arcebispo de Évora, ia rezar Missa de corpo presente.

Acabada a Missa, procedeu-se à condução do cadáver dos dois irmãozitos para o cemitério da Fátima. O caixão da Jacinta e a urna que continha as ossadas do Francisco foram colocados e fechados nos gavetões do jazigo. Uma breve inscrição na pedra diz:

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAIS
DE FRANCISCO E JACINTA
A QUEM NOSSA SENHORA APARECEU

Queira o Céu que estas páginas singelas contribuam não só para glorificação da Virgem, mas também para glorificação desses seus dois dilectos filhinhos.

CAPÍTULO XLIV

TU FICAS CÁ MAIS ALGUM TEMPO...

(Nossa Senhora à Lúcia)

Quando da segunda aparição, ao pedido da Lúcia para que a levasse a ela e aos primos para o Céu, a Branca Senhora dissera-lhe:

– Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração.

– Fico cá sozinha? – pergunta-lhe triste a pequena.

– Não, filha, – lhe tinha respondido a Virgem. – E tu sofres muito com isso? Não desanimes! Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

A Virgem já tinha começado a cumprir as suas promessas. A Jacinta e o Francisco já tinham subido ao Paraíso; e a Lúcia já estava sozinha neste mísero mundo.

Apesar da promessa da Virgem de nunca a abandonar, a separação definitiva dos seus dilectos companheiros tinha criado, em volta da Lúcia, uma solidão, um deserto que nada podia preencher.

«Que tristeza que eu senti ao ver-me só! – escreverá mais tarde. Em tão pouco tempo Nosso Senhor leva-me para o Céu o meu querido pai, em seguida o Francisco e agora a Jacinta que eu não tornarei a ver neste mundo. Logo que pude retirar-me para o Cabeço, internei-me na caverna do rochedo, para aí, a sós com Deus, desabafar a minha dor e derramar com abundância as lágrimas do meu pranto».

Tudo lembrava à Lúcia os seus amiguinhos que a boa Senhora lhe tinha arrebatado: as ovelhas que pastavam na serra; as flores que, na Primavera, cobriam as encostas das colinas; as azinheiras, os carvalhos onde o Francisco subia a apanhar as bolotas para se mortificarem; a Cova da Iria, sobretudo, com a capelinha branca onde num radioso meio-dia de Primavera, a Rainha dos Anjos baixara sobre a copa verde duma carrasqueira a comunicar-lhe os segredos do Céu.

Tudo lhe lembrava a Jacinta e o Francisco; eram outras tantas espadas que lhe atravessavam o coração saudoso.

E os anos passavam: no cemitério agreste da Fátima novas sepulturas se abriam; depois do Francisco, do seu próprio pai, era a vez da Florinda e da Teresa, irmãs do Francisco – sepulturas que, por uma natural associação de ideias, lhe recordavam os pequenos companheiros já felizes no Céu, no gozo da encantadora Visão, cujas inefáveis doçuras a Virgem, a ela também, tinha dado perscrutar neste pobre vale de lágrimas.

O Céu imenso, a sua Senhora inundada de luz, Jesus que se lhe tinha mostrado fugazmente ao pé do sol no dia 13 de Outubro... Que bom morrer!... Mas para a Lúcia era preciso viver.

Outros eram os desígnios da Mãe Celeste sobre a privilegiada zagaleta de Aljustrel; a missão da Lúcia na terra ainda não estava cumprida.

A Igreja, após os primeiros anos de indiferença, ou mesmo de desconfiança, em face do progressivo movimento da Cova da Iria, começava a olhar atentamente o que ali se passava.

À frente da Diocese de Leiria, recentemente restaurada pelo Breve de 17 de Janeiro de 1918, estava Sua Ex.^a Rev.^{ma} D. José Alves Correia da Silva. Consagrado no dia 15 de Maio de 1920, tomava posse da Diocese a 5 de Agosto do mesmo ano.

D. José logo viu que era de prudência afastar do lugar das «supostas» aparições a única vidente que sobrevivia, a Lúcia. Isso por um dúplice motivo: primeiro, para poder fazer um exame imparcial e bem ponderado dos acontecimentos extraordinários dos quais ela era o centro, e, segundo, para poupar a pobre criança aos intermináveis interrogatórios a que continuamente era submetida por devotos e curiosos.

Esta medida teria servido também para ver até que ponto as

peregrinações à Fátima continuavam sem a presença da Lúcia, a cujo exclusivo prestígio muitos atribuíam esta afluência sempre crescente ao local das aparições. Tratando-se apenas de obras de homens, ou, pior, das potências das trevas, talvez fosse o meio mais acertado para conseguir um resultado seguro. Se a mãe concordasse, nada de mais oportuno que afastar a pequena para um colégio qualquer, contanto que fosse longe da sua terra natal, num lugar onde ninguém a conhecesse, onde ninguém lhe falasse das coisas da Fátima.

A Sr.^a Maria Rosa aceitou com júbilo esta solução e um dia dirigiu-se ao Paço Episcopal com a Lúcia que ainda mais que a mãe rejubilava, não obstante a saudade com que deixaria a sua terra, pensando em poder ir esconder-se e iniciar, longe dos curiosos e dos importunos, aquela vida de oração e de sacrifício a que aspirava havia já tanto tempo.

– Tu não dizes nada a ninguém para onde vais – recomendava, seriamente, D. José à Lúcia.

– Sim, Senhor Bispo – respondia a pequena abaixando a cabeça.

– No Colégio para onde vais não dizes quem és.

– Sim, Senhor Bispo.

– Nem dizes mais nada sobre as Aparições da Fátima.

– Sim, Senhor Bispo – respondia pela terceira vez a criança.

Era o dia 13 de Junho de 1921. Voltando de Leiria, no caminho encontraram grupos de peregrinos regressando das suas devoções na Cova da Iria. Embiocada no lenço, a Lúcia curvava a cabeça para que ninguém a conhecesse ou lhe visse as lágrimas que rompiam impetuosas.

A partida estava combinada para o dia 18; ninguém devia saber para onde ela ia de ninguém ela devia despedir-se.

– Quando a menina se for embora, há-de vir despedir-se de mim! – pedira-lhe, 15 dias antes, a Sr.^a Maria da Capelinha, agora a sua maior amiga.

– Pois sim, senhora – respondera-lhe a Lúcia. Mas as palavras do Sr. Bispo eram terminantes. Nada devia dizer a ninguém, nem aos parentes, nem às amigas. Ninguém devia saber que ela deixava, talvez para sempre, o seu lugarejo natal para ir sumir-se no Colégio das Religiosas Doroteias em Vilar, no Porto.

O dia 17 de Junho chegou a galope: o pequeno enxoval estava pronto. Quanto mais se ia aproximando o momento da saída, tanto mais o coração se lhe ia enchendo duma tristeza indefinida.

Esse último dia fora destinado às suas despedidas, não das pessoas, mas dos lugares que ela tanto amava.

Correu em primeiro lugar ao Cabeço. O calor era opressivo; as cigarras e os grilos ensurdeciam, as abelhas zuniam sobre os sargaços em flor. Nada porém detinha, naquele dia, o olhar pensativo da Lúcia.

Precipitou-se para a loca, onde os três pequenos eremitas tantas horas tinham passado em oração e contemplação. Prostrou-se por terra e as orações do Anjo brotaram-lhe do coração, fervorosas, sentidas como nunca.

Todo o ruído, todo o movimento cessara em volta dela. Não havia mais que a sua voz, por vezes entrecortada de soluços, ora alternando-se numa súplica violenta, ora descaindo quase a um simples murmúrio de humildade e amor:

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam...»

Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores».

Na passagem pelos Valinhos, onde Nossa Senhora apareceu aos pastorinhos em 19 de Agosto de 1917, a Lúcia deteve-se apenas uns minutos, ajoelhou junto da azinheira e ficou-se num misto de prece de gratidão para com a querida Mãe do Céu que, fora do dia marcado, se dignara ali aparecer para os premiar da sua constância heróica na cadeia de Vila Nova de Ourém.

Cortando, em seguida, por carreiritos pedregosos, na direcção da Lagoa da Carreira, a Lúcia quase corria. Chegada ali parou.

O sol de Junho tinha reduzido aquela lagoa a um charco lamacento onde algumas ovelhitas se estavam dessedentando naquela mesma água suja que, na sede de mortificação, a Jacinta um dia tinha querido beber.

Mas o seu coração ansiava por chegar à Cova da Iria, à singela capelinha levantada com as esmolas dos piedosos romeiros.

Aquela hora não havia por ali ninguém. Ajoelhou devotadamente, meteu a cara entre as mãos revivendo todas as emoções que lhe tinha sido dado experimentar naquele lugar de bênção.

De vez em quando levantava o seu negro olhar humedecido de pranto e parecia-lhe ver novamente a radiosa Senhora sorrir-lhe triste e repetir-lhe:

– Não tenhas medo!... Eu ficarei contigo!... Sempre!... O meu Imaculado Coração será o teu refúgio!... Será o caminho que te conduzirá até Deus!...

Quando o sol já começava a declinar no horizonte, ergueu-se lentamente, beijou a pedra do limiar da capelinha e subiu à estrada que a conduziu à igreja da Fátima.

Também ela marcava uma estação na sua via dolorosa.

Criancinha de poucos dias, ali tinha sido feita filha de Deus; com seis anos apenas, ali recebera pela primeira vez o Pão dos Anjos. Com o Francisco e a Jacinta, diante de Jesus escondido, tantos momentos suaves, ali tinha passado...

A comoção, a fadiga, a saudade, que já lhe torturava o coração delicado, detiveram-na ali uns momentos como que fora de si.

Era preciso, porém, apressar-se antes que a mãe, inquieta, mandasse procurá-la por toda a parte.

Deu a volta ao templo a despedir-se dos «santinhos» que os seus olhos infantis sempre tinham contemplado com ternura: Nossa Senhora do Rosário, Santo António, São Silvestre, Santa Quitéria...

Saindo da igreja foi ainda ajoelhar-se na campa rasa do pai e na do Francisco.

Com passo rápido voltou a Aljustrel. Passando em frente da casa dos tios entrou no quarto onde os primitos, doentes, tinham rezado e sofrido tanto pela conversão dos pecadores.

Só com noite fechada, a Lúcia chegava à casa dos pais, silenciosa e com os olhos vermelhos de tanto chorar.

A ceia ainda não estava pronta: aproveitando esta circunstância, correu, pela última vez, ao fundo do quintal, e sentou-se na borda do poço em íntimo colóquio com as almas do Francisco e da Jacinta.

A lua – a candeia de Nossa Senhora – e milhares de estrelas – as candeias dos Anjos – brilhavam intensamente na abóboda imensa.

Mas eis que a mãe a chama.

A última ceia; a última noite na casa paterna!...

Curto foi o sono da Lúcia. Às 2 horas da madrugada com uma trouxita na mão, acompanhada da mãe e do tio Carreira, punha-se a caminho do mundo desconhecido.

As luzes do firmamento seguiam a triste comitiva. Na altura da Cova da Iria, com voz embargada, a Lúcia lembrou à mãe:

– Vamos ainda lá rezar um terço!...

A Sr.^a Maria Rosa aquiesceu, e os três desceram a encosta e foram ajoelhar na pedra húmida do orvalho da noite.

As Ave-Marias brotaram dos lábios da confidente da Virgem, fervorosas, filiais; era uma conversa, não entre duas pessoas amigas, mas entre uma mãe estremecida e uma filhinha dedicada.

Como deviam compreender-se bem! O que para nós é objecto de fé, para a Lúcia era objecto da mais clara visão.

Acabada a reza, a Sr.^a Maria Rosa e o tio Carreira levantavam-se, mas a Lúcia demorava-se ainda uns instantes: uma força invisível, singular, prendia-a àquele local bendito.

Mais umas lágrimas ardentes – as últimas – caíram sobre o tronco ressequido e mutilado da carrasqueira do milagre.

– Adeus, querida Mãe do Céu, adeus!

E uma voz interior, voz bem conhecida, respondia-lhe:

– Adeus, não!... Eu sempre estarei contigo!...

CAPÍTULO XLV

A REACÇÃO SOFREU NO DIA 13 DE MAIO UM GRANDE GOLPE

(Artur de Oliveira Santos)

Estava encerrado o primeiro capítulo da vida da Lúcia: um outro se lhe abria no Colégio das Doroteias de Vilar (Porto). Deixemo-la ali e historiemos um pouco os sucessos na Cova da Iria, nos anos de 1920 a 1922, lançando de novo mão da nossa fiel cronista Maria da Capelinha.

«Não tinha passado um mês depois do levantamento da Capelinha – relata ela – quando apareceu por aí um homem de Torres Novas que se chamava Gilberto e disse-me assim: Minha senhora, quem mandou fazer esta capela? Olhe, foi assim: E eu contei-lhe tudo quanto se tinha passado. O homenzinho pareceu ficar triste: Eu tinha promessa de dar uma esmola abundante pela primeira obra que aqui se fizesse e teria gastado o que fosse preciso para a construção duma capelinha. Vim cá no dia 13 do mês passado e não havia nem sequer uma pedra arrancada e agora encontro uma capela feita. Então – respondi eu – visto o senhor ter a devoção de dar uma esmola, eu pedia-lhe que fizesse o favor de dar a Imagem.

O tal Gilberto ficou muito satisfeito e disse que ia falar com o Prior da sua freguesia e, se o Padre concordasse nisso, ele tratava de arranjar a Imagem. Na verdade, não tardou muito a voltar para dar a resposta. Oito dias mais tarde cá chegou ele todo contente e disse-me: O Sr. Prior consentiu e eu já vou de caminho a tratar disso. Várias vezes voltou a Fátima com o artista para perguntar às crian-

ças. Acompanhava-o também o Sr. Dr. Formigão, muito amigo das famílias do ti Marto e da Maria Rosa. Naquela altura a Jacinta não tinha ainda abalado para o hospital de Lisboa.

A encomenda, contudo, durou muito tempo a vir, até que um dia cá veio gente da Quinta da Cardiga a oferecer para a ermida uma Imagem de Nossa Senhora do Rosário que eles lá tinham em casa.

Eu disse-lhes que não, até ver se acabava a outra. Só se de todo ela não viesse.

Mas sempre a Imagem foi feita e já nos primeiros dias de Maio se encontrava em Torres Novas, em casa do Gilberto que a encomendara. Combinaram trazê-la para cá no dia 13, mas, chegando à Fátima, não pôde seguir caminho para a Cova da Iria. Benzeu-a o Sr. Padre António de Oliveira Reis, então Vigário de Torres Novas, e natural do Montelo, que se encontrava na sua casa, naquela altura. E lá ficou escondida na sacristia uma temporada e ninguém sabia ao certo onde a Imagem da Senhora estava, porque logo se tinham espalhado boatos que os maçónicos tencionavam deitar bombas e se abriam vulcões e a gente se consumia toda».

O receio da pobre gente da serra não era de todo injustificado. Na verdade, a luta contra as Aparições não tinha esmorecido – pelo contrário! Quanto mais Fátima se ia pacificamente afirmando, tanto mais os apaniguados das potências das trevas procuravam sufocar a ignóbil superstição reaccionária. Nos desígnios da Providência Divina todos estes manejos contribuíram somente para difundir cada vez mais no povo cristão o amor e a devoção à celeste Mensageira da Paz.

Em Lisboa, por meados de Abril de 1920, rebenta uma campanha desenfreada em desprestígio da Fátima.

Constava que «de Torres Novas, em Quinta-feira da Ascensão, se faria uma grande romaria para Fátima a acompanhar a Imagem comemorativa das aparições. Que iriam milhares de automóveis de Lisboa e de outras partes e muita outra gente em carros, a cavalo e a pé; tomariam parte nesta romaria centenas e centenas de padres, Jesuitas e crianças vestidas de anjos; enfim, que a reacção se ia pôr em campo em centenas de milhar, fazendo uma parada de forças reaccionárias como nunca se vira outra igual».

A 24 do mesmo mês, era expedida uma carta para o Administrador de Vila Nova de Ourém:

«Ex.^{mo} Senhor:

Por intermédio do seu e nosso amigo Sr. Lino de Sousa, soubemos que os elementos reaccionários desse concelho se preparam para consagrar a vidente de Fátima; já falecida, continuando assim a torpe exploração religiosa já em uso: pedimos, pois, a V. Ex.^a a fineza de se dignar informar-nos até que ponto vão esses manejos, a fim de vermos se em conjunto nós, o Governo, e V. Ex.^a podemos realizar alguns trabalhos que neutralizem essa marcha jesuítica.

Certos de que nos não negará o seu valioso auxílio, subscrevemo-nos com a maior consideração, desejando-lhe Saúde e Fraternidade.

O Secretário Exterior,

Júlio Bento (?) Ferreira (?)».

Claro que o Administrador não ficou inactivo. ¹ No dia 30 de Abril todos os regedores do concelho recebiam a seguinte circular:

«Por motivos de serviço público, venho rogar a V. Senhoria compareça nesta Administração na próxima quinta-feira, 6 do corrente, digo, de Maio».

Efectuou-se a reunião, discutiu-se o assunto, e o Administrador ficou descansado. No dia seguinte, 7 de Maio, Artur de Oliveira Santos recebia contudo, um telegrama do Governador Civil de Santarém, Dr. José Dantas Baracho:

«Administrador do Concelho de V. N. de Ourém:

Sua Ex.^a o Ministro do Interior determina que se evite repetição

¹ Tendo nós encontrado em casa da Sr.^a D. Margarida Teles o Sr. Júlio Lopes, naquela altura secretário de Administração, disse-nos ele: – Quando começou a correr o boato de que se preparava uma grande peregrinação à Fátima, o Artur declarou: – Hei-de acabar com essa fantochada! – O sr. não consegue nada! – respondi eu. E ele: – Vou mobilizar a artilharia toda! Não entra lá ninguém! Contra a força não há resistência!

– Mas eu bem sabia que era uma ideia estouvada!

mistificação caso Fátima que se prepara para este mês devendo intimar dirigentes e principais responsáveis para não organizar cortejo ou qualquer préstito religioso sob penas da lei que aplicará em caso de desobediência remetendo juízo desobedientes com autos notícias devidamente testemunhados acompanhados intimação prévia. Mais determina Ex.^{mo} Ministro que este assunto seja tratado comigo directamente sem intervenção outras pessoas.

Governador Civil».

Naturalmente o zeloso Administrador cumpriu a ordem e no mesmo dia expedia, também ele, instruções aos seus regedores:

«Por ordem de Sua Ex.^a o Ministro do Interior, é determinado que se evite repetição mistificação caso da Fátima que se prepara para o dia 13 do corrente. Queira V. S.^a informar desde já esta Administração quais os dirigentes e propagandistas nessa freguesia que pretendem organizar qualquer manifestação sobre aquele ponto de vista a fim de, em caso de desobediência à Lei, lhes serem aplicadas as penas respectivas, remetendo-os ao poder judicial como desobedientes».

Previendo, porém, que esses funcionários não tomassem grande interesse pelas ordens comunicadas, Artur Santos julgou melhor requisitar tropa de Santarém. A resposta não se fez esperar. No dia 10 recebia o seguinte telegrama:

«Administrador do Concelho de V. N. de Ourém:

Vai ser posta sua disposição força armada Guarda Municipal para ocupação estrada pontos apropriados impedindo trânsito para Fátima procissão.

Governador Civil,

José Dantas Baracho».

E a 12, com tudo bem preparado, outro telegrama:

«Administrador do Concelho de V. N. de Ourém:

Conforme combinação ontem aqui comandante da força apenas

se proibirá qualquer manifestação religiosa que será impedida aí, para o que se reforça posto no local, para onde foi numerosa força armada.

Governador Civil,

José Dantas Baracho».

Vejamos agora em que deram todas estas diligências através do relato do Rev. Dr. Formigão no primeiro livrinho publicado sobre as Aparições – *«Os Episódios maravilhosos de Fátima»*.

«Cheguei no dia 13 de Maio último, de madrugada, a Vila Nova de Ourém, debaixo duma carga de água torrencial, entre o fuzilar dos relâmpagos e o ribombar dos trovões.

À minha saída de Lisboa corriam os boatos mais terroristas sobre o caso de Fátima, dizendo-se que era inútil a viagem, porque havia ordens terminantes para não deixar passar ninguém de Vila Nova de Ourém.

Por esse motivo, muitos, que tinham combinado vir comigo, não vieram, mas eu teimei e vim, quando mais não fosse, para ver o que havia de verdade.

Ao mesmo tempo que eu, chegaram duas senhoras, uma nova ainda, elegante e formosa, com uns grandes olhos cor de miosótis, filha de um antigo Ministro da Monarquia, e a outra de aparência distinta, já de certa idade, e que me consta ser aparentada com uma das famílias mais conhecidas da Beira, e nomeadamente da Guarda.

Coitadas! Debaixo daquela chuva toda, não se queixavam, tamanha era a sua fé e o seu entusiasmo e apenas as preocupava a ideia de que as não deixariam chegar ao local das aparições.

A muito custo lá conseguimos chegar a uma estalagenzita que fica em frente da Igreja e que dá pelo nome de Hospedaria da Maria Joana, e aí descansámos um pouco, num canapé tremelicante, até romper o dia, pois a respeito de quartos era coisa que não havia.

Manhãzinha cedo, mal luziu o buraco, sentimos um tropel de cavalos.

Corremos à janela.

Era um esquadrão de cavalaria da Guarda Republicana, que marchava a todo o galope para a Fátima.

Então sempre seria verdade?

Inquirimos da criada da locanda o que havia... que se dizia por lá...

A mesma incerteza... Boatos!... Boatos!

Que havia infantaria... cavalaria metralhadoras... não sei que mais...

Uma ofensiva em regra!

Mas porquê, Santo Deus?!

Ninguém sabia explicar!... – dizia a mulherzinha.

– Uma coisa já conseguiram eles:

De Ourém não vai ninguém à Fátima. Estavam todos os carros alugados a 40\$00 cada um. Pois foram todos dispensados com grande zanga do alquilador que é republicano esturrado e que não percebe por que razão se pode proibir a um cidadão pacífico ir em passeio onde muito bem lhe apeteça.

De Tomar, não vem ninguém pelo mesmo motivo!

Em muitos concelhos, segundo dizem os respectivos administradores, proibiram a saída dos veículos.

Estávamos nesta conversa quando nos apareceu um rapaz da J. C. de Lisboa, dono duma tipografia para os lados de Belém, e daí a nada o Dr. Dinis da Fonseca que dormia na hospedaria, pois tinha ali vindo na véspera defender um réu numa audiência geral.

Peço informações. Também não sabem. Que até Fátima parece que deixarão ir, daí por diante, não... que ralha o Pai do Céu...

Tinha levantado a chuva.

Desço abaixo à rua e começo a ver passar carros, carroças automóveis, camiões, gente a pé, gente a cavalo, uma verdadeira romaria...

– Mas então para que diacho serviu a proibição? – começo eu a pensar... Eu pensava que não encontraria ninguém e afinal vejo constantemente passar homens, mulheres e crianças... num verdadeiro corropio!...

«Chars-à-bancs» enormes, puxados por machos guizalhantes, carregados de gente a rir pela estrada fora, a rir como perdida da figura do administrador, que eu vejo espedado no meio da rua... de palhinhas, muito embaçado... com um sorriso amarelo a desfranzir-lhe as comissuras dos lábios; carroças engrinaldadas de flores e automóveis trepidantes com rouquejar forte de sereias ou estridentes

arredas dos autocarros; camiões pesados e resfolagantes, com seus tejadilhos amplos repletos de farnéis, e cortinas a dar, a dar; caleches e landós aristocráticos; modestas carrapanas, mulheres e homens a pé, encharcados, enlameados, com os guarda-chuvas em funeral, es-correndo água mas satisfeitos, felizes, com cara prazenteira, tudo isso desfilou diante de mim como uma longa fita cinematográfica.

Donde vinha tanta gente? De muitas partes, mas sobretudo de Torres Novas, dizem.

Afinal passava-se! de Ourém, pelo menos!

Mas que andaria o Administrador com o seu palhinhas a cirandar dum lado para o outro?!...

Nova fita?... Quem sabe?!...

Eu queria seguir cedo para Fátima. Mas a missa?

Pergunto a que horas é na matriz:

Às 11.

Deixo ir toda a gente e espero pela missa...

Depois da missa, almoço à pressa e sigo caminho de Fátima, subindo a íngreme ladeira que durante uns poucos de quilómetros serpeia pelos cabeços de Ourém, até lá.

.....

Passa veloz, vindo de cima, um automóvel que deixa ver dum lado e doutro carabinas em leque, ameaçadoras...

É o Administrador do concelho... e a sua escolta!

– Não a veio fazer boa – diz um rapaz que nos segue em bicicleta, pedalando.

Há hora e meia já que vimos subindo.

Fátima não está longe.

Entram de novo a cair pingas de água.

Daí a pouco tempo entrávamos efectivamente no pequeno largo junto à igreja.

Por toda a parte carros, carroças e automóveis parados. Uma grande multidão de gente, alguns milhares de pessoas, enchiam o largo e atulhavam a igreja.

No meio da estrada forças de infantaria e cavalaria da Guarda Republicana impedem de passar adiante.

Faltam ainda uns três quilómetros para chegar ao local das aparições.

Indago dos circuntantes se não tem passado ninguém:

– Até ao meio-dia passou toda a gente, mas depois veio o Administrador do Concelho e deu ordem em contrário.

Pergunto ao comandante da força se não se pode passar. Delicadamente ele informou:

– Até aqui tenho deixado passar, mas o Administrador do Concelho manda agora o contrário; tenho de cumprir as ordens.

Retrocedo e venho para o pé da enorme multidão que dentro da igreja e no alpendre em volta, comenta o caso tristemente sem compreender como é que há perigo de ordem pública na Cova da Iria, e não o há a três quilómetros de distância, sendo a gente a mesma.

É uma perfeita estupidez!

Muita gente, não podendo seguir pela estrada, precipita-se ainda através dos campos furtivamente, saltando muros, e lá consegue chegar até ao local da aparição, dando-se por muito feliz de poder ajoelhar na terra molhada e recitar devotamente o terço.

Será isto que põe em perigo o regímen?!...

Dentro da igreja, o Dr. Cruz faz piedosas práticas, intercaladas com a recitação do terço e com cânticos religiosos.

Há muita gente que se confessa.

Uma senhora ceguinha vinda de ao pé de Aveiro, com grande sacrifício, caminha amparada ao ombro duma parente, debaixo duma chuva impertinente que entra de novo a cair. Não se lastima, antes pelo contrário, bendiz confiadamente a Deus e encaminha-se para a igreja.

Um indivíduo de barbas, que me dizem ser médico e muito idoso, explica a um grupo que o rodeia a razão providencial da proibição.

Segundo lhe diziam, havia quem pretendesse começar a levar ali músicas, fungagás, etc. Ora a Senhora não quer nada disso.

Apareceu num descampado precisamente porque quer ser ali amada e venerada em espírito, sem nenhuma dessas exhibições espectaculosas e barulhentas de arraiais. Oração, comunhão e penitência. Isto, e só isto é o que ela quer. Fazendo a proibição, as autoridades satisfazem inconscientemente os desejos da Senhora.

A chuva caía agora a potes outra vez.

E todos procuravam refugiar-se ou debaixo dos carros, ou debaixo do alpendre, que na igreja o apertão era já enorme.

Nisto vejo a Guarda Republicana, de espadas desembainhadas, descarregando pranchadas a torto e a direito nalguns pacíficos camponeses que, de guarda-chuvas abertos, olhavam melancolicamente para aquilo tudo. E que, surpreendidos da agressão inesperada, desatavam a correr sem saberem por que eram agredidos.

Alguém se dirige aos guardas a indagar do que se trata.

Queixam-se de que um homem do povo queria passar à força e, como o impedissem, os ameaçava e daí aquele alvoroço em que pagava o justo pelo pecador, como sucede quase sempre.

Explicando o caso e restabelecida a tranquilidade, converso com alguns camponeses a quem prudentemente aconselho que se abstenham de passar, visto que é mais meritória a obediência a ordens mesmo injustas, desde que não ofendam a nossa consciência, do que a resistência temerária.

Um dos guardas republicanos diz-me então num assomo de sinceridade:

– Se o senhor soubesse o que me custa estar aqui!... Cumpro ordens e cumpro-as à risca, mas creia que, cá por dentro, tudo isto me revolta. Eu sou religioso, senhor, e não compreendo que utilidade haja em estar a proibir essa pobre gente de ir rezar lá abaixo!... Isto até dá vontade de chorar!... Tenho uma irmã que foi a Senhora de Fátima que lhe salvou a vida.

E, de facto, pela cara tisonada do pobre guarda que ali estava cumprindo ordens, bem contra a sua vontade, deslizava vagarosamente uma gota de água que não era positivamente irmã daquelas que escorriam em borbotões de seu capuz de oleado, porque a chuva continuava a cair teimosamente.

Volto e ia dirigir-me a casa do Prior, cuja varanda, à antiga portuguesa, fora *assaltada* pelos que procuravam abrigar-se da chuva, quando vejo a minha companheira da manhã, franzina, delicada, com os seus olhos azuis e cismadores, feita num pinto, chapinhando na lama, mas sempre alegre e despreocupada como se estivesse confortavelmente sentada nalgum *tea* elegante, bem abrigada e enroupada e não debaixo daquele dilúvio.

E mostra-nos uma estampazinha com a gravura da Senhora de Fátima.

– Está ali... – E aponta-me a sacristia da igreja.

E depois baixinho, como que em segredo, rindo muito, com

uma pontinha de malícia a iluminar-lhe os grandes olhos azuis como o firmamento:

– E agora vou lá abaixo. Ensinaaram-me um atalho por onde se pode ir. Atravessa-se o campo. Mas hei-de ir!

E lá abalou debaixo de chuva, encharcada até aos ossos, chapinhando na lama, mas sempre risonha, sempre feliz e contente por ir lá abaixo e pregar assim uma pirraçazinha aos Herodes da governança.

Oh! As mulheres, quando elas querem...

Entrei na sacristia a ver o que é que estava ali. Era uma Imagem da Senhora da Fátima, lindíssima na verdade, que um devoto mandara de propósito fazer. E porque a intolerância das autoridades a não deixava colocar no nichozinho da Cova da Iria, por isso a puseram ali para que os fiéis, desfilando perante ela, a vissem e admirassem.

E era de ver a devoção com que muita daquela gente lhe rezava.

Mas a chuva continuava impertinente. O cocheiro advertia que a estrada não estava boa e era preciso voltar mais cedo. Por isso, feitas as nossas devoções e as nossas despedidas até à primeira, voltámos a caminho de Ourém, para depois regressarmos a casa.

Na estação, antes de tomarmos o comboio, encontrámos inúmeras pessoas de diversos pontos do País que regressavam às suas terras como nós.

E um honrado comerciante, republicano ao que parece, cobria de enérgicas invectivas o Administrador do Concelho, porque tolhia o progresso da terra e impedia o comércio de fazer o seu negócio.

– É estúpido! – concluiu. Imaginem vocês que esta proibição, só aos alquiladores de Tomar, Ourém e Torres Novas deu mais de vinte contos de prejuízo!».

CAPÍTULO XLVI

E O GILBERTO TROUXE A IMAGEM E COLOCOU-A NO NICHOSINHO

(Maria da Capelinha)

As autoridades do distrito ficaram plenamente satisfeitas com o serviço, e o Administrador de Vila Nova de Ourém, dois dias depois, recebia o seguinte officio:

«Ex.^{mo} Senhor:

A Federação Portuguesa do Livre Pensamento vem perante V.^a Ex.^a patentear-lhe a sua mais profunda simpatia pela forma altamente republicana e livre pensadora como agiu dentro da questão do pretendido milagre de Fátima com que a reacção jesuíta e clerical pretende explorar a ignorância popular.

Certos de que saberá avaliar quão certa e dedicada é a nossa admiração pelo seu procedimento, confessamo-nos com a maior consideração, etc.».

A esses cumprimentos Artur de Oliveira Santos respondia em 5 de Junho de 1920:

«Federação do Livre Pensamento

Largo do Intendente, 45-1.º – Lisboa:

Acuso a recepção do officio de 15 do mês findo, próximo passado, e agradeço as felicitações com que se dignaram honrar-me embora imerecidas.

A reacção soffreu no dia 13 de Maio, graças às providências do

Governo da Presidência do grande patriota e republicano ilustre, cidadão António Maria Baptista, um grande golpe que lhe destruiu a projectada parada, com que pretendiam não só explorar mais uma vez a ingenuidade do povo inculto, como também preparar um fio de onde faziam os seus ataques odientos contra a República.

Não desarmaram ainda os prometedores da Fátima, todos eles autênticos inimigos da República, pois pretendem fazer, com todo o aparato, a trasladação do cadáver de uma infeliz criança, falecida há tempos em Lisboa, a quem atribuem ser intermediária da Virgem e ainda se servem da chamada vidente Lúcia de Jesus de 13 anos, uma pobre doente, para melhor explorarem o povo ignorante.

Mas os seus negregados projectos ficaram de vez sem efeito, enquanto no nosso País, Governos como o actual e Associações como o Livre Pensamento cumprirem com a missão augusta de combaterem a mentira e defenderem a Liberdade».

Simultaneamente, o administrador escrevia ao regedor da Fátima:

«Para os devidos efeitos devo informá-lo de que, de futuro, nenhum, préstimo religioso se poderá realizar nessa freguesia sem que esta Administração seja ouvida. Pelo exposto deve V.ª S.ª prevenir o pároco da freguesia e promotores de qualquer manifestação religiosa, desta minha determinação devendo V. S.ª informar-me devidamente de qualquer mistificação ou especulação da natureza do chamado milagre da Cova da Iria».

Embora, como acabamos de ver, as coisas tivessem corrido quase com vento favorável, foi julgado prudente não transportar ainda a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para a Cova da Iria.

Passaram-se assim uns meses e o nicho da ermida continuava a aguardar o seu tesouro.

«Tínhamos tanto medo de algum desacato – conta a Sr.ª Maria Carreira – mas ao mesmo tempo ansiávamos por poder venerar a Virgem onde Ela tinha poisado os seus benditos pés. Um dia apareceu outra vez o Gilberto e disse-me: – Era bom que se tapasse o nichozinho onde deve ser posta a Imagem. Assim a gente pensa que a Imagem está lá e vamos a ver se ela tem perseguição ou não tem.

Eu pus então uma toalha e todos julgavam que Nossa Senhora lá estivesse: mas não houve novidade nenhuma. O Gilberto, portanto, trouxe a Imagem e colocou-a no nichozinho.

Nisto passaram ainda outros meses e novamente começaram a

espalha boatos que vinham roubar a Imagem e mesmo queimar a capela. Julgámos bem, então, levar a Imagem para a minha casa e dali trazê-la todos os dias para aqui. Assim seria mais seguro. Devia ter sido pelos fins do mês de Outubro quando o homem trouxe Nossa Senhora à nossa casinha da Moita. Arranjámos na casa de fora um altazinho e colocámos lá em cima a Imagem com duas lamparinas de azeite a arder.

Tínhamos, na verdade, muita razão de ter medo, porque uns meses mais tarde em 6 de Março de 1922, durante a noite, ouvimos uma terrível explosão. Os maçónicos tinham posto quatro bombas na Capelinha por buracos e uma quinta ao pé da carrasqueira onde Nossa Senhora apareceu. A telha foi pelos ares, mas a bomba posta ao pé da azirheirinha não rebentou.

Teríamos querido arranjar a capela, mas o Sr. Bispo não deixou até ele mandar. Que tristeza então! Depois da capelinha queimada, era uma desolação que a gente tinha. Não havia nenhum gosto em estar aqui. Vínhamos, rezávamos qualquer coisa, e íamos embora. Da Cova da Iria o povo passava à nossa casa e fazia ali as suas devoções. Aí foi também o Sr. Dr. Marques e o Sr. Dr. Formigão.

A gente ajoelhava diante da porta e rezava. Sempre havia povo aqui e Nossa Senhora sempre atendia: fazia isso para o povo ganhar devoção. Eu era muito feliz então: tinha Nossa Senhora em casa! Eu choro, Sr. Padre; que a gente é cada vez mais pecadora.

No dia 13 juntava-se muito povo para trazer a Imagem para a Cova da Iria. Então ainda não havia andor, de forma que todos queriam trazê-la, porque tinham promessas e assim traziam-na cada um, um bocadinho. Rezando e cantando, chegávamos aqui e fazíamos as devoções toda a tarde, com procissão; voltávamos novamente para a nossa casa. Ai que saudades desse tempo! À passagem da Senhora a gente ajoelhava pelo caminho como quando passava Nosso Senhor em Sacramento. Era um tempo muito bonito, era só pensar na salvação. Ai, Jesus, quanta gente que vinha visitar Nossa Senhora! Rezava-se tanto! Era então um dia inteirinho, de madrugada até à noite, em companhia de Nossa Senhora.

Muitos vinham cumprir promessas e acendiam as suas velinhas; outros vinham pedir graças e todos voltavam para casa muito contentes.

Uma mulherzinha pobre de Tomar levava daqui terra para fazer chá e curar os doentes; porque não havia água. Arranhava-se a terra junto da azinheira e esfregavam-se os doentes com ela, muitos co-

miam-na e diziam depois que ficavam melhor. Houve até senhoras que esfregavam os filhinhos, bem arranjadinhos, sujando-os todos.

No Alqueidão da Serra havia uma menina entevada havia já mais de sete meses. Os pais não cuidavam da sua doença e ela vivia muito pobrezinha. Nossa Senhora de Fátima apareceu-lhe um dia e disse-lhe que, se queria curar-se, a mãe dela viesse cá à Cova, tirasse uma mancheia de terra dos pés da azinheira onde Ela tinha posto os seus benditos pés e com essa terra fizesse um bolo, comendo um bocadinho dele durante uma novena e do que sobrasse fizesse chá. Como a Senhora lhe disse, assim se fez e a rapariga pôs-se boa de todo.

Outra vez esteve aqui um homem de Torres Novas a chorar diante da azinheira grande. Eu fui até lá e ele contou-me a sua história. Havia vinte e quatro anos que tinha uma ferida na perna, que deitava pus, não o deixando mexer nem trabalhar. Aquela chaga não parecia ter cura alguma. E ele disse-me assim:

– A minha mulher então veio à Fátima e levou daqui terra para deitar em água e lavar a ferida. Eu não queria de forma nenhuma permitir isso porque a ferida precisava de asseio e com a lama certamente ia ficar pior. – Com esta terra já se tem curado tanta gente! – insistia a minha mulher que tinha muita fé, embora eu não tivesse crença nenhuma nem em Deus nem na religião. Mas ela tanto insistiu que eu por fim deixei. Todos os dias, por 9 dias a fio, lavava a ferida com aquela lama, e todos os dias se ia curando uma fitazinha de ferida até que a achei curada por completo, ao acabar da novena. Eu comecei então a chorar, arrumei as ligaduras e cá vim pelo meu pé, eu que nem sequer me podia mexer!

Outra vez foi um tuberculoso de Tomar, também descrente. Ó Manuel – disse-lhe um dia a mulher – vamos a Fátima, ou então façamos uma novena, tomando chá da terra da carrasqueira onde apareceu Nossa Senhora. Mas ele não queria saber de vir a Fátima e muito menos de tomar esse chá com terra. A mulher, contudo, tanto insistiu em volta dele que, por fim, sempre o decidiu a beber, mas, já se sabe, com pouca devoção. Apesar disso, Nossa Senhora curou-o que em poucos dias tornou-se homem valente e resoluto.

Desde então todos os dias vinha cá gente a pedir terra para os seus doentes. Nós enchíamos umas colherinhas de terra que os devotos punham num lenço ou em pacotinhos de papel. Nos dias 13 chegávamos a distribuir 2 e mesmo 3 sacos de terra da cova aberta em volta da azinheira da aparição. À noite, então, íamos buscar outra terra a uma cova qualquer e enchíamos o buraco».

CAPÍTULO XLVII

É UMA PORCARIA, UMA VERGONHA! É PRECISO MANDAR TAPAR AQUILO TUDO!

(O Subdelegado de Saúde)

Os milagres que os chás da terra da azinheira operavam nos peregrinos, que vinham procurar alívio às suas dores no descampado da serra, contribuíram largamente para espalhar a devoção à Senhora ali aparecida.

«Vinham de toda a parte – continua a Sr.^a Maria Carreira – com as suas aflições, cada um com a sua miséria.

No tempo da pneumónica, quando ainda cá não havia a Capelinha, foi aqui que o Sr. Frei David, de Santa Catarina, fez o primeiro sermão, juntou-se muito povo das três freguesias: Fátima, Santa Catarina e São Mamede. Levámos também os nossos Santinhos na procissão: Santa Luzia, da Moita; Nossa Senhora do Livramento, de Boleiros, Nossa Senhora da Ortiga e Nossa Senhora do Rosário, da Fátima.

– Tudo isto é muito bonito, meus amigos – dizia o Sr. Fr. David – mas nada vale se não houver emenda!

A Jacinta também cá veio por essa altura, toda aleijadinha da pneumónica. A gente chorou muito, muito aflita com aquela epidemia e Nossa Senhora atendeu-nos porque naquele dia cessou a pneumónica nas nossas terras.

Foi então que a gente ganhou ainda mais devoção de vir aqui. Então, depois da capelinha feita, já eram aos milhares. E nem uma nascente, nem um poço sequer para tanto povo».

Quando em 12 de Outubro de 1926 o Senhor Bispo de Leiria visitou pela primeira vez o local das aparições, não pôde deixar de reconhecer a necessidade urgente de se remediar tão grande falta. E deu ordem ao Sr. Manuel Carreira para a abertura dum poço.

«A princípio – diz-nos a boa mulher – pensou-se em abri-lo a uns 80 metros da Capelinha, ao pé duma figueira, mas, afinal, a ideia do José Alves é que vingou.

Estavam presentes os Srs. Dr. Marques dos Santos, o Prior de Santa Catarina e o Vigário do Olival.

– Pela minha ideia, nunca o poço era aqui feito – dizia o José Alves.

– Então aonde? – perguntou o Vigário.

– Ali! – E o José Alves apontou para o sítio onde a Cova parecia mais funda. – Porque, pode estar um mês e mais sem chover, e sempre a modo que há ali uma lentura e uns junqueiritos.

– E lá é que se fez o poço por minha alta recreação! – costumava ele dizer.

Mas mal se tinha chegado a meio dia de trabalho, dá-se na pedra.

– E agora? – perguntaram os Srs. Padres.

– Agora, fogo à pedra! É tratar de ir buscar já os utensílios precisos.

A água apareceu abundante, mas nem se acabou o poço nem se cobriu. Ficou assim até ao ano seguinte».

Brotaria a água miraculosamente?

Tal foi, pelo menos, a impressão da gente da serra e dos peregrinos de toda a parte, cada vez mais numerosos, que acorriam a haurir daquele manancial bendito.

«Cá vinham – narrava o bom José Alves – com garrafas e bilhas que enchiam para levar para suas casas, para os seus doentes beberem e lavarem as suas chagas. Todos tinham muita fé na água e Nossa Senhora em paga lá ia tirando as dores e sarando as feridas. Nunca Nossa Senhora fez tantos milagres como naquele tempo.

Muitos traziam as pernas que era uma lástima, a escorrerem pus. Lavavam-se e lá deixavam as ligaduras porque Nossa Senhora os tinha curado. Outros ajoelhavam, bebiam daquela água barrenta e sentiam-se curados dos seus males interiores».

A Virgem Santíssima, Mãe carinhosa, dir-se-ia brincar com os homens e rir dos preceitos de higiene das classes cultas, operando prodígios com elementos que, humanamente falando, só poderiam ser causa de infecção e outras complicações.

De facto, os responsáveis da saúde pública começaram a alar-mar-se.

Em 15 de Julho de 1922, o Administrador do Concelho de Ourém, António de Sá Pavilon, enviava ao regedor da freguesia da Fátima o seguinte ofício:

«Tendo-se dignado o Ex.^{mo} Subdelegado de Saúde deste concelho, chamar a minha atenção para um charco de água que Manuel Carreira, do lugar da Moita, dessa freguesia, conseguiu arranjar na Cova da Iria, e onde diversas pessoas fazem uso interno e externo da referida água, resolvi mandar chamar a esta Administração, por intermédio de V.^a Ex.^a o dito Carreira a quem de viva voz disse para mandar tapar imediatamente o aludido charco, até que as obras sejam feitas de modo a evitar casos anti-higiénicos se assim o entenderem, e assim espero que V.^a Ex.^a com a maior urgência possível me informe do sucedido a este respeito.

E, se por ventura verificar que o dito Carreira não cumpriu, queira V.^a Ex.^a a bem da saúde pública intimá-lo a que o faça sem perda de tempo, dando-me em seguida conhecimento».

a) *Pavilon*

O Administrador bem sabia que pouco ou nada podia contar com o regedor de forma que lá foi pessoalmente à Fátima com o Subdelegado de Saúde Pública, o Dr. Joaquim Francisco Alves.

Visitaram a localidade e passaram por casa do Prior, então P.^o Agostinho Marques Ferreira, que nos refere:

– «Lá em cima – dizia-me o Dr. Alves – é uma porcaria. É preciso mandar fechar aquilo tudo. É uma vergonha.

– A fé não faz mal a ninguém – respondi eu. Já é milagre que a água tão imprópria, putrefacta, não faça mal a quem a bebe. Tanto mais que muitos afirmam ter-se curado por meio dessa água».

Despedindo-se do Pároco, os visitantes intimaram-no a mandar fechar o poço, acrescentando que, se não o fizesse, ficaria responsável por tudo o que de mau viesse a suceder.

Se o regedor não ousou cumprir a ordem que os fiéis julgariam sacrílega, como poderia o Pároco fazê-lo?

No ano seguinte, portanto, em 13 de Agosto de 1923, o Administrador oficiava ao Subdelegado de Saúde:

«Constando-me que a presa de água existente na Cova da Iria, freguesia de Fátima, continua franca ao público e que semelhante facto representa um prejuízo para a saúde pública, em virtude da referida água estar cheia de lodo e de micróbios, venho rogar a V.^a Ex.^a se digne dizer-me o que se lhe oferece sobre este facto, a fim de eu, escudado na determinação da autoridade sanitária, mandar destruir quanto antes a referida presa e acabar assim com a dita água».

a) *Pavilon.*

Estranha, esta preocupação das autoridades quando no concelho existiam e existem poços nas mesmas condições.

Todavia, o Senhor Bispo de Leiria mandou que se concluísse o poço, aprofundando-o e cobrindo-o.

Durante as obras, mais uma vez ali compareceu o Administrador com o Pároco e o Subdelegado de Saúde, porque se tinha espalhado o boato de que a água estava envenenada.

Tirado um balde de água claríssima, logo o Dr. Alves a declarou potável.

Depois da Capelinha das Aparições, foi portanto o Fontenário a primeira das edificações da Cova da Iria.

Devagarinho, como todas as obras de Deus, ia crescendo a arvorezinha humilde que, em curto espaço de anos, deveria estender os seus ramos por toda a Terra.

Tal como o grão de mostarda de que nos fala o Evangelho.

CAPÍTULO XLVIII

HAVEMOS POR BEM PERMITIR O CULTO DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

(Bispo de Leiria)

Durante os cinco anos que se seguiram às Aparições, a Autoridade Eclesiástica manteve a mais prudente reserva.

Em 3 de Maio de 1922, dois anos depois de ter tomado posse da Diocese de Leiria, D. José Alves Correia da Silva publicava uma pastoral, de que extraímos os seguintes períodos:

«Não é nem pode ser indiferente à acção pastoral, que fomos chamados a desempenhar nesta Diocese de Leiria, qualquer facto que se ligue com o culto da nossa Santa Religião.

Mais ou menos todos os dias, mas especialmente no dia 13 de cada mês, há, na Fátima, grande concorrência de pessoas, vindas de toda a parte, pessoas de todas as categorias sociais, que vão aí orar e agradecer à Senhora do Rosário, benefícios que, por seu intermédio, têm recebido.

Conta-se que no ano de 1917 houve uma série de fenómenos presenciados por milhares de pessoas de todas as classes sociais e anunciados com bastante antecedência por umas criancinhas rudes a quem, diziam, a Senhora aparecera e fizera certas recomendações.

De aí em diante não mais deixou de haver concorrência.

Das três criancinhas, que se diziam favorecidas pela Aparição, faleceram duas, antes da nossa entrada nesta Diocese.

Interrogámos várias vezes a única sobrevivente.

A sua narração e as suas respostas são simples e sinceras; nelas

não descobrimos nada contra a fé e a moral. Poderia exercer aquela criança, hoje de 14 anos, uma influência tal que explicasse a concorrência do povo? Disporia ela de tal prestígio pessoal que ali arrastasse as massas humanas? Impor-se-ia pelas suas qualidades precoces, a ponto de fazer convergir para junto dela tantos milhares de pessoas?

Não é provável, tratando-se duma criança sem instrução de espécie alguma e duma rudimentaríssima educação.

De mais, a pequena saiu da terra, nunca mais lá apareceu ¹ e, não obstante, o povo ocorre ainda em maior número à Cova da Iria.

Explicará, por ventura, este ajuntamento o aprazível e pitoresco do lugar? Não! É um sítio ermo, vulgar, sem arborização, sem água, longe do caminho de ferro, perdido nas dobras duma serra, despido de todos os atractivos naturais.

Irá o povo por causa da Capela?

As pessoas devotas tinham edificado ali uma pequena ermida, tão pequenina que nem se podia celebrar a santa Missa dentro dela.

No mês de Fevereiro deste ano, uns infelizes, cuja má acção a Santíssima Virgem perdoe, foram lá de noite e, com bombas de dinamite, destruíram-na, lançando-lhe, em seguida, o fogo.

Aconselhámos que não se reedificasse, não só na previsão de novos atentados mas também porque queríamos experimentar os motivos que levavam ali tanto ajuntamento de povo.

Pois bem. Longe de diminuir, a multidão é cada vez mais numerosa.

A Autoridade Eclesiástica tem-se mantido na expectativa. O Rev. clero, desde o princípio, absteve-se de tomar parte em qualquer manifestação; apenas ultimamente permitimos que houvesse ali uma Missa rezada e sermão nos dias de grande concorrência popular.

¹ Como acima foi referido, a Lúcia entrou para o Colégio das Religiosas Doroteias em Vilar, no Porto, no dia 18 de Junho de 1921. Apesar de não poder revelar a própria identidade, a Lúcia soube infundir nas suas companheiras um ardente amor a Nossa Senhora. Concluídos os estudos, ingressou no Noviciado das Irmãs Doroteias em Tui, na Espanha. Professou em 1928 com o nome de Irmã Maria das Dores. A única sobrevivente dos três pastorinhos foi favorecida por ultteriores aparições e revelações que completam a mensagem de Fátima. A elas se referem os documentos publicados em apêndice. Para poder dedicar-se completamente à oração e a penitência, segundo o desejo da Virgem, a Irmã Maria das Dores foi autorizada a abraçar a vida de clausura. Após breve estadia em Fátima (Maio de 1946) deixou o Instituto das Doroteias e entrou para o Carmelo de Coimbra onde tomou o nome de Irmã Maria Lúcia do Coração Imaculado.

A Autoridade Civil tem empregado todos os meios, inclusive as perseguições, prisões e ameaças de toda a ordem, para acabar com o movimento religioso naquele lugar. Todos esses esforços têm sido infrutíferos. E ninguém poderá afirmar que a Autoridade Eclesiástica impulse a fé nas Aparições, muito pelo contrário».

De acordo com o que acaba de expor, o Prelado nomeia uma comissão destinada a estudar o caso e organizar o processo canónico. Entre os seus membros figuram os Revs. Dr. Formigão e Dr. Marques dos Santos.

Em Outubro de 1926, comemorava a cidade de Leiria o VII centenário da morte do «Poverello». Assistia a essas festas o Núncio Apostólico que, acompanhado pelo Bispo da Diocese, visitou em seguida a Batalha e, como por mero acaso, o local das aparições.

Que impressão teria daí colhido Monsenhor Nicotra e comunicado à Santa Sé, jamais se saberá. O que é certo é que, antes de três meses, em 21 de Janeiro de 1927, era concedido para Fátima o privilégio da Missa Votiva.

Em 26 de Julho do mesmo ano, o Prelado Diocesano preside, pela primeira vez, a um acto de culto na Cova da Iria, após a erecção da Via-Sacra na estrada de Leiria, desde o Reguengo do Fetal até Fátima.

Já antes da visita do Núncio Apostólico, tinham vindo a Fátima os Arcebispos de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, e o Primaz de Braga, D. Manuel Vieira de Matos. Depois vieram todos os Prelados do Continente, Ilhas e Colónias. O último, até mesmo em consentir que na sua Diocese se invocasse publicamente Nossa Senhora sob o novo título, foi o Senhor D. Domingos Frutuoso, de Portalegre. Tendo ido, porém, a Roma, e verificado como ali se venerava já Nossa Senhora de Fátima, e como o Santo Padre tinha distribuído estampas da mesma Imagem aos alunos do Colégio Português, voltou cheio de fervor pela Senhora, aparecida na sua Pátria dizendo: «Não quero ser mais papista que o Papa». Organizou uma imponente peregrinação, em Março de 1931, e foi o primeiro Prelado que celebrou Missa solene de Pontifical na Cova da Iria.

O primeiro, porém, que se apresentara ali com as vestes prelatícias, foi o Senhor D. António Manuel Pereira, Bispo do Funchal, em 13 de Dezembro de 1926.

Assim foi passando o tempo, até que a comissão de inquérito

deu por findo o seu trabalho e o Senhor D. José Alves Correia da Silva publicava, em Outubro de 1930, nova pastoral concernente às aparições, que terminava com os seguintes e memoráveis parágrafos:

«Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos para maior brevidade, invocando, humildemente, o Divino Espírito e confiando na protecção da Virgem Santíssima, depois de ouvirmos os Reverendos consultores desta Diocese.

Havemos por bem:

- 1.º – Declarar como dignas de crédito as visões dos pastorinhos na Cova da Iria, freguesia da Fátima, desta Diocese, nos dias 13, de Maio a Outubro de 1917.
- 2.º – Permitir, oficialmente, o culto de Nossa Senhora de Fátima».

Nada mais era preciso para desencadear sobre a Cova da Iria as torrentes de peregrinações que deveriam alcançar do Céu para a Terra Portuguesa, uma imensidade – e singularidade – de graças.

Em 12 e 13 de Maio de 1937 é a primeira Peregrinação Nacional. Na mais corrente opinião, participa meio milhão de peregrinos. Preside o Núncio Apostólico.

A Segunda Peregrinação Nacional efectua-se no dia 13 de Maio de 1938. Trata-se do cumprimento dum voto feito pelo Episcopado Português, se Nossa Senhora livrasse a Nação do perigo comunista que assolara a Espanha.

13 de Outubro de 1939 marca uma das páginas mais gloriosas do novo Santuário Mariano. O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, preside à Peregrinação da Paz.

De 8 a 13 de Abril de 1942, por ocasião do seu 2.º Congresso Nacional, a Juventude Católica empreende e leva a cabo com êxito inexcédível, a jornada triunfal da Imagem da Capelinha das Aparições até à capital, que remata no dia 13 de Maio com nova Peregrinação Nacional, sob todos os aspectos, notabilíssima.

**A IGREJA
E AS APARIÇÕES DE FÁTIMA**

I

PIO XII FALA PARA PORTUGAL ATRAVÉS DA RÁDIO

Em 1942 celebraram-se as Bodas de Prata das Aparições de Nossa Senhora. Por esse motivo o Santo Padre Pio XII, em 31 de Outubro, proferiu através da rádio, em português, um significativo discurso que culminou com a consagração da humanidade ao Coração Imaculado de Maria.

Transcrevemos alguns parágrafos:

«Veneráveis Irmãos e Amados Filhos! Bendizei ao Deus do Céu e glorificai-o no conspecto de todos os viventes porque Ele usou convosco da suas misericórdias. Mais uma vez neste ano de graças, subistes em devota romagem à montanha santa da Fátima, levando convosco os corações de todo o Portugal crente, para aí, nesse oásis embalsamado de fé e piedade, depositardes aos pés da Virgem Padroeira o tributo filial do vosso amor acrisolado, a homenagem da vossa gratidão pelos imensos benefícios ultimamente recebidos, a súplica confiada de que se digne continuar o seu patrocínio sobre a vossa Pátria, defendendo-a da grande tribulação que atormenta o mundo.

Nós que, como Pai comum dos fiéis, fazemos Nossas, tanto as tristezas como as alegrias dos Nossos filhos, com todo o afecto da Nossa alma Nos unimos convosco para louvar e engrandecer ao Senhor, dador de todos os bens; para agradecer-Lhe as graças de Aquela por cujas mãos a munificência divina vos comunica essas torrentes de graças. E tanto mais gostosamente o fazemos, porque vós, com delicadeza filial, quisestes associar, nas mesmas solenidades eucarísticas impetratórias, o Jubileu de Nossa Senhora da Fátima e o 25.º aniversário da Nossa consagração episcopal: a Virgem Santa

Maria e o Vigário de Cristo na Terra, duas devoções profundamente portuguesas e sempre unidas no afecto de Portugal fidelíssimo desde os primeiros alvares da nacionalidade, desde quando as primeiras terras reconquistadas, núcleos da futura Nação, foram consagradas à Mãe de Deus como Terra de Santa Maria e o Reino, apenas constituído, foi posto sob a égide de São Pedro.

A gratidão pelo passado é penhor de confiança para o futuro.

Deus exige de nós que lhe rendamos graças pelos benefícios recebidos não porque precise dos nossos agradecimentos, mas para que estes o provoquem a conceder-nos benefícios ainda maiores.

Por isso é justo confiar em que também a Mãe de Deus, aceitando o vosso rendimento de graças, não deixará incompleta a sua obra e vos continuará, indefectível, o patrocínio até hoje dispensado, preservando-vos de maiores calamidades.

Mas, para que a confiança não seja presumida, é preciso que todos, conscientes das próprias responsabilidades, se esforcem por não desmerecer o singular favor da Virgem Mãe, antes como bons filhos, agradecidos e amantes, conciliem cada vez mais o seu materno carinho.

Hoje, em que o quarto ano de guerra amanheceu mais sombrio ainda no sinistro alastrar do conflito, hoje, mais do que nunca, só nos resta a confiança em Deus, e como medianeira perante o trono divino, Aquela que um Nosso predecessor, no primeiro conflito mundial, mandou invocar como a Rainha da Paz. Invoquemo-la mais uma vez que só Ela nos pode valer. Ela, cujo coração materno se comoveu perante as ruínas que se acumulavam na vossa Pátria, e tão maravilhosamente a socorreu, Ela que, condoída da previsão desta imensa desventura com que a Justiça de Deus penitencia o mundo, já de antemão apontava na oração e na penitência o caminho da salvação. Ela não nos há-de negar a sua ternura materna e a eficácia do seu patrocínio».

CONSAGRAÇÃO AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

«Rainha do Santíssimo Rosário, auxílio dos cristãos, refúgio do género humano, vencedora de todas as grandes batalhas de Deus, ao Vosso trono, súplices nos prostramos, seguros de conseguir misericórdia e de encontrar graça e auxílio oportuno nas presentes calamidades, não pelos nossos méritos, que não presumimos, mas unica-

mente pela imensa bondade do Vosso Coração materno. A Vós, ao Vosso Imaculado Coração, nós como Pai comum da grande família cristã, como Vigário d'Aquele a quem foi dado todo o poder no Céu e na terra, e de quem recebemos a solicitude de quantas almas, remidas com o seu Sangue, povoam o mundo universo; a Vós, ao Vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos, não só a Santa Igreja, corpo místico do Vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes, por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo dilacerado por cruciais discórdias, abrasado em incêndios de ódio, vítima das suas próprias iniquidades. Comovam-Vos, tantas ruínas materiais e morais, tantas dores, tantas agonias dos pais, das mães, dos esposos, dos irmãos, das criancinhas inocentes, tantas vidas ceifadas em flor, tantos corpos despedaçados numa horrenda carnificina, tantas almas torturadas e agonizantes, tantas em perigo de se perderem eternamente.

Vós, Mãe de Misericórdia, impetrai-nos de Deus a paz e, primeiro, as graças que podem num momento converter os maus corações, as graças, que preparam, conciliam, asseguram a paz! Rainha da Paz, rogai por nós e dai ao mundo em guerra a paz por que os povos suspiram, a paz na verdade, na justiça, na caridade de Cristo! Dai-lhe a paz das armas e das almas para que, na tranquilidade da ordem, se dilate o Reino de Deus.

Estendei a Vossa protecção aos infiéis e a quantos jazem ainda nas sombras da morte; dai-lhes a paz e fazei que lhes raie o sol da verdade e possam conosco diante do único Salvador do mundo, repetir: Glória a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade! (Luc. 2,14).

Aos povos, pelo erro e pela discórdia separados, nomeadamente aqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse o Vosso venerando ícone, hoje talvez escondido e reservada para melhores dias, dai-lhes a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor. Obtende paz e liberdade completa para a Igreja Santa de Deus. Sustai o dilúvio inundante de neo-paganismo, todo matéria, e fomentai nos fiéis o amor da pureza, a prática da vida cristã e do zelo apostólico, para que o povo dos que servem a Deus aumente em mérito e em número.

Enfim, como ao Coração do Vosso Jesus foram consagrados a Igreja e todo o género humano, para que, colocando nele todas as

suas esperanças, lhes fosse sinal e penhor de vitória e salvação, assim, desde hoje, Vos sejam perpetuamente consagrados também a Vós e ao Vosso Coração Imaculado, ó Mãe Nossa e Rainha do mundo, para que o Vosso amor e patrocínio apressem o triunfo do Reino de Deus, e todas as gerações humanas, pacificadas entre si e com Deus, a Vós proclamem Bem-aventurada e convosco entoem, de um pólo ao outro da terra, o eterno Magnificat de glória, amor, reconhecimento ao Coração de Jesus, onde só podem encontrar a Verdade, a Vida e a Paz».

Roma, no mais alto significado, reconhecia, aprovava e abençoava as Aparições aos pastorinhos de Aljustrel.

E Fátima alastrava por todo o mundo.

II

É O SANTO PADRE PIO XII QUE ME ENVIA...

(Cardeal Masella)

Passaram cerca de quatro anos. A guerra mundial acabou. A Nação lusa, visivelmente protegida pela Virgem Santíssima, que a preservou do terrível flagelo, quer prestar-lhe o seu preito de gratidão e amor.

Tinham as mulheres portuguesas mandado fazer com as suas jóias uma riquíssima coroa para ofertar à Imagem que desde as primícias do Santuário se tem venerado na Capelinha das Aparições: era a altura de se realizar a almejada cerimónia da coroação.

Dado o carinho com que Pio XII tem acompanhado o ressurgimento católico de Portugal, tão evidentemente ligado aos acontecimentos da Fátima, o Episcopado decidiu solicitar ao Santo Padre que enviasse um Legado para a solene coroação.

Na tarde do dia 10 de Maio de 1946, chegava a Lisboa, e era recebido com todas as honras devidas a um Legado Pontifício, o Cardeal Bento Aloisi Masella.

As suas primeiras palavras, radiofundiram-se por todo o País:

«O grande e sincero amigo de Portugal, que vos dirige a palavra neste momento, experimenta a maior satisfação, voltando, depois de muitos anos, a esta Nação. É o Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, que muito ama este país e que se interessa sempre pelos seus acontecimentos, que me envia a vós, amados filhos de Portugal, com a honrosíssima missão de coroar a Virgem Santíssima de Fátima, Nossa Mãe e Nossa Rainha.

É o Legado Pontifício que chega agora para dizer-vos que o Santo Padre Pio XII sempre se interessa pelo progresso desta nobre nação. É o Santo Padre Pio XII que me envia aqui para poder-se unir convosco à homenagem grandiosa que durante estes dias vós quereis prestar à Virgem Santíssima».

No dia 12, cerca de 800.000 pessoas aguardavam na Cova da Iria o Eminentíssimo purpurado que aparecia cercado dos Prelados da Metrópole e das mais altas personalidades.

Transcrevemos excertos da mensagem do Papa que, no dia 13 de Maio de 1946, logo após a cerimónia da coroação, dirigiu aos peregrinos de Fátima e a todos os portugueses, através da rádio:

MENSAGEM DE PIO XII

«Veneráveis irmãos e amados filhos!

Bendito seja o Senhor Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias, Deus de toda a consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, e com o Senhor seja bendita Aquela que Ele constituiu Mãe da Misericórdia, Rainha, Advogada nossa, amorosíssima medianeira das suas graças, dispensadora dos seus tesouros.

Quando há quatro anos, em pleno rumorejar da mais funesta guerra que viu a História, Nós convosco, pela primeira vez, subimos em espírito a este Monte Santo, para convosco agradecermos à Virgem Senhora da Fátima os benefícios imensos com que recentemente vos tinha agraciado, foi ocasião magnífica de juntarmos os gritos de filial confiança para que a Imaculada Rainha e Padroeira de Portugal completasse o que tão maravilhosamente tinha começado.

A nossa presença, hoje, neste Santuário, em multidão tão imensa que ninguém a pode contar, está atestando que a Virgem Senhora, a Imaculada Rainha, cujo coração materno e compassivo fez o prodígio da Fátima, ouviu superabundantemente as vossas súplicas. O amor ardente e reconhecido vos trouxe, e vós quisestes dar-lhe uma expressão sensível condensando e simbolizando naquela coroa preciosa, fruto de tantas generosidades e tantos sacrifícios com que, por mão do Nosso Cardeal Legado, acabamos de coroar a Imagem taumaturga, símbolo expressivo que, se aos olhos da celeste Rainha

atesta o vosso filial amor e gratidão, primeiro vos recorda a vós o amor imenso, expresso em benefícios sem conta, que a Virgem Mãe tem espargido sobre a sua terra de Santa Maria.

Basta reflectir nestes três últimos decénios, pelas crises atravessadas e pelos benefícios recebidos, equivalentes a séculos, basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria, transformada em fonte manancial de graças soberanas, de prodígios físicos e, muito mais, de milagres morais, as torrentes que daqui se derramam sobre todo o Portugal, e de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espreadando por toda a Igreja e por todo o Mundo.

Como não agradecer, ou antes, como agradecer condignamente?!

Há trezentos anos, o monarca da Restauração, em sinal do amor e reconhecimento seu e do seu povo, depôs a coroa real aos pés da Imaculada, proclamada Rainha e Padroeira; hoje sois vós todos, todo o povo da Terra de Santa Maria com os pastores das suas almas, com o seu Governo.

Às preces ardentes, aos sacrifícios generosos, às solenidades eucarísticas, às mil homenagens que vos ditou o amor filial e reconhecido, juntastes aquela preciosa coroa, e com ela cingistes a fronte de Nossa Senhora de Fátima. Aqui, neste oásis bendito, impregnado de sobrenatural, onde mais sensível se experimenta o Seu prodigioso patrocínio, onde todos sentistes mais perto o Seu Coração Imaculado a pulsar de imensa ternura e solicitude materna por vós e pelo Mundo.

Vós, coroando a Imagem de Nossa Senhora, assinastes como que um atestado de fé na Sua realeza, duma submissão leal à Sua autoridade, de uma correspondência filial e constante ao Seu amor.

Nesta hora decisiva da História, em que o reino do mal, com infernal cruzeza, emprega todo o seu mundo e empenha todas as forças para destruir a fé, a moral, o Reino de Deus – os filhos da luz, os filhos de Deus, devem empenhar tudo, congregar-se todos para os defender e não se perderem na ruína imensamente maior e mais desastrosa que todas as ruínas materiais acumuladas pela guerra.

Na esperança de que os nossos votos sejam favoravelmente acolhidos pelo Coração Imaculado de Maria e apressem a hora do Seu triunfo, do triunfo do Reino de Deus, como penhor das graças celestes, a vós, Veneráveis Irmãos, e a todo o Vosso Clero, ao

Excelentíssimo Presidente da República, ao ilustre Chefe e aos membros do Governo, às demais autoridades civis e militares, a todos vós, amados filhos e filhas, a vós os peregrinos de Nossa Senhora da Fátima, e a quantos convosco estão unidos em espírito, damos, com todo o amor e carinho paterno, a bênção Apostólica».

III

«VENHO A PORTUGAL, E SOU PORTADOR DE MENSAGENS!...»

(Cardeal Tedeschini)

O Santo Padre PIO XII determinou que as solenidades do encerramento do Ano Santo Mariano se realizassem em 13 de Outubro de 1951, no Santuário de Fátima. Como seu representante enviou o Cardeal Frederico Tedeschini que, à chegada a Lisboa, pronunciou as seguintes palavras de saudação:

«Ao chegar à tão suspirada meta da minha viagem, prostro-me de joelhos para beijar esta terra que foi santificada pelos pés da Virgem Maria, ouviu a sua voz e as suas mensagens.

Também eu venho a Portugal e sou portador de mensagens: São as mensagens do Sumo Pontífice, a continuação da Mensagem de Maria e da particular benevolência com que Ela honra Portugal». ¹

¹ Não podemos deixar de arquivar aqui uma revelação feita pelo Cardeal-legado durante o seu discurso, a propósito duma visão extraordinária de que foi protagonista o próprio Santo Padre, Pio XII, em Roma. Eis as suas palavras.

«Eram as quatro horas da tarde dos dias 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro de 1950. Nos jardins do Vaticano, o Santo Padre voltou para o sol um olhar e então renovou-se aos seus olhos o prodígio de que fora testemunha este mesmo vale, em 1917, neste mesmo dia. O disco solar circundado por um halo, quem o pode fitar? Pôde-o Ele, durante aqueles quatro dias; sob a mão de Maria, pôde assistir à vinda do sol, agitado, convulso, palpitante de vida, a transmitir, num espectáculo de celestes movimentos, silenciosas mas eloquentes mensagens ao Vigário de Cristo.

Não é isto Fátima trasladada para o Vaticano? Não é isto o Vaticano transformado em Fátima? Mas o binómio Fátima-Vaticano evidenciou-se como nunca, durante o Santo Jubileu».

Na pessoa do seu Legado, chegava pois, ao Santuário da Cova da Iria, Sua Santidade. Largamente ficou registado na Imprensa mundial esse acontecimento que encheu de felicidade e glória a Terra Portuguesa.

Foi esta, na sua essência, a mensagem do Sumo Pontífice, radiofundida no dia 13 de Outubro de 1951:

MENSAGEM DE PIO XII

«Veneráveis irmãos e amados filhos. *Magnificat Anima Mea Dominum!* É a palavra que espontânea acode aos Nossos lábios para traduzir os sentimentos que Nos inundam a alma, neste momento histórico das actuais solenidades, a que presidimos na pessoa do Nosso digníssimo Cardeal Legado; solenidades, ou hino grandioso de acção de graças, que pelo inestimável benefício do Ano Santo Mariano, a vossa iluminada piedade quis elevar ao Senhor aí nessa montanha privilegiada de Fátima, pela Virgem Mãe escolhida para trono das suas misericórdias e manancial inexaurível de graças e maravilhas. Há um ano, na hora saudosamente solene, em que na Basílica do Príncipe dos Apóstolos, em Roma, encerrávamos a Porta Santa, parecia-nos ver o Anjo do Senhor, que saindo por ela, doze meses antes, se fora por todo o Mundo a convidar as almas de boa vontade para que viessem a procurar a paz e renovar a vida sobrenatural na salutar piscina do Jubileu, preparada no coração da Cidade Eterna.

Hoje, que está prestes a concluir-se o Jubileu estendido a todo o orbe, volvendo sobre ele um olhar retrospectivo outra visão não menos consoladora prende o Nosso espírito. Não é já, ou não é só o Anjo do Senhor, é a Rainha dos Anjos, que saindo nas suas imagens taumaturgas dos mais célebres santuários da cristandade, e nomeadamente desse Santuário de Fátima – onde o Céu Nos concedeu coroa-la «Regina Mundi» – percorre, em visita jubilar todos os seus domínios. E à sua passagem, na América como na Europa, na África e na Índia, na Indonésia e Austrália chovem as bênçãos do Céu, multiplicam-se as maravilhas da graça por tal forma, que apenas podemos crer no que vêem os olhos. Não são só os filhos da Igreja obedientes e bons que redobram de fervor; são pródigos que, vencidos da saudade dos carinhos maternos, voltam à casa paterna; e são

ainda – quem poderá imaginá-lo! – em países onde apenas começou a raiar a luz do Evangelho, tantos envoltos nas trevas do erro, que quase à porfia com os fiéis de Cristo, aguardam a sua visita e a acolhem e a aclamam delirantemente, e a veneram e a invocam e dela obtêm graças assinaladas.

Amados Filhos, que em tão grande número acorrestes hoje ao oásis bendito deste Santuário mariano, qual grandiosa representação de quantos por toda a vastidão do orbe se esmeram em aproveitar os inestimáveis tesouros do Ano Santo, aqui aos pés da Rainha do mundo e da Paz com as mais férvidas acções de graça, renovai e confiai-lhe os propósitos salutareis e concedidos no Santo Jubileu; repeti-lhe e confiai-lhe as esperanças, as súplicas e as ânsias do mundo inteiro; e formai a resolução de descer daqui apóstolos do Deus da Paz, para trabalhar para ele com o exemplo de uma vida cristã renovada, com a oração incessante e confiada ao Céu, e com toda a possível actividade que a Providência vos proporcionar.

Nós, continuando a trabalhar indefessamente e por todos os meios ao nosso alcance pelo grande bem da Família humana, é sobretudo na poderosíssima intercessão da Virgem que colocamos as Nossas esperanças, invocando-A incessantemente, para que se digne apressar a hora em que, de um extremo ao outro do mundo, se realize o hino angélico: *Glória a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade*».

IV

RECORDAMOS COM A ALMA COMOVIDA A IMENSA MULTIDÃO DE FIÉIS...

(João XXIII)

Também os sucessores de Pio XII associaram o seu nome e a sua piedade à Virgem de Fátima.

João XXIII, antes de ter sido eleito Papa, esteve em Fátima em 1956, a presidir às celebrações do 25.º aniversário da Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. Mais tarde, já Papa, em 24 de Outubro de 1962, recordará com saudade o espectáculo por ele testemunhado, ao dirigir a palavra a um grupo de 800 peregrinos portugueses em Roma:

«A vossa presença leva-Nos com o pensamento ao dia 13 de Maio de 1956. Então, por amável convite do Bispo de Leiria, eis-nos em Fátima para assistirmos a uma daquelas celebrações populares, que são o encanto dos olhos e a edificação do espírito. Recordamos, com a alma comovida, a imensa multidão de fiéis reunidos na Cova da Iria, por ocasião das Bodas de Prata da consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. Foi esse o Nosso primeiro encontro com a vossa terra hospitaleira, com o bom povo, no qual germina, com raízes profundas, a fidelidade genuína à vida cristã e à Igreja.

Durante a Missa cantada, dirigimos a Nossa palavra aos presentes, começando por um cumprimento cordial, que Nos é agradável recordar aqui: «Conhecia Portugal – dissemos então, há seis anos – como uma terra gloriosa de navegadores, de conquistadores, de

missionários, de santos excepcionais. Não pensava em mais nada. Agora, porém, revela-se-me como uma terra misteriosa, aberta a um apostolado novo, a ponto de me deixar estupefacto, pelo forte chamamento, que ele contém, aos princípios eternos do Evangelho, anunciados por Cristo a todo o mundo, mas confiados com a nítida e mais distinta atenção aos pequeninos, aos inocentes, aos pobres».

V

VIEMOS AOS PÉS DA RAINHA DA PAZ PEDIR-LHE A PAZ

(Paulo VI)

No dia 13 de Maio de 1967, o Sumo Pontífice Paulo VI foi em peregrinação a Fátima para comemorar o 50.º Aniversário das aparições da Virgem na Cova da Iria. Um milhão de peregrinos, reunidos à sua volta, compreenderam o significado da viagem que tinha a dupla finalidade de homenagear a Mãe de Deus e invocar a Sua intercessão a favor da paz na Igreja e no mundo.

A presença de Paulo VI nos lugares santificados por Nossa Senhora durou poucas horas. Todavia, ela assinalou uma correspondência grandiosa de fervor, por parte dos fiéis presentes. O Papa quis ter a seu lado a Irmã Lúcia e apresentou-a à multidão.

Apraz-nos transcrever a parte essencial da homilia proferida durante a celebração da Missa:

HOMILIA DE PAULO VI

«Veneráveis irmãos e dilectos filhos:

Tão grande é o Nosso desejo de honrar a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Cristo e Mãe nossa, tão grande é a Nossa confiança na sua benevolência para com a Santa Igreja e para com a Nossa missão apostólica, tão grande é a Nossa necessidade da sua intercessão junto de Cristo que viemos, peregrino humilde e confiante, a este

Santuário bendito, onde se celebra hoje o Cinquentenário das Aparições de Fátima e onde se comemora hoje o vigésimo quinto aniversário da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria.

Nós vos saudamos, irmãos e filhos aqui presentes, a vós especialmente cidadãos desta ilustre Nação que, na sua longa história, deu à Igreja homens santos e grandes, e um povo trabalhador e piedoso; a vós, peregrinos, que viestes de perto e também de longe; e a vós, fiéis da Santa Igreja católica que, nas vossas terras e nas vossas casas, espalhados por todo o Mundo, estais agora espiritualmente voltados para este altar.

O Nosso olhar abrange ainda todos os cristãos não católicos, mas irmãos nossos no baptismo; mencionamo-los com esperança de perfeita comunhão nessa unidade que o Senhor Jesus deseja. E o Nosso olhar abraça o mundo todo: não queremos que a Nossa caridade tenha fronteiras e, neste momento, estendemo-la à humanidade inteira, a todos os governantes e a todos os Povos da Terra.

Vós sabeis quais são as Nossas intenções especiais que desejamos caracterizem esta peregrinação.

A primeira intenção é a Igreja; a Igreja una, santa católica e apostólica.

Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa. É vontade Nossa rezar, a fim de que o culto de Deus hoje e sempre conserve a sua prioridade no Mundo, e a sua lei dê forma à consciência e aos costumes do homem moderno. Este pensamento, que anima e estimula a Nossa oração, leva-Nos a pensar neste momento naqueles países, em que a liberdade religiosa está praticamente suprimida e onde se promove a negação de Deus, como se esta representasse a verdade dos tempos novos e a libertação dos povos. Mas a verdade é bem diferente. Rezamos por esses países; rezamos pelos nossos irmãos crentes dessas nações, a fim de que a íntima força de Deus os sustente e a verdadeira liberdade civil lhes seja concedida.

E, assim, passamos à segunda intenção deste Nosso peregrinar, intenção que enche a Nossa alma: o Mundo, a paz do Mundo.

Sabeis como a consciência da missão da Igreja no mundo, missão de amor e de serviço, se tornou, no dia de hoje, depois do Concílio, bem vigilante e bem activa. Sabeis como o Mundo se acha numa fase de grande transformação por causa do seu enorme e maravilhoso progresso, na consciência e na conquista das riquezas da

terra e do universo. Mas sabeis também e verificais que o Mundo não é feliz nem está tranqüilo.

A primeira causa desta sua inquietação é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a paz. Tudo parece impelir o Mundo para a fraternidade, para a unidade; no entanto, no seio da humanidade, descobrimos ainda tremendos e contínuos conflitos. Por este motivo, viemos Nós aos pés da Rainha a pedir-Lhe a paz, dom que só Deus pode dar.

Sim, a paz é dom de Deus, que supõe a intervenção de uma acção do mesmo Deus, acção extremamente boa, misericordiosa e misteriosa. Mas, nem sempre é dom miraculoso; é dom que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem necessidade da livre aceitação e da livre colaboração da nossa parte. Por isso, a nossa oração, depois de se ter dirigido ao céu, dirige-se aos homens de todo o mundo.

Homens – dizemos neste momento singular – procurai ser dignos do dom divino da paz! Homens, sede homens! Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo! Homens, sede magnânimos! Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse, não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles! Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projectos de conforto comum e de colaboração solidária! Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura.

Homens, escutai, através da Nossa humilde e trémula voz, o eco vigoroso da Palavra de Cristo: «*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra, bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus*».

VI

O APELO DE MARIA NÃO É SÓ PARA UMA VEZ

(João Paulo II)

O Papa João Paulo II esteve em Portugal entre 12 e 15 de Maio de 1982. Visitou Lisboa, Vila Viçosa, Coimbra, Sameiro e Porto; mas veio especialmente como peregrino a Fátima.

O Papa chegou ao Santuário na tarde do dia 12 e, na saudação que dirigiu aos peregrinos, explicou o motivo da sua presença na Cova da Iria:

«Gratidão, comunhão, vida! Nestas três palavras está a explicação da minha presença aqui, neste dia; e se me permitis, também da vossa presença. Aqui atinjo o ponto culminante da minha viagem a Portugal. Quero fazer-vos uma confidência:

Desde há muito que eu tencionava vir a Fátima, conforme já tive ocasião de dizer à minha chegada a Lisboa; mas, desde que se deu o conhecido atentado na Praça de São Pedro, há um ano atrás, ao tomar consciência, o meu pensamento voltou-se imediatamente para este Santuário, para depor no coração da Mãe celeste o meu agradecimento, por me ter salvo do perigo. Vi em tudo o que foi sucedendo – não me canso de o repetir – uma especial protecção materna de Nossa Senhora. E por coincidência – e não há meras coincidências nos desígnios da Providência Divina – vi também um apelo e, quiçá, uma chamada de atenção para a mensagem que daqui partiu, há sessenta e cinco anos, por intermédio de três crianças, filhas de gente humilde do campo, os pastorinhos de Fátima, como são conhecidos universalmente.

E aqui estou convosco, peregrino entre peregrinos, nesta assembleia da Igreja peregrina, da Igreja viva, santa e pecadora, para *«louvar o Senhor, porque é eterna a sua misericórdia»*; pessoalmente, para cantar essa misericórdia, pois foi *«graças ao Senhor que não fui aniquilado; sim, não se esgotou a sua misericórdia»*. Desejo repetir hoje, uma vez mais, diante de vós, amados irmãos e irmãs, estas palavras, que eu disse no dia 7 de Outubro de 1981, na primeira audiência após o atentado; elas exprimem, em eco, aquilo que sucedeu naquele dia treze de Maio do ano passado; exprimem gratidão ao Altíssimo, a Nossa Senhora e Mãe, aos Santos protectores e a todos os que, directa ou indirectamente, contribuíram para me salvar a vida e me ajudaram a recuperar a saúde.

Foi *«graças ao Senhor que não fui aniquilado»*: disse-o a primeira vez na festa de Nossa Senhora do Rosário; repito-o hoje, em Fátima, que tanto nos fala do rosário – da reza do terço – como diziam os pastorinhos. O rosário, o terço, é e permanecerá sempre uma oração de reconhecimento, de amor e de confiante súplica: a oração da Mãe da Igreja!.

No dia 13, João Paulo II presidiu à solene concelebração eucarística e renovou a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Da homilia que então proferiu, destacamos:

HOMILIA DE JOÃO PAULO II

«O conteúdo do apelo de Nossa Senhora de Fátima está tão profundamente radicado no Evangelho e em toda a Tradição que a Igreja se sente interpelada por essa mensagem. E a mesma Igreja respondeu à interpelação, mediante o servo de Deus Pio XII, cuja ordenação episcopal se realizara precisamente a treze de Maio de 1917, o qual quis consagrar ao Imaculado Coração de Maria o género humano e especialmente os povos da Rússia. Com essa consagração não terá ele, porventura, correspondido à eloquência evangélica do apelo de Fátima?

E como é que se apresenta hoje, diante da Santa Mãe que gerou o Filho de Deus, no seu Santuário de Fátima João Paulo II, sucessor de Pedro e continuador da obra de Pio, de João e de Paulo e é particular herdeiro do Concílio Vaticano II?

Apresenta-se com ansiedade, a fazer a re-leitura daquele chama-

mento materno à penitência e à conversão, daquele apelo ardente do Coração de Maria, que se fez ouvir aqui em Fátima, há sessenta e cinco anos. Sim, relê-o, com o coração amargurado, porque vê quantos homens, quantas sociedades e quantos cristãos foram indo em direcção oposta àquela que foi indicada pela mensagem de Fátima. O pecado adquiriu assim um forte direito de cidadania e a negação de Deus difundiu-se nas ideologias, nas concepções e nos programas humanos.

O sucessor de Pedro apresenta-se aqui também como testemunha dos imensos sofrimentos do homem, como testemunha das ameaças quase apocalípticas, que pesam sobre as nações e sobre a humanidade. E procura abraçar esses sofrimentos com o seu fraco coração humano, ao mesmo tempo que se põe bem diante do mistério do Coração: do Coração da Mãe, do Coração Imaculado de Maria.

Em virtude desses sofrimentos, com a consciência do mal que alastra pelo mundo e ameaça o homem, as nações e a humanidade, o sucessor de Pedro apresenta-se aqui com uma fé maior na redenção do mundo; fé naquele amor salvífico que é sempre maior, sempre mais forte do que todos os males.

Uma vez mais, efectivamente, o apelo de Maria não é para uma vez só. Ele continua aberto para as gerações que se renovam, para ser correspondido, de acordo com os sinais dos tempos sempre novos. A ele se deve voltar incessantemente. Há que retomá-lo sempre de novo».

VII

EU TE BENDIGO, Ó PAI!

(Mateus, 11,25)

Nos dias 12 e 13 de Maio do ano 2000, o Papa João Paulo II esteve em Fátima para beatificar os pastorinhos Francisco Marto e Jacinta Marto.

Durante a Eucaristia do memorável dia 13, o Papa declarou beatos o Francisco e a Jacinta com as seguintes palavras: “Acolhendo o desejo expresso pelo nosso Irmão Dom Serafim, Bispo de Leiria-Fátima, por muitos outros Irmãos no Episcopado e por tantos fiéis cristãos, depois de termos ouvido o parecer da Congregação da Causa dos Santos, com a Nossa Autoridade Apostólica concedemos que, de hoje em diante, os Veneráveis Servos de Deus Francisco Marto e Jacinta Marto sejam chamados Beatos e possa celebrar-se anualmente, nos lugares e segundo as normas do direito, a festa de Francisco e Jacinta Marto no dia 20 de Fevereiro. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

O Santo Padre iniciou a homilia com as palavras de Jesus: “Eu Te bendigo, ó Pai, (...) porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Falou da heroicidade dos dois pastorinhos. Sobre o Francisco disse: “Na sua vida, dá-se uma transformação que poderíamos chamar radical; uma transformação certamente não comum em crianças da sua idade. Entrega-se a uma vida espiritual intensa, que se traduz em oração assídua e fervorosa, chegando a uma verdadeira forma de união mística com o Senhor. Isto mesmo leva-o a uma progressiva purificação do espírito, através da renúncia aos próprios gostos e até às brincadeiras inocentes de criança. Suportou os grandes sofrimentos da doença que o levou à morte, sem nunca se lamentar. Tudo lhe parecia pouco para

consolar Jesus; morreu com o sorriso nos lábios. Grande era, no pequeno Francisco, o desejo de reparar as ofensas dos pecadores, esforçando-se por ser bom e oferecendo sacrifícios e oração”.

Referindo-se à Jacinta, o Papa afirmou: “Na sua solicitude materna, a Santíssima Virgem veio aqui, a Fátima, pedir aos homens para” não ofenderem mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido “. É a dor de Mãe que a faz falar; está em jogo a sorte de seus filhos. Por isso, dizia aos pastorinhos:” Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas “. A pequena Jacinta sentiu e viveu como própria esta aflição de Nossa Senhora, oferecendo-se heroicamente como vítima pelos pecadores. Um dia – já ela e Francisco tinham contraído a doença que os obrigava a estar na cama – a Virgem Maria veio visitá-los a casa, como conta a pequenita: “Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito em breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-lhe que sim”. E, ao aproximar-se o momento da partida do Francisco, Jacinta recomendou-lhe:” Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem para converter os pecadores. “Jacinta ficara tão impressionada com a visão do inferno durante a aparição de 13 de Julho, que nenhuma mortificação e penitência era demais para salvar os pecadores. Bem podia ela exclamar com São Paulo:” Alegro-me de sofrer por vós e completo em mim próprio o que falta às tribulações de Cristo em benefício do seu corpo, que é a Igreja “(Col 1,24)”.

João Paulo II relacionou as numerosas testemunhas da fé do século XX e as tribulações por elas sofridas com as aparições de Fátima: “Aqui em Fátima - disse - onde foram vaticinados estes tempos de tribulação, pedindo Nossa senhora oração e penitência para abreviá-los, quero hoje dar graças ao Céu pela força do testemunho que se manifestou em todas aquelas vidas. E desejo, uma vez mais, celebrar a bondade do Senhor para comigo, quando, duramente atingido naquele dia 13 de Maio de 1981, fui salvo da morte. Exprimo a minha gratidão também à beata Jacinta pelos sacrifícios e orações oferecidas pelo Santo Padre, que ela tinha visto em grande sofrimento”.

Sobre o significado da beatificação dos pastorinhos, o Papa disse: “A Igreja quer com este rito colocar sobre o candelabro estas duas candeias que Deus acendeu para alumiar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas”.

A última palavra foi para as numerosas crianças presentes: “Nossa Senhora precisa muito de vós todos, para consolar Jesus, triste com as asneiras que se fazem; precisa das vossas orações e sacrifícios pelos pecadores. Pedi aos vossos pais e educadores que vos metam na ‘escola’ de Nossa Senhora, para que Ela vos ensine a ser como os pastorinhos, que procuravam fazer tudo o que lhes pedia”.

O “SEGREDO” DE FÁTIMA

No fim da celebração eucarística presidida por João Paulo II, o Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado do Vaticano, comunicou aos milhares de peregrinos que o Santo Padre tinha confiado à Congregação para a Doutrina da Fé o encargo de tornar público o texto da terceira parte do “segredo de Fátima”, depois de lhe ter preparado um adequado comentário. O texto original foi divulgado no dia 26 de Junho, em Roma.

Foi na aparição do dia 13 de Julho de 1917 que Nossa Senhora confiou aos pastorinhos o “Segredo” que consta de três partes distintas. As duas primeiras partes foram publicadas, quando a Irmã Lúcia escreveu o texto, por ordem de Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, no dia 31 de Agosto de 1941. A terceira parte foi entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício, em Roma, no dia 4 de Abril de 1957.

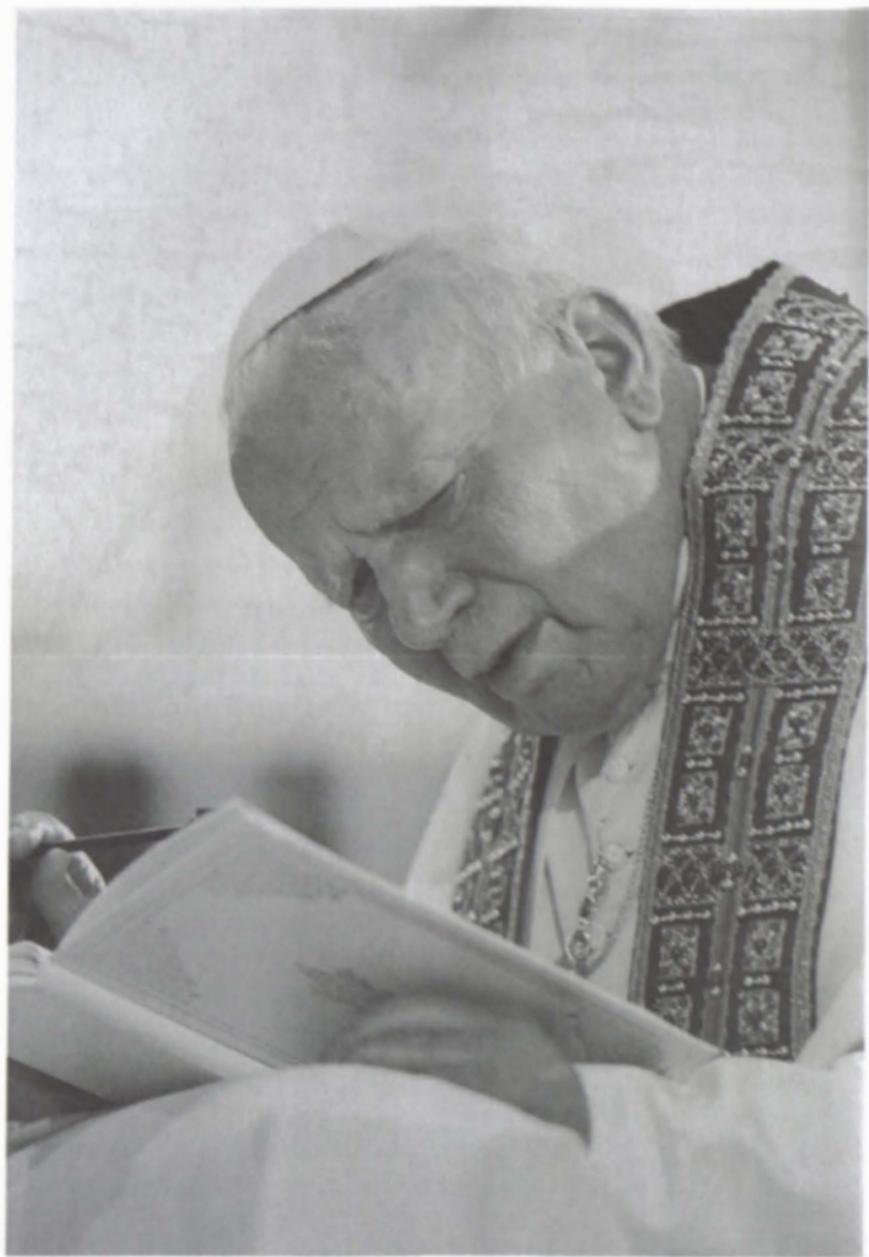
Respirou que bora zigava e jogia estremer de pravor. Os deus-
seiros distinguiram-se por formas fôrivas e sacrosas de animas
separatas e desconfeitos, mas transparentes e negros. Esta ciste
foi um momento, e graças à graça tã Mãe do Céu; que antes
nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu.
(na primeira aparição.) se assim não fosse, creio que teriamos osso-
ris de susto e pravor. E em seguida levantamos os olhos para
vossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza. Tãto o super.
no para onde vã os almas dos pobres pecadores, para as salas de
aus. e tãto o mundo a devã a Mãe Imaculado Coraçã. de fixarem
o que em o biver salvar n. a muitos almas e tãto prã. os que vai
acabar mas se não desparem de ofender a Deus, no sinado de Tã x
comerã outra pecc. Quando virãs uma ciste, annunciada por
uma luz desconhecida, sabi que, si o grande sinal que Deus nos dá de
que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra,
da fome, e de perseguicões à Igreja e ao Santo Padre. Tãto a impedir
não pedir a consagraçã da Missia a Mãe Imaculado Coraçã e a
comunã reparadora nos primicias. Salados de atenderem a
meus pedidos a Missia se converterã e tãto prã, se não se pãrã
seus seus peccos e maldades, por movimento guerra e perseguicões à
Igreja, os seus seã martirizãdos, o Santo Padre tãto o necessitã que
super, varias seã seã enquiãdas, por fãr a Mãe Imaculado
Coraçã transferã. O Santo Padre coragem. seu. a a Missia
que se converterã e não comido o mundo alguma tempo de prã.

Essa Portugal se conservará sempre o Vô-
gessa da fei etc.

Ver transcriçã nas páginas 82 e 83



Francisco e Jacinta Marto



*O Santo Padre João Paulo II declara Beatos
Francisco e Jacinta Marto*



O Santo Padre reza junto do túmulo do Beato Francisco Marto



O Santo Padre reza junto do túmulo da Beata Jacinta Marto

J. M. J.

est terceira parte do segredo
revelado a 13 de junho de 1917
na Lora de S.ia - Fátima

Escrevo em acto de obediên-
cia a vós seus Irmãos, que me
mandais por meio de sua
E.ia. B.ia. o Senhor Bispo
de Leiria e da Lora e S.ia
S.ia. Santíssima Mãe.

Depois das duas partes
que já escrevi, vim ao lado
esquerdo de Nossa Senhora

um pouco mais alto um
estrujo com uma esfacla de
fogo em a mão esquerda; ao
escutelar, despedia chamas que
pareia iam incendiar o
mundo; mas afogavam-se
com o contacto do bilho que
da mão direita expedia fuma
semhora ao seu encontro: o
estrujo apontando com a mão
direita para a terra, com voz
forte disse: Venitência, Venitên
cia, Venitência! E vinvo
A'umma luz enorme que é
Deus. " algo semelhante a como
se vem as fumaças d'um espelho

quando lhe fossem por diante”
um Bispo vestido de Branco
“tivessem o presentimento de
que era o Santo Padre”. Vários
outros Bispos, sacerdotes, religio-
sos e religiosas subia numa
escada de madeira, no topo
da qual estava uma grande
cruz de troncos toscos como se
fóra de sobrado com a coroa,
o Santo Padre, antes de chegar
ai, atravessou uma grande
cidade cheia de ruínas e muito
tremulo com a cabeça vacilante,
acompanhado de dor e pena,
ia orando pelas almas dos cada

vezes que encontrava pelo
caminho; chegado ao sítio do
Monte, fructado de fuchos
aos pés da grande Cruz foi morto
por um grupo de soldados que
lhe dispararam varios tiros e
setes, e assim mesmo foram
trucidados uns três outros os
Bispos, sacerdotes, religiosos e
religiosas e varias pessoas milita-
res, caraballeiros e senhores de varios
claus e posições. Sob os dois bra-
ços da Cruz estavam dois estufos
cada um com um regador
de cristal em cima. N'elles reco-
lhiam o sangue dos Martires e com
elle regavam as almas que se apresen-
tavam de Deus. July-3-1-1944

TRANSCRIÇÃO

“J.M.J.

A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima. Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora, um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fôgo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz emensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'eles recolhiam o sangue dos Mártires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus”. Tuy-3-1-1944.

COMENTÁRIO

No comentário, à terceira parte do “Segredo” o Cardeal José Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, faz a distinção entre “revelação pública” e “revelações privadas”. A primeira, designa a acção reveladora de Deus que se destina à humanidade inteira: está expressa literariamente no Antigo e o Novo Testamento da Bíblia e ficou concluída com a realização do mistério de Cristo no Novo Testamento. O conceito de “revelação privada” applica-se a todas as visões e revelações verificadas depois da conclusão do

Novo Testamento. Nesta categoria, portanto, se deve colocar a mensagem de Fátima. A autoridade das revelações privadas é essencialmente diversa da única revelação pública: esta exige a nossa fé; a revelação privada é um auxílio para a fé, e manifesta-se credível, precisamente porque faz apelo à única revelação pública. É uma ajuda que é oferecida, mas não é obrigatório fazer uso dela. A antropologia teológica distingue, neste âmbito, três formas de percepção ou “visão”: a visão pelos sentidos, ou seja, a percepção externa corpórea; a percepção interior; e a visão espiritual. É claro que, nas visões de Fátima, não se trata da percepção externa normal dos sentidos; também não se trata duma “visão” intelectual sem imagens, como acontece nos altos graus da mística. Trata-se, portanto, da categoria intermédia, a percepção interior que, para o vidente, tem uma força de presença tal que equivale à manifestação externa sensível. A “visão interior” não é fantasia, mas uma verdadeira e própria maneira de verificação.

UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO

O Comentário oferece, depois, uma tentativa de interpretação da terceira parte do segredo de Fátima. “O anjo com a espada de fogo à esquerda da Mãe de Deus lembra imagens análogas do Apocalipse: ele representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo. A possibilidade que este acabe reduzido a cinzas num mar de chamas, hoje já não aparece de forma alguma como pura fantasia: o próprio homem preparou, com suas invenções, a espada de fogo. Em seguida, a visão mostra a força que se contrapõe ao poder da destruição: o brilho da Mãe de Deus e, de algum modo proveniente do mesmo, o apelo à penitência. Deste modo, é sublinhada a importância da liberdade do homem: o futuro não está de forma alguma determinado imutavelmente, e a imagem vista pelos pastorinhos não é, absolutamente, um filme antecipado do futuro, do qual já nada se poderia mudar. Na realidade, toda a visão acontece só para chamar em campo a liberdade e orientá-la numa direcção positiva. O sentido da visão não é, portanto, o de mostrar um filme sobre o futuro, já fixo irremediavelmente; mas exactamente o contrário: o seu sentido é mobilizar as forças da mudança em bem. Por isso, há que considerar completamente extraviadas aquelas explicações fatalistas do “segredo” que dizem, por exemplo, que o autor do atentado de 13 de Maio de 1981 teria sido, em última análise, um instrumento do plano divino predisposto pela Providência e, por conseguinte, não poderia ter

agido livremente, ou outras idéias semelhantes que por aí andam. A visão fala, sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles.

As frases seguintes do texto mostram uma vez mais e de forma muito clara o carácter simbólico da visão: Deus permanece o incomensurável e a luz que está para além de qualquer visão nossa. As pessoas humanas são vistas como que num espelho. Devemos ter continuamente presente esta limitação inerente à visão, cujos confins estão aqui visivelmente indicados. O futuro é visto apenas “como que num espelho, de maneira confusa” (cf. 1 Cor 13, 12).

Consideremos agora as diversas imagens que se sucedem no texto do “segredo”. O lugar da acção é descrito com três símbolos: uma montanha íngreme, uma grande cidade meia em ruínas e finalmente uma grande cruz de troncos toscos. A montanha e a cidade simbolizam o lugar da história humana: a história como árdua subida para o alto, a história como lugar da criatividade e convivência humana e simultaneamente de destruições pelas quais o homem aniquila a obra do seu próprio trabalho. A cidade pode ser lugar de comunhão e progresso, mas também lugar do perigo e da ameaça mais extrema. No cimo da montanha, está a cruz: meta e ponto de orientação da história. Na cruz, a destruição é transformada em salvação; ergue-se como sinal da miséria da história e como promessa para a mesma.

Aparecem lá, depois, pessoas humanas: o Bispo vestido de branco (“tivemos o pressentimento que era o Santo Padre”), outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e, finalmente, homens e mulheres de todas as classes e posições sociais. O Papa parece caminhar à frente dos outros, tremendo e sofrendo por todos os horrores que o circundam. E não são apenas as casas da cidade que jazem meio em ruínas; o seu caminho é ladeado pelos cadáveres dos mortos. Deste modo, o caminho da Igreja é descrito como uma Via Sacra, como um caminho num tempo de violência, destruições e perseguições. Nesta imagem, pode-se ver representada a história dum século inteiro. Tal como os lugares da terra aparecem sinteticamente representados nas duas imagens da montanha e da cidade e estão orientados para a cruz, assim também os tempos são apresentados de forma contraída: na visão, podemos reconhecer o século vinte como século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo, tendo feito experimentar novas formas de crueldade. No “espelho” desta visão, vemos passar as testemunhas da fé de decénios. A este respeito, é

oportuno mencionar uma frase da carta que a Irmã Lúcia escreveu ao Santo Padre no dia 12 de Maio de 1982: “A terceira parte do “segredo” refere-se às palavras de Nossa Senhora: “Se não, (a Rússia) espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas”. Na Via Sacra deste século, tem um papel especial a figura do Papa. Na árdua subida da montanha, podemos sem dúvida ver figurados conjuntamente diversos Papas, começando por Pio X até ao Papa actual, que partilharam os sofrimentos deste século e se esforçaram por avançar, no meio deles, pelo caminho que leva à cruz. Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires. Não era razoável que o Santo Padre, quando, depois do atentado de 13 de Maio de 1981, mandou trazer o texto da terceira parte do “segredo”, tivesse lá identificado o seu próprio destino? Esteve muito perto da fronteira da morte, tendo ele mesmo explicado a sua salvação com as palavras seguintes: “Foi uma mão materna que guiou a trajectória da bala e o Papa agonizante deteve-se no limiar da morte”. O facto de ter havido lá uma “mão materna” que desviou a bala mortífera demonstra uma vez mais que não existe um destino imutável, que a fé e a oração são forças que podem influir na história e que, em última análise, a oração é mais forte que as balas, a fé mais poderosa que os exércitos.

A conclusão do “segredo” lembra imagens que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas. Anjos recolhem, sob os braços da cruz, o sangue dos mártires e com ele regam as almas que se aproximam de Deus. O sangue de Cristo e o sangue dos mártires são vistos aqui juntos: o sangue dos mártires escorre dos braços da cruz. O seu martírio realiza-se solidariamente com a paixão de Cristo, identificando-se com ela. Eles completam em favor do corpo de Cristo o que ainda falta aos seus sofrimentos (cf. Col 1, 24). A sua própria vida tornou-se eucaristia, inserindo-se no mistério do grão de trigo que morre e se torna fecundo. O sangue dos mártires é semente de cristãos, disse Tertuliano. Tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, do seu lado aberto, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja. Deste modo, a visão da terceira parte do “segredo”, tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão, e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus. Não se

trata apenas de ver os que sofrem acolhidos na mão amorosa de Deus como Lázaro, que encontrou a grande consolação e misteriosamente representa Cristo, que por nós se quis fazer o pobre Lázaro; mas há algo mais: do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renascimento, porque é a actualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica.

Chegamos assim a uma última pergunta: o que é que significa no seu conjunto (nas suas três partes) o “segredo” de Fátima? O que é que nos diz a nós? Em primeiro lugar, devemos supor, como afirma o Cardeal Sodano, que “os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do “segredo” de Fátima parecem pertencer já ao passado”. Os diversos acontecimentos, na medida em que lá são representados, pertencem já ao passado. Quem estava à espera de impressionantes revelações apocalípticas sobre o fim do mundo ou sobre o futuro desenrolar da história, deve ficar desiludido. Fátima não oferece tais satisfações à nossa curiosidade, como, aliás, a fé cristã em geral que não pretende nem pode ser alimento para a nossa curiosidade. O que permanece é a exortação à oração como caminho para a “salvação das almas”, e no mesmo sentido o apelo à penitência e à conversão.

Queria, no fim, tomar uma vez mais outra palavra-chave do “segredo” que justamente se tornou famosa: “O meu Imaculado Coração triunfará”. Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O fiat de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele “Sim”, Deus pôde fazer-Se homem no meio de nós e tal permanece para sempre. Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder, porque a nossa liberdade se deixa continuamente desviar de Deus. Mas, desde que Deus passou a ter um coração humano e deste modo orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale desde então, está expresso nesta frase: “No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo” (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa”.



ÍNDICE

Págs.

Prefácio	5
Introdução	7
I — A Lúcia... Ai que cachopa!	9
II — O Francisco... Teria sido um homem!	15
III — A Jacinta foi sempre tão mansinha!	21
IV — Sou uma pobre pastora; Rezo sempre a Maria	27
V — Não temais! Sou o Anjo da Paz	33
VI — Uma Senhora, vestida de branco, mais brilhante que o Sol	41
VII — Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!	47
VIII — Hoje não quero brincar	53
IX — Ó mãe, venha connosco amanhã para ver Nossa Senhora!	57
X — Se nos baterem, sofreremos... pelos pecadores	69
XI — Não vou... porque tenho medo que seja o demónio	77
XII — Mergulhados num grande mar de fogo os pecadores	85
XIII — O Segredo... isso!... Nem a saca-rolhas!	91
XIV — ..Iam prantando tudo nos papéis	97
XV — Era uma embrulhação... uma maldade completa	101
XVI — ...Mandou aprontar uma caldeira de azeite quente	109
XVII — Não me atente, mulher, que atentado já eu estou!	115
XVIII — Ó tia, vimos outra vez Nossa Senhora!	121
XIX — Rezai... e fazei sacrifícios pelos pecadores	127
XX — Rezem o terço para alcançarem o fim da guerra	131
XXI — Fiz sentar a Jacinta num banquinho ao pé de mim	139
XXII — O Sr. Dr. Formigão é que foi a chave disto tudo. Foi um grande homem!	147
XXIII — Ai, em que isto vai dar!	155
XXIV — Era aqui povo que Deus nos livre!	159
XXV — Eu sou a Senhora do Rosário	165
XXVI — O Sol começou a desandar e a mexer	169
XXVII — Estava vestida de branco e tinha o terço na mão	179

XXVIII — A Lúcia achava-se de todo exausta	187
XXIX — Levaram tudo... e foram fazer paródia em Santarém	199
XXX — São José, Nossa Senhora e o Menino também fugiram	205
XXXI — O mais bonito já lá vai	209
XXXII — E nenhum Padre quis saber de lhe dar a bênção	213
XXXIII — Não quero ser nada. Quero morrer e ir para o Céu!	219
XXXIV — Enquanto vocês vão à escola, eu fico com Jesus escondido	227
XXXV — Ele é que sabia bem o seu destino	233
XXXVI — Olhe, mãe!... Que luz tão linda ali, junto da porta!	239
XXXVII — Tua mãe levar-te-á ao hospital... e ficarás lá sozinha	245
XXXVIII — Já não sou capaz de chegar ao chão	249
XXXIX — Nunca mais te torno a ver	255
XL — Era com uma tal autoridade que falava!	263
XLI — Foi Nossa Senhora; mas algumas penso-as eu	267
XLII — Ai, Nossa Senhora... Ai, Nossa Senhora	271
XLIII — Voltarei à Fátima... mas depois da minha morte	275
XLIV — Tu ficas cá mais algum tempo	281
XLV — A reacção sofreu no dia 13 de Maio um grande golpe.....	287
XLVI — E o Gilberto trouxe a imagem e colocou-a no nichozinho	297
XLVII — É uma porcaria, uma vergonha! É preciso mandar tapar aquilo tudo!	301
XLVIII — Havemos por bem permitir o culto de Nossa Senhora da Fátima	305
 A Igreja e as Aparições de Fátima	 309
I — Pio XII fala para Portugal através da rádio	311
II — É o Santo Padre Pio XII que me envia	315
III — Venho a Portugal, e sou portador de mensagens!	319
IV — Recordamos com a alma comovida a imensa multidão de fiéis	323
V — Viemos aos pés da Rainha da Paz pedir-lhe a paz	325
VI — O apelo de Maria não é só para uma vez	329
VII — Eu te bendigo ó Pai	332

